Victor Klemperer

LTI

A LINGUAGEM DO TERCEIRO REICH

CONTRAPONTO

Conhecemos análises sobre o nazismo. Lemos livros de história. Temos relatos de sobreviventes de campos de concentração. Vemos filmes sobre episódios da Segunda Guerra Mundial. Mas não sabemos como era o cotidiano nas cidades alemãs nessa época: a atmosfera que a sociedade respirava, o teor das conversas entre pessoas comuns, os tipos humanos, as esperanças e medos, os heroísmos anônimos, as pequenas covardias.

O filólogo Victor Klemperer registrou tudo isso. Judeu alemão assimilado, convertido ao protestantismo, sem militância política, assistiu com perplexidade ao que lhe parecia inverossímil: a ascensão da barbárie no coração da Europa. Perdeu a cidadania do país que amava, quando a doutrina racial tornou-se lei. Foi afastado da cátedra, das bibliotecas e do convívio normal com os demais. Teve a casa confiscada. Viu amigos e conhecidos — e até o próprio filho adotivo — aderirem ao regime que o discriminava.

Forçado a usar a estrela de Davi sobre a roupa, como forma de identificação, conheceu todas as humilhações. Escapou dos campos de concentração graças à mulher, Eva Klemperer, uma "ariana" — para usarmos o termo da época — que se recusou a abandoná-lo, acompanhando-o nas Judenhauser [casas de judeus] como fiadora da sua sobrevivência. Durante a guerra, Victor foi enviado como trabalhador manual para as fábricas carentes de mão de obra.

O desespero e a morte rondaram, durante anos, a vida dos dois. A vingança foi escrever um diário. Victor acordava às 3:30h da manhã para registrar tudo, clandestinamente. Eva contrabandeava as observações para a casa de uma amiga

fiel. Elas descrevem, vistas de dentro, a ascensão do nazismo, a glória do regime, a adesão das massas, a onipresença de um poder totalitário, as perseguições, a guerra e, finalmente, a derrota. Mostram muitos aspectos desse processo, mas têm um fio condutor, o estudo da linguagem: "O nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões ou frases, impostas pela repetição, milhares de vezes, e aceitas mecanicamente. [...] Palavras podem ser como minúsculas doses de arsênico: são engolidas de maneira despercebida e aparentam ser inofensivas; passado um tempo, o efeito do veneno se faz notar."

O nazismo se consolidou quando dominou a linguagem, eis a tese do livro. O filólogo mostra como as palavras aparecem e desaparecem, mudam de sentido e de ênfase, se encadeiam de diversas formas, emitem mensagens diferentes ao longo do tempo. Vê, estarrecido, que até mesmo as vítimas usam a linguagem do Terceiro Reich. Percebe que o poder se exerce, em larga medida, por meio de mecanismos inconscientes: quem controla as maneiras como nos expressamos também controla as maneiras como pensamos.

Depois da guerra, Victor usou os diários para escrever este livro com um objetivo educacional, pois a linguagem nazista ainda predominava na Alemanha que tentava se afastar desse passado.

Mas não é de um passado alemão que estamos falando, é de nós mesmos.

César Benjamin

Imagem da capa: Cartaz de propaganda nazista exaltando a dedicação da Alemanha ao trabalho.

LTI
A LINGUAGEM DO TERCEIRO REICH

Victor Klemperer

LTI

A LINGUAGEM DO TERCEIRO REICH

TRADUÇÃO, APRESENTAÇÃO E NOTAS

Miriam Bettina Paulina Oelsner

Laboratório de Estudos sobre a Intolerância
Módulo Holocausto – Universidade de São Paulo

CONTRAPONTO

Para minha mulher, Eva Klemperer

Há vinte anos, querida Eva, em uma coletânea de ensaios, eu te escrevia que seria impossível fazer-te uma dedicatória, no sentido convencional de uma oferenda, pois tu és coautora de meus livros, que resultam de uma comunhão intelectual. Isso permanece até hoje. Agora, porém, a situação difere de todos os meus trabalhos anteriores. Desta vez tenho muito menos o direito e muito mais a obrigação de te fazer uma dedicatória do que em outros tempos, quando o nosso interesse principal era a filologia. Sem ti este livro não estaria aqui, muito menos o seu autor. Na verdade, teriam sido necessárias muito mais páginas, abordando assuntos nossos, se eu quisesse esclarecer cada detalhe. Aceita, pois, em vez de uma dedicatória, uma reflexão do filólogo e do pedagogo na introdução destas linhas. Tu sabes em quem penso quando, dirigindo-me aos meus leitores, falo de heroísmo. Até mesmo um cego seria capaz de perceber a quem me refiro.

Dresden, Natal de 1946
Victor Klemperer

A linguagem é mais do que sangue

Franz Rosenzweig

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Miriam Bettina Paulina Oelsner

> *A língua conduz o meu sentimento, dirige a minha mente, de forma tão mais natural quanto mais inconscientemente eu me entregar a ela. O que acontece se a língua culta tiver sido constituída ou for portadora de elementos venenosos? Palavras podem ser como minúsculas doses de arsênico: são engolidas de maneira despercebida e aparentam ser inofensivas; passado um tempo, o efeito do veneno se faz notar.*
>
> Victor Klemperer, *LTI*

Depois da Segunda Guerra Mundial, relatos de vida nos campos de concentração e de extermínio delinearam um mosaico com cenas de violência, crueldade e extremo sofrimento, mostrando ao mundo o que o holocausto, ou *shoá*,* significou para cada uma das vítimas e continua significando para a humanidade. Alguns já são bem conhecidos e comentados, como os testemunhos de Simon Wiesenthal, Elie Wiesel, Primo Levi, Imre Kértezs, Ruth Klüger e também a poesia de Paul Celan e parte da literatura de Bruno Bettelheim. No Brasil, memórias de sobreviventes têm sido publicadas por iniciativa dos próprios autores e de suas famílias. O objetivo é não perder o registro dos fatos vividos e deixar para filhos, netos e outras gerações uma mensagem positiva de vida, apesar do sofrimento. Eles estiveram lá e sobreviveram por uma "falha do sistema". Resolveram não deixar apenas nas mãos dos historiadores

* Termo adotado por Elie Wiesel. É uma palavra do Levítico, terceiro dos cinco livros de Moisés no Antigo Testamento. Significa "desfazer-se em fumaça", aqui em referência aos corpos carbonizados nos campos de concentração e de extermínio nazistas.

contar o que aconteceu. Com essas narrativas, cada sobrevivente torna-se uma fonte histórica.

As memórias de Victor Klemperer — os *Diários* e este *LTI* — são exceção, assim como as de Anne Frank, por serem testemunhos sobre o nazismo escritos com uma visão de fora dos campos de concentração. Esse raro tipo de narrativa nos permite conhecer outras perspectivas, elementos novos, detalhes e olhares próximos à realidade vivida pelos judeus no ambiente urbano.

Os diários de uma jovem, de Anne Frank, foram descobertos no imediato após-guerra e publicados por decisão do pai, o único sobrevivente da família. Relatam os dois anos em que Anne e a família permaneceram escondidos em Amsterdã, até serem denunciados em agosto de 1944 e enviados para o campo de concentração Bergen-Belsen. Anne morreu nesse campo dois meses antes do fim da guerra. Seus *Diários*, bem como *É isto um homem?*, de Primo Levi, *Extraído do vocabulário do monstro*, de D. Sternberger, G. Storz e W. E. Süskind, e *LTI*, de Victor Klemperer, foram publicados em 1947. Inauguraram a literatura que se seguiu à *shoá*, "literatura de teor testemunhal", referente ao período nazista. *Shoá* designa não somente o extermínio de 6 milhões de judeus, mas também dos demais povos e "grupos diferentes" — homossexuais, ciganos, testemunhas de Jeová, opositores políticos — perseguidos pela intolerância nazista. Também em 1947 Thomas Mann publicou *Doutor Fausto*, que trata, entre outros temas, da sedução da Alemanha pelo nazismo e da passividade dos alemães diante do regime de Hitler. Esse romance, de certa forma, se soma à "literatura de teor testemunhal".

LTI – Lingua Tertii Imperii: a linguagem do Terceiro Reich

Originalmente, os textos que compõem este livro faziam parte dos *Diários* de Victor Klemperer para o período nazista, 1933-1945. O autor referia-se a eles como "minha vara de

equilibrista": buscava estabilidade emocional na escrita, na qual encontrava refúgio contra o terror. À medida que o cerco aos judeus se estreitava, ele registrava tudo com mais empenho, às vezes de forma obsessiva. Escrever tornara-se uma necessidade imperiosa para a sobrevivência física e mental diante da agressão contra os judeus, dirigida principalmente por Hitler e Goebbels. Caso não tivesse usado esse recurso, provavelmente teria sucumbido ao desespero. Ele mesmo relata como conviveu com vários casos de suicídios individuais e de casais para fugir dos carrascos da Gestapo.*

No após-guerra, o casal Klemperer conseguiu reaver sua casa em Dölzschen, nos arredores de Dresden, bem como os *Diários* que estavam escondidos na casa da amiga Annemarie Köhler. O editor Wengler, também de Dresden, procurou Klemperer para publicá-los. Após algumas hesitações, ele decidiu escrever *LTI*, em vez de publicar os *Diários* do período 1933-1945, apesar de eles já estarem prontos.

> Se essa é a intenção da minha publicação, por que não reproduzo completo o *Caderno de anotações do filólogo*, resgatando-o de meu diário mais particular e mais geral, escrito nos anos difíceis? Por que algumas coisas estão resumidas em um esboço? Por que a perspectiva daquele tempo se soma à perspectiva de hoje, a primeira hora após-Hitler? Quero responder a essa questão de maneira precisa. Além da razão científica, há uma tese em jogo, pois também estou empenhado em atingir um objetivo educacional.

Klemperer mostra o desejo de transmitir a alunos e leitores a experiência vivida e de propor alterações no sistema educacional dos jovens que haviam sofrido a lavagem cerebral nazista. Trata-se de mais um exemplo da atitude judaica atávica, em relação à história, na qual se insere a questão *Zakhor*

* Acrônimo de *Geheime Staatspolizei*, a polícia secreta nazista.

— lembra-te!, em hebraico. Título de um dos livros do historiador Yerushalmi,* significa registrar o passado, a todo custo, para conhecimento das gerações futuras. "Lembra-te do dia do descanso!" — assim começa o quarto mandamento de Moisés.

No mesmo parágrafo, Klemperer instiga os leitores a tentar compreender o fenômeno mais brutal do século XX, o nazismo:

> Há muito trabalho a fazer nas mais diversas áreas, considerando germanistas e latinistas, anglicistas e eslavistas, historiadores e economistas, advogados e teólogos, engenheiros e cientistas. Todos terão de desvendar as especificidades dos diversos temas, por meio de ensaios ou de teses, antes que haja condições para que uma mente ousada e aberta apresente a *Lingua Tertii Imperii* em sua totalidade, abarcando desde sua absoluta pobreza de espírito até sua abundância exuberante.

Deve-se levar em conta que Klemperer tem clara noção de que este livro representa um dos marcos iniciais na tentativa de procurar entender não somente o que foi o nazismo, mas como ele se instalou:

> Não, o efeito mais forte não foi provocado por discursos isolados, nem por artigos ou panfletos, cartazes ou bandeiras. O efeito não foi obtido por meio de nada que se tenha sido forçado a registrar com o pensamento ou a percepção conscientes. O nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões e frases que foram impostas pela repetição, milhares de vezes, e foram aceitas inconsciente e mecanicamente. [...]
>
> Se, por longo tempo, alguém emprega o termo "fanático" no lugar de "heroico" e "virtuoso", ele acaba acreditando que

* Yosef Haym Yerushalmi, *Zakhor.* Rio de Janeiro: Imago, 1992. Tradução de Lina G. Ferreira da Silva.

> um "fanático" é mesmo um herói virtuoso e que sem fanatismo não é possível ser herói. As palavras fanático e fanatismo não foram criadas pelo Terceiro Reich, mas seu sentido foi adulterado; em um só dia elas eram empregadas mais do que em qualquer outra época.

Para escrever *LTI*, Klemperer desmonta os *Diários*, quebra a sequência de datas e organiza o livro por temas que refletem vivências. Estrutura-o basicamente em duas partes: antes e depois de 19 de setembro de 1941, dia em que o uso da estrela amarela com a insígnia *Jude* passou a ser obrigatório para todos os judeus, como castigo pelos reveses sofridos pelos alemães na Rússia a partir de junho daquele ano. Até o capítulo 24, "Café Europa", descreve como a linguagem nazista fora estruturada e como se infiltrara na mente do povo alemão. Do capítulo 25, "A estrela", até o 35, "Ducha escocesa", descreve o comportamento e as estratégias de sobrevivência dos judeus, agora já discriminados como o grupo dos portadores da estrela.

"Esse foi o pior dia de todo o período nazista" — o dia em que deixou de ser um judeu anônimo para se tornar um judeu identificado pelos inimigos. O uso obrigatório da estrela foi pior do que a perda da casa um ano antes; foi pior do que ter sido preterido pelo filho adotivo, que em 1933 abraçou a ideologia nazista. A partir dessa obrigatoriedade, a situação ficou mais dura: quem era pego sem a estrela era enviado para um campo de concentração. "Agora, com a introdução da estrela amarela, [...] cada judeu carregava consigo seu próprio gueto como o caracol carrega sua casinha."

No capítulo 36, "A prova dos nove", empreende a fuga de Dresden, onde ficara confinado durante os doze anos do regime, e passa por outras localidades. Constata, então, que sua análise da linguagem do Terceiro Reich estava certa, mesmo tendo permanecido relativamente isolado durante tanto tem-

po. Todos falam a mesma língua, manipulada, adulterada, pobre e vazia de conteúdo. Escreve com pesar sobre jornalistas de seu tempo de juventude. Como Fausto, eles tinham vendido a alma ao diabo para viver com tranquilidade durante o regime.

> Entre os traidores encontrei até um antigo conhecido da Primeira Guerra Mundial, Paul Harms. [...] No verão seguinte eu soube que falecera poucos dias antes da entrada dos russos em Zehlendorf. Senti quase um alívio. Ele fora salvo pelo gongo, subtraído da justiça dos homens, como diz a expressão religiosa.

"Será alemã ou não a raiz do nazismo?", eis outra questão que permeia o livro. Klemperer trava um colóquio consigo mesmo. O irracionalismo conduz à destruição da razão. É a combinação perfeita da racionalidade diabólica a serviço da máxima irracionalidade. No capítulo 21, "A raiz alemã", faz uma autocrítica contundente:

> Como era possível um contraste tão grande entre o momento atual da Alemanha e todas, realmente todas, as épocas anteriores? Em meus trabalhos, sempre realcei e tratei como verdadeira a existência dos *traits éternels*, como os franceses denominam os traços eternos do caráter de um povo. Será que isso era uma grande mentira? Ou tinham razão os adeptos de Hitler quando reivindicavam a herança do humanista Herder? Existiria alguma conexão entre o pensamento dos alemães da época de Goethe e o povo de Adolf Hitler?

Klemperer revela sua perplexidade e procura dissecar essa problemática destacando duas correntes contraditórias, o comportamento romântico e o espírito de organização. Pois o estudo da *Bildung* [formação] alemã permite perceber um *continuum* na história alemã, do qual o nazismo pode ter sido um desfecho.

> Depois, quando vi a maneira infame como os nazistas transmitiam uma história da civilização completamente falsifica-

> da, fazendo com que o povo alemão se sentisse superior aos demais, "por vontade divina e de direito", como *Herrenmenschen* [super-homens] em detrimento dos demais povos, senti vergonha, quase desespero, por ter participado disso.

A tradução

Esta tradução de *LTI – Lingua Tertii Imperii*: *anotações de um filólogo* foi feita a partir da edição de 1996 da editora Reclam-Verlag de Leipzig (reedição de 1975). Denominada afetivamente *LTI*, é uma refinada análise da manipulação da linguagem pelo regime nazista e um estudo profundo da situação sociopolítica e cultural da época. Aborda o nazismo sob a óptica da vida urbana e investiga detalhadamente uma série de vocábulos e conceitos cujos sentidos foram deturpados pela ideologia nazista, tendo em vista, principalmente, disseminar o antissemitismo no povo alemão.

Por meio de um estudo minucioso e metódico, Klemperer demonstra como o sentido dos conceitos foi sendo abandonado, de modo a empobrecê-los de propósito: o significado das palavras foi desvirtuado; o preparo físico foi valorizado em detrimento da capacidade intelectual; a camada social culta e instruída foi desvalorizada, estimulando o desinteresse cultural; o significado da palavra filosofia foi esvaziado por causa do perigo que o exercício do livre-pensar poderia suscitar.

Ele estuda também a repetição sistemática de mentiras condicionadas aos interesses do regime. Explica como, a partir de um processo duplo de sedução e terror, os nazistas transformaram graves anomalias em normalidade, induzindo a sociedade a aceitar tudo como "natural". Tornou-se "natural" que todas as judias e todos os judeus fossem obrigados a acrescentar Sara ou Israel aos nomes, sob pena de serem enviados aos campos de extermínio. Essa obrigatoriedade os identificava compulsoriamente. Alguns alemães também tive-

ram problemas com essa situação. No capítulo 13, "Nomes", Klemperer descreve o empenho de um alemão não judeu, vereador e professor universitário, com sobrenome Israel, que tentava retornar ao sobrenome original da família, Oesterhelt, para evitar o estigma judaico.

Esse novo uso das palavras se inseria em um contexto de "normalidade" que se estendia ao comportamento das pessoas. Tornou-se "normal" aderir ao boicote às lojas e aos profissionais liberais judeus. "Normal" era votar na lista parlamentar única, imposta pelo governo, e também aprovar a política econômica de Hitler no plebiscito de novembro de 1933. "Normal" era essa lista única ser vitoriosa até mesmo nos campos de concentração. Klemperer comenta a falta de credibilidade dessas eleições, pois somente o risco de vida forçaria alguém a votar em Hitler, sendo prisioneiro.

A palavra *Transport*, por exemplo, aparece sempre entre aspas, denotando ironia e pavor. Muitas palavras corriqueiras acobertavam o significado de prisão, assassinatos coletivos, eliminação de doentes físicos e mentais. Nesse caso, o significante não queria dizer "transporte", mas sim "ser buscado na calada da noite e transportado para um campo de extermínio, como gado para o matadouro".*

Outro exemplo é a palavra *Heroismus* [heroísmo], que deixa de ter um sentido de grandeza e abnegação para representar os que se entregavam de corpo e alma à ideologia nazista, os que matavam mais, os que obtinham mais medalhas nas competições esportivas, entre outros. Heroísmo, diz Klemperer, foi o que algumas poucas mulheres viveram, dedicando-se incondicionalmente aos maridos, sem a encenação teatral e vazia do nazismo, que só valorizava a aparência.

---

* Houve casos de não judeus que também foram buscados "na calada da noite" para integrar o Exército.

Já *Privilegiert* [privilegiado], uma das poucas expressões criadas pelo nazismo, referia-se ao judeu assimilado, que até mesmo na educação dos filhos se mantinha pretensamente "ariano". Os *privilegierten* não precisavam usar a estrela amarela com a insígnia *Jude.* Havia casos em que eram filhos de casamentos mistos e amiúde tinham de se alistar no Exército. Mas o *status* de "privilegiados" foi cancelado após o atentado contra Hitler em 20 de julho de 1944. A partir dessa data, passaram a ser assassinados como os demais judeus.*

No capítulo 28, "A linguagem do vencedor", Klemperer comprova como a nova linguagem, muito bem engendrada, induz a maior parte da população a empregá-la inadvertidamente. Analisa expressões idiomáticas, bem como jargões dos moradores da *Judenhaus* onde ele mesmo e sua esposa, a pianista Eva Schlemmer, viveram de 1940 em diante. Nessa casa moravam os mais variados tipos humanos, descritos a partir das respectivas expressões idiomáticas, comentadas no contexto das dificuldades e conflitos do convívio forçado. Klemperer mostra como a linguagem nazista era capaz de contaminar as pessoas, sendo usada até mesmo pelos próprios judeus. A linguagem militar, que sempre fora poderosa e autônoma, não escapou dessa "epidemia" — termo usado por Klemperer para designar a adesão à "novilíngua", conforme a expressão de George Orwell no livro *1984.*

Há também um grande número de palavras com conotação de movimento acelerado. A ideia é de que todos — a serviço do partido — fossem pessoas extremamente ocupadas e sempre em movimento, empenhadas em sanear o sangue ariano pelo aniquilamento do sangue judeu, impuro, como aparece no capítulo 31, "Interromper o impulso ao movimento".

---

* Ver *Os soldados de Hitler*, de Bryan Mark Rigg. Rio de Janeiro: Imago, 2003. Tradução de Marcos Santarrita. Esse livro cita *LTI* como referência.

Um símbolo marcante escolhido para incorporar a mensagem nazista foi a letra S, copiada das runas germânicas, simbolizando a pureza dos ancestrais nórdicos, que deu origem à sigla SS da palavra *Schutzstafel*, esquadrão protetor, representada por dois raios paralelos que remetem à ideia de perigo, como nos fios de alta tensão. Os dois raios, símbolos das SS, eram tão fortes que o sentido original da palavra caiu no esquecimento, como se verifica no capítulo 11, "Limites mal definidos". Nesse capítulo Klemperer mostra como o nazismo soube se aproveitar de um caractere, um sinal da escola expressionista, de vanguarda na época, e passá-lo para a polícia de elite, de maior eficácia assassina, que tinha o poder de um Estado dentro do Estado. Era a polícia dos campos de concentração desde 1934. As SS assumiram a responsabilidade pela "solução final", a eliminação dos judeus, decidida em uma reunião realizada em janeiro de 1942 em Wannsee.

Victor Klemperer (1881-1960)

Alemão de origem judaica, convertido ao luteranismo, Klemperer começou a registrar suas memórias em diários em 1898, quando tinha dezesseis anos. Desenvolveu dessa forma o talento literário, tornando-se escritor, pesquisador da literatura francesa, crítico literário e um filólogo dedicado. Com a guerra, foi obrigado a mudar de atividade. Sua vida foi toda registrada, num total de mais de 4 mil páginas. Peter Gay o considera o melhor escritor de diários em língua alemã. Quando o regime nazista ascendeu ao poder, Klemperer já escrevia o diário havia 36 anos.

Esgotadas as possibilidades de se ater ao que sempre fizera, embrenha-se em uma análise clandestina da linguagem do Terceiro Reich. Anota tudo que vivencia, já na condição de perseguido. Torna-se de tal forma dependente do hábito de escrever diários que só considerava completas as suas vivên-

cias depois de devidamente registradas. É único no estudo da filologia nazista, desvendando, durante o próprio nazismo, questões cruciais para compreender a adesão do povo à nova ideologia e analisando textos de propaganda, um dos principais instrumentos de manipulação ideológica.

Durante os estudos universitários em Munique, Genebra, Berlim, Roma e Paris, antes de o nazismo chegar ao poder, Klemperer se identificou com os textos de Montesquieu, Voltaire e Diderot, optando pelas letras latinas, com ênfase no Iluminismo francês. Passou dois anos pesquisando em Paris e em 1914 defendeu tese de livre-docência sobre Montesquieu, na Universidade de Munique, sob orientação do próprio reitor, Karl Vossler, que teve grande influência em sua formação. Vemos ecos dessa formação no capítulo 23, "Quando duas pessoas fazem o mesmo": a língua seria uma atividade criadora perene, mas também expressão e conteúdo de uma cultura histórica. A citação do dístico de Schiller, empregada amiúde por Klemperer em *LTI*, foi retirada da obra de Vossler, *Linguística baseada no idealismo crítico*, publicada em 1905: *Weil ein Vers dir gelingt in einer gebildeten Sprache, die für dich dichtet und denkt, glaubst Du schon Dichter zu sein* [Já que consegues versejar em uma língua culta, que pensa e poetiza por ti, supõe já seres um poeta].

> A língua também conduz o meu sentimento, dirige a minha mente, de forma tão mais natural quanto mais eu me entregar a ela inconscientemente. [...] O que acontece se a língua culta tiver sido constituída ou for portadora de elementos venenosos?

Em 1920, já um conceituado crítico da literatura francesa, Klemperer obtém a cátedra de letras latinas na Universidade de Dresden. Em 1923 publica *Moderne französische Prosa*, o que lhe confere um verbete na Enciclopédia Brockhaus, edição de 1925. Vem ladeado de dois outros verbetes: um para o

irmão George, cirurgião e professor, e outro para o primo Otto, maestro. Entre 1925 e 1931 publica *Literatura francesa de Napoleão até a atualidade*, em cinco volumes. Suas outras publicações são do após-guerra: *História da literatura francesa do século XVIII*, v. I, 1954, v. II, 1966. Publica *LTI* em 1947 em Berlim, pela editora Aufbauverlag. Até a reunificação alemã haviam sido vendidos mais de 300 mil exemplares do livro. Foram publicados postumamente *Curriculum Vitae*, em 1989, e *Os "Diários" de Victor Klemperer 1933-1945*, em 1995.* Os *Diários* dos períodos 1919-1932 e 1945-1959 ainda não foram traduzidos para o português.

Klemperer ocupou a cátedra de letras latinas em Dresden até 15 de setembro de 1935, quando perdeu o cargo por causa das leis raciais de Nuremberg, que pretendiam "preservar a pureza do sangue e da raça alemães". Em *LTI* menciona a falta de material para prosseguir os estudos, pois a partir de 1938 os judeus foram proibidos de frequentar bibliotecas. Somente no após-guerra retomará a análise da literatura francesa do século XVIII.

Estas *Anotações de um filólogo* só se tornaram possíveis porque Klemperer optou por não emigrar quando o regime nazista se instalou na Alemanha, divergindo de grande parte dos judeus e intelectuais perseguidos. A maioria emigrou depois da *Kristallnacht* [noite dos cristais], em 9 de novembro de 1938,** quando ficou claro que o governo procuraria eliminar os judeus. Klemperer admite que chegou a sentir inveja de colegas que tiveram a coragem de emigrar para terras desconhecidas. Na verdade, as famílias judaicas não tinham

* Edição brasileira, São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Tradução de Irene Aron.

** Nessa noite foram quebradas as janelas das sinagogas e de lojas pertencentes a judeus, em toda a Alemanha. Por isso o nome "noite dos cristais". Muitos judeus foram presos e alguns desapareceram.

opção. Mas algumas pessoas que viviam em "casamento misto", como Klemperer, ousaram correr o risco de ficar. No capítulo 24, "Café Europa", referindo-se aos amigos emigrantes, ele diz:

> Nesse ínterim já devem ter chegado a Lima. A carta, enviada das Bermudas, me deixa com certo mau humor. Eu os invejo porque são livres, seu horizonte é mais amplo que o meu, e invejo-os pela possibilidade de influenciar pessoas.

Klemperer esclarece também que um dos motivos para não abandonar a Alemanha foi o medo de não saber lecionar em língua estrangeira, pois, apesar de ser catedrático de letras latinas, tinha pouco domínio da língua inglesa e só se comunicava bem em alemão. Mas, sobretudo, apesar de perceber a virulência do novo sistema político, ele não acreditava que o regime nazista pudesse optar pelo extermínio industrializado de seres humanos, muitos pela simples razão de terem origem judaica, outros por serem opositores. Como judeu assimilado — como eram chamados os judeus formados na cultura alemã e praticantes de um judaísmo laico —, pensava ser aceito pela sociedade local. Além de convertido ao luteranismo, casara-se em 1906 com a pianista alemã Eva Schlemmer (1882-1951), uma "ariana", para usar a linguagem nazista. O casamento não só o protegeu de ser enviado a um campo de concentração, mas em especial possibilitou a preservação dos *Diários*, que sua mulher levava periodicamente à casa da dra. Köhler, uma amiga que se prontificara a escondê-los.

Klemperer era assimilado, segundo o conceito desenvolvido pelo historiador judeu alemão George Lachmann Moss, no que diz respeito à *Bildung* [formação]. Ser culto e ter boa formação eram características que se alinhavam com sua visão de judaicidade. Jamais lhe ocorrera que a origem judaica fosse se tornar um empecilho para preservar o *status* de cidadão. Jamais lhe ocorrera que a Alemanha do século XX viesse

a se tornar um país totalitário, com leis raciais promulgadas para exterminar pessoas. Imaginava que, após a experiência da Inquisição espanhola, não haveria mais perseguições religiosas ou direcionadas contra o sangue judeu na Europa. Essa é a razão de iniciar *LTI* com a frase: "A linguagem é mais do que sangue", do pensador judeu alemão Franz Rosenzweig (1886-1929).

Além disso, Klemperer achava que abandonar a Alemanha para se proteger do nazismo prejudicaria mais sua mulher, que, segundo Peter Gay, sofria de forte depressão nervosa. Ele dedica *LTI* ao heroísmo de Eva, símbolo de solidariedade irrestrita: ela nunca pensou em abandoná-lo; se o fizesse, ele seria enviado para um campo de concentração.

Segundo a Enciclopédia Brockhaus de 1995, "*LTI*, de 1947, consta como sua [de Klemperer] obra mais importante. Essas *Anotações de um filólogo* esclarecem as estruturas mentais fascistas por meio de observação e análise da linguagem."

Em 1995 a obra de Victor Klemperer recebeu postumamente o prêmio de literatura alemã Geschwister Scholl.* No discurso de homenagem, o escritor e crítico social Martin Walser declarou:

> Klemperer deve estar presente em toda parte e se tornar uma importante fonte de informação daquela época da história alemã. Não conheço outra comunicação que nos transmita de maneira mais clara a verdade sobre a ditadura nacional-socialista do que a prosa de Victor Klemperer.

Segundo Steven E. Aschheim,** Klemperer é o analista mais arguto da linguagem totalitária. Afirma que Hannah

---

* Hans e Sophie Scholl, militantes antinazistas do grupo Die Weiße Rose, foram assassinados pela polícia em 1943.

** S. E. Aschheim, *Klemperer: intimate chronicles in turbulent times.* Bloomington: Indiana University Press; Cincinnati. Coedição com o Hebrew Union College, Jewish Institute of Religion, 2001.

Arendt (1906-1975) não o menciona em *Origens do totalitarismo** porque não teve oportunidade de conhecer seu trabalho. Segundo Arendt, a introdução do horror absoluto facilita sua repetição, tornando-o banal. O horror passou para o inventário da história da humanidade. O texto de Klemperer funda uma literatura de não ficção sobre um horror que a humanidade nunca experimentara.

Outro estudioso da linguagem, George Steiner,** comenta:

> A linguagem [nazista] deixa de estimular o pensamento, apenas o confunde. Em vez de carregar cada expressão com a maior energia e ausência de rodeios disponível, afrouxa e dispersa a intensidade do sentimento. A linguagem deixa de ser uma aventura (e uma linguagem viva é a maior aventura de que o cérebro humano é capaz). Em suma, a linguagem não é mais vivida; é apenas falada. [...]
>
> Ao republicar esse ensaio faço-o também porque acredito na validade de seu argumento. Quando o escrevi, não conhecia o notável livro de Victor Klemperer, *Anotações de um filólogo*, publicado em Berlim Oriental em 1947. [...] De modo muito mais detalhado do que eu, Klemperer, linguista profissional, traça a submissão do alemão ao jargão nazista e os antecedentes linguístico-históricos dessa submissão.

Essa reflexão de Steiner vem ao encontro da explicação de Klemperer sobre a pobreza proposital da linguagem nazista. Klemperer esclarece como a linguagem foi talhada para dirigir o pensamento do povo de acordo com a intenção do regime. A linguagem oral e a escrita se assemelham. A fala é em tom de declamação, fácil de decorar e oca de conteúdo. O governo

---

* Edição brasileira, São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Tradução de Roberto Raposo.

** Capítulo "O milagre vazio" em *Linguagem e silêncio: ensaio sobre a crise da palavra*. 10ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 134. Tradução de Gilda Stuart e Felipe Rajabally.

deixa claro: "Tu não és nada, teu povo é tudo." Todos repetem o que for conveniente para o governo.

Hoje, imersos em bombardeio de mensagens dos vários meios — eletrônicos, impressos, visuais, auditivos —, mais do que nunca é necessário analisar o discurso e suas mensagens subliminares.

Esta tradução pretende ajudar a tornar conhecida a obra de Victor Klemperer, possibilitando novos estudos por interessados e especialistas de várias áreas — sociologia, história, linguística, educação, política, propaganda e várias outras. Esta era a intenção do autor, um dos precursores na análise do discurso totalitário, que deixou este registro logo após a guerra: "Hoje sei que não conseguirei transformar minhas observações, reflexões e questões sobre a linguagem do Terceiro Reich, apenas esboçadas, em uma obra científica acabada."

Klemperer estabeleceu um pacto consigo mesmo: deixar seu testemunho para que as gerações seguintes se conscientizassem do que foi a experiência nazista — impensável e irrepresentável —, pelo mal absoluto que significou, e registrar uma análise objetiva de como o nazismo se instalou na Alemanha. Para que a *shoá* não se repita. A atenção com esse tema precisa ser redobrada, considerando que ainda existem regimes ditatoriais e sanguinários.

Esta publicação será também uma contribuição para o resgate do papel histórico de Victor Klemperer, especialmente no que se refere às fontes de referência para os estudos da *shoá*.

Agradecimentos

Quero agradecer a César Benjamin, da editora Contraponto, por confiar-me a importante tarefa da tradução e por sua paciência. O texto é extremamente erudito, marcado por forte hermetismo, e exigiu pesquisa refinada sobre vários temas da história da filosofia, do pensamento, da Europa em geral.

Quero agradecer a George Bernard Sperber, cuja orientação permitiu que *LTI* se me tornasse familiar.

Alfred Keller merece um agradecimento especial. Esta tradução não teria sido possível sem sua prestimosa ajuda no esclarecimento de certas expressões.

A Ivanilze Estácio, a Mazinha Rodrigues e ao dr. Renato Mezan pela colaboração atenciosa.

Agradeço também, carinhosamente, o apoio irrestrito de Rubens, Daniel, Débora e de toda a família.

CRONOLOGIA DE VICTOR KLEMPERER

1881 Nasce em 9 de outubro em Landsberg, junto do rio Warthe. O pai, dr. Wilhelm Klemperer, era rabino. A mãe chamava-se Henriette Klemperer, nascida Franke.

1884 A família se muda para Bromberg.

1890 A família se transfere para Berlim. O pai se torna o segundo orador da Sinagoga Reformista de Berlim.

1893 Victor ingressa no Ginásio Francês de Berlim.

1896 Ingressa no Ginásio Friedrich-Werdersch.

1897 Faz estágio comercial na Löwenstein & Hecht, empresa exportadora de miudezas e bijuterias, em Berlim, onde permanece até 1899.

1900-1902 Faz o curso secundário em Landsberg. É bem-sucedido no *Abitur*, o exame final.

1903 Converte-se ao luteranismo. Mesmo sendo filho de rabino, é agnóstico. Considera que a conversão é importante para se tornar um alemão "normal".

1902-1905 Curso universitário: filosofia, filologia latina e germânica. Estuda em Munique, Genebra, Paris e Berlim, com uma curta permanência em Roma.

1905-1912 Estabelece-se como jornalista e escritor em Berlim.

1906 Casa-se com Eva Schlemmer, pianista alemã, não judia. Escreve diversos textos e narrativas.

1907-1912 Escreve uma monografia sobre Paul Heise, um estudo sobre a obra de Adolph Wilbrandt e vários estudos sobre a história da literatura alemã.

1912 Muda-se para Munique e retoma as atividades acadêmicas. Morre o pai.

1913 Faz o doutoramento com Franz Muncker e Hermann Paul, escrevendo a tese *Os antecessores de Friedrich Spielhagen.* Estudos sobre Montesquieu para a livre-docência levam-no a uma segunda estada em Paris.

1914 Faz a livre-docência com Karl Vossler, reitor da Universidade de Munique. Começa a Primeira Guerra Mundial.

1914-1915 É professor-visitante na Universidade de Nápoles. Publica *Montesquieu*, em dois volumes.

1915 Voluntário na Primeira Guerra Mundial, serve no *front* de novembro de 1915 a março de 1916.

1916-1918 Trabalha na seção de imprensa do governo militar na Lituânia, em Kovno e em Leipzig.

1918 Retorna a Leipzig em novembro.

1919 Torna-se professor na Universidade de Munique.

1920-1935 Torna-se professor titular na Escola Técnica Superior de Dresden. Publica *Introdução ao francês medieval: do século XIII ao século XVII.*

1923 Publica *Prosa francesa moderna: 1870-1920.*

1924 Publica *Literaturas românicas: do Renascimento à Revolução Francesa.*

1925 É classificado pela Enciclopédia Brockhaus como profundo conhecedor da literatura francesa.

1925-1931 Publica *Literatura francesa: de Napoleão à época contemporânea*, em cinco volumes. A obra será reeditada em 1956 com o título *História da literatura francesa nos séculos XIX e XX.*

1926 Publica *Especialidade românica. Estudos filosóficos.*

1928 Publica *Literaturas românicas. Léxico da história da literatura.*

1929 Publica *História idealista da literatura. Estudos básicos e aplicados.*

1933 Publica *Pierre Corneille*. Em 30 de janeiro, Paul von Hindenburg, presidente da Alemanha, nomeia Hitler para o cargo de chanceler do Reich, incumbindo-o de formar um novo governo. Na noite de 27 de fevereiro, um incêndio criminoso destrói o Reichstag, o parlamento alemão, em Berlim. O jovem comunista holandês Marinus van de Lubbe será condenado à morte pelo crime, na verdade praticado pelos nazistas.

1934 Em 30 de junho ocorre a *Nacht der langen Messer* [noite das facas longas], quando tropas das SS, comandadas por Himmler, assassinam o general Ernst Röhm, chefe das SA, e cerca de 1.200 correligionários seus, com a aprovação de Hitler. Poucas semanas depois morre o presidente Hindenburg. Hitler se proclama chanceler e presidente plenipotenciário da Alemanha, o Führer.

1935 Victor Klemperer é afastado do serviço público por ser judeu, no contexto da "purificação" nazista do Estado alemão.

1936 Olimpíadas em Berlim durante julho e agosto. Qualquer vestígio de antissemitismo permanece ocultado.

1938 Em 13 de março Hitler anexa a Áustria à Alemanha: é o *Anschluß* (ver capítulo 18). Judeus são proibidos de frequentar bibliotecas públicas na Alemanha. Em 9 de novembro ocorre a *Kristallnacht* [noite dos cristais], com ataques generalizados contra judeus e sinagogas.

1939 Em 1º de setembro o Exército alemão invade a Polônia. Começa a Segunda Guerra Mundial.

1940 O casal Klemperer é obrigado a ceder a própria casa para outra família. Os *Diários* passam a ser escritos em segredo e

entregues à médica Annemarie Köhler, que os esconde em sua casa em Pirna. O casal é obrigado a morar nas *Judenhäuser* [casas dos judeus], residências coletivas, isoladas do restante da sociedade. Quando tinham sorte, esses judeus conseguiam trabalho não remunerado em fábricas, postergando assim o "transporte" para campos de concentração. Os judeus de Dresden, em geral, iam primeiro para Hellerberg e depois para Auschwitz e Theresienstadt.

1941 Victor Klemperer fica preso durante oito dias nas dependências da Polícia de Dresden: fora delatado por ter esquecido de apagar a luz durante um alarme de ataque aéreo. A partir de 19 de setembro todos os judeus são obrigados a portar a estrela amarela na roupa.

1942 Em 8 de janeiro, Klemperer fica uma tarde detido nas dependências da Gestapo. É enviado para outra *Judenhaus*.

1943 Em 31 de janeiro o VI Exército Alemão, sob o comando do marechal Friedrich von Paulus, se rende em Stalingrado, momento decisivo da guerra. Nessa época, Klemperer faz trabalho forçado nas firmas Willy Schlüter, de chás, Adolf Bauer, de cartolinas e envelopes, e Thiemig & Möbius, de reaproveitamento de papel. É removido para a última *Judenhaus*, onde permanece até 13 de fevereiro de 1945.

1944 Em 20 de julho, o general Claus Schenk, Conde von Stauffenberg, tenta matar Hitler, levando uma bomba para uma reunião com o Führer. O atentado falha e os cinco envolvidos são enforcados.

1945 Em 13 de fevereiro ocorre um pesado bombardeio dos aliados sobre Dresden, com mais de 50 mil vítimas. A *Judenhaus* vem abaixo, matando todos os que estavam nela. Por acaso, Klemperer e a esposa estavam na rua. No meio do caos, Victor falsifica seus documentos e se desfaz da estrela amarela, passando a esconder a ascendência judaica. O casal começa

uma fuga a pé para Falkenstein e depois para Unterbernbach. Acossado pela chegada do Exército Vermelho a Berlim, Hitler se suicida em 29 de abril, designando Goebbels como seu sucessor. Este se suicida no dia seguinte, junto com a maior parte dos principais assessores. A Alemanha se rende em 8 de maio. Os Klemperer recuperam a casa em 10 de junho. Victor torna-se novamente professor na Escola Técnica Superior de Dresden. Filia-se ao Partido Comunista Alemão (KPD). Recupera os manuscritos dos *Diários* e inicia a redação de *Lingua Tertii Imperii: anotações de um filólogo.*

1947 Publica o livro *LTI* pela editora Aufbauverlag, de Berlim. Seguem-se muitas edições, totalizando 318 mil exemplares vendidos na Alemanha nesse período.

1948 Torna-se professor na Universidade Greifswald. Nova edição de *LTI* em Berlim pela Aufbauverlag.

1949 A República Federal Alemã (Alemanha Ocidental) e a República Democrática Alemã (Alemanha Oriental) são proclamadas oficialmente.

1948-1960 Klemperer torna-se professor na Universidade Halle.

1950 É eleito representante na Câmara Popular da República Democrática Alemã.

1951 Recebe o título de doutor em pedagogia na Escola Técnica Superior de Dresden. Eva Klemperer morre em 8 de julho.

1951-1954 É professor na Universidade Berlim.

1952 Casa-se com Hadwig Kirchner. Recebe o Prêmio Nacional da RDA para Arte e Literatura.

1953 É eleito para a Academia de Ciências da Alemanha.

1954 Publica o primeiro volume de *História da literatura francesa do século XVIII: o século de Voltaire.*

1956 Publica o livro de artigos *Antes de 33 – após 45*. É agraciado na RDA com a Ordem de Prata de Reconhecimento da Pátria.

1960 Morre em 11 de fevereiro. É enterrado em Dölzschen e recebe postumamente o prêmio F. C. Weiskopf da Academia de Artes de Berlim.

1966 É publicado o segundo volume de *História da literatura francesa do século XVIII: o século de Rousseau*. Sai uma edição alemã de *LTI* com outro nome: *Die unbewältigte Sprache: Aus dem Notizbuch eines Philologen* [A linguagem não resolvida: do caderno de anotações de um filólogo], Darmstadt, Melsen. O livro também é reeditado pela Reclamverlag, de Leipzig.

1969 Outras edições de *LTI* em Munique pela Deutscher Taschenbuch Verlag.

1975 Outras edições de *LTI* em Frankfurt am Main pela Röderberg Verlag.

1983 Primeira edição polonesa de *LTI*: Cracóvia, Wydawnictwo Literackie.

1984 Edição húngara: Budapeste, Tömegkommunikációs Kutatóközpont.

1987 Nova edição em alemão: Colônia, Röderberg.

1989 Cai o Muro de Berlim. É publicado *Curriculum Vitae. Recordações de um filólogo: 1881 a 1918* (escrito durante o período nazista, em que não podia frequentar bibliotecas públicas).

1990 A Alemanha é reunificada em 3 de outubro.

1992 Nova edição polonesa de *LTI*: Toronto, Polski Fundusz Wydawniczy w Kanadzie.

1995 É publicado *Quero prestar testemunho até o fim*, nome dado aos diários do período 1933-1945. Klemperer recebe o

prêmio póstumo Geschwister Scholl em Munique. A Enciclopédia Brockhaus insere um verbete sobre a importância de *LTI*.

1996 Saem *Und so ist alles schwankend*, os diários de junho a dezembro de 1945, e *Leben sammeln, nicht fragen wozu und warum*, os diários de 1918 e 1932. Edição francesa de *LTI*, pela Albin Michel.

1997 Edição em inglês de *LTI*: Lewiston, Nova York, Edwin Mellen Press.

1998 Edição italiana: Firenze, Giuntina. Edição russa: Moscou, Progress-Tradicija.

1999 Edição brasileira dos *Diários* do período 1933-1945. São Paulo, Companhia das Letras, tradução de Irene Aron.

2000 Edição holandesa de *LTI*: Amsterdam, Antuérpia, Uitg. Outra edição em inglês: Londres, Nova York, The Athlone Press.

2001 Edição espanhola: Barcelona, Editorial Minúscula.

2003 Edição tcheca: Jinoany, H & H. Nova edição francesa: Paris, Pocket.

2004 Edição em letão: Riga, AGB.

2005 Vigésima primeira edição alemã pela Reclamverlag de Leipzig. Outra edição espanhola: Barcelona, Círculo de Lectores.

2006 Edição em sueco: Gotemburgo, Glänta. Edição em sérvio: Belgrado, Tanjug. Nova edição em inglês: Londres e Nova York, Continuum.

2007 Nova edição alemã pela Ditzingen Reclam.

HEROÍSMO
(EM VEZ DE UM PREFÁCIO)

Necessidades novas fizeram a linguagem do Terceiro Reich ampliar o uso do prefixo *ent* [des], que indica distanciamento; ele passou a ser acrescentado a alguns termos (se bem que, quando é usado, não se consegue saber se é um neologismo ou se a linguagem comum o tomou emprestado de expressões já conhecidas nos círculos especializados). Quando havia o risco de bombardeio aéreo, as janelas das casas tinham de ser escurecidas, no que resultava depois a incumbência diária de *entdunkeln* [des-escurecer]. No caso de o teto pegar fogo, o sótão das casas tinha de estar livre das tralhas habituais, para que as pessoas encarregadas de apagar o incêndio pudessem agir; ou seja, o caminho tinha de estar *entrümpelt* [des-entulhado]. Como era necessário encontrar novos alimentos, a maneira de tirar o sabor amargo da castanha chamava-se *entbittern* [des-amargar]...

Para caracterizar uma das tarefas atuais mais urgentes, introduziu-se na linguagem corrente um termo que se formou de maneira análoga. O período nazista levou a Alemanha à bancarrota. *Entnazifizierung* [des-nazificação] é o nome que vem sendo dado ao esforço para livrá-la dessa doença fatal. Não desejo nem acredito que esta palavra hedionda possa perdurar muito tempo; assim que tiver cumprido a sua missão, desaparecerá e ficará somente na memória.

A Segunda Guerra mostrou-nos várias vezes este fenômeno: certos termos tiveram presença marcante durante o regime nazista e parecia que nunca seriam extirpados, mas acabaram sumindo como se por encanto. Desapareciam junto com a situação que os tinha feito surgir. É provável que alguma vez um desses termos reapareça, mas como um testemunho

fossilizado. Foi o que aconteceu com a expressão *Blitzkrieg* [guerra relâmpago] e com o adjetivo correspondente *schlagartig* [fulminante]. Pode-se dizer o mesmo das *Vernichtungsschlachten* [batalhas de aniquilação] e da situação correlata, que era *eingekesselt sein* [estar cercado], bem como da *wanderden Kessel* [linha de frente móvel],[1] expressão que agora exige uma explicação: na verdade, referia-se à tentativa desesperada que as divisões sitiadas faziam para bater em retirada. Pode-se falar também da *Nervenkrieg* [guerra de nervos] e até mesmo da *Endsieg* [vitória final]. O termo *Landekopf* [cabeça de ponte] existiu do início de 1944 até meados do verão do mesmo ano, quando, pela extensão, já tomara contornos disformes. Quando Paris caiu, quando a França inteira passou a ser uma só "cabeça de ponte", o termo desapareceu de repente e só deverá ressurgir no futuro, fossilizado, no contexto das aulas de História.

O mesmo deverá ocorrer com a palavra mais importante e decisiva de todas — "desnazificação" —, que desaparecerá quando deixar de existir a situação a que se refere. Ainda levará tempo. Não apenas a ação nazista terá de desaparecer, mas também a mentalidade nazista, o hábito de pensar nazista e justamente o seu solo mais fértil, a linguagem nazista.

Quantos conceitos e sentimentos ela violentou e envenenou! No curso noturno da Universidade Popular de Dresden e nos debates promovidos pelo Kulturbund[2] [União Cultural] em conjunto com a Freie Deutsche Jugend[3] [Juventude Livre Alemã], diversas vezes vi como jovens inocentes e sinceros se apegavam ao modo nazista de pensar para suprir erros e

---

[1] Literalmente, "caldeirão migratório".

[2] "Liga cultural para a renovação democrática da Alemanha". Criada em agosto de 1945 na zona de ocupação soviética, visava a desenvolver uma "cultura socialista nacional", estabelecendo relações entre a classe operária e os intelectuais.

[3] Também criada na zona de ocupação soviética a partir de 1945.

lacunas de sua formação, que deixava muito a desejar. Sem perceber, estavam confundidos e seduzidos pela linguagem de uma época que deixou de existir. Conversávamos sobre o sentido da cultura, humanismo, democracia. Algo me levava a crer que uma luz iria clarear essas mentes bem-intencionadas — mas eis que, de maneira natural e óbvia, algum aluno se referia ao comportamento heroico, à resistência heroica ou ao heroísmo em geral. Quando conceitos assim vinham à tona, dissipava-se a lucidez imaginada. Voltávamos ao nebuloso pensamento nazista. Os rapazes que haviam retornado dos campos de batalha ou das prisões, com pouca festa e sem exaltações, não eram os únicos imbuídos dessa duvidosa concepção de heroísmo; além deles, também havia as moças, que não tinham servido no Exército. É impossível formar uma noção clara do verdadeiro sentido de humanismo, de cultura e de democracia se as pessoas pensarem dessa forma sobre o heroísmo, ou, para ser mais claro, se não refletirem sobre essa ideia.

Em que contexto a palavra “heroico” e todas as outras palavras desse mesmo *Sippe* [clã][4] foram apresentadas a essa geração, cuja alfabetização começou em torno de 1933? A resposta é que esse heroísmo sempre vestiu uniformes, três uniformes diferentes, sem jamais ter usado trajes civis.

Em *Mein Kampf*,[5] Hitler, ao tratar de educação, coloca o preparo físico em primeiríssimo lugar. Sua expressão predileta é *körpeliche Ertüchtigung* [capacitação física], que ele tomou emprestada do léxico dos conservadores de Weimar. Ele valoriza o Exército do imperador Guilherme como a única organização saudável e vital de um *Volkskörper* [corpo do povo]

---

[4] Do clã ancestral, dentro do conceito nazista de coletivo, de raça nórdica ariana alemã.

[5] *Minha luta*, título do único livro que Hitler escreveu, quando esteve preso em 1924. Tornou-se a bíblia do nacional-socialismo.

apodrecido. Vê no serviço militar, sobretudo ou exclusivamente, uma educação para o desempenho físico. A formação do caráter é uma questão nitidamente menor: dominar o corpo é mais importante do que receber educação. Nesse programa pedagógico, a formação intelectual e seu conteúdo científico ficam por último, sendo admitidos a contragosto, com desconfiança e desprezo. A todo momento se expressa o temor diante do ser pensante e o ódio contra o pensar. Quando Hitler fala de sua própria ascensão, das primeiras grandes manifestações e de seu enorme poder de oratória, ele elogia também a capacidade de combate dos homens que formam sua guarda, aquele pequeno grupo que deu origem às SA.[6] Essas *braunen Sturmabteilungen* [tropas de assalto marrons] tinham uma função meramente braçal: atacar e enxotar os opositores. Esses são seus cúmplices verdadeiros, ao lado dos quais disputa o coração do povo; são seus primeiros heróis, autênticos exemplos do heroísmo demonstrado nas lutas: mesmo banhados de sangue, são capazes de vencer adversários mais numerosos. Nos relatos de Goebbels sobre a luta por Berlim encontramos as mesmas descrições, a mesma forma de pensar e o mesmo vocabulário. Não é o espírito que será vencedor. Não se trata nem de convencer nem de burilar a retórica da nova doutrina, pois o que conta é o heroísmo dos antigos combatentes, "os primeiros homens das SA".

Para mim, os relatos de Hitler e de Goebbels se complementam, como observou uma amiga. Naquela época, ela era médica no hospital de Pirna, vilarejo industrial na Saxônia. "Quando, à noite, depois das manifestações, recebíamos os feridos", ela contava amiúde, "eu sabia imediatamente qual o partido de cada um, mesmo se o paciente já estivesse despido no leito: os nazistas eram aqueles que estavam com a

---

[6] SA significa *Sturm Abteilung* [divisão de assalto] e SS, *Schutzstaffel* [tropa de proteção].

cabeça ferida, por suas bebedeiras ou porque tinham brigado usando cadeiras, e os comunistas eram aqueles com os pulmões perfurados por golpes de estilete." Quanto à fama, a história das SA reproduziu a literatura italiana: só se conseguiu alcançar o esplendor nos estágios iniciais; aquele brilho intenso, nunca mais.

Em termos cronológicos, o segundo uniforme com o qual o heroísmo nazista se disfarçou foi a indumentária do piloto de automóvel de corrida, como se fosse uma armadura, com capacete, óculos de proteção e luvas grossas. O nazismo cultivou todos os esportes, mas o boxe foi o que mais influenciou a linguagem, mais do que todas as outras modalidades juntas. Mesmo assim, em meados da década de 1930, a imagem que mais transmitiu o espírito de heroísmo foi a do corredor de automóveis. Após o acidente fatal, Bernd Rosemeyer[7] alcançou quase tanta fama no imaginário popular quanto Horst Wessel.[8] (Anotação para meus colegas professores da universidade; sugestão para tema de seminário: é possível traçar considerações muito interessantes sobre a relação de reciprocidade entre o estilo de Goebbels e o livro de memórias de Elly Beinhorn:[9] *Meu marido, o corredor de automóveis.*) Durante certo tempo, o vencedor de corridas internacionais era o herói mais fotografado, sentado junto ao volante do carro, apoiado nele ou até mesmo sepultado sob ele. Se um jovem rapaz não escolhesse como modelo de herói o combatente de tronco nu e musculoso das figuras das SA, que recheavam os

---

[7] Marido de Elly Beinhorn e principal corredor de automóveis da escuderia alemã Auto-Union (1909-1938).

[8] Chefe das SA de Berlim em 1929, Horst Wessel (1907-1930) compôs um hino que após sua morte se tornou o segundo hino nacional-socialista, o *Horst-Wessel-Lied.* Morto em um confronto com os comunistas, tornou-se o primeiro mártir do nazismo.

[9] Viúva do corredor de automóveis Bernd Rosemeyer, ela mesma uma corredora.

cartazes ou medalhas daquela época, sua escolha certamente recairia sobre o corredor de automóveis. Ambos os tipos de herói tinham em comum o olhar fixo e determinado, de quem quer conquistar.

A partir de 1939, o carro de corrida foi substituído pelo tanque, e o corredor de automóveis foi substituído pelo *Panzerfahrer* [motorista dos tanques]. (Esse era o nome que o soldado raso dava não somente ao motorista, mas também aos artilheiros dos tanques.) Desde o primeiro dia de guerra até a queda do Terceiro Reich, todo heroísmo em terra, mar e ar usou uniforme militar. Na Primeira Guerra ainda existia um heroísmo civil por trás da linha do *front*. E agora? Até quando haveria algum heroísmo ali? Por quanto tempo ainda haveria vida civil? A doutrina da guerra total se voltava contra os seus criadores de maneira terrível: tudo é espetáculo bélico, o heroísmo militar pode ser encontrado em qualquer fábrica, em qualquer porão. Crianças, mulheres e idosos morrem a mesma morte heroica, como se estivessem em campo de batalha, com frequência usando o mesmo uniforme desenhado para jovens soldados no *front*.

Durante doze anos, o conceito e o vocabulário linguístico do heroísmo estiveram entre os termos prediletos, usados com maior intensidade e seletividade, visando a uma coragem belicista, a uma atitude arrojada de destemor diante de qualquer morte em combate. Não foi em vão que uma das palavras prediletas da linguagem nazista foi o adjetivo *kämpferisch* [combativo, agressivo, beligerante], que era novo e pouco usado, típico dos estetas neorromânticos. *Kriegerisch* [guerreiro] tinha um significado muito limitado, fazia pensar somente em assuntos de *Krieg* [guerra]. Era também um adjetivo claro e franco, que denunciava a vontade de brigar, a disposição agressiva e a sede de conquista. *Kämpferisch* é outra coisa! Reflete de maneira mais generalizada uma atitude de ânimo e de vontade que em qualquer circunstância visa à autoafirmação

por meio de defesa e ataque, e não aceita renúncia. O abuso da palavra *kämpferisch* corresponde ao uso excessivo, errado e impróprio do conceito de heroísmo.

— O senhor está sendo muito injusto conosco, professor! Quando digo "conosco", não penso nos nazistas, pois não sou nazista. Sim, estive no campo de batalha todos esses anos, salvo algumas interrupções. Não é natural falar bastante em heroísmo em tempos de guerra? Por que esse heroísmo tem de ser considerado falso?

— Para ser herói não basta ter coragem e arriscar a vida. Para isso serve qualquer arruaceiro, qualquer criminoso. Em sua origem, o *heros* [herói] é uma pessoa que realiza atos que estimulam o melhor da humanidade. Uma guerra de conquista, como a guerra de Hitler, conduzida de maneira tão atroz, nada tem a ver com heroísmo.

— Muitos dos meus camaradas não participaram de atrocidades e estavam convencidos de que fazíamos uma guerra defensiva, mesmo que às vezes tivéssemos de recorrer a agressões e conquistas. Pois nunca recebemos explicações. Se vencêssemos, salvaríamos o mundo. Só depois viemos a perceber a verdadeira situação, quando já era tarde demais... E o senhor não crê que no esporte também haja um heroísmo autêntico que possa trazer benefícios para a humanidade?

— Sim, seguramente. É provável que na Alemanha nazista tenha havido casos de heroísmo autêntico entre soldados e esportistas. Mas, a bem da verdade, olho para essas duas categorias com ceticismo. Em ambos os casos há muita ostentação, muito interesse no lucro, muita vaidade pessoal, para serem autênticos. Esses corredores de automóveis eram, literalmente, cavaleiros da indústria automobilística. Suas corridas arriscadas eram úteis para a indústria alemã e, portanto, para a pátria. Talvez trouxessem benefícios para todos, já que contribuíam para o crescimento da produção de automóveis. Mas o que estava em jogo eram a vaidade extrema e o exibi-

cionismo de gladiadores. As guirlandas e os prêmios equivalem às condecorações e às promoções dos soldados. Acredito, sim, em heroísmo, mas em casos raros. Não ponho fé quando se faz muito alarde, quando há boa remuneração, quando se é bem-sucedido. O heroísmo é muito mais puro e significativo quanto mais discreto for, quanto menos público cultivar, quanto menores rendimentos trouxer para o próprio herói e quanto menos espalhafato alcançar. O que critico no conceito nazista de heroísmo é que ele depende do aspecto promocional. Apresenta-se com soberba. O nazismo não conheceu oficialmente qualquer heroísmo honesto e autêntico. Ele o desvirtuou e o levou ao descrédito.

— O senhor afirma que nos anos do hitlerismo não houve nenhum tipo de heroísmo puro e silencioso?

— Nos anos do hitlerismo, ao contrário, o heroísmo autêntico foi aperfeiçoado, só que pelo lado contrário, por assim dizer. Penso em todas as pessoas corajosas nos campos de concentração, todos os que se sujeitaram a viver na ilegalidade. Para eles, os riscos de vida e o sofrimento foram incomparavelmente piores do que no *front*, sem a auréola do prestígio! O que se tinha em mente não era a "morte gloriosa no campo de honra", mas, no melhor dos casos, a guilhotina. Sem exibicionismos, esses heróis verdadeiros possuíam uma fonte de força e de bem-estar interior. Também se sentiam integrantes de um exército, acreditavam que sua causa, no fim, seria vitoriosa. Podiam levar para o túmulo um orgulho verdadeiro: quanto mais ignominioso fosse o seu assassinato, tanto mais o seu nome receberia um dia as devidas honras... Mas eu conheço um heroísmo mais desesperado, mais silencioso, desprovido de qualquer apoio, de qualquer vínculo com um exército ou um grupo político, sem qualquer esperança de algum brilho no futuro, um heroísmo que podia contar no máximo consigo mesmo. Falo das poucas mulheres arianas — de fato, poucas — que se mantiveram firmes contra toda

pressão a que estavam sujeitas para que se separassem dos maridos judeus. O que não foi o cotidiano dessas mulheres! Quantos xingamentos aguentaram, quantas ameaças, pancadas e cusparadas. Quanto despojamento, ao compartilhar com os maridos os cartões da alimentação racionada, pois eles recebiam rações abaixo do normal, enquanto os colegas arianos na fábrica recebiam um suplemento alimentar para compensar o trabalho pesado. Que energia tinham de reunir para continuar no mundo dos vivos, quando tanta humilhação e penúria as derrubavam doentes nas camas, quando tantos suicídios em volta eram tão tentadores, pois conduziam ao descanso eterno, distante da Gestapo! Elas sabiam que, se morressem, seus cadáveres ainda quentes seriam arrancados dos maridos, os quais seriam transportados para o exílio fatídico. Que estoicismo, que autodisciplina conseguiram encontrar, dia após dia, para apoiar maridos desgastados, minados, desesperados. Sob o fogo das granadas do campo de batalha, sob os escombros do abrigo antiaéreo danificado, que se encontrava na iminência de ruir, mesmo sob a visão da forca, acontecia o momento patético que lhes dava coragem. Diante do cotidiano nauseabundo e asqueroso, ao qual se seguiam outros cotidianos nauseabundos e asquerosos, o que podia nos manter de cabeça erguida? Pois elas mantiveram-se fortes, tão fortes a ponto de ser capazes de influenciar continuamente o outro, convencê-lo de que era obrigação aguardar a hora, que haveria de chegar. Manter-se tão forte, sabendo que só podemos contar conosco; perceber como somos solitários, pois os moradores da *Judenhaus* [casa de judeus] não constituíam um grupo, apesar do inimigo comum, do destino comum, da língua comum — eis aí o verdadeiro heroísmo, acima de qualquer outro. Nos anos de Hitler, sinceramente, não faltou heroísmo. Mas no verdadeiro hitlerismo, na comunidade dos hitlerianos, houve somente heroísmo externalizado, deformado, envenenado. Pensamos em taças cheias,

com suntuosidade e ostentação, em condecorações tilintando, pensamos na ênfase dos elogios inúteis, nos assassinatos sem misericórdia...

Será que a família das palavras formadas a partir de heroísmo faria parte da LTI? De certa forma, sim, pois essas palavras foram muito disseminadas e caracterizaram a falsidade e a brutalidade especificamente nazistas. Encontravam-se também muito próximas da exaltação dos alemães como raça eleita: o heroísmo era uma prerrogativa da raça. Mas, na verdade, não: toda essa fraseologia cheia de deformações e desvirtuamentos já tinha sido bastante empregada antes do Terceiro Reich. Razão pela qual é aqui mencionada somente à margem, na introdução.

Preciso registrar uma expressão como especificamente nazista, pelo mero consolo que dela emana. Em dezembro de 1941, Paul K. chegou uma vez radiante do trabalho porque lera o boletim do Exército no caminho de casa:

— Na África, eles estão em situação difícil.

Perguntei se eles mesmos reconheciam isso, pois no restante do tempo só falavam em vitórias.

— Esteja certo: se eles escreveram "nossas tropas lutam de maneira heroica", é porque o momento requer necrológios.

Depois disso, muitas e muitas vezes a palavra "heroico" soou como necrológio nos boletins e jamais nos enganou.

CAPÍTULO 1

LTI

Havia o BDM, a HJ, o DAF e um sem-número de outras abreviaturas.[10]

Inicialmente, como que parodiando essas siglas, mas logo em seguida como uma lembrança fugaz para a memória, como uma espécie de nó no lenço, e pouco depois, durante todos os anos de sofrimentos e agruras, como um pedido de socorro, gritava dentro de mim a sigla LTI, que aparece em meu diário.

Garant era uma daquelas palavras estrangeiras, sonoras e eruditas que o Terceiro Reich de tempos em tempos adorava usar. Sendo uma palavra francesa, soava melhor que o alemão *Bürge*. Ambas significam "fiador". Outra palavra, *diffamieren* [difamar], também era mais imponente do que *schlechtmachen* [falar mal]. (Além disso, por serem de origem estrangeira, talvez muita gente não as entendesse, sentindo-se mais impactadas justamente porque não compreendiam bem o significado.)

---

[10] BDM: *Bund Deutscher Mädel* [Liga das Meninas Alemãs], para meninas entre 14 e 21 anos. HJ: *Hitler Jugend* [Juventude Hitlerista], ramo do Partido Nazista fundado em 1922 para a juventude, reformado em 1926; no fim, tornou-se uma organização guarda-chuva, comportando todos os grupos juvenis nazistas, com quase 10 milhões de jovens; a cada ano, na data do aniversário de Hitler, todas as crianças que haviam feito dez anos entravam automaticamente para a organização. DAF: *Deutsche Arbeitsfront* [Frente de Trabalho Alemã], organização nazista criada em 1933 para substituir todos os sindicatos e associações de classe da antiga República de Weimar; visava a organizar o trabalho (física e mentalmente) e a treinar todos os "verdadeiros alemães" no serviço comunitário.

LTI: *Lingua Tertii Imperii*, linguagem do Terceiro Reich. Frequentemente eu me lembrava de uma anedota da Berlim de outrora. É provável que essa piada estivesse em meu lindo *Glassbrenner*, o humorista da Revolução de Março.[11] Mas onde estará minha biblioteca, na qual eu podia esclarecer as dúvidas? Será que valeria a pena informar-me com a Gestapo?... Um menininho no circo pergunta ao pai: "Por que o homem que está sobre a corda segura aquela vara?" "Seu bobinho, é a vara do equilibrista. É nela que ele se firma." "Mas, papai, e se ele a soltar?" "Seu bobinho, eu já lhe disse, ele não vai soltá-la, está apoiado nela com toda a força!"

Naqueles anos, meu diário foi minha vara de equilibrista, sem a qual eu teria me arrebentado inúmeras vezes. Nas horas de amargura e desespero, no vazio torturante do trabalho mecânico da fábrica, ao lado da cama de doentes e moribundos, quando me sentia mortificado nos momentos de extrema humilhação — sempre me ajudou essa motivação que me impus a mim mesmo: "Observe, estude, grave na memória o que está acontecendo agora, pois amanhã as coisas já não serão assim, amanhã você perceberá tudo de outra maneira; guarde este momento na memória, perceba como as coisas acontecem e o influenciam agora." Essa exortação para que eu superasse as situações e mantivesse a liberdade interior logo se cristalizou em uma fórmula secreta e eficaz: LTI, LTI!

Mesmo que eu quisesse publicar integralmente os diários daquela época, incluindo as vivências cotidianas, o que não é o caso,[12] o título também teria sido *LTI*, que poderia ser entendido metaforicamente. É voz corrente dizer que a linguagem é a expressão de uma época. Da mesma forma pode-se dizer que é

[11] Adolf Glassbrenner (1810-1876) foi um escritor e jornalista alemão, e Revolução de Março é uma referência à Revolução de 1848.

[12] Os *Diários* foram publicados pela primeira vez em 1995. Edição brasileira: *Os diários de Victor Klemperer*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Tradução de Irene Aron.

o retrato de um tempo e de um país. O Terceiro Reich se expressa de modo terrivelmente uniforme, em todas as suas manifestações e em todo o legado que nos deixa, na ostentação desmesurada das edificações faustosas, nos escombros, no tipo dos soldados, dos homens das SA e das SS, definidos como figuras ideais em cartazes sempre renovados mas sempre muito parecidos uns com os outros, nas autoestradas e nas valas comuns. Tudo isso é a linguagem do Terceiro Reich, da qual trataremos aqui. Eu, que durante décadas exerci uma profissão prazerosa, acabei impregnado por ela, mais do que por qualquer outra coisa. Agarrei firmemente a linguagem do Terceiro Reich, não em sentido figurado, mas literal e filológico. Essa minha vara de equilibrista me prestou enorme ajuda para suportar o vazio durante as dez horas de trabalho na fábrica, o pavor nas buscas domiciliares, as prisões, os maus-tratos.

Muitos repetem a frase de Talleyrand: a linguagem existe para ocultar o pensamento do diplomata (ou de uma pessoa ardilosa e suspeita). Mas o que é certo é o contrário. A linguagem sempre revela o que uma pessoa tem dentro de si e deseja encobrir, de si ou dos outros, ou que conserva inconscientemente. Este também é, sem dúvida, o significado da frase *Le style c'est l'homme* [o estilo é o homem]. Uma pessoa pode fazer declarações mentirosas, mas o estilo deixará as mentiras expostas.

Algo aconteceu comigo por causa dessa linguagem própria (no sentido filológico) do Terceiro Reich. Bem no começo, enquanto ainda sofria pouca ou quase nenhuma perseguição, eu tentava evitar qualquer contato com ela. Sentia-me agredido pelas frases das vitrines e dos cartazes, pelos uniformes marrons, as bandeiras, o braço estendido na saudação nazista e os bigodes aparados no estilo de Hitler. Fugia de tudo isso, absorvido em minha profissão. Ministrava meus cursos e fazia um esforço doentio para não perceber que as salas de aula na universidade estavam cada vez mais vazias. Com rigor cada

vez maior, aprofundava os estudos sobre a literatura francesa do século XVIII.[13] Para que azedar minha vida ainda mais — a situação geral, por si só, já era bastante azeda —, lendo textos nazistas? Se, por acaso ou engano, um livro nazista me caía nas mãos, eu o colocava de lado logo depois do primeiro parágrafo. Se a voz estridente do Führer ou de seu ministro da Propaganda ecoava pelas ruas, eu dava uma grande volta para me distanciar do alto-falante. Quando lia um jornal, esforçava-me para selecionar o que havia de objetivo no caldo repugnante dos discursos, dos comentários e dos artigos; a realidade nua já era um grande desconsolo. Quando os cargos públicos foram "saneados" e eu perdi minha cátedra,[14] mais do que nunca procurei me abstrair do presente. Os filósofos do Iluminismo, como Voltaire, Montesquieu e Diderot, os meus prediletos, estavam completamente fora de moda, postos de lado por qualquer pessoa que se considerasse importante. Eu podia dedicar todo o tempo e toda a energia à obra que já estava bem avançada. No que dizia respeito ao século XVIII, a biblioteca do Palácio Japonês de Dresden me servia tão bem que nela eu me sentia no paraíso. Talvez nem mesmo a Biblioteca Nacional de Paris pudesse me abastecer melhor.

Então fui pego pela proibição de frequentar bibliotecas.[15] Arrancaram-me das mãos a obra da minha vida. Seguiu-se a expulsão da minha própria casa.[16] Depois veio todo o restante, a cada dia uma coisa nova. A vara do equilibrista passou a ser o meu objeto imprescindível, e a linguagem da época tornou-se o meu principal interesse.

---

[13] *História da literatura francesa no século XVIII*, de Klemperer, foi publicado em dois tomos, em 1954 e em 1966.

[14] Isso aconteceu após as leis raciais de Nuremberg, decretadas em 15 de setembro de 1935.

[15] A partir de outubro de 1938, o regime nazista proibiu que judeus frequentassem bibliotecas.

[16] A casa dos Klemperer foi confiscada em 1940.

Eu observava com atenção redobrada como os operários conversavam na fábrica, como os brutamontes da Gestapo falavam e como entre nós, no jardim zoológico dos judeus enjaulados, as pessoas se expressavam. Não se notavam grandes diferenças; para ser sincero, nenhuma. Adeptos e opositores, beneficiários e vítimas, todos seguiam os mesmos modelos.

Eu tentava entender esses modelos. De certa forma, era fácil. Pois tudo o que se dizia e se imprimia na Alemanha seguia as normas oficiais do partido. O que se desviasse dos modelos não chegava ao público. Livros, jornais, formulários e escritos oficiais de qualquer posto de serviço — tudo isso boiava no mesmo molho marrom, e a partir dessa uniformidade absoluta da linguagem escrita explicava-se a uniformidade da fala.

Para milhares de outras pessoas, a tentativa de compreender esses modelos talvez fosse uma brincadeira pueril. Para mim era extremamente difícil, sempre perigosa, às vezes impossível. Os portadores da estrela amarela estavam proibidos de adquirir ou pegar emprestado qualquer tipo de livro, revista ou jornal.[17]

O que estivesse escondido em casa representava enorme perigo e era ocultado sob armários e tapetes, em cima dos fogões e no alto das cortinas, ou era guardado como material de aquecimento junto à provisão de carvão. Medidas desse tipo só funcionaram para os que tiveram muita sorte.

Em toda a minha vida, nunca um livro me causou tanta tontura quanto *O mito*, de Rosenberg.[18] Não porque fosse

[17] A partir de 19 de setembro de 1941, todos os judeus foram obrigados, sob risco de morte, a portar a estrela de Davi, em cor amarela, de forma nítida na lapela das roupas.

[18] Trata-se de *O mito do século XX*, principal obra de Alfred Rosenberg (1893-1946), considerado o maior teórico do nazismo. Foi ministro encarregado dos territórios da Europa Oriental, de onde deportou centenas de milhares de pessoas para o extermínio, principalmente judeus.

uma leitura excepcionalmente profunda, de compreensão difícil, ou porque tivesse me causado um abalo moral, mas porque Clemens ficou martelando o exemplar em minha cabeça durante longos minutos. (Clemens e Weser foram os torturadores dos judeus de Dresden; eram chamados *der Schläger und der Spucker* [aquele que bate e aquele que cospe].) Clemens berrava: "Como pode você, porco judeu, ter a audácia de ler um livro desses?" Era como se eu estivesse cometendo o pecado da profanação da hóstia. "Como você ousa ter em casa um livro da biblioteca?" Fui salvo de ser enviado a um campo de concentração ao comprovar que o livro havia sido retirado em nome da minha esposa ariana e pelo fato de que ele rasgou as minhas anotações sem procurar entendê-las.

A aquisição de qualquer tipo de material tinha de ser subreptícia, e ele só podia ser manuseado em segredo. Quanta coisa faltava! Quando procurava ir à raiz de uma questão, quando precisava de material científico específico, as bibliotecas não me emprestavam mais, eu já estava na lista dos excluídos das bibliotecas públicas.

Há quem possa pensar que um colega de profissão ou um aluno antigo que nesse ínterim tivesse alcançado um cargo melhor poderia ter me ajudado nessa situação precária, intercedendo em meu favor junto às bibliotecas. Deus do céu! Isso teria sido um gesto de coragem, com risco pessoal. Existe um belo verso em francês antigo que eu frequentemente citava da cátedra mas cujo significado só entendi mais tarde, quando já perdera a cátedra. Um poeta que caíra em desgraça se recorda com melancolia do grande número de "*amis que vent emporte, et il ventait devant ma porte*", ou "amigos que o vento enxota, e ventava diante de minha porta". Não quero ser injusto: encontrei amigos fiéis e corajosos, mas entre eles não havia colegas da minha especialidade, tampouco de áreas afins.

São dessa época anotações e fichas como estas: "Verificar mais tarde!...", "Completar mais tarde!...", "Responder mais tar-

de!...". Quando já era menor a esperança de estar vivo até esse "mais tarde" chegar, encontro frases assim: "Isso deveria ser esclarecido mais tarde..."

Hoje, quando esse "mais tarde" ainda não chegou totalmente — mas em breve há de chegar, já que os livros estão emergindo dos escombros e as bibliotecas precisam retomar suas funções (e já se pode retornar aos estudos sem a consciência pesada de estar deixando de lado a *vita activa* comunitária da reconstrução) —, hoje sei que não conseguirei transformar minhas observações, reflexões e questões sobre a linguagem do Terceiro Reich, apenas esboçadas, em uma obra científica acabada.

Para tanto seriam necessários mais conhecimentos, bem como mais tempo de vida do que disponho ou qualquer outra pessoa dispõe neste momento. Pois há muito trabalho a fazer nas mais diversas áreas, considerando germanistas e romanistas, anglicistas e eslavistas, historiadores e economistas, advogados e teólogos, engenheiros e cientistas. Todos terão de desvendar as especificidades dos diversos temas, por meio de ensaios ou de teses, antes que haja condições para que uma mente ousada e aberta apresente a *Lingua Tertii Imperii* na totalidade, abarcando desde sua absoluta pobreza de espírito até sua abundância exuberante. Porém, tatear e questionar coisas que ainda não podemos determinar, pois se encontram em um estágio de amadurecimento, realizar o "trabalho da primeira hora", como os franceses dizem, sempre ajuda os verdadeiros pesquisadores que vêm depois. Acho que eles apreciarão ver o seu objeto de estudo em processo de metamorfose, a meio caminho entre um relato concreto da própria experiência e uma conceituação acadêmica.

Se essa é a intenção da minha publicação, por que não reproduzo na íntegra o *Caderno de anotações do filólogo*, resgatando-o de meu diário mais particular e mais geral, escrito nos anos difíceis? Por que algumas coisas estão resumidas em

forma de esboço? Por que a perspectiva daquele tempo se junta à perspectiva de hoje, a primeira hora após-Hitler?

Quero responder a essa questão de maneira precisa. Há uma tese em jogo: além de um fim científico, também busco um objetivo educacional. Fala-se muito em extirpar a mentalidade fascista, e muita coisa vem sendo feita nesse sentido. Os criminosos de guerra estão sendo julgados, os pequenos Pgs[19] (linguagem do Quarto Reich!) são afastados de cargos, livros nacional-socialistas estão sendo retirados de circulação, as "praças Hitler" e as "ruas Göring" vêm sendo renomeadas. Mas a linguagem do Terceiro Reich sobrevive em muitas expressões típicas, a tal ponto impregnadas que parecem ter-se tornado permanentes na língua alemã. Quantas vezes, por exemplo, eu ouvi, desde maio de 1945,[20] em discursos no rádio ou em manifestações marcadamente antifascistas, palavras como qualidades *charakterlich* [características] ou espírito *kämpferich* [combativo] da democracia! São expressões centrais da LTI. O Terceiro Reich diria que são *Wesensmitte* [do âmago do ser]. Quando percebo questões desse tipo, será por pedantismo? Será que aflora o mestre-escola que, como dizem, está escondido em cada filólogo?

Vou tentar a responder a essa questão por meio de outra questão.

Qual foi o meio de propaganda mais intenso do período nazista? Qual o meio de propaganda mais poderoso dessa época? Foram os discursos de Hitler e de Goebbels, suas declarações sobre esse ou aquele assunto, seu rancor contra o judaísmo e o bolchevismo?

É claro que não. Ou a massa não compreendia bem essas coisas ou simplesmente se entediava com as repetições in-

---

[19] Abreviatura de *Parteigenossen*, ou seja, membro sem importância no Partido Nazista.

[20] Mês em que terminou a Segunda Guerra Mundial.

findáveis. Quantas vezes em um restaurante (quando eu ainda podia entrar em um restaurante, antes de ser usuário da estrela), quantas vezes depois, na fábrica, durante um alarme aéreo (quando os arianos permaneciam em uma sala exclusiva, com rádio, aquecimento e comida, e os judeus em outra sala exclusiva, vazia) — quantas vezes, enquanto o Führer ou um de seus paladinos fazia discursos extensos, eu ouvia o barulho das cartas de baralho sobre a mesa e as conversas em voz alta sobre rações de carne e tabaco, ou sobre cinema, para depois ler nos jornais que todo o povo os havia escutado atentamente?

Não, o efeito mais forte não foi provocado por discursos isolados, nem por artigos ou panfletos, cartazes ou bandeiras. O efeito não foi obtido por meio de nada que se tenha sido forçado a registrar com o pensamento ou a percepção conscientes.

O nazismo se embrenhou na carne e no sangue das massas por meio de palavras, expressões e frases impostas pela repetição, milhares de vezes, e aceitas inconsciente e mecanicamente. Costuma-se considerar como meramente estética e inofensiva a citação de Schiller sobre *von der gebildeten Sprache, die für dich dichtet und denkt* [a língua culta, que poetiza e pensa por ti]. Um verso bem redigido, em uma "língua culta", não pode ser aceito como prova suficiente da força poética do autor. Em uma língua assim, não é difícil adotar uma aura de poeta ou de pensador.

Mas a língua não se contenta em poetizar e pensar por mim. Também conduz o meu sentimento, dirige a minha mente, de forma tão mais natural quanto mais eu me entregar a ela inconscientemente. O que acontece se a língua culta tiver sido constituída ou for portadora de elementos venenosos? Palavras podem ser como minúsculas doses de arsênico: são engolidas de maneira despercebida e parecem ser inofensivas; passado um tempo, o efeito do veneno se faz notar.

Se, por longo tempo, alguém emprega o termo "fanático" no lugar de "heroico e virtuoso", ele acaba acreditando que um fanático é mesmo um herói virtuoso, e que sem fanatismo não é possível ser herói. As palavras fanático e fanatismo não foram criadas pelo Terceiro Reich, mas ele lhes adulterou o sentido; em um só dia elas eram empregadas mais do que em qualquer outra época.

Poucas palavras foram cunhadas pelo Terceiro Reich, talvez nenhuma. A linguagem nazista usa empréstimos do estrangeiro e absorve muito do alemão pré-hitlerista. Mas altera o sentido das palavras e a frequência de seu uso. Transforma palavras que pertenciam a uma pessoa ou a um pequeno grupo em propriedade de todos, requisita para o partido o que antes era propriedade comum e, dessa forma, envenena palavras e formas sintáticas. Adapta a língua ao seu sistema terrível e, com ela, conquista o meio de propaganda mais poderoso, ao mesmo tempo o mais público e o mais secreto. Mostrar claramente o veneno da LTI e advertir as pessoas contra ele parece-me mais do que uma mera mania de professor. Para um judeu ortodoxo, quando o preparo de um alimento escapa às normas preestabelecidas, tornando-o impuro, a purificação consiste em enterrá-lo. Deveríamos enterrar muitas palavras da linguagem nazista na vala comum por longo tempo. Algumas, talvez, para sempre.

CAPÍTULO 2

PRELÚDIO

Conforme está anotado em meu diário, em 8 de junho de 1932 assistimos ao filme sonoro *O Anjo Azul*, já considerado "quase um clássico". Um texto concebido e realizado em estilo épico, quando transposto para o teatro e agora para o cinema, sempre será grosseiramente sensacionalista. *Professor Unrat* [Professor Lixo], de Heinrich Mann, é uma obra literária maior do que o filme.[21] Mas a atuação dos artistas fez dele realmente uma obra-prima. Os papéis principais couberam a Jannings, Marlene Dietrich e Rosa Valetti. Mesmo os secundários também foram representados com mestria. Ainda assim, não consegui prestar atenção no que a tela exibia. A todo instante vinha-me à mente uma cena do noticiário semanal que fora exibido antes do filme. Diante de mim, eu ainda via o Tambor dançando, literalmente, às vezes na frente, às vezes no meio dos artistas de *O Anjo Azul*.

A cena ocorria depois da posse do governo Papen e se chamava *Dia da Batalha de Skagerrak. A guarda da Marinha do palácio presidencial atravessa o Portão de Brandemburgo.*[22]

---

[21] *Der blaue Engel*, 1930, direção de Josef von Sternberg, roteiro de Robert Liebmann, Karl Zuckmayer e Karl Vollmoeller. O nome do professor era Rath, mas para humilhá-lo Heinrich Mann o denomina Unrat.

[22] Franz Von Papen (1879-1969) antecedeu Hitler na chefia do governo alemão. Revogou a proibição às SA e convocou as eleições parlamentares nas quais o Partido Nazista obteve maioria relativa, preparando-se para tomar o poder. A "batalha de Skagerrak" é uma referência à batalha naval de Jutland, em 1916, no sul da Noruega, entre a Alemanha e a Inglaterra. O Portão de Brandemburgo, o único remanescente de uma série de outras entradas de Berlim, é uma espécie de "arco do triunfo" da capital alemã.

Já vi muitos desfiles, ao vivo ou no cinema. Conheço o significado de "acertar o passo" na parada prussiana, pois quando treinamos no Oberwiesenfeld,[23] em Munique, recebemos a instrução: "O passo tem de ser no mínimo tão bem dado quanto em Berlim!" É preciso acertar o passo, nunca antes e, mais importante, nunca depois. Apesar de todas as paradas diante do Führer e de todos os desfiles militares em Nuremberg, eu nunca vira o que vi naquela noite. Os homens jogavam as pernas para o alto de tal forma que as pontas das botas pareciam soltas, mais altas que os respectivos narizes. Estavam todos no mesmo movimento, como se fossem uma só perna. Todos esses corpos — não, esse único corpo —, assim como os rostos, bastante crispados, mostravam uma tensão convulsiva, enrijecida pelo ritmo. A tropa dava a estranha impressão de ausência de vida combinada com extremo frenesi. Não tive tempo, ou melhor, não tive capacidade emocional para desfazer o mistério dessa tropa, pois ela era apenas o pano de fundo para a figura dominante: o Tambor.[24]

O homem que marchava à frente apertava os dedos da mão esquerda bem espalmada no quadril e inclinava o corpo para o mesmo lado, em busca de equilíbrio, apoiando-se nessa mão, enquanto o braço direito golpeava o ar com o bastão e a perna lançava a ponta da bota para o alto, como se tentasse alcançar o bastão. Pairava oblíquo no vazio, como um monumento sem pedestal, misteriosamente mantido ereto por uma convulsão que o esticava dos pés à cabeça. A apresentação não era um mero exercício, mas uma dança arcaica e uma marcha militar. O homem era, ao mesmo tempo, faquir e gra-

---

[23] Klemperer serviu no Exército alemão na Primeira Guerra Mundial.

[24] No início da carreira política, Hitler se fazia chamar de Tambor. Depois da frustrada revolta na cervejaria em Munique, em 9 de novembro de 1923, ele foi preso e declarou no tribunal: "Não é por modéstia que eu quero me tornar o Tambor, pois isso é o que há de mais nobre, o resto não passa de ninharia."

nadeiro. Na época, essa crispação e desarticulação convulsiva podia ser vista em esculturas expressionistas, podia ser ouvida em poesias, mas na vida nua e crua, como ela é, no realismo da cidade, seu impacto me atingiu com a força de uma novidade absoluta. Aos gritos, pessoas pressionavam para se achegar bem perto da tropa. Os braços selvagemente estendidos pareciam querer agarrar algo, e os olhos de um jovem, como duas labaredas, revelavam um estado de êxtase religioso.

O Tambor foi meu primeiro contato — assustador — com o nacional-socialismo. Apesar de já bastante disseminado, até aquele momento parecia-me que tudo não passava de uma aberração passageira de uma minoria descontente. Foi a primeira vez que me defrontei com o fanatismo em formato especificamente nacional-socialista. Essa figura muda provocou meu primeiro embate com a linguagem do Terceiro Reich.

CAPÍTULO 3

CARACTERÍSTICA PRINCIPAL: POBREZA

A pobreza da LTI é gritante. Ela é pobre por princípio, como se cumprisse um voto de pobreza.

Mein Kampf, a bíblia do nacional-socialismo, começou a circular em 1925. A partir desse ano as principais características da linguagem nazista foram fixadas literalmente. Em 1933, com a *Machtübernahme* [tomada do poder] pelo partido, a linguagem desse grupelho se transformou em linguagem popular, ou seja, se apoderou de todos os setores da vida pública e privada: da política, da justiça, da economia, da arte, das ciências, da escola, dos esportes, da família, dos jardins de infância e até mesmo do quarto das crianças. (Até então, a linguagem de um grupo só abarcava o âmbito específico que era importante para sua coesão; não se estendia à vida como um todo.) A LTI se apoderou também — aliás, energicamente — da linguagem do Exército. Estabeleceu-se uma relação de reciprocidade entre ambas: primeiro a LTI foi influenciada pela linguagem militar, depois corrompeu essa linguagem. Por isso faço questão de explicar como a LTI se alastrou. O *Reich*[25] circulou quase até o último dia da guerra, já em 1945, e nessa época ainda se publicava enorme quantidade de textos nazistas: panfletos, jornais, revistas, livros escolares, obras científicas e literárias. Tudo isso quando a Alemanha já era um monte de escombros e Berlim estava cercada.

Não obstante a longa existência e a grande divulgação, a LTI permaneceu pobre e monótona. O termo "monótono" deve ser considerado literalmente. Conforme minhas possibilidades de leitura — frequentemente eu as comparava com

[25] Jornal fundado por Goebbels em 1940, publicado aos sábados.

uma viagem em voo livre de balão, levado ao sabor dos ventos, sem poder determinar a direção —, estudei *O mito do século XX*, o *Anuário de bolso do pequeno comerciante*, uma revista jurídica, outra farmacêutica, romances e poesias, tudo que tivesse sido autorizado a ser publicado naqueles anos. Ouvia as conversas de varredores de rua ou de operários na fábrica, junto às máquinas; era sempre o mesmo chavão e o mesmo tom de voz, na linguagem escrita ou falada, entre pessoas cultas ou incultas. A LTI imperava por toda parte, tão poderosa quanto pobre de espírito — poderosa justamente por ser pobre de espírito —, até mesmo entre os judeus, as maiores vítimas do nacional-socialismo, necessariamente seus inimigos mortais, em cartas, conversas e livros, enquanto ainda tinham autorização para publicar.

Conheci três períodos da história alemã: a época do imperador Guilherme II, a República de Weimar e o nazismo.

A República liberou, de forma suicida, a palavra escrita e falada. Os nacional-socialistas, por sua vez, com sarcasmo e despudor, afirmavam que só faziam o que a Constituição[26] permitia, enquanto atacavam as instituições e as diretrizes do Estado e se lançavam furiosamente contra livros e jornais, satirizando tudo, fazendo sermões exaltados. As artes, as ciências, a estética e a filosofia não sofriam qualquer restrição. Ninguém estava preso a algum dogma moral ou estético específico. Imperava a livre escolha. Essa liberdade cultural multifacetada era elogiada como um imenso e decisivo avanço, em contraposição à época do Império.

Será que na época do imperador Guilherme II a liberdade tinha mesmo sido menor?

Os estudos sobre o Iluminismo francês chamavam minha atenção para uma semelhança marcante entre as últimas décadas do Ancien Régime e a época de Guilherme II. É certo que

[26] Trata-se da Constituição de Weimar.

sob Luís XV e Luís XVI havia censura, havia a Bastilha e até mesmo carrascos para os inimigos dos reis e os ateus. O julgamento destes era severo, mas nem tanto, se considerarmos o período como um todo. Pois não houve muitos julgamentos. Cada vez mais, os iluministas conseguiram publicar e difundir seus textos quase sem restrições. A cada punição aplicada, mais a literatura insurgente se espalhava e era divulgada.

De maneira muito semelhante, um rigor moral e absolutista imperava oficialmente sob Guilherme II. Às vezes havia processos por crime de lesa-majestade, por blasfêmia ou por atentado aos bons costumes, mas quem dominava a opinião pública era a *Simplicissimus*.[27] Ludwig Fulda deixou de ganhar o Prêmio Schiller, que seria conferido a seu livro *Talisman*, por causa de um veto imperial; mas o teatro, a imprensa e as revistas de humor faziam inúmeras críticas. As mais mordazes dirigiam-se à ordem estabelecida e ultrapassavam muito o dócil texto do *Talisman*. Sob Guilherme II ninguém estava impedido de absorver qualquer corrente intelectual estrangeira ou realizar experimentações em literatura, filosofia ou artes. A censura só apareceu nos últimos anos do Império, pela premência da guerra. Eu mesmo, quando recebi alta do hospital militar de campanha, trabalhei como especialista para o órgão de censura de livros na região do Ober-Ost. Nessa grande circunscrição administrativa, a produção literária destinada a civis e militares era examinada pelas disposições da censura especial, na qual os critérios eram um pouco mais rígidos do que nas comissões de censura domésticas. Mas procedíamos de maneira muito generosa! Raramente havia uma proibição.

---

[27] Revista satírica fundada em Munique em 1896, usando o nome de um herói de um romance de Grimmelshausen, de 1669. Depois de ter reunido a vanguarda artística e literária (Thomas Mann colaborava para ela), a revista apoiou o nacionalismo em 1914 e no fim aderiu ao nazismo. Foi fechada em 1944.

Em ambas as épocas que conheci houve ampla liberdade. Os poucos casos em que alguém foi silenciado podem ser considerados exceções. O resultado disso foi que os grandes campos da língua, oral e escrita, se desenvolveram livremente no jornalismo, na ciência e na poesia. Não havia somente as correntes literárias universais, como o naturalismo e o neorromantismo, o impressionismo e o expressionismo. Em todas as áreas estilos linguísticos individuais tinham liberdade.

É preciso reconhecer essa riqueza — florescente até 1933 e logo em seguida, repentinamente, moribunda — para que se possa perceber a pobreza de espírito dessa escravidão uniformizada, a principal característica da LTI.

A razão da pobreza parece evidente. Com um sistema tirânico extremamente invasivo, tudo era vigiado nos mínimos detalhes para que a doutrina nacional-socialista permanecesse intacta, sem falsificações em cada um de seus aspectos, incluindo a linguagem. Baseando-se no modelo de censura eclesiástica, os seguintes dizeres constavam na página de rosto dos livros: "O NSDAP[28] não se opõe à publicação deste texto. Assinado pelo presidente da 'comissão oficial de censura' de proteção ao nacional-socialismo." Só quem fosse membro da Câmara de Letras do Reich tinha permissão para se manifestar. A imprensa só podia publicar o que fosse liberado pelo "órgão central da censura". No máximo, podia fazer pequenas variações nos textos obrigatórios, da forma mais modesta possível, variações que se referiam à aparência externa permitida para os clichês.

Nos anos finais do Terceiro Reich, às sextas-feiras à noite, instituiu-se o hábito de se ler na Rádio de Berlim o artigo mais recente de Goebbels, que seria publicado no *Reich* do dia seguinte. O conteúdo era liberado para que a imprensa o di-

---

[28] NSDAP: *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* [Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães], o Partido Nazista.

fundisse em toda a área de influência do nazismo. Assim, um pequeno grupo determinava o modelo linguístico permitido para a coletividade como um todo. Em última instância, Goebbels era o único a definir a linguagem permitida, pois sua vantagem em relação a Hitler era que, além de ter ideias mais claras, também se expressava de forma mais organizada que o Führer, que se calava cada vez mais, como se desejasse manter o silêncio da divindade muda ou porque não lhe restava mais nada decisivo a dizer. Caso houvesse alguma opinião de Göring ou de Rosenberg, o ministro de Propaganda a incluía no texto do próprio discurso.

O domínio absoluto que esse pequeno grupo — ou melhor, que esse homem — exerceu na normatização da linguagem se estendia por todo o âmbito da língua alemã, levando-se em conta que a LTI não fazia distinção entre linguagem oral e escrita. Para ela, tudo era discurso, arenga, alocução, invocação, incitamento. O estilo do ministro da Propaganda não distinguia a linguagem do discurso e a linguagem dos textos, razão pela qual era tão fácil declamá-los. *Deklamieren* [declamar] significa literalmente falar alto sem prestar atenção ao que se diz. Vociferar. O estilo obrigatório para todos era berrar como um agitador berra na multidão.

Surge aqui uma nova explicação, bem mais profunda, para a pobreza da LTI. Ela não era pobre só porque todos se viam forçados a obedecer a um único padrão de linguagem, mas especialmente porque, por meio de uma limitação autoimposta, só permitia expor um lado da natureza humana.

Se puder se expressar com liberdade, qualquer língua consegue dar conta de todos os anseios humanos. Elas se prestam à razão e ao sentimento, são comunicação, diálogo e monólogo, oração e súplica, ordem e invocação. A LTI só se prestava à invocação. O tema podia ser da esfera pública ou privada — não, isso é falso, pois a LTI mal conhecia o domínio privado, confundindo-o com a esfera pública, assim como confundia as

linguagens escrita e oral —, não importa, tudo era discurso e publicidade. "Tu não és nada, teu povo é tudo", pregava. O que significa que nunca estás sozinho, contigo mesmo, nunca estás a sós com os teus, estás sempre exposto.

Seria também enganoso se eu dissesse que, em todos os setores, a LTI dirige-se exclusivamente à vontade. Pois quem apela para a vontade apela sempre para o indivíduo, mesmo que se dirija a uma coletividade, a um público. A LTI pretende privar cada pessoa da sua individualidade, anestesiando as personalidades, fazendo do indivíduo peça de um rebanho conduzido em determinada direção, sem vontade e sem ideias próprias, tornando-o um átomo de uma enorme pedra rolante. A LTI é a linguagem do fanatismo de massas. Dirige-se ao indivíduo — não somente à sua vontade, mas também ao seu pensamento —, é doutrina, ensina os meios de fanatizar e as técnicas de sugestionar as massas.

O Iluminismo francês do século XVIII tem duas expressões, dois temas e dois bodes expiatórios prediletos: a impostura sacerdotal e o fanatismo. Não confia nas convicções religiosas do clero, pois considera qualquer culto uma farsa que pretende tornar fanática uma comunidade e explorar os fanatizados.

Jamais um livro de pregação clerical foi escrito de maneira tão vil e desavergonhada quanto *Mein Kampf*, de Hitler. Com uma ressalva: em vez de "impostura clerical", a LTI diz "propaganda". A maior incógnita do Terceiro Reich, para mim, é entender como esse livro conseguiu penetrar na opinião pública, como permitiu que Hitler dominasse como dominou, e como foi possível que essa dominação tenha durado doze anos, apesar da bíblia do nacional-socialismo ter sido lançada muitos anos antes da tomada do poder. Durante todo o século XVIII francês nunca, jamais, a palavra fanatismo, com seu adjetivo correspondente, ocupou um lugar tão importante, nem foi tão desvirtuada, quanto nos doze anos do Terceiro Reich.

CAPÍTULO 4

PARTENAU

Na segunda metade da década de 1920, conheci um jovem que acabara de se alistar para ser aspirante a oficial no Exército. A mulher de seu tio, já falecido, meu antigo colega na universidade, era uma pessoa que se situava politicamente muito à esquerda e admirava a Rússia soviética. Um dia, em visita à nossa casa, ela trouxe o sobrinho. Querendo se desculpar, afirmou que esse rapaz de boa índole escolhera a carreira militar de coração puro, sem pensamentos chauvinistas, sem laivos de crueldade. Naquela família, era hábito de várias gerações que filhos homens seguissem ou a carreira eclesiástica ou a militar. O pai dele, já falecido, fora pastor. O irmão mais velho seguia estudos teológicos, de forma que ele, George, ótimo ginasta mas péssimo estudante de latim, vira no Exército o lugar ideal. Os soldados tinham futuro assegurado.

Estivemos diversas vezes com George M. e pareceu-nos que a tia fizera um julgamento justo. Ele ainda mostrava uma honestidade real, inocente e espontânea, quando ao seu redor as pessoas estavam deixando a integridade de lado. Vindo de Stettin, onde sua guarnição estava aquartelada, aguardando promoção a tenente, George M. nos fez várias visitas em Heringsdorf, apesar da intensa propagação das ideias nacional-socialistas. Oficiais e acadêmicos precavidos evitavam frequentar grupos de pessoas de esquerda, principalmente judeus.

Pouco depois, já como tenente, M. foi transferido para o regimento de Königsberg. Durante muitos anos não ouvimos falar nele. Uma vez sua tia nos contou que frequentava um curso para tornar-se piloto de aviação, atividade que, como esportista, lhe trazia muita satisfação.

No primeiro ano do regime de Hitler, quando eu ainda exercia meu cargo e me esforçava para evitar textos nazistas, tive em mãos *Partenau*, primeira obra de Max René Hesse, de 1929. Não sei se na capa ou somente na orelha constava *Der Roman der Reichswehr* [romance do Exército do Reich]. Seja como for, fixei na memória esse nome simples. Do ponto de vista literário, era um livro fraco. Romance em tom de novela, típico de quem ainda não domina a linguagem, número excessivo de personagens mal definidos em torno das duas figuras principais, uma profusão de planos estratégicos detalhados que só poderiam interessar ao especialista da área, membro do estado-maior; em suma, uma obra pouco harmoniosa. Fiquei estarrecido com o conteúdo, que pretendia descrever como era o Exército. Mais tarde, amiúde, o livro me voltava à memória. Tratava-se da amizade entre o primeiro-tenente Partenau e o jovem *junker*[29] Kiebold. O primeiro-tenente era um militar exímio, patriota obstinado e homossexual. Mas o *junker* queria ser somente seu discípulo, não seu amante, e por isso o primeiro-tenente comete suicídio com um tiro de revólver. Ele é concebido como uma figura trágica: a aberração sexual é glorificada como amizade masculina autêntica, e seu patriotismo frustrado deve bem remeter a Heinrich von Kleist.[30] Toda a obra está escrita no estilo expressionista, por vezes rebuscado e enigmático, dos anos da guerra e dos primeiros anos da República de Weimar, mais ou menos na linguagem de Fritz von Unruh.[31] Só que Unruh e os expressionistas alemães daquela época valorizavam a paz,

[29] Denominação dada na Alemanha aos latifundiários, especialmente os aristocratas dos territórios a leste do rio Elba. Hoje, quase sempre, a palavra tem conotação pejorativa.

[30] Bernd Heinrich Wilhelm von Kleist (1777-1811), poeta, romancista, dramaturgo e contista alemão.

[31] Fritz Von Unruh (1885-1970), teatrólogo, poeta e romancista do expressionismo alemão.

tinham uma visão humanista e, embora amassem a pátria, respiravam ares cosmopolitas. Partenau, em contrapartida, dominado pelo expressionismo alemão, cheio de ideias revanchistas, tinha planos que não eram meras elucubrações mentais. Referia-se a "províncias clandestinas" já existentes, à secreta construção de "células organizadas". A única coisa que faltava era um chefe supremo, um Führer. "Só um homem que fosse mais que um guerreiro ou um simples organizador poderia transformar essa força secreta, adormecida, em um instrumento vivo, poderoso e flexível." Se esse líder genial fosse encontrado, ele haveria de criar um novo espaço territorial para os alemães, enviando para a Sibéria 35 milhões de tchecos e outros povos não germânicos. O espaço europeu ficaria liberado para o povo alemão, que o merecia por direito, dada a superioridade que possui, apesar do sangue "infestado pelo cristianismo" há 2 mil anos...

O *junker* Kiebold sente entusiasmo pelas ideias do tenente e declara: "Pelos sonhos e as ideias de Partenau poderei morrer amanhã." Em seguida, para o próprio Partenau: "Você foi a primeira pessoa a quem pude perguntar com tranquilidade se consciência, arrependimento e moral têm algum significado diante das noções de povo e nação; nós dois balançamos a cabeça juntos, sem compreender."

Como eu disse, esse livro já existia em 1929. Que antecipação da linguagem e das convicções do Terceiro Reich! Naquela altura, quando anotava as frases mais significativas no diário, eu só podia ter uma leve intuição! Considerei impossível que essas convicções se transformassem em atos, que a ideia de "consciência, arrependimento e moral" pudesse ser eliminada de todo um exército, de todo um povo. Tudo me parecia uma fantasia desenfreada de um desequilibrado. É provável que esta tenha sido uma impressão geral. Caso contrário, teria sido incompreensível que um texto com esse teor panfletário pudesse ser publicado durante a República...

Passei o livro para nossa amiga simpatizante dos soviéticos. Ela acabara de retornar de férias na casa de campo de parentes. Passados alguns dias, nos trouxe o livro sem demonstrar espanto: estava familiarizada com o estilo e o conteúdo; o autor devia ter observado com a maior exatidão todos os detalhes ao seu redor. "Georg", ela disse, "o rapaz tão inofensivo, tão avesso à literatura, há muito tempo escreve dessa maneira, brinca com essas mesmas ideias."

Com que ingenuidade os tipos medíocres se adaptam ao ambiente! Mais tarde recordei como o rapaz de tão boa índole, já em Heringsdorf, falara sobre uma "guerra arejada e descontraída". Àquela época consideramos que se tratasse de um chavão repetido irrefletidamente. Mas os chavões nos dominam. "Uma língua que poetiza e pensa por ti..."

Várias vezes a tia nos falou da evolução do sobrinho. O fato de ter se tornado oficial da aviação fizera dele um grande senhor. Perdulário inescrupuloso, fazia prevalecer seus direitos de patrão e herói. Ostentava luxo em botas, roupas e vinhos. Encarregado de encomendar as refeições de um regimento, sempre sobrava para ele alguma coisinha, conhecida como propina em ambientes menos sofisticados. Escreveu: "Merecemos boa vida, pois colocamos a nossa em risco todos os dias."

Mas não colocava em risco só a sua vida: o rapaz "tão bonzinho" também arriscava a dos outros. Agia com tamanha irresponsabilidade que se tornou um empecilho para os professores. Como chefe de uma esquadrilha, permitira que três de seus homens fizessem um voo de treinamento exaustivo e perigoso, em condições meteorológicas desfavoráveis, provocando a morte deles. Dois aviões caros haviam sido destruídos no acidente, e o caso terminou com um processo contra ele, agora já capitão. O tribunal decidiu afastá-lo do Exército. Pouco depois eclodiu a guerra; não sei o que aconteceu com M., mas é provável que tenha sido reintegrado à tropa.

A história da literatura fará poucas referências a *Partenau*. Em contrapartida, um papel mais importante lhe estará reservado na história do pensamento. Uma das raízes mais profundas da LTI é o rancor e a ambição dos *Landsknechten* [soldados profissionais] decepcionados, que gerações mais jovens veneravam como se tivessem sido heróis trágicos.

Trata-se de *Landsknechten* tipicamente alemães. Antes da Primeira Guerra Mundial circulou em muitas rodas uma piada sobre a psicologia dos povos: representantes de diversos povos deveriam discutir como tema livre "o elefante". O americano redige o texto "Como abati meu milésimo elefante", enquanto o alemão relata "Sobre o uso dos elefantes na Segunda Guerra Púnica". A LTI está repleta de americanismos e de outros componentes estrangeiros. São tantos que na verdade, vez por outra, poderiam até fazer a essência alemã passar despercebida. Entretanto, ela existe de maneira terrivelmente decisiva. Ninguém pode dizer, em sã consciência, que a LTI foi uma infecção vinda do exterior. O soldado profissional Partenau não é um personagem de ficção, mas a pintura clássica, típica entre muitos colegas e compatriotas, do homem instruído que se sente à vontade não somente no estado-maior alemão, mas também lendo Chamberlain,[32] Nietzsche, a *Renaissance* de Burkhardt[33] etc. etc.

---

[32] Houston Stewart Chamberlain (1855-1927), inglês naturalizado alemão, genro de Wagner. Seu livro *Os fundamentos do século XIX*, escrito em alemão em 1899, é uma das obras fundadoras da teoria racial nazista.

[33] Jakob Burkhardt (1818-1897), historiador suíço de língua alemã. Escreveu *A civilização do Renascimento na Itália* (1860).

CAPÍTULO 5

FRAGMENTOS DO DIÁRIO DO PRIMEIRO ANO

Algumas páginas para mostrar como tudo isso, aos poucos, mas de maneira inexorável, começou a permear minha vida. Até aqui, a política, *vita publica*, o mais das vezes não apareceu em meu diário. Desde que me tornei catedrático em Dresden passei a recomendar a mim mesmo: "Agora que encontraste a tua vocação, agora que estás inserido na ciência do teu saber, não te deixes desviar do teu caminho, concentra-te!" Mas eis que:

21 de março de 1933. Hoje vai haver *Staatsakt* [ato de Estado, cerimônia oficial][34] em Potsdam. Como vou trabalhar sem prestar atenção em um fato desses? Sinto-me como o Franz no *Götz*:[35] "O mundo, nem sei como, me faz prestar atenção nele." No meu caso, porém, eu sei como. Foi nomeada uma comissão em Leipzig para "nacionalizar" a universidade. Colocaram um texto, em letras grandes, no quadro de avisos da nossa faculdade (o mesmo texto deve ter sido posto nos quadros de todas as outras universidades alemãs): "Quando o judeu escreve em alemão, está mentindo." Mais adiante, quando publicarem livros em língua alemã, judeus serão obrigados a declarar: "Tradução do hebraico". Foi anunciado um congresso de psicólogos aqui em Dresden em abril. O *Freiheitskampf*[36] publicou um texto incendiário: "Onde foi parar a ciência de Wilhelm Wundt?[37] [...] Que judaização! [...] Fora

[34] Alusão à cerimônia de abertura do primeiro Reichstag do Terceiro Reich.

[35] *Götz von Berlichingen*, drama em cinco atos de Goethe.

[36] Jornal do Partido Nazista.

[37] Wilhelm Wundt (1832-1910), filósofo e psicólogo alemão.

com eles!" Tendo em vista "evitar constrangimentos para alguns participantes", cancelaram o congresso.

27 de março. Surgem novas palavras, palavras antigas ganham um sentido especial, há rearranjos com palavras novas que logo se consolidam como estereótipos. As SA, em linguagem culta, que agora é *de rigueur*, passam a chamar-se "exército marrom", porque hoje é importante demonstrar entusiasmo, "fica bem". Judeus estrangeiros, especialmente franceses, ingleses e americanos, passam a ser chamados de *Weltjuden* [judeus do mundo]. Também se usa com frequência a expressão *Internationales Judentum* [judaísmo internacional]. *Weltjude* [judeu do mundo] e *Weltjudentum* [judaísmo mundial] são versões germanizadas, bastante inquietantes. Em qualquer parte do mundo há judeus, mas agora eles só existem fora da Alemanha? Dentro da Alemanha, onde ficam? Os *Weltjuden* praticam *Greuelpropaganda* [propaganda que difunde atrocidades] e criam *Greuelmärchen* [atrocidades inventadas]. Se contarmos para alguém o mínimo do que está acontecendo aqui, dia após dia, seremos punidos por "divulgar atrocidades". Nesse ínterim prepara-se o boicote contra lojas de judeus e médicos judeus. O tema dominante no momento é o que se entende por "ariano" e "não ariano". Dava bem para criar um léxico dessa nova linguagem.

Em uma loja de brinquedos vi um balão com a suástica. Será que o balão deveria constar do novo léxico?

(Logo a seguir, o governo determinou uma "lei de proteção aos símbolos nacionais" contra esse tipo de brinquedo e contra essas "bobagens". Mas minha ocupação permanente é entender até onde se estendem os limites da LTI.)

10 de abril. Uma pessoa é considerada *artfremd* [estranha à espécie] se tiver menos de 25% de "sangue ariano". Caso haja dúvidas, estas serão dirimidas por um "especialista em pes-

quisa racial". *Limpieza de la sangre*, como na Espanha do século XVI. A única diferença é que naquela época a discussão versava sobre fé, enquanto hoje versa sobre "zoologia + negócios". Aliás, a Espanha me remete a uma ironia: uma universidade espanhola convidou ostensivamente o "judeu Einstein", e ele aceitou. Parece-me uma *boutade* da história universal.

20 de abril. Uma nova oportunidade para festejos, um novo feriado: o aniversário de Hitler. A palavra *Volk* [povo] vem sendo empregada nos discursos e nos textos com a mesma naturalidade com que se coloca uma pitada de sal na comida. Tudo tem de levar uma pitada de "povo": *Volksfest* [festa popular]; *Volksgenosse* [concidadão, compatriota, conterrâneo]; *Volksgemeinschaft* [comunidade do povo]; *volksnah* [próximo do povo, popular]; *volksfremd* [estranho ao povo]; *volksentstammt* [provindo do povo]...

É lamentável o que ocorreu no Congresso de Médicos em Wiesbaden! Agradeceram a Hitler várias vezes, com muito entusiasmo, por ser o "salvador da Alemanha", "apesar de" a questão racial ainda não estar bem esclarecida e "apesar de" grandes descobertas terem sido realizadas por cientistas "estrangeiros", como Wassermann, Ehrlich e Neisser.[38] Em meu círculo mais próximo de *Rassegenossen* [concidadãos de raça], o mais lamentável é que muitas pessoas consideram esse duplo "apesar de" um ato de extrema coragem. Não, o pior é perder tanto tempo com essa loucura da diferença racial entre quem é semita e quem é ariano, deparar-se com esse apavorante obscurantismo que domina a Alemanha: quem é judeu? Isso me parece uma vitória pessoal do hitlerismo contra mim. Não quero lhes dar o gosto dessa vitória.

[38] August von Wassermann (1866-1925) e Albert Neisser (1855-1916), médicos judeus alemães que descobriram o tratamento para a gonorreia. Paul Ehrlich (1845-1915), também médico judeu alemão, ganhador do Prêmio Nobel de medicina em 1908.

17 de junho. Afinal, qual será a nacionalidade de Jan Kiepura?[39] Outro dia não permitiram um recital seu em Berlim, pois estaria sendo visto como o "judeu Kiepura". Depois, quando participou de um filme produzido pelo consórcio Hugenberg,[40] ele já era o "famoso tenor do Scala de Milão". Quando se assobiava em Praga a música *Heute Nacht oder nie*! [Esta noite ou nunca!], ele era o cantor alemão Kiepura. Muito tempo depois fiquei sabendo que, na verdade, era polonês...

9 de julho. Há poucas semanas Hugenberg renunciou e seu partido "se dissolveu". Desde então noto que, em vez do termo *nationale Erhebung* [levante nacional], diz-se agora *nationalsozialistische Revolution* [revolução nacional-socialista] e que Hitler, cada vez mais, vem sendo chamado *Volkskanzler* [chanceler do povo]. É comum ouvir falar em *totaler Staat* [Estado total].

28 de julho. Cerimônia junto ao túmulo dos "matadores de Rathenau".[41] Quanto desdém, quanta amoralidade, ou melhor, quanta moralidade do dominador prepotente está nesse substantivo que valoriza o crime como categoria profissional! Quanta segurança alguém deve sentir para se expressar desse modo!

Será que as pessoas se sentem seguras? Há muita histeria nas ações e nas palavras do governo. Seria preciso estudar alguma vez, de maneira muito especial, a histeria da linguagem.

---

[39] Tenor polonês (1902-1966).

[40] Paul Hugenberg (1865-1951), líder do Partido Nacional-Popular Alemão de 1928 a 1933. Magnata da imprensa e do cinema, ajudou Hitler financeiramente e foi nomeado ministro da Economia em 1933. Em junho desse ano, porém, foi demitido e seu partido se dissolveu.

[41] Walther Rathenau (1867-1922), industrial, economista, político e escritor. Assassinado por oficiais antissemitas pertencentes a uma organização de extrema direita.

Essa ameaça constante da pena de morte! Outro dia proibiram a circulação de todos os meios de transporte das 12:00h às 12:40h "para ver se encontravam, por toda a Alemanha, pacotes e material impresso dos inimigos do Estado". Trata-se de um medo meio direto e meio indireto. Quero dizer que esse truque para criar tensão, imitando filmes e romances sensacionalistas americanos, é um eficaz recurso de propaganda, mas também é fruto da insegurança. Só apela para esse tipo de propaganda quem precisa dela ou, simplesmente, tem medo.

Para que servem as matérias jornalísticas que contam repetidamente a vitória na luta pelo emprego na Prússia Oriental? A repetição parece ser a característica principal dessa linguagem. Ninguém deve notar que tudo é uma réplica da *battaglia del grano* [batalha do grão] dos fascistas. Mas até a pessoa mais tola percebe que nessas regiões o desemprego sempre cai na época da colheita. Essa queda, sazonal na Prússia Oriental, não quer dizer que o desemprego esteja diminuindo de modo geral e constante.

O sintoma mais agudo de insegurança é a atitude de Hitler. O documentário de ontem era um filme sonoro: o Führer pronuncia algumas frases diante de uma grande assembleia. Cerra o punho, contorce o rosto, sua fala lembra mais o urro de um animal, está mais para um acesso de cólera do que para um discurso. "Em 30 de janeiro eles riram de mim [é óbvio que se refere aos judeus]. Mas o riso haverá de deixar o seu rosto...!" Hitler aparenta ser o todo-poderoso, e talvez seja; nesse documentário, porém, a impotência de seu ódio aparece nos gestos e no timbre da voz. Alguém anunciaria assim, tão reiteradamente, um reinado milenar e a eliminação dos opositores, caso se sentisse seguro quanto à duração desse reinado e ao extermínio dos opositores? Saí do cinema vislumbrando alguma esperança.

22 de agosto. As mais diversas camadas sociais emitem sinais de que se cansam de Hitler. O professor iniciante Fl., um rapaz

esforçado, nada brilhante, me aborda na rua em trajes civis: "O senhor não estranhe se me vir com o uniforme dos *Stahlhelm*[42] [capacetes de aço] e com a braçadeira com a suástica. Sou obrigado, mas o fato de estar sendo coagido não vai mudar nada entre nós. *Stahlhelm* continuarão sendo *Stahlhelm*, sempre um pouco melhores do que as SA. É de nós, nacionalistas alemães, que virá a solução!" A sra. Krappmann, que está substituindo a nossa empregada, casada com um funcionário dos Correios, me disse: "Senhor professor, em 1º de outubro a Associação dos Funcionários dos Correios do setor A 19 será *gleichgeschaltet* [equiparada]. Mas os nazistas não terão acesso aos bens da Associação; será oferecida uma mesa de frios aos cavalheiros, seguida de uma mesa de café com bolos para as senhoras." Annemarie, usando como sempre um linguajar médico despojado, explica sem rodeios por que um colega usava a suástica em uma braçadeira: "O que podemos fazer? É como se fosse a flor que as senhoras usam na lapela."[43] E Kuske, o verdureiro, refere-se à mais nova oração noturna: "*Lieber Gott, mach mich stumm, daß ich nicht nach Hohnstein kumm*" [Meu Deus, me faça ficar mudo, para que eu nunca seja levado para Hohnstein]...[44] Será que estou me iludindo quando sinto esperança ao ouvir tudo isso? Esse desvario absoluto não pode perdurar! Quando a embriaguez do povo vai passar? Quando começará a ressaca do dia seguinte?

25 de agosto. Para que servem os sintomas do cansaço? Todos estão apavorados. Tinha sido combinado com Quelle & Meyer que meu ensaio "Uma visão alemã da França" seria publicado

---

[42] Organização dos veteranos da Primeira Guerra Mundial. A partir de 1933 seus membros foram incorporados às SS.

[43] Jogo de palavras entre *Armbinde* [braçadeira], *Cameliabinde* [camélia na lapela] e *Damenbinde* [absorvente higiênico].

[44] Nome de um dos campos de concentração.

inicialmente na *Revista Mensal de Filologia Moderna*, dirigida pelo professor Hubner, pedagogo trabalhador e moderado. Há algumas semanas ele me escreveu, muito aflito, perguntando se eu não concordaria em aguardar pelo menos até que novas orientações sejam definidas, pois *Betriebszellen* [células de empresa] (palavra estranha, que liga o orgânico ao mecânico — ah! essa nova língua!) estavam ocupando a editora; ele gostaria de manter essa revista especializada, mas os dirigentes políticos não davam valor a ela... Em vista disso, procurei a editora Diesterweg, para a qual o meu trabalho, redigido com objetividade e bem fundamentado, devia ser um ótimo presente. Foi recusado de pronto; disseram que o texto era "absolutamente retrógrado" e "não incluía pontos de vista *völkisch* [raciais]".[45] As possibilidades de publicação estavam bloqueadas — quando, então, vão "calar meu bico"? No verão, o fato de ter sido *Frontsoldat* [soldado do front] me protegeu, mas por quanto tempo ainda terei esse salvo-conduto?

28 de agosto. Não posso perder a coragem de jeito nenhum; o povo não vai ser conivente por muito tempo. Comenta-se que Hitler se apoiou especialmente na pequena burguesia, o que é verdade.

Participamos de uma "excursão sem destino". Dois ônibus lotados, cerca de oitenta pessoas do que se poderia chamar de pequena burguesia, muito entrosadas entre si, grupo homogêneo que não se detém em pensamentos sobre a classe operária nem em reflexões sobre a liberdade. Houve uma parada em Lübau para um café e para assistirmos a um número de cabaré preparado pelos organizadores, como é comum nesse tipo de passeio. O apresentador começa com uma patética

[45] O conceito nazista *völkisch* baseava-se na oposição entre "arianos" e "semitas". Embora formado pelo radical *Volk* [povo], tinha, pois, um sentido claramente racial.

poesia para o Führer, salvador da Alemanha, para a nova comunidade do povo etc. etc. Repete todo o rosário nazista. As pessoas ouvem quietas e apáticas, e no final, pela forma de aplaudir, percebe-se que não houve empatia. Em seguida o homem conta uma piada que se passava em um cabeleireiro. Uma senhora judia queria fazer permanente. "Lamento, minha senhora, mas não estou autorizado a fazê-lo." "O senhor não tem permissão?" "Impossível! Quando o boicote contra os judeus foi decretado, o Führer afirmou solenemente que não se pode fazer permanente nos cabelos de nenhum judeu na Alemanha. A ordem ainda está em vigor. A despeito de todas as atrocidades que se contam, não vamos tocar em um fio de cabelo de um judeu." Risos e aplausos durante muitos minutos. Não teria eu o direito de tirar conclusões? A piada e sua boa acolhida não seriam temas importantes para uma pesquisa de cunho sociológico e político?

19 de setembro. No cinema, cenas da convenção do partido em Nuremberg. Hitler abençoa os novos estandartes das SA, desfraldando a *Blutfahne* [bandeira de sangue] de 1923. Quando aparecem as bandeiras ouve-se o estrondo de um canhão. Se isso não é direção que mistura teatro e religião! Mesmo deixando de lado o exibicionismo teatral, o nome "bandeira de sangue", por si só, já é uma pândega. "Honrados irmãos, vejam: nós somos os mártires do sangue!" Com esta expressão, o nacional-socialismo passa da esfera política para a religiosa. A palavra mexe com as pessoas, que continuam entregues ao fervor religioso. Não se ouve qualquer barulho, nem espirro nem tosse, não se ouve o ruído de papel de embrulho sendo amassado. O congresso do partido é um assunto cultural, e o nacional-socialismo é uma religião — e eu estava tentando me convencer de que suas raízes são fracas e superficiais?

10 de outubro. O colega Robert Wilbrandt veio nos visitar. Perguntou se poderíamos receber um hóspede que o Estado con-

sidera perigoso. Ele fora demitido de repente. "Politicamente não confiável", eis a fórmula para o extermínio. Em Marburg recebera solidariedade do pacifista Gumbel,[46] e o caso fora relembrado agora. Além disso, escrevera um livrinho sobre Marx. Quer partir para o sul da Alemanha, esconder-se em algum lugarejo isolado para poder trabalhar... Ah, se eu também pudesse fazer isso! A tirania e a insegurança crescem dia a dia. Demissões dos colegas cientistas do círculo judaico. Olschki em Heidelberg, Friedmann em Leipzig, Spitzer em Marburg. Lerch, 100% ariano, em Münster, porque "vive em concubinato com uma judia".[47] Hatzfeld,[48] o louro de olhos azuis, católico fervoroso, perguntou-me, receoso, se eu ainda ocupo o meu cargo. Respondi perguntando por que ele estava preocupado, já que é 100% não semita. Ele me enviou a separata de um estudo em que, sob o seu nome, alguém escrevera: "Cordiais Saudações — 25%". O jargão do Terceiro Reich transita com tanta facilidade pelas revistas especializadas de filologia, assim como pela revista dos professores universitários, que cada página provoca ânsia de vômito: "A vassoura de ferro de Hitler", "Ciência em base nacional-socialista", "O espírito judaico", "Os novembristas", denominação pejorativa dada pela direita aos revolucionários de 1918.[49]

---

[46] Emil Julius Gumbel (1891-1966), professor alemão que publicou várias obras denunciando assassinatos políticos perpetrados pela direita radical ainda no período da República de Weimar.

[47] Leonardo Olschki, filólogo alemão. Wilhelm Friedmann, latinista nascido em Viena, que se suicidou no exílio em 1942. Leo Spitzer, latinista alemão que emigrou em 1933. Eugen Lerch, latinista alemão que na década de 1920 publicou, com Victor Klemperer, *Les Annales de philologie idéaliste*.

[48] Helmut Hatzfeld, latinista alemão que em 1925 publicou, com Victor Klemperer, *Die romanischen Literaturen von der Renaissance bis zur Gegenwart* [Literaturas latinas do Renascimento aos nossos dias].

[49] Referência à fracassada insurreição da Liga Espartaquista, de esquerda, liderada por Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht.

23 de outubro. Houve um desconto no meu salário, que chamaram de "auxílio voluntário de inverno"; não me consultaram para saber se eu concordava. Supõe-se que seja um novo imposto, do qual não podemos nos eximir, como os demais. O termo "voluntário" significa que se pode pagar um valor maior do que o estipulado, e mesmo esse "poder pagar mais", para muitos, já é uma imposição disfarçada. Mas, abstraindo-se esse adjetivo mentiroso, não seria o próprio substantivo uma forma de dissimular a coerção, uma solicitação, um apelo ao sentimento? Ajuda em vez de imposto: isso faz parte da *Volksgemeinschaft* [comunidade do povo]. O jargão do Terceiro Reich apela ao sentimentalismo, o que é sempre suspeito.

29 de outubro. De uma hora para outra, uma grande confusão. Foi decretada uma mudança no rumo da vida universitária: às terças à tarde não haverá aulas, pois nesse horário todos os estudantes praticarão *Wehrsport* [esportes militares]. Logo me deparo com o mesmo nome em uma caixa de cigarros da marca *Wehrsport*. Tudo meio encoberto, meio desvelado. O serviço militar obrigatório está proibido pelo Tratado de Versalhes, mas o esporte está autorizado. Oficialmente não fazemos nada proibido, só um "pouquinho". Fazemos assim uma pequena ameaça, estamos sempre com os punhos cerrados, mesmo que estejam escondidos nos bolsos. Será que algum dia descobrirei uma palavra verdadeiramente honesta nesse regime?

Ontem à noite Gusti W. esteve aqui em casa, na volta de Turö, onde passou quatro meses com a irmã Maria Strindberg[50] na casa de Karin Michaelis.[51] Parece que lá se formou um pequeno grupo de emigrantes comunistas. Gusti nos relatou coisas terríveis. Tidas como "atrocidades inventadas", só podem ser sussurradas em segredo no ouvido do outro. Falou

[50] Maria Lazar-Strindberg, escritora austríaca.

[51] Escritora dinamarquesa (1872-1950) que acolheu em sua casa muitos emigrantes alemães.

especialmente sobre a desgraça que atingiu Erich Mühsam,[52] agora sexagenário, enviado a um campo de concentração particularmente perverso. Poderíamos inverter o provérbio e dizer: o pior é amigo do ruim. Estou começando a considerar o governo Mussolini quase humano e europeu.

Pergunto-me se "emigrantes" e "campos de concentração" são palavras que caberiam em um dicionário da linguagem de Hitler. Emigrantes: designação internacional aos fugitivos da grande Revolução Francesa. Brandes[53] denominou um dos tomos de sua *História da literatura europeia* "Literatura dos Emigrantes". Depois houve os emigrantes da Revolução Russa. E agora o termo refere-se a um grupo de emigrantes alemães que está em um *Lager* [campo de concentração] na própria Alemanha! *Emigrantenmentalität* [mentalidade de emigrante] me faz indagar se no futuro essa expressão carregará consigo o mau cheiro da canalhice do Terceiro Reich. Campo de concentração, com certeza, há de ter. Ouvi essa expressão quando era menino. Naquele tempo, ela remetia ao exótico-colonial, não tendo nada a ver com a Alemanha. Durante a Guerra dos Bôeres falava-se muito dos *compounds*, ou campos de concentração, pois os ingleses colocavam neles os prisioneiros bôeres. A palavra desapareceu do linguajar alemão para então ressurgir de repente, descrevendo uma instituição alemã que se volta contra alemães em tempos de paz, em solo europeu. Não é uma medida temporária em período de guerra, contra inimigos. Parece-me que no futuro, quando se falar em "campo de concentração", a referência será, exclusivamente, à Alemanha de Hitler, somente à Alemanha de Hitler...

Por que me interesso cada vez mais pela filologia dessa tragédia? Será falta de sensibilidade ou pedantismo canhestro de

[52] Escritor alemão (1878-1934) assassinado no campo de concentração de Oranienburg.

[53] Georg Brandes (1842-1927), dinamarquês, importante historiador da literatura.

professor com mania de corrigir tudo? O que me diz a consciência? Não. É uma questão de autopreservação.

9 de novembro. Hoje, meu seminário sobre Corneille só atraiu dois participantes: Lore Isakowitz, com a identificação amarela dos judeus, e o estudante Hirschowicz, não ariano, filho de pai turco, com a identificação azul dos apátridas; os estudantes alemães "autênticos" têm identificação marrom. (Novamente a questão da delimitação: será que isso mostra a linguagem do Terceiro Reich?) Por que o número de meus ouvintes diminui de maneira tão drástica? O francês, como matéria optativa, deixou de ser apreciado pelos estudantes; consta como antipatriótico, ainda mais literatura francesa ministrada por um judeu! É necessário até mesmo um pouco de coragem para assistir às minhas aulas. Além disso, os alunos têm tido baixa presença em todos os cursos: estão muito ocupados com os "esportes militares", além de uma dezena de outras atividades. Justamente agora, nesses dias, todos estão sendo convocados para ajudar na propaganda eleitoral, para participar de desfiles e reuniões etc. etc.

Eis a maior festa carnavalesca organizada por Goebbels que já presenciei. Nem consigo imaginar que isso possa vir a se intensificar. Refiro-me ao plebiscito para a política do Führer e da *Einheitsliste* [lista única] para o *Reichstag* [parlamento]. Tudo me parece muito agressivo e atrapalhado para ser imaginável. Plebiscito: para quem conhece (e quem não conhece há de procurar explicação para saber do que se trata), plebiscito é uma palavra que remete a Napoleão III, e Hitler faria muito bem se não se aproximasse dele. E "lista única" demonstra claramente que o *Reichstag*, como parlamento, está com os dias contados. A propaganda, de modo geral, é um verdadeiro *Barnum*.[54] As pessoas usam um "sim" na lapela dos mantôs.

[54] Primeiro desfile de carros alegóricos em Nova York, cujo nome vem do pioneiro do circo, Phineas Taylor Barnum (1810-1891).

Quem não compra esses broches levanta a suspeita dos vendedores. Tanto abuso contra o povo deveria surtir um efeito contrário do pretendido...

Até aqui, na verdade, tenho me enganado sempre. Avalio como um intelectual, enquanto o senhor Goebbels tem a seu favor, de um lado, uma massa entorpecida e, de outro, pessoas cultas amedrontadas. Sobretudo porque ninguém acredita que o sigilo eleitoral seja preservado.

Ele já conseguiu uma grande vitória contra os judeus. No domingo aconteceu uma cena horrorosa aqui em casa com o casal K., que tivemos que convidar para um café. Fomos obrigados, pois o esnobismo da sra. K. nos dava nos nervos, a ambos. Ela não tem o menor senso crítico e repete tudo que ouve; mas o marido, apesar de se achar o sábio Nathan,[55] parecia-me razoavelmente consciencioso. Entretanto, no domingo ele vem e começa a dizer que votaria "sim" no plebiscito, com "dor no coração", assim como a Associação Central dos Cidadãos Judeus. Sua mulher acrescenta que o sistema de Weimar se revelou impossível, de modo que era necessário "manter o senso de realismo". Perdi o controle. Esmurrei a mesa com tanta força que as xícaras tilintaram. Interpelei o homem, diversas vezes, se não considerava criminosa a política desse governo. Mantendo a dignidade, ele disse que eu não estava autorizado a tratar dessa questão e ainda perguntou, com sarcasmo, por que eu permanecia em meu cargo. Respondi que não obtivera o cargo no governo Hitler e tampouco servia ao governo. O que mais desejava era sobreviver a ele. A sra. K. ainda reforçou que o Führer — ela disse efetivamente "o Führer" — era uma personalidade genial, que era impossível não reconhecer sua enorme eficiência... Hoje eu quase gostaria de me desculpar com o casal K. pela veemên-

[55] Personagem principal de *Nathan der Weise* [Natan, o sábio], de Lessing.

cia naquela tarde. De lá para cá, ouvi opiniões semelhantes vindas de todo tipo de judeus do nosso meio, até dos mais intelectualizados, pessoas ponderadas, que sabem pensar de maneira independente... Vivemos sob ofuscação.

10 de novembro, à noite. Ouvi o ponto alto da propaganda hoje à tarde pelo rádio de Dember (nosso físico judeu, já demitido, que realiza tratativas para obter um lugar de professor na Turquia). O próprio Goebbels conduziu a cerimônia com muita mestria. Primeiro, o barulho das sirenes soava como um uivo por toda a Alemanha; depois o minuto de silêncio, também em todo o país, coisas aprendidas da América e também nas comemorações de paz no final da Guerra Mundial.[56] Em seguida, sem grande originalidade (cf. a Itália) mas realizado com perfeição, vinha tudo que era necessário para criar uma moldura para o discurso de Hitler. Em uma fábrica Siemens, durante minutos, barulho ensurdecedor da empresa, marteladas, ruídos em geral, alvoroço retumbante, assobios e rangidos. Ouve-se então a sirene, o canto e o silenciar gradativo das rodas, que vão parando. Emergindo do silêncio, a voz grave de Goebbels anuncia a mensagem. Somente então surge Hitler, durante três quartos de hora. Foi a primeira vez que ouvi um discurso completo dele; minha opinião, no essencial, não mudou. Na maior parte a voz soava muito agitada, esganiçada, às vezes rouca. Só que dessa vez muitas passagens foram pronunciadas em tom de lamúria, como se ele fosse o pregador de uma seita. Prega a paz, elogia a paz, quer o "sim" da Alemanha, não por ambição pessoal, mas para poder preservar a paz, repelindo os ataques de uma cambada internacional de negocistas desenraizados que, em nome dos lucros, de maneira inescrupulosa, atiçam povos uns contra os outros, milhões de pessoas...

[56] Trata-se da Primeira Guerra Mundial.

Tudo isso, inclusive o estudado tom de voz, as interrupções calculadas para enfatizar ("os judeus!"), tudo eu já conhecia de longa data. Mas, a despeito do caráter repisado e da hipocrisia evidente, que até mesmo um surdo perceberia, o ritual tinha uma eficácia renovada por causa da originalidade de detalhes bem concebidos, que foi o que me marcou mais e me pareceu decisivo. Todos os meios de comunicação tinham anunciado: "Cerimônia das 13 às 14 horas. Na décima terceira hora Hitler comparecerá para encontrar os trabalhadores." Qualquer um compreende esse modelo: é a linguagem do Evangelho. O Senhor, o Salvador vem para os pobres e para os que perderam o rumo. A esperteza aparece até mesmo ao se fixar a hora — treze horas, não: décima terceira hora! Soa como muito tarde, mas ele realizará o milagre; para ele não existe tarde demais. "Bandeira de sangue na convenção do partido" — é a mesma linguagem. Dessa vez, porém, o acanhamento da cerimônia religiosa fica para trás, despe-se a velha roupagem. O imaginário cristão é transposto para o presente. Adolf Hitler, o salvador, aparece para os trabalhadores na *Siemensstadt* [cidade de Siemens].

14 de novembro. Por que critico K. S. e os outros? Ontem o governo anunciou a vitória: 93% para Hitler, 40 milhões de votos para o "sim", 2 milhões para o "não", 39 milhões para a famosa lista única do *Reichstag*, 3 milhões "inválidos". Fiquei perplexo, como todos. Eu poderia dizer para mim mesmo que o resultado fora forçado, que inexistia controle, que houve um misto de fraude e chantagem. Tudo isso devia estar por trás da notícia proveniente de Londres, onde se estranhava a vitória do "sim" até mesmo nos campos de concentração. Ainda assim, esse triunfo de Hitler me deixa pasmo até hoje.

Não consigo parar de pensar em uma travessia que fizemos há 25 anos de Bornholm a Copenhague. Naquela noite, um temporal e o enjoo dominaram o ambiente no barco. Na ma-

nhã seguinte estávamos sentados no tombadilho, tomando sol, na expectativa do café. Aí, na ponta de um longo banco, uma menininha se levanta, se debruça no convés e vomita. Passado um segundo, a mãe, que estava sentada ao lado, também se levanta e vomita. Logo a seguir o homem que estava sentado ao lado dela faz o mesmo. Depois um rapaz, e depois... um movimento contínuo e rápido prosseguiu ao longo de todo o banco. Ninguém conseguiu evitar o vômito. Em nossa extremidade do banco ainda estávamos a salvo. Observávamos com interesse o que estava acontecendo, achávamos engraçado, havia quem fizesse gracinhas, até que o vômito se aproximou, o riso silenciou e a corrida ao convés também começou do nosso lado. Eu analisava atentamente o que ocorria à minha volta e dentro de mim. Dizia a mim mesmo: existe uma observação objetiva, que conheço bem; tenho uma vontade firme e aguardo ansioso o café da manhã — nesse momento chega a minha vez na fileira, e a ânsia me pega da mesma forma que aos demais.

Reuni aqui o que anotei em meu diário, nos primeiros meses do nazismo, sobre a nova condição e a nova linguagem. Naquele tempo, o estado das coisas era incomparavelmente melhor do que o que veio depois. Eu ainda ocupava meu cargo, vivia em minha própria casa, era um observador ainda não molestado. Por outro lado, era uma pessoa pouco atuante, acreditava que vivia em um Estado de Direito e já considerava como o mais terrível dos infernos o que estava acontecendo. Mais tarde tudo me pareceu como se aquele tempo não passasse do preâmbulo, como o limbo de Dante. Porém, por mais grave que fosse a situação, tudo o que veio reforçar as convicções, as ações e a linguagem nazistas, tudo já podia ser entrevisto naqueles meses iniciais.

CAPÍTULO 6

AS TRÊS PRIMEIRAS PALAVRAS NAZISTAS

A primeiríssima palavra especificamente nazista — não pela forma, mas pela alteração do significado — que me atingiu como um golpe está associada à amargura da perda do primeiro amigo por culpa do Terceiro Reich. Nós e T. chegamos à Universidade Técnica de Dresden na mesma época, treze anos antes.[57] Eu como professor e ele como aluno principiante, quase uma criança prodígio. Crianças prodígio causam decepções com frequência. Ele, entretanto, dava a impressão de ter passado incólume por essa idade difícil. Oriundo da pequena burguesia e de família muito pobre, foi descoberto durante a guerra de forma um tanto novelesca. Um famoso professor estrangeiro pediu que lhe demonstrassem o funcionamento de uma máquina nova na bancada de testes de uma fábrica em Leipzig. Por causa da quantidade de homens convocados para o serviço militar, a fábrica contava com poucos engenheiros. O assistente de montagem, que estava sozinho e conhecia a máquina precariamente, deixou o professor irritado. Porém, meio escondido sob a máquina estava um aprendiz sujo de graxa, dotado de conhecimentos suficientes para dar as informações desejadas. Estava a par do assunto graças ao seu vasto interesse por tudo, mesmo por coisas que não lhe diziam respeito. Estudava sozinho à noite. Em seguida, o professor interveio em seu favor, e esse acontecimento fez com que sua extraordinária energia crescesse ainda mais. Pouco tempo depois, no mesmo dia, esse aluno do ensino fundamental passou no *Abitur*[58] e no exame para oficial de

[57] Ou seja, em 1920.

[58] Exame final do colegial na Alemanha, que equivale ao ingresso no ensino superior.

serralheria. Logo a seguir teve a oportunidade de ganhar a vida em uma profissão técnica sem abrir mão dos estudos. Seus dotes técnico-matemáticos se comprovaram rapidamente. Assumiu um cargo de alto nível ainda bem jovem, antes de ter obtido o diploma oficial de engenheiro.

Seu extraordinário empenho em aprender e sua capacidade de raciocínio o aproximaram de mim, pouco versado em questões técnico-matemáticas. Instalou-se em nossa casa, e de inquilino passou a filho adotivo. Um pouco por meiguice, um pouco a sério, chamava-nos de pai e mãe. Participávamos de sua formação. Ele se casou cedo, e a relação afetuosa que reinava entre nós quatro manteve-se intacta. Nunca imaginamos que alguma divergência política pudesse vir a perturbar o nosso relacionamento.

Eis que o nacional-socialismo irrompe na Saxônia e eu começo a perceber em T. os primeiros sintomas de uma mudança de mentalidade. Pergunto-lhe como pode nutrir simpatia por aquela gente.

— No fundo, a intenção deles não difere do pensamento dos socialistas. Eles também são um partido de trabalhadores.

— Você não percebe que eles querem a guerra?

— No máximo, uma guerra de libertação que será para o bem de todos, inclusive dos trabalhadores e das pessoas humildes...

Comecei a duvidar de sua capacidade de raciocínio e de seu poder de discernimento. Tentei chamar sua atenção de outra forma, para que ele pudesse refletir:

— Você morou em minha casa durante anos, conhece meu modo de pensar. Muitas vezes, disse que aprendeu muito conosco e que seus valores morais se assemelham aos nossos. Depois de tudo isso, como você pode estar de acordo com um partido que me rejeita por causa da minha origem, me impede de ser alemão e nega até mesmo minha condição humana?

— Você leva isso muito a sério, Baba. [No dialeto saxão, Baba, em vez de papai, servia para tornar a conversa mais

amena e mais íntima.] Esse barulho em torno dos judeus é só propaganda. Você vai ver, quando Hitler assumir o comando ele vai ter mais a fazer do que importunar os judeus...

A agitação nazista penetrara profundamente — deixara embaralhadas até mesmo as ideias do nosso filho adotivo. Algum tempo depois eu lhe perguntei sobre um rapaz que conhecia. Ele deu de ombros:

— Está na AEG, você sabe o que isso significa, não é? Não? *Alles Echte Germanen* [Todos Germanos Autênticos].

Ele sorriu e estranhou que eu não acompanhasse o sorriso.

Depois de um tempo sem vê-lo, ele telefona e nos convida para jantar em sua casa, logo em seguida à posse de Hitler.

— Como vão as coisas na fábrica? — perguntei.

— Tudo bem! Ontem foi um dia memorável. Havia uns comunistas descarados em Okrilla, de modo que promovemos uma *Strafexpedition* [expedição punitiva].

— O que vocês fizeram?

— Fizemos com que passassem por um corredor, onde os surrávamos com cassetetes de borracha. Além de um pouco de óleo de rícino... Nada de muito sangue, mas alcançamos o nosso objetivo. Tudo não passou de uma *Strafexpedition.*

Strafexpedition foi a primeira palavra que anotei como especificamente nazista. Foi a primeira da minha LTI e a derradeira que ouvi da boca de T. Desliguei o telefone sem sequer recusar o convite.

Strafexpedition condensava tudo que podia encarnar arrogância, violência e desprezo contra pessoas diferentes. Soava tão colonial que era possível visualizar uma aldeia africana e ouvir o estalido do chicote de couro de hipopótamo. Mais tarde, felizmente não para sempre, essa amarga recordação me fazia lembrar com certo consolo a expressão "um pouco de óleo de rícino". Para mim, a *Strafexpedition* imitava as práticas fascistas dos italianos, pois na época eu achava que o nazismo como um todo não passava de mera infecção italiana. Mas o consolo se desvanecia diante da verdade que se desve-

lava como a neblina da manhã se dissipa no ar: o pecado original e mortal do nazismo era alemão, não italiano.

A recordação dessa palavra nazista (ou fascista), *Strafexpedition*, teria esmaecido, como aconteceu para milhares de outras pessoas, se não estivesse associada a esse acontecimento pessoal, pois a expressão só circulou nos primeiros anos do nazismo. Quando o regime se firmou, ela logo se tornou obsoleta e caiu em desuso, da mesma forma que a bomba suplantou a flecha... As "expedições punitivas", semiprivadas e realizadas aos domingos por amadores, foram substituídas pela ação da polícia oficial. O óleo de rícino foi substituído pelo campo de concentração. E, seis anos após o início do Terceiro Reich, as "expedições punitivas" dentro da Alemanha foram substituídas pelo furor da Segunda Guerra Mundial, concebida por seus iniciadores como uma espécie de "expedição punitiva" contra povos menosprezados. Palavras desaparecem assim. Em contrapartida, outras, que designavam o polo oposto — *Du bist nichts, und ich bin alles!* [Tu não és nada e eu sou tudo!] —, ficam gravadas na memória sem a necessidade de lembrança pessoal. Elas permanecerão até o fim e serão mencionadas em todos os compêndios que forem escritos sobre a história da LTI.

A anotação linguística seguinte em meu diário é *Staatsakt* [ato de Estado, cerimônia oficial]. Goebbels dá início às "cerimônias oficiais". A primeira de uma série inumerável, na Igreja da Guarnição de Potsdam, foi em 21 de março de 1933.[59] (É intrigante a falta de senso de ridículo e de constrangimento dos nazistas; seria muito bom poder acreditar na sua inocência subjetiva!) Usaram o som do carrilhão dos sinos da guarnição — "Seja sempre fiel e leal!" — como vinheta para a Rá-

[59] Foi a cerimônia de instalação do primeiro parlamento do Terceiro Reich. Em 1871, nesse mesmo dia, Bismarck havia instalado o primeiro parlamento do Segundo Reich.

dio Berlim e escolheram a Krolloper, uma sala de teatro, como local para as reuniões de um Parlamento fictício, mera farsa.

É este o lugar apropriado na LTI para se empregar o verbo *aufziehen* [dar corda, atiçar, mecanizar, estimular em excesso, preparar]: a trama da "cerimônia oficial" era *aufgezogen* [preparada] seguindo sempre o mesmo modelo, que existia em duas versões: com caixão no centro e sem caixão. Mantinha-se a mesma suntuosidade das bandeiras, das paradas militares, das guirlandas, das fanfarras e dos coros, sempre inspirada no modelo de Mussolini. Durante a guerra, cada vez mais, o caixão passou a ser colocado no centro. Esse meio de propaganda já perdera a força de atração e a aura, mas recuperava a eficácia sempre que pairava no ar um cheiro de escândalo. Quando um general morria, em batalha ou em acidente, seu funeral seguia todas as pompas, enquanto as pessoas sussurravam que ele caíra em desgraça junto ao Führer e fora eliminado. O fato de surgirem boatos desse tipo, verdadeiros ou não, testemunha quanta verdade e quanta mentira se atribuía à LTI. A maior de todas, pelo menos nessa fase, foi a encenação do funeral do VI Exército e de seu marechal.[60] A ideia era tirar vantagem da derrota para incentivar o heroísmo futuro, atribuindo uma resistência fiel, até a morte, àqueles que se tinham deixado fazer prisioneiros para não serem trucidados em nome de uma causa absurda e criminosa. Plivier[61] consegue ridicularizar essas encenações das "cerimônias oficiais" no livro *Stalingrad*, obtendo um efeito satírico cheio de sensibilidade.

---

[60] Trata-se do marechal Friedrich von Paulus, comandante do VI Exército, que, cercado em Stalingrado, capitulou em 1943, quando ainda contava com 200 mil homens. Depois da capitulação, Goebbels proferiu um discurso fúnebre, como se von Paulus tivesse morrido. O marechal ficou preso na Rússia até 1953, quando foi libertado.

[61] Theodor Plivier (1897-1955), um dos escritores alemães que emigraram durante o período nazista e se fixaram na Alemanha Oriental no após-guerra. *Stalingrad* foi publicado em 1945.

Sob o ponto de vista meramente linguístico, a expressão *Staatsakt* possui dois significados. De um lado, indica e confirma um dado verídico: as honrarias conferidas pelo nacional-socialismo são homenagens do Estado, que abarcam a máxima do Absolutismo — *L'État c'est moi.*[62] Mas essa afirmação embute a pretensão de que a cerimônia pertence à história nacional e deve ser preservada viva na memória do povo. O significado "histórico" do *Staatsakt* é especialmente solene.

Aqui aparece a palavra que o nacional-socialismo usou do início ao fim da maneira mais pródiga. Ele se considerava tão importante, sentia-se tão seguro da perenidade de suas instituições — ou melhor, desejava mostrar aos outros que estava tão seguro — que qualquer insignificância que servisse aos propósitos do regime passava a ser um ato "histórico". Qualquer discurso que o Führer proferisse tornava-se "histórico", mesmo que ele repetisse cem vezes a mesma coisa. Qualquer encontro do Führer com o Duce era "histórico", mesmo que não mudasse nada. Eram "históricas" a vitória de um automóvel de corrida e a inauguração de uma estrada, de cada estrada e de cada trecho de cada estrada. "Histórica" era a festa de ação de graças por cada colheita, era cada reunião do Parlamento ou do partido. "Histórico" era cada feriado, fosse qual fosse o motivo. E, como o Terceiro Reich só conhecia feriados — pois ele sofria de uma letal falta de um cotidiano normal, da mesma forma que o corpo pode ficar mortalmente doente pelo pouco uso de sal —, ele considerava "históricos" todos os dias.

Em quantas manchetes de jornal, editoriais e discursos essa palavra foi aviltada! Será preciso poupá-la, para que se restabeleça do abuso de que foi vítima. Desnecessário advertir contra o emprego frequente do termo *Staatsakt*, já que não temos mais Estado [*Staat*].

---

[62] "O Estado sou eu", frase atribuída a Luís XIV, que a teria pronunciado em 13 de abril de 1655 como resposta a um pedido de que o Parlamento pudesse homologar as decisões do rei.

CAPÍTULO 7

AUFZIEHEN[63]

Eu dou corda [*aufziehen*] em um relógio, puxo [*aufziehen*] a corrente de um tear, aciono [*aufziehen*] a manivela de um brinquedo: em cada caso considera-se uma atividade mecânica exercida em relação a um objeto inanimado que não opõe resistência.

Partindo do brinquedo, de "dar corda" no pião ou no bichinho que abana a cabeça e anda, chega-se à expressão metafórica: dou corda em alguém, atiço uma pessoa, estimulo alguém a um papel grotesco. Ou seja, caçoo de alguém, coloco-o em uma situação ridícula, faço dele um personagem risível, uma marionete. Quando Bergson explica o sentido cômico de pessoas que passam a se comportar como autômatos, trata-se de um processo que se confirma pelo uso da linguagem.

Mesmo nesse sentido inofensivo, *aufziehen* é pejorativo. (Para o filólogo, qualquer significado que piora ou ridiculariza o sentido de um termo é pejorativo, como é o caso do imperador Augusto, o Sublime, que se torna Augusto, o Palhaço.)

Nos tempos modernos, *aufziehen* adquiriu um sentido especial. Pode louvar ou achincalhar. Em publicidade, diz-se que um cartaz é *gross aufgezogen* [exagerado]; reconhece-se assim a sua capacidade comercial e publicitária, mas ao mesmo tempo se alude à sua forma descomedida, enganosa, que não corresponde ao produto oferecido. Quando um crítico teatral escrevia que um autor tinha *gross aufgezogen* nessa ou naquela cena, o sentido do verbo era claramente pejorativo;

[63] Abrir puxando, atiçar, dar corda, educar, elevar-se, mecanizar, montar, provocar, zombar.

queria dizer que ele empregara meios para seduzir o público, mas não era um poeta honesto.

Bem no início do Terceiro Reich pareceu que a LTI queria assumir essa crítica metafórica. Os jornais nazistas valorizaram o gesto patriótico dos estudantes por terem agido de maneira correta ao destruírem o instituto *wissenschaftlich aufgezogen* [pretensamente científico] para pesquisas sexuais do professor Magnus Hirschfeld.[64] Como Hirschfeld era judeu, era óbvio que seu instituto jamais poderia ser considerado como verdadeiramente científico, mas só "pretensamente científico".

Poucos dias depois, no entanto, ficou claro que esse verbo, *per se*, não tinha mais nada de pejorativo. Em 30 de junho de 1933, Goebbels declarou na Escola Superior de Política que o Partido Nazista havia *aufgezogen* [montado] "uma organização gigantesca para milhões de pessoas, em que tudo estava incluído, desde teatro e jogos populares, até turismo esportivo, caminhadas e canto; ela seria sustentada pelo Estado com todos os meios necessários". *Aufziehen* passara a ser um verbo respeitado. Quando o governo, de maneira triunfal, prestou contas da propaganda que antecedeu a votação sobre a região do Saar,[65] falou de uma *gross aufgezogene Aktion* [ação conduzida em grande estilo]. Ninguém mais vê nessa expressão qualquer referência a propaganda. Em 1935 aparece na Alemanha um livro traduzido do inglês, *Autobiografia de Seiji*

[64] Magnus Hirschfeld (1868-1935), diretor do Instituto de Sexologia de Berlim, precursor da liberdade de opção sexual. Pesquisou a opção sexual entre operários e militares alemães, apresentando a estatística de 1,5% a 2% de homossexuais declarados no início do século XX. Defendeu a ideia de que a pessoa já nasce homossexual.

[65] Trata-se da região que, na França, é conhecida como Sarre. Foi disputada historicamente entre a Alemanha e a França, passando a ser governada pela Liga das Nações depois da Primeira Guerra Mundial. Em 1935, um plebiscito devolveu a região à Alemanha.

Noma, "rei do jornalismo" japonês, publicado por Holle & Co. Em determinado ponto o autor afirma com satisfação: "Agora me decidi a *aufziehen* [montar] uma organização modelar para formar futuros oradores."

O sentido mecânico desse verbo ficou obscurecido pelo fato de, em geral, ele ser usado para se referir a uma organização. Aqui aparece uma contradição da LTI. Ela valoriza tudo que é orgânico e se desenvolve de acordo com a natureza, mas ao mesmo tempo está atulhada de expressões mecânicas. Não percebe a ruptura de estilo e a indignidade expressas no termo *aufgezogene Organisation* [uma organização montada].[66]

"Resta saber se podemos responsabilizar os nazistas pelo emprego de *aufziehen*", disse-me F. certo dia. Trabalhávamos juntos no turno da noite no verão de 1943, no mesmo tambor para preparar a mistura dos chás alemães. O trabalho era muito puxado, especialmente no calor, pois tínhamos de manter o rosto e a cabeça cobertos, como se fôssemos cirurgiões, para nos proteger do terrível pó. Nos intervalos, tirávamos os óculos, a boina e o pano que protegia a boca. F. usava seu antigo barrete de juiz, pois fora membro do Tribunal da Justiça do Estado. Ficávamos sentados em um caixote, conversando sobre a psicologia dos povos ou analisando a situação da guerra. Como todos os demais moradores da *Judenhaus*, na ruela estreita que era a Sporergasse, onde vivíamos, ele também morreu na noite de 13 para 14 de fevereiro de 1945.[67]

Ele tinha certeza de que por volta de 1920 já ouvira e lera o termo *aufziehen* com um significado totalmente neutro, "junto com *plakatieren*".[68] Eu retruquei dizendo que não me lem-

---

[66] Nesse sentido, *aufziehen* significa "organizar". Ou seja, a expressão seria algo como "organizar uma organização"; *aufziehen* seria referente à natureza e organização, à mecânica.

[67] Data do grande bombardeio de Dresden pela aviação aliada.

[68] *Plakat* significa fixar cartaz, ou comunicar-se por meio de cartaz. O advérbio *plakativ* significa ostensivo.

brava do *aufziehen* daquele tempo, com significado neutro, e que a associação que ele fazia com fixar cartaz ou "comunicar-se por meio de cartaz", do verbo *plakatieren*, me evocava uma conotação pejorativa. Além disso, em qualquer reflexão desse tipo, por uma questão de princípio, não me parece importante verificar a primeira vez que uma palavra foi proferida com um certo conteúdo linguístico, pois isso seria impossível. Quando pensamos ter encontrado o primeiro caso, sempre aparecerá um anterior. Bastou F. pesquisar no Büchmann[69] a origem de *Übermensch* [super-homem] para constatar que o termo já existia na Antiguidade.

E eu mesmo encontrei recentemente no *Stechlin* do velho Fontane[70] a palavra *Untermensch* [sub-homem], da qual os nazistas tanto se orgulham, para poder subjugar judeus, comunistas e todas as categorias associadas à *Untermenschentum* [sub-humanidade]. Eles que se orgulhem, da mesma forma que Nietzsche pôde se orgulhar de seu *Übermensch*, apesar de ter sido antecedido por tantos autores ilustres. Pois um termo, uma conotação ou um valor linguístico só adquire vida dentro de uma língua, só existe, de fato, quando seu sentido consegue se inserir na linguagem de um grupo ou de uma coletividade, nela adquirindo identidade própria. Nesse sentido, sem dúvida *Übermensch* é uma criação de Nietzsche, enquanto *Untermensch* e *aufziehen*, neutros e sem sarcasmo, devem ser creditados na conta do Terceiro Reich. Será que sua vida útil se encerrará juntamente com o período de vida do nazismo?

Eu me empenho para isso, mas mantenho uma dose de ceticismo.

---

[69] Autor de *Máximas*, um conjunto de citações com os respectivos autores. A edição de 1907 foi dedicada a Guilherme II.

[70] Theodor Fontane (1819-1898). O seu romance *Der Stechlin* foi publicado postumamente, em 1899.

Em janeiro de 1946, escrevi esta nota: No dia seguinte, a União Cultural de Dresden[71] se reuniu. Entre os participantes havia uma dúzia de pessoas que, escolhidas por seu nível cultural, deveriam servir de exemplo. O assunto em pauta era a organização de uma dessas semanas culturais que vêm sendo realizadas em muitos lugares, e em especial a preparação de uma exposição artística. Um dos senhores disse que alguns dos quadros doados em nome da *Volkssolidarität* [solidariedade do povo], e que deveriam constar da exposição, tinham baixo valor artístico. Ao que logo contestaram: "Impossível! Quando fazemos uma exposição de arte aqui em Dresden, temos de fazê-la *gross aufgezogen*."

[71] *Dresdner Kulturbund*: liga cultural para a renovação democrática em Dresden. A cidade ficou na antiga Alemanha Oriental entre o fim da Segunda Guerra Mundial e a Reunificação da Alemanha.

CAPÍTULO 8

DEZ ANOS DE FASCISMO

Convite do Consulado Italiano em Dresden para assistirmos à projeção de *Dez anos de fascismo* no domingo de manhã, 23 de outubro de 1932, um *film sonoro* (dizem assim, pois ainda existem filmes mudos).

(Cabe abrir um parêntese, pois nessa época o termo já estava germanizado: escrevia-se *Faschismus* com *sch* em vez de *sc*. Quatorze anos depois, perguntei a um aluno, durante a prova do *Abitur*,[72] em uma escola de ciências humanas, o significado da palavra. Ele respondeu sem titubear: "Vem de *fax*, *die Fackel* [tocha]."[73] Era um rapaz inteligente, devia ter sido membro da juventude hitlerista e com certeza coleciona selos. Conhece o emblema do fascismo italiano, que aparece nos selos da época de Mussolini: um feixe de varas com um machado no meio, que os lictores carregavam à frente de certos magistrados romanos. De mais a mais, ele já devia ter encontrado essa palavra em seus tantos anos de latim. Mas não conhecia o significado da palavra "fascismo". Os colegas ajudaram-no: "Vem de '*fascis*' [feixe]". Quantos outros devem desconhecer o verdadeiro significado dessa palavra, se um estudante de ensino médio, educado no sistema nazista, não o conhece?... O tempo todo, de todos os lados, sou acometido pela mesma

[72] Conforme explicado na nota 58, trata-se do exame final do colegial na Alemanha.

[73] O aluno inexperiente confunde o latim *fax/facis* (a tocha, em alemão *die Fackel*) com *fascis* (o feixe) e especialmente com *fasces* (os feixes de vergas de onde emergia o ferro de um machado que os condutores levavam na frente dos altos magistrados de Roma), termo que foi introduzido no alemão (*die Faszes*). Os *fasci* (feixes de combate) foram criados por Mussolini em 1919.

dúvida: será que se pode afirmar com segurança alguma coisa sobre o saber e o pensar, sobre o estado de alma e de espírito de um povo?)

É a primeira vez que ouço e vejo o Duce falar. O filme é uma obra-prima. Mussolini discursa do alto do balcão do palácio de Nápoles para a multidão espalhada no chão; imagens do povo e grandes imagens do orador se alternam, apresentando as palavras de Mussolini e a aclamação da multidão à qual se dirige. Pode-se ver como o Duce, relaxando depois de cada pequena pausa, volta a dar à face e ao corpo uma expressão de energia máxima e de tensão. A exaltação do pregador aparece no tom de voz de ritual eclesiástico, lançando frases curtas, como fragmentos litúrgicos, diante das quais obtém reações emocionadas de todos, sem qualquer esforço mental, mesmo que não captem o sentido das palavras, ou justamente por não terem capacidade para captá-lo.

A boca é gigantesca. De vez em quando faz gestos tipicamente italianos com os dedos. A massa, exultante, grita entusiasmada. Assobia de maneira alvoroçada, especialmente quando o nome de algum inimigo é mencionado. Repete o gesto da saudação fascista, o braço estendido para o alto.

Mas tudo isso já vimos e ouvimos milhares de vezes, com pequenas diferenças aqui e acolá, em gravações do congresso do partido em Nuremberg ou no Jardim Lustgarten de Berlim, ou ainda na Feldherrnhalle de Munique etc. O filme sobre Mussolini nos parece uma situação corriqueira.

Führer é a tradução alemã de Duce, a camisa marrom é uma variação da camisa negra italiana, a saudação alemã é uma imitação da saudação fascista. Da mesma forma que todas as demais cenas do filme, a própria cena do discurso do Führer diante do povo reunido copia o modelo de propaganda italiano. Em ambos os casos a intenção é aproximar o chefe e o povo — o povo todo, não somente seus representantes.

Retrocedendo nessa linha de raciocínio, é preciso fazer uma parada inevitável em Rousseau, em especial no *Contrato social.* Redigindo como cidadão de Genebra e defrontando-se com o exemplo dessa cidade-Estado, sua reflexão restitui a política à forma antiga e a mantém nos limites da urbe. Não é voz corrente que a política é a arte de governar a pólis, a cidade? Para Rousseau, o estadista é a pessoa que discursa para o povo, para as pessoas reunidas no mercado. Para ele, competições esportivas e artísticas, das quais o povo participa, são instituições políticas e meios de propaganda. Esta foi a grande ideia da Rússia soviética — graças às novas invenções tecnológicas, como o rádio e o cinema —, que expandiu o método dos antigos e de Rousseau a um espaço ilimitado e permitiu que o estadista, também governante, se dirigisse "a todos", realmente a cada um, mesmo que esses "todos" sejam milhões de pessoas separadas por milhares de quilômetros. O discurso, uma das ferramentas e compromissos do estadista, reconquistou ou até ampliou o *status* que tinha em Atenas, pois agora o orador, em vez de se dirigir somente a Atenas, dirige-se a um país inteiro, e na verdade a muito mais do que um só país.

Agora, o discurso ocupa uma posição mais importante, e sua essência mudou. Dirigido a todos, não apenas a representantes do povo, precisa ser compreensível a todos, isto é, precisa ser mais popular. O que é mais popular é mais concreto. Quanto mais o discurso se dirige aos sentimentos, quanto menos se dirige ao intelecto, mais popular ele é. Quando deliberadamente começa a deixar de lado a inteligência, entorpecendo-a, ultrapassa a fronteira e se transforma em demagogia ou sedução.

Em certo sentido, pode-se considerar que a praça em que o discurso é proferido, o salão ou a arena de onde se fala à multidão, locais sempre decorados com estandartes e bandeirolas, são parte do discurso ou até mesmo o próprio corpo do discurso que é inserido ou encenado dentro desse quadro.

Todo ele é uma obra de arte que deve ser vista tanto quanto ouvida. A audição é duplicada, pois os brados do público, os aplausos e os protestos atingem intensa e energicamente cada ouvinte, são no mínimo tão fortes quanto o discurso em si. A encenação, por sua vez, também influencia o tom das palavras e lhes proporciona um colorido mais vivo.

O filme sonoro transmite integralmente essa obra de arte total. O rádio substitui o espetáculo visual por uma apresentação que corresponde ao antigo relato do mensageiro, mas reproduz com fidelidade e eficácia a resposta *spontan* [espontânea] da massa, excitada pelo duplo efeito sonoro. (*Spontan* é uma das palavras prediletas da LTI; ainda falaremos mais sobre ela.)

Na língua alemã, a partir das palavras *Rede* [discurso] e *reden* [falar] pode-se formar o adjetivo *rednerisch* [discursador, eloquente], que não tem boa fama. Discursar é sempre uma atividade suspeita, uma daquelas em que alguém "quer tirar vantagem". Poderíamos quase falar de uma aversão congênita dos alemães ao orador.

As línguas latinas, em contrapartida, são muito cautelosas com essa questão; valorizam o orador e distinguem cuidadosamente a oratória e a retórica. Para essas línguas, o *Orator* [orador] é o homem honesto que se empenha em convencer as pessoas com a clareza da palavra, dirigindo-se aos corações e às mentes dos ouvintes. A oratória é um elogio que os franceses fazem a um Bossuet ou a um Corneille, grandes clássicos do púlpito e do teatro. A língua alemã também teve oradores desse porte, como Martinho Lutero e Schiller. O Ocidente encontrou um adjetivo especial para o orador de gênero declamatório e duvidoso: "retórico". Ele nos remete à sofística da Grécia Antiga e à época de sua decadência, pois elabora frases capciosas, feitas com intenção de enganar.[74]

[74] Daí vem o termo sofisticar.

Será Mussolini um *Orator* ou um *Rhetor* [retórico] de seu povo? É certo que se aproxima mais daqueles que usam a retórica do que do orador. No decorrer de sua funesta evolução, decaiu por completo para o gênero da retórica. Mas algumas palavras que ao ouvido alemão soam como de um *rednerisch* na língua italiana soam como normais, pois passam pela tintura da eloquência. Na festa de aniversário do fascismo, a arenga era *Popolo di Napoli!* Povo de Nápoles! Para o ouvinte alemão soaria como arcaico e enfático. Mas eis que me lembrei de uma propaganda que um distribuidor de folhetos em Scanno pôs em minhas mãos pouco antes da Primeira Guerra Mundial. Scanno é um lugarejo que fica nos Abrúzios. Seus habitantes se orgulham da força física e da ousadia. Uma loja recém-inaugurada fazia propaganda, e o discurso apregoava: *Forte e gentile popolazione di Scanno!* Forte e nobre população de Scanno! Comparada a isso, com que singeleza soava a alocução do Duce ao dizer: *Popolo di Napoli!*

Quatro meses após ter escutado a voz de Mussolini, ouvi pela primeira vez a voz de Hitler. (Nunca o vi, nunca o vi falar ao vivo, pois isso era proibido aos judeus; no início ouvi sua voz algumas vezes no cinema falado, mas depois que também fui proibido de ir ao cinema, assim como de ter um rádio, passei a ouvir seus discursos, ou fragmentos deles, pelos alto-falantes instalados nas ruas e na fábrica.) Em 30 de janeiro de 1933 ele se tornou chanceler, em 5 de março deveriam ocorrer eleições que o confirmariam no cargo e lhe assegurariam um parlamento dócil. Os preparativos para as eleições foram conduzidos em grande escala, incluindo o incêndio do Parlamento, o que também não deixou de ser LTI. Não havia qualquer dúvida sobre o sucesso de Hitler; ele falou diretamente de Königsberg demonstrando certeza da vitória. Comparei o discurso de Mussolini em Nápoles com o de Hitler, apesar da invisibilidade deste, que estava longe. Diante da fachada iluminada do hotel da estação principal de Dresden, de

onde um alto-falante transmitia o discurso, uma multidão delirante se apertava. Os balcões estavam ocupados por homens das SA, de pé, segurando grandes bandeiras com a suástica. Da Praça Bismarck vinha um cortejo empunhando archotes. Só consegui captar fragmentos do discurso, na verdade mais vozeio do que frases. Não obstante, naquela época eu já tinha exatamente a mesma impressão que me acompanhou até o fim. Que diferença havia em relação ao modelo de Mussolini!

Era visível o esforço físico que o Duce fazia para imprimir energia às frases, o empenho para manter a massa aos seus pés, mas em sua língua materna ele se expressava livremente, a ela se entregava, apesar do desejo de dominar. Mesmo tropeçando entre a oratória e a retórica, o Duce permanecia um orador, sem contorções nem convulsões. Hitler queria sempre aparecer, ou como bajulador ou cheio de sarcasmo — dois registros pelos quais gostava de transitar. Hitler falava, ou melhor, gritava em convulsões. Até mesmo no máximo da exaltação é possível manter certa dignidade e algum bem-estar interior, um sentimento de autoconfiança e de estar em harmonia consigo mesmo e com os demais. Esses aspectos faltavam a Hitler, que desde o começo era um retórico consciente, retórico por princípio. Não se sentia seguro nem mesmo em uma situação de triunfo, fustigava com seu linguajar os adversários e as ideias contrárias. Não tinha compostura, sua voz não possuía musicalidade, o ritmo de suas frases açoitava a si mesmo e aos demais. Sua trajetória, pelo menos durante os anos de guerra, transitou de agente provocador a vítima de provocações, de fanático convulsivo a alguém que ia às raias do desespero, demonstrando uma raiva impotente. Nunca fui capaz de compreender como conseguiu conquistar as massas, cativá-las e mantê-las presas sob seu jugo por tanto tempo com uma voz desafinada e esganiçada, com frases mal cons-

truídas na sintaxe alemã, empregando uma retórica claramente contrária ao caráter da língua alemã.

Por mais que se acredite no efeito continuado de uma sugestão lançada na mente das pessoas e na eficácia de uma tirania sem escrúpulos e de um medo aterrorizante — *Eh ick mir hängen lasse, jloob ick an den Sieg* [Antes que me enforquem, prefiro acreditar na vitória], costumavam zombar os berlinenses nessa época —, permanece de pé o fato assombroso de que essa sugestão conseguiu impor-se e conservar-se atuante na cabeça de milhões até o último momento, apesar dos horrores.

No Natal de 1944 eu conversava com um companheiro de infortúnio sobre o ambiente que reinava no país. A última ofensiva alemã no *front* ocidental fracassara, e não havia mais dúvida de que a guerra estava perdida. Os trabalhadores com que eu cruzava no caminho para a fábrica e para casa me sussurravam, às vezes nem tão baixinho assim: "Cabeça erguida, camarada! Não há de demorar muito mais..." O companheiro de infortúnio era um comerciante de Munique. Pelo perfil, era muito mais um morador de Munique do que um judeu: sensato, cético, desprovido de qualquer romantismo. Contei-lhe a respeito das frequentes palavras de consolo que eu recebia. Com ele acontecia o mesmo, disse-me, mas não dava importância a isso. Em sua opinião, a multidão continuava fazendo as mesmas juras pelo Führer.

— Mesmo que aqui entre nós haja uns poucos opositores, quando ele fizer um discurso, todos vão apoiá-lo de novo, todos! No início eu o escutei falar diversas vezes em Munique, quando no norte da Alemanha ninguém o conhecia. Ninguém se opunha a ele. Nem mesmo eu. Não dá para se contrapor a ele.

Eu perguntei a Stühler onde Hitler teria encontrado essa forma tão cativante de ser. Respondeu sem titubear:

— Não sei, mas basta Hitler destilar um de seus discursos carismáticos e toda a população estará de novo em suas mãos. Não há como se contrapor a ele.

Em abril de 1945 o mais cego dos cegos sabia que tudo estava perdido. Na aldeia na Baviera, para onde tínhamos conseguido fugir, todos rogavam pragas contra Hitler, e a corrente desordenada dos soldados em fuga não tinha fim. Porém, sempre aparecia alguém entre essas pessoas cansadas de guerra, decepcionadas e amarguradas que, mesmo assim, com os olhos arregalados e os lábios cheios de fé, assegurava que em 20 de abril, aniversário de Hitler, aconteceria "a grande virada", a grande ofensiva da vitória alemã. O Führer tinha dito, e o Führer não mentia. Acreditava-se mais nele do que em propostas ajuizadas.

Como se pode explicar esse milagre? Existe uma explicação psiquiátrica bastante difundida, com a qual estou de acordo, mas quero completá-la com outra, de caráter filológico.

Naquela noite do discurso do Führer em Königsberg, um colega que já tinha visto e ouvido Hitler diversas vezes disse-me que ele terminaria em uma espécie de insanidade religiosa. Também creio que ele desejava tornar-se o novo salvador do povo alemão. Havia nele o conflito permanente entre a exaltação megalômana de um César e a mania persecutória, estados patológicos que se reforçavam mutuamente. Essa doença infectou o corpo do povo alemão, enfraquecido e psiquicamente destruído pela Primeira Guerra Mundial.

Falando como filólogo, acredito que o efeito da retórica desavergonhada de Hitler foi tão avassalador justamente porque atingiu uma língua que até então fora poupada dessa retórica, a qual se disseminou com a virulência de uma epidemia desconhecida. Na essência, ela era tão pouco alemã quanto o braço estendido e o uniforme fascista — substituir a camisa preta pela marrom não é uma invenção muito origi-

nal —, bem como a decoração e os adornos das manifestações populares.

Mesmo assim, o que o nazismo absorveu dos dez anos de fascismo que o precederam, ainda que tenha sido causado por corpos estranhos, não se compara à ignóbil intoxicação especificamente nazista: o nazismo tornou-se uma doença especificamente alemã, uma degeneração virulenta da carne alemã. Reinfectado a partir da própria Alemanha, o fascismo — certamente criminoso, mas não tão bestial — sucumbiu junto com o nazismo.

CAPÍTULO 9

FANÁTICO

Quando eu era estudante, fiquei irritado com um anglicista porque ele contou quantas vezes na obra de Shakespeare se ouve bater tambores, soprar flautas e tocar outros tipos de música guerreira. Incapaz de entendê-lo, eu o qualifiquei de pedante... Mas em meus diários do período nazista, em 1940, escrevi: "Tema para seminário — mandar pesquisar quantas vezes os termos *fanatisch* [fanático] e *Fanatismus* [fanatismo] aparecem em comunicações oficiais e quantas vezes em publicações não diretamente ligadas à política, como por exemplo os novos romances alemães ou traduzidos de línguas estrangeiras." Três anos depois, repassando esse trecho, eis que me deparo com um "Impossível! A palavra 'fanático' aparece uma quantidade absurda de vezes, mais do que 'os sons de uma harpa' ou 'a areia do mar'. Entretanto, mais importante do que sua frequência foi a mudança em seu sentido. Já escrevi uma vez sobre isso em meu estudo sobre o século XVIII,[75] quando citei um trecho bastante curioso de Rousseau, provavelmente um dos menos conhecidos. Se ao menos este manuscrito conseguisse sobreviver..."

Ele sobreviveu. Ei-lo.

Os iluministas sempre recriminaram os termos *fanatique* [fanático] e *fanatisme* [fanatismo] por uma dupla razão. A raiz de "fanático" vem de *fanum*, santuário, templo. No início, o termo significava pessoa em estado de êxtase, em êxtase religioso. Ora, os iluministas lutavam contra tudo que pudesse perturbar a capacidade de pensar. Sendo inimigos da Igreja,

---

[75] Klemperer escreveu *História da literatura francesa do século XVIII* em dois tomos, publicados em 1954 e em 1966.

combatiam com rigor todo tipo de superstição religiosa. Para eles, o fanático é, por excelência, inimigo dos racionalistas. Ravaillac,[76] por exemplo, é o protótipo do *fanatique*, pois assassinou o bom rei Henrique IV por fanatismo religioso. Quando, por sua vez, os adversários denunciam o fanatismo dos próprios iluministas, eles contestam, argumentando que seu zelo é apenas uma batalha contra os inimigos da razão, na qual usam os meios que a razão fornece. Onde quer que o pensamento iluminista penetre, sempre haverá um sentimento de crítica e aversão contra o fanatismo.

Como os outros iluministas, seus "companheiros de partido", como os "filósofos" e os "enciclopedistas", antes que ele começasse a odiá-los e se tornasse um cavaleiro solitário, Rousseau também usara o termo fanatismo com conotação pejorativa. Na profissão de fé do vigário de Savoia, em que Cristo aparece entre os zelotes judeus, consta a inscrição: "Do centro do fanatismo mais enfurecido emerge a voz da sabedoria máxima."[77] Mas, logo a seguir, quando o vigário, como porta-voz de Jean-Jacques, se opõe à intolerância dos enciclopedistas, de forma quase mais violenta do que contra a intolerância da própria Igreja, lê-se uma longa anotação: "Bayle[78] conseguiu provar muito bem que o fanatismo é mais pernicioso que o ateísmo, fato inconteste. Mas ele guardou para si uma verdade não menos importante: o fanatismo, mesmo que sanguinário e cruel, é uma paixão intensa e forte, que inflama os corações das pessoas, capacitando-as a desprezar a morte, mas também lhes confere muita vitalidade. Quando bem guiado, é possível extrair dele as mais sublimes virtudes. Por outro lado, o ateísmo e todo o afã iluminista, com suas suti-

---

[76] François Ravaillac assassinou o rei Henrique IV, da França, em 14 de maio de 1610, e por isso foi executado poucos dias depois.

[77] Da obra de J. J. Rousseau, *Emílio, ou sobre a educação.*

[78] Pierre Bayle (1647-1706), filósofo francês, filho de um pastor huguenote, combatia todo tipo de dogmatismo na filosofia.

lezas, levam em geral ao apego à vida, ao acovardamento, à mesquinhez, canalizando paixões para servir a interesses particulares prosaicos, ao egoísmo condenável, aniquilando subrepticiamente as verdadeiras bases de qualquer sociedade."[79]

Aqui já aparece a transformação do fanatismo em virtude. Mas, a despeito da fama internacional de Rousseau, essa transformação não surtiu efeito nenhum. Permaneceu escondida nessa anotação. O que o romantismo ganhou de Rousseau foi a glorificação, não do fanatismo, mas da paixão, em todos os seus aspectos e em relação a qualquer causa. Em Paris, perto do Louvre, há um pequeno e gracioso monumento: um tamborileiro ainda jovem irrompe esquina afora, representando o entusiasmo da Revolução Francesa e do século seguinte. Seu toque é para chamar as tropas, despertar os ânimos. Mas somente em 1932 a figura distorcida de seu irmão, o fanatismo, cruza o Portão de Brandemburgo. Apesar daquele elogio discreto, o fanatismo permanecerá até então uma qualidade mal vista, algo a meio caminho entre crime e doença.

A língua alemã não possui um termo equivalente e apropriado para *Fanatismus*, palavra estrangeira, nem mesmo quando liberada do sentido original, restrito ao campo do ritual. O verbo *eifern* [sentir fervor] é mais inofensivo. Imagina-se mais facilmente um *Eiferer* como um pregador arrebatado do que como alguém disposto a manifestar-se com violência. *Besessenheit* [obsessão] denota mais um estado doentio, que merece pena, sendo passível de ser desculpado, do que alguém que promova ações que constituam risco público. O som de *Schwärmer* [entusiasta] é claro e límpido. É sabido que Lessing, em sua luta por clareza, foi conhecido pelo entusiasmo. Mas, para ele, deve-se desconfiar até mesmo do *Schwärmer*. Em *Natan, o Sábio*[80] ele escreve: "Não o entregues

[79] Nova citação de J. J. Rousseau, *Emílio, ou sobre a educação.*
[80] *Natan, der Weise* [Natan, o Sábio], de G. E. Lessing.

à plebe entusiasta." Indaguemos o seguinte: se invertêssemos os epítetos de algumas combinações desgastadas, como *Düsterer Fanatiker* [fanático sombrio] ou *liebenswürdiger Schwärmer* [entusiasta amável], haveria a possibilidade de se falar de um "entusiasta sombrio" e de um "fanático amável"? A recusa viria da própria sensibilidade linguística. Um *Schwärmer* não é um teimoso obstinado; ao contrário, prefere soltar-se da terra firme, não enxergar as condições reais e dirigir a atenção aos céus. Felipe II, rei da Espanha, profundamente comovido, vê em Posa[81] um *sonderbarer Schwärmer* [pessoa especialmente entusiasta].

Não há como traduzir nem como substituir a palavra "fanático" na língua alemã. Quando usada como juízo de valor, é sempre vista com forte carga negativa, com conotação de ameaça e repulsa. Ocasionalmente, quando lemos o necrológio de um pesquisador ou um artista apontando que ele fora o estereótipo do fanático em sua ciência ou sua arte, esse elogio traz consigo a percepção de que se tratava de uma pessoa inacessível, voltada somente para si. Antes do Terceiro Reich ninguém poderia ter pensado em valorizar positivamente o termo "fanático". E a conotação negativa está associada de forma tão indelével à palavra que a própria LTI, vez por outra, a usa com sentido negativo. Em *Mein Kampf*, Hitler fala com desdém dos *Objektivitätsfanatiker* [fanáticos da objetividade]. No período áureo do Terceiro Reich surgiu uma monografia enaltecedora, escrita por Erich Gritzbach,[82] chamada *Hermann Göring, obra e personalidade*, totalmente alinhada aos clichês da linguagem nazista, na qual constava que

[81] Marquês R. de Posa, personagem do drama *Don Carlos* (1787), de Schiller. Ele representa os valores humanitários e do desinteresse. Felipe II procura em vão ganhar a sua confiança.

[82] Conselheiro do líder nazista Hermann Göring (1893-1946), que foi comandante da Força Aérea e, por muito tempo, o segundo homem na hierarquia do Terceiro Reich.

a mais indigna das heresias, o comunismo, provou ser capaz de educar o povo para que ele se tornasse mais fanático. Esse caso é um deslize quase cômico, uma impossível recaída no emprego da linguagem de outrora. Aconteceu, em casos isolados, até com o próprio mestre da LTI. Em dezembro de 1944, certamente tendo como modelo o pronunciamento de Hitler, Goebbels ainda fala no “fanatismo confuso de alguns alemães incorrigíveis”.

Eu chamo isso de estranha recaída, já que o nacional-socialismo se baseou no fanatismo e seu sistema de educação usou todos os meios possíveis para treinar para o fanatismo. Durante todo o Terceiro Reich essa palavra foi muito reconhecida. Tratava-se de supervalorizar conceitos como valentia, dedicação, abnegação, tenacidade ou, mais precisamente, fazer um enunciado global que associava de maneira gloriosa todas essas virtudes. Qualquer conotação pejorativa, mesmo a mais discreta, desaparecia no uso corrente que a LTI fazia dessa palavra. Em datas solenes, como nos aniversários de Hitler ou da tomada do poder, em qualquer artigo de jornal, em qualquer mensagem de congratulações, em qualquer manifestação a alguma tropa ou alguma organização, estava sempre presente um *fanatisches Gelöbnis* [elogio fanático], ou um *fanatisches Bekenntnis* [reconhecimento fanático] para testemunhar a *fanatischen Glauben an die ewige Dauer des Hitlerreiches* [fé fanática na duração eterna do Reich de Hitler]. Isso durante a guerra, quando não se podia mais disfarçar as derrotas! Quanto mais tenebrosa ficou a situação, tanto mais se falava em *fanatischen Glauben an dem Endsieg* [fé fanática na vitória final], no Führer, no povo ou no fanatismo do povo, como se a virtude da fé fosse essencialmente alemã.

O termo foi usado mais intensamente nos jornais após o atentado contra Hitler, em 20 de julho de 1944. Constou literalmente em cada um dos inúmeros votos de fidelidade ao Führer.

Essa frequência da palavra no domínio da política a projetou para outras áreas, graças aos escritores ou à conversa diária. Onde antes se dizia ou escrevia *leidenschaftlich* [apaixonado], passou-se a dizer "fanático". Para que isso acontecesse foi necessário submeter o conceito a um certo enfraquecimento, uma espécie de banalização, uma perda de dignidade. Na citada monografia sobre Göring, o marechal do Reich é celebrado, entre outras coisas, como "amigo fanático dos animais" (nesse caso, a conotação crítica inerente à expressão "artista fanático" deixa de existir, pois Göring é apresentado repetidamente como a pessoa mais afável e mais sociável que se possa imaginar).

Resta saber se o enfraquecimento do conceito implicou também uma perda de virulência. Seria possível afirmar isso com a justificativa de que o termo "fanático" estava assumindo um novo sentido, passando a significar uma feliz mescla de coragem e entrega apaixonada. Mas não é esse o caso. *Sprache, die für dich dichtet und denkt* [Língua que poetiza e pensa por ti], *Gift, das du unbewusst eintrinkst und das seine Wirkung tut* [Veneno que bebes sem perceber e que age sobre ti] — por mais que se repitam essas frases infinitas vezes, nunca terá sido o suficiente.

Entretanto, para a cabeça que comandava a linguagem do Terceiro Reich, a pessoa que se empenhava para que o poderoso veneno fosse plenamente eficaz, o desgaste do termo o enfraquecia. E assim Goebbels se viu compelido ao absurdo de tentar valorizar o que não podia mais ser valorizado. No *Reich* de 13 de novembro de 1944 ele escreveu que a situação só poderia ser salva por meio de um "fanatismo violento". Como se a violência não fosse o estado inerente aos fanáticos, como se pudesse existir fanatismo tranquilo.

Essa passagem marca o revés da palavra.

Quatro meses antes ocorrera seu maior triunfo: ela fora abençoada com a honra suprema que o Terceiro Reich podia

oferecer, a honra militar. Seria uma tarefa especial observar como a objetividade tradicional e a sobriedade quase elegante da linguagem militar oficial, em especial dos boletins diários, foram sendo gradativamente envolvidas pelo estilo empolado da propaganda de Goebbels. Em 26 de julho de 1944 o termo "fanático" foi empregado pela primeira vez no boletim militar com sentido elogioso, referindo-se a algum regimento alemão. "Nossas tropas estão combatendo fanaticamente na Normandia." A distância que separa a atitude militar na Primeira e na Segunda Guerra Mundial nunca foi tão grande como aqui.

Um ano depois do colapso do Terceiro Reich é possível apresentar uma prova de que o termo *fanatisch*, palavra-chave do nazismo, nunca perdeu seu aspecto maléfico original, apesar do uso abusivo: enquanto por toda parte restos da LTI são assimilados pela linguagem atual, a palavra *fanatisch* desapareceu. O que nos permite concluir que, na consciência popular, a verdade se manteve viva: um estado de espírito confuso, próximo da doença e do crime, havia sido considerado como virtude suprema durante doze anos.

CAPÍTULO 10
CRIAÇÃO ESPONTÂNEA

Por mais que tenha me afastado da temática dos meus estudos durante os anos de horror, algumas vezes me recordava, como se fosse realidade, do rosto irônico de Joseph Bédier.[83] Faz parte do ofício de um estudioso de história da literatura pesquisar as origens de um tema, de uma fábula, de uma lenda, e às vezes esse trabalho se transforma em verdadeira mania, em obsessão: os assuntos pesquisados devem ter origens remotas, no tempo e no espaço. Quanto mais remota for a origem, tanto mais se revela a sabedoria do pesquisador que a descobriu. As raízes não devem jamais proceder do próprio local em que o tema veio à luz. Ainda sinto a ironia na voz de Bédier quando, do alto da cátedra do Collège de France, descrevia uma pretensa raiz oriental ou "druida" de uma comédia ou de uma história com fundo moral, ou sabe-se lá de qual assunto literário. Bédier sempre observava que determinadas situações e impressões podiam se manifestar de maneiras semelhantes em épocas e regiões diferentes, afastadas entre si, pois o comportamento humano se repete no tempo e no espaço.

A primeira vez que me lembrei de Bédier foi em dezembro de 1936, durante o processo contra o assassino de Gustloff,[84]

[83] Crítico francês (1864-1938), professor do Collège de France. Defendia a origem puramente francesa de certos contos da Idade Média (*Les Fabliaux*, 1893).

[84] Chefe regional do Partido Nazista assassinado em Davos, em 4 de fevereiro de 1936, por David Frankfurter, estudante judeu que buscou dessa forma vingar seus companheiros perseguidos. Diferentemente de seu pai, assassinado em um campo de concentração em 1941, David Frankfurter ficou preso na Suíça até 1945, quando foi libertado e emigrou para Israel.

uma autoridade nazista no exterior. Uma tragédia francesa, escrita em meados do século XIX, manteve durante muito tempo renome internacional e foi lida nas escolas alemãs por longo período. Depois caiu em um injusto esquecimento. É o livro *Charlotte Corday*, de Ponsard,[85] que trata da morte de Marat. A autora do atentado toca a campainha da casa de Marat, planejando matar aquele que ela considerava um cão sanguinário, um monstro desprovido de consciência e de laços humanos. Uma mulher abre a porta, e ela recua apavorada: "Meu Deus, é a mulher dele, há quem o ame — *grand Dieu, sa femme, on l'aime!*" Mas, ao ouvi-lo dizer o nome de uma pessoa de quem gostava, condenando-a "à guilhotina", ela o apunhala. É como se essa cena tivesse sido transposta para a época atual, mantendo os mesmos pontos essenciais e significativos, pois foi assim que soou o depoimento de Frankfurter, o judeu acusado, diante do tribunal de Chur. Ele estava decidido a matar Gustloff, esse ser sanguinário, mas a sra. Gustloff abriu a porta e ele vacilou — um homem casado, "*grand Dieu, on l'aime*". Mas eis que ouve Gustloff dizer ao telefone *diese Schweinejuden!* [esses judeus imundos!] e desfere o tiro... Devo supor que Frankfurter tivesse lido *Charlotte Corday*? Em meu próximo seminário sobre Ponsard, prefiro usar o processo em Chur para demonstrar a autenticidade humana do drama francês.

As considerações de Bédier concernem menos à área da literatura pura e mais ao âmbito primitivo do folclore, e é justamente nesse ponto que se incluem outros fatos que me remetem a ele.

No outono de 1941, quando já se sabia que a guerra não terminaria logo, ouvi falar amiúde a respeito dos acessos de ódio de Hitler. Inicialmente teriam sido assomos de fúria, em

---

[85] François Ponsard, poeta francês (1814-1867). A peça *Charlotte Corday* foi representada pela primeira vez em 1850 pela Comédie Française, em Paris.

seguida ímpetos de cólera. Dizia-se que o Führer mordia lenços e travesseiros, e que teria até mesmo se atirado no chão para morder o tapete.

As historietas provinham sempre de gente simples do nosso círculo, como operários, vendedores ambulantes e carteiros imprudentes. Enfim, dizia-se que ele tinha devorado as "franjas do tapete", e por ter adotado esse hábito recebeu o apelido de *Teppichfresser* [devorador de tapetes]. Será preciso remontar aqui a origens bíblicas, até chegar a Nabucodonosor,[86] conhecido como "devorador de grama"?

O epíteto *Teppichfresser* pode ter sido o embrião de uma lenda. Mas o Terceiro Reich criou também lendas verdadeiras. Ouvi uma delas contada por um conhecido muito sério, não dado a fantasias, pouco antes do começo da guerra, no auge do poder de Hitler.

Naquela época ainda tínhamos a casinha no alto da cidade, mas já estávamos bastante isolados e vigiados. Era preciso ter alguma coragem para aparecer lá. Um comerciante de Dresden, de quem fôramos clientes nos bons tempos, permanecia fiel e nos trazia semanalmente o que necessitávamos. Sempre nos contava algo, procurando nos consolar, dizendo coisas apropriadas para reerguer nosso moral. Não era político, mas estava aborrecido com a economia, sabidamente mal administrada sob a tirania e a injustiça nacional-socialista. Via tudo sob o prisma do cotidiano e do raciocínio prático. Não era especialmente instruído, seu campo de interesses não era suficientemente amplo para abarcar filosofia ou religião. Tanto antes quanto depois do que relatarei, jamais o ouvi falar sobre assuntos pertinentes à Igreja ou ao além. Era apenas um comerciante pequeno-burguês que se distinguia dos milhares

---

[86] Nabucodonosor II, rei da Babilônia, conquistou o reino de Judá em 586-578 a.C., destruiu Jerusalém e levou grande parte dos judeus ao exílio na Babilônia, na assim chamada primeira diáspora.

de outros cidadãos, pura e simplesmente, porque não se deixava embriagar pelas mentiras deslavadas do governo. Em geral entretinha-nos com algum escândalo que fora descoberto dentro do partido porém acobertado, com uma bancarrota fraudulenta ou com casos de suborno ou extorsão. Depois do suicídio do nosso administrador regional, irremediavelmente comprometido — primeiro o homem foi forçado a suicidar-se para depois receber um funeral que mais parecia um *Staatsakt* [cerimônia oficial] *en miniature* —, ouvimos V. dizer um sem-número de vezes: "Calma, vocês sobreviveram a Kálix.[87] Também hão de sobreviver a Mutschmann[88] e a Adolf!" Esse homem objetivo, por sinal protestante, que em sua infância não tinha sofrido influência de histórias de santos ou de mártires, contou-nos o que passo a relatar com a mesmíssima boa-fé que demonstrava quando falava das pequenas infâmias de Kálix e das grandes de Mutschmann.

Um *Obersturmführer*[89] em Halle ou Jena — ele precisava com exatidão o local e as pessoas, tudo lhe fora "assegurado" por "fonte fidedigna" —, um oficial de alta patente das SS, levou a mulher a uma maternidade particular para dar à luz. Examinou o quarto em que ela ia ficar; na parede, em cima da cama, havia uma imagem de Jesus Cristo. Exigiu da enfermeira: "Tire esse quadro da parede, não quero que meu filho veja, ao nascer, esse menino judeu." Amedrontada, a enfermeira disse que transmitiria o pedido à madre superiora. O homem reiterou a ordem e se retirou. Na manhã seguinte a madre superiora lhe telefona: "O senhor ganhou um filho, senhor *Obersturmführer*, sua esposa passa bem, também a criança, que é forte. Mas, saiba, seu desejo foi plenamente atendido: a criança veio cega ao mundo..."

---

[87] O referido prefeito de Dölzschen, lugarejo vizinho de Dresden.

[88] Martin Mutschmann, interventor do Reich na Universidade Técnica de Dresden. Morreu em 1945.

[89] Comandante de uma unidade das SS.

Quantas vezes, na época do Terceiro Reich, foi difamada a inteligência dos judeus, considerada cética e descrente! Mas o próprio judeu criou sua lenda e acreditou nela. Em fins de 1943, após o primeiro bombardeio aéreo maciço sobre Leipzig, contou-se muitas vezes na *Judenhaus*: "Em 1938, às 4:15h da madrugada, os judeus, escorraçados das camas, foram levados para o campo de concentração. Há pouco, noutro dia, durante o bombardeio, todos os relógios da cidade pararam exatamente às 4:15h."

Sete meses antes, arianos e não arianos acreditavam nas mesmas lendas. O álamo de Babisnau cresceu isolado, de modo que se pode reconhecê-lo a partir de diversos lugares, sobressaindo de forma pujante e expressiva no cume mais alto no sudeste de Dresden. No começo de maio, minha mulher contou pela primeira vez que nos bondes ouviam-se menções ao álamo, mas ela não sabia ao que as pessoas se referiam. Poucos dias depois, na fábrica, falava-se de novo no álamo de Babisnau! Eu perguntei: por quê? A resposta foi clara: porque ele estava em flor. Coisa rara! Houve uma florada em 1918, e nesse mesmo ano fez-se a paz. Uma operária corrigiu de pronto: não somente em 1918, mas também em 1871. "E nas outras guerras também", acrescentou um capataz. E o criado esclareceu, generalizando: "Sempre que ele floriu, a paz foi selada."

Na segunda-feira seguinte, Feder disse: "O que se viu ontem foi incrível, uma verdadeira migração até o álamo de Babisnau. Sua florada é um espetáculo deslumbrante. Talvez haja mesmo paz... as superstições do povo nunca devem ser ignoradas." Justamente Feder,[90] com a estrela de judeu e o boné para se proteger do pó, que ele adaptara de seu antigo barrete de juiz.

[90] Não confundir com o outro Feder, Gottfried, ideólogo do Partido Nazista.

CAPÍTULO 11

LIMITES MAL DEFINIDOS

Não existem limites fixos entre os reinos da natureza: qualquer aluno do primário sabe isso. Mas, no campo da estética, os limites, além de não serem bem definidos, são menos conhecidos e menos aceitos.

Na classificação da pintura e da literatura modernas — nessa ordem, pois tudo começou com a pintura, a literatura veio depois — usa-se o binômio impressionismo-expressionismo; nesse caso, a tesoura conceitual precisa cortar e dividir com precisão máxima, pois são conceitos opostos.

Deixando-se ficar à mercê da impressão que abstrai das coisas, o impressionista reproduz aquilo que capta. É passivo, em cada instante se deixa influenciar pelo que percebe, em cada momento deixa de ser o mesmo. Sua alma não possui um centro estável, homogêneo, consistente, duradouro, seu eu passa por constante mutação. Já o expressionista parte de si mesmo. Não reconhece o poder das coisas, mas lhes imprime sua marca, sua vontade. É ele quem se expressa nelas e por meio delas, molda-as de acordo com sua própria natureza. É ativo, suas ações são dirigidas por uma consciência segura de si, com um eu estável e permanente.

O impressionista não pretende apresentar uma imagem objetiva da realidade. Quer mostrar o que viu e como viu as coisas. Não reproduz a árvore com todas as folhas, nem cada folha com sua forma específica, nem o verde ou o amarelo da coloração em si, tampouco a tonalidade da luz de uma determinada hora do dia ou de uma época do ano, nem de uma determinada condição do tempo. Seu olhar capta o amontoado de folhas que se embaralham, com a cor e a luz que correspondem ao seu estado de ânimo naquele momento; impõe

sua intimidade à realidade das coisas. Pode-se, então, considerar sua atitude como passiva? Do ponto de vista da estética, ele é tão ativo, tão artista da expressão quanto o seu oposto, o expressionista. A oposição reside pura e simplesmente no campo da ética: o expressionista consciente impõe a si e aos contemporâneos normas rígidas, tem senso de responsabilidade. O impressionista inconstante, alterando-se a cada instante, reivindica para si e os demais o direito de assumir uma conduta amoral para a sua própria falta de responsabilidade.

Mesmo aqui, portanto, os limites são nebulosos. Partindo do sentimento de desamparo do indivíduo, o impressionista chega à comiseração social e se engaja a favor dos oprimidos e das criaturas perdidas, sem rumo. Não há diferença entre um Zola e os irmãos Goncourt, do lado impressionista, e Toller, Unruh e Becher, do lado expressionista.[91]

Não, eu não confio em considerações meramente estéticas no que diz respeito à história das ideias, da literatura, da arte ou da linguagem. É necessário partir de posturas humanas básicas. Os meios de expressão podem ser iguais e almejar objetivos opostos.

Isso vale particularmente para o expressionismo. Toller, que o nacional-socialismo matou, e Johst, que foi presidente da Academia de Letras do Terceiro Reich, pertenceram ao movimento expressionista.

A LTI guarda heranças do expressionismo, ou pelo menos compartilha com ele formas de enfatizar a vontade e o *stür-*

---

[91] Ernst Toller, dramaturgo e lírico expressionista. Nasceu em 1893 em Bromberg e suicidou-se em Nova York, em 1939. Socialista, foi um dos dirigentes da República dos Conselhos Operários de Munique em 1919 e ficou preso durante cinco anos. Obras principais: *Die Wandlung*, 1919; *Das Schwalbenbuch*, 1923, durante os anos de prisão; e o romance biográfico *Eine Jugend in Deutschland*, 1933. Fritz von Unruh (1885-1970), poeta e pacifista alemão. J. R. Becher (1891-1958), escritor alemão que passou do expressionismo para o realismo socialista.

misches Vorwärtsdrängen [impulso do elã vital].[92] *Die Aktion* [A ação] e *Der Sturm* [O assalto] eram os nomes das revistas dos jovens expressionistas que lutavam por reconhecimento. Em Berlim, representavam a ala mais à esquerda, a boemia mais faminta do meio artístico, e seu ponto de encontro era o Café Áustria, perto da Postdamer Brücke (alguns também frequentavam o Café des Westens, mais conhecido e mais elegante, onde proliferavam mais "tendências"; mas os que iam lá já tinham vencido), e, em Munique, o Café Stephanie. Tudo isso acontecia nos anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial. Na noite das eleições de 1912 ficamos esperando no Áustria pela chegada dos telegramas da imprensa e, eufóricos, lançamos gritos de alegria quando a centésima vitória social-democrata foi anunciada. Acreditávamos que as portas da paz e da liberdade haviam sido escancaradas para sempre...

As palavras *Aktion* e *Sturm* migraram em 1920 do café das senhoras para a cervejaria dos homens. *Aktion*, termo que não se germanizou, permaneceu estrangeiro do início ao fim e se tornou imprescindível à LTI: estava ligado às recordações do início heroico, com as imagens das lutas em que os estudantes brigavam usando cadeiras. *Sturm* passou a designar um grupo de combate na hierarquia militar alemã, como, por exemplo, o centésimo *Sturm* ou *Reitersturm* das SS,[93] mesmo que também houvesse a tendência de germanizar termos e estabelecer nexos com a tradição.

O sentido mais difundido do termo *Sturm* é ao mesmo tempo o mais oculto, pois quem há de se lembrar ainda hoje,

---

[92] Alusão ao *Sturm und Drang*, nome de uma peça de Max Klinger, que gerou esse movimento literário alemão (1770-1775), nascido em reação ao racionalismo e ao clacissismo do Iluminismo. *Sturm* significa assalto e tempestade. *Drang* corresponde a ímpeto e, no contexto da guerra, lembra o *Drang nach Osten* [ímpeto para o Leste] dos nazistas.

[93] Após 1933, Himmler anexou às SS diversas associações, inclusive dos *Reiter* [cavaleiros] das regiões de criadores tradicionais de cavalos.

ou quem sabia no período áureo do nazismo, que SA significava *Sturmabteilung* [divisão de assalto]? SA e SS — *Schutzstaffel* [esquadrão de proteção], a guarda de elite ou guarda pretoriana de Hitler — tornaram-se abreviaturas impregnadas de tanta prepotência que deixaram de representar siglas. Passaram a ser palavras com sentido próprio. Seu significado original desapareceu.

Estou escrevendo aqui SS com a linha sinuosa dos caracteres normais de imprensa, premido pela necessidade prática. No tempo de Hitler, o SS das caixas tipográficas e do teclado das máquinas de escrever, usadas nas repartições públicas, era uma tecla especial com ângulos agudos que correspondiam à *Siegrune* [runa germânica da vitória], concebida em sua honra. Além disso, tinha também afinidade com o expressionismo.

Entre as expressões usadas pelos soldados na Primeira Guerra Mundial constava o adjetivo *zackig*.[94] *Zackig* pode associar-se a um cumprimento estritamente militar, uma ordem ou até um discurso; qualquer coisa que transmita a sensação de gasto de energia disciplinado. Também designa uma forma de expressão essencial à pintura e à linguagem poética do expressionismo. O adjetivo *zackig* é seguramente a primeira coisa que vem à mente de alguém sem formação filológica ao ver o SS nazista. Mas há mais.

Muito antes de o SS nazista existir, esse símbolo aparecia em vermelho nas caixas dos transformadores de voltagem, com a frase de advertência: "Perigo, alta tensão!" Nesse caso, era óbvio que o S dentado representava um raio estilizado. Pela energia e a rapidez, o raio era um símbolo caro ao nazismo, de modo que se podia supor que o sinal gráfico SS era uma materialização, uma imagem pictórica do raio. A linha

---

[94] Em sentido estrito, dentado, anguloso. Em sentido figurado pode significar brioso, enérgico, mordaz.

dupla podia representar força redobrada, pois as bandeirinhas pretas das formações das crianças só tinham um S, ou seja, meio SS.

É comum que vários fatores concorram para a formação de algo, sem que o próprio criador esteja consciente disso. Parece-me que é o caso: SS é, ao mesmo tempo, imagem e sinal gráfico abstrato, é transposição de fronteira para o lado pictórico, é retrocesso ao aspecto visual dos hieroglifos.

Porém, os primeiros artistas que na modernidade usaram esse meio de expressão, transpondo fronteiras, foram justamente os mais duros opositores dos expressionistas e dos arrogantes nacional-socialistas. Foram os céticos, os desagregadores da ideia do "eu" e da moral, os "decadentes". Guillaume Apollinaire, poeta e literato experimentador, de origem polonesa, nascido em Roma, de coração ardentemente francês, desenha palavras conforme a disposição das letras. A frase *un cigare allumé qui fume* [um charuto aceso, cuja fumaça sobe] é impressa como a curva da fumaça que sobe, formada pelas letras correspondentes, iniciando-se exatamente na linha que acompanha a palavra "charuto".

Para mim o formato especial *zackig* [dentado, anguloso] do SS na LTI representa o elo de ligação entre a linguagem visual da propaganda e a linguagem em sentido mais estrito. Existe outro elo de ligação do mesmo tipo, a tocha, que também se apresenta em formato dentado vertical. A runa do florescer e a runa do murchar: virada para baixo, representava a morte, substituindo a cruz dos anúncios fúnebres cristãos; virada para cima, substituía a estrela e anunciava os nascimentos. Constava também nos emblemas dos farmacêuticos e dos padeiros. Era de supor que ambas as runas penetrassem na linguagem comum, pelo menos como o símbolo SS, já que seu uso também era estimulado pela dupla tendência à sensibilidade e ao teutonismo. Mas não foi o que aconteceu.

De tempos em tempos eu anotava estatísticas, que recolhia durante algumas semanas, para saber a proporção de runas em relação a cada cruz e a cada estrela, respectivamente. Apesar de não termos o direito de fazer assinaturas nem de ter exemplares no quarto, eu acompanhava com regularidade um dos jornais neutros de Dresden, pois, de um jeito ou de outro, algum acabava entrando na "casa dos judeus". Era uma publicação que procurava ser neutra tanto quanto algum jornal podia ser, ou seja, somente no sentido comparativo com alguma outra que fosse explicitamente do partido. Eu acompanhava o *Freiheitskampf* [Luta pela Liberdade], jornal nazista de Dresden, e também o *Deutsche Allgemeine Zeitung* (DAZ), que pretendia ter um nível mais elevado, já que devia representar o país no exterior, sobretudo depois que o *Frankfurter Zeitung*[95] fora silenciado. Pude notar que as runas apareciam mais frequentemente em jornais que pertenciam explicitamente ao partido do que nos demais. Constatei também que os círculos especificamente cristãos publicavam seus anúncios mais no DAZ. Todavia, o excesso de runas que eu encontrava no *Freiheitskampf*, em comparação com os outros jornais, não era muito maior. A frequência máxima apareceu após as primeiras baixas pesadas, em especial após Stalingrado, pois naquele tempo o partido exercia forte pressão sobre a opinião pública. Mesmo que os necrológios diários dos soldados mortos chegassem a duas dúzias, o número de anúncios com runa representava no máximo a metade e muitas vezes mal chegava a um terço. Mas o que me pareceu mais estranho foi perceber que o tipo de anúncio que se pretendia mais nazista mantinha-se fiel à cruz e à estrela. O mesmo ocorria com a comunicação dos nascimentos: menos da metade, ou até bem menos, trazia o emblema da runa, e os mais nazistas eram os

---

[95] Jornal diário alemão de renome internacional, órgão do Partido Social-democrata. Foi proibido em 1943.

que mais a omitiam, pois havia uma estilística própria da LTI para anúncios de família.

É fácil explicar por que a runa da vida, positiva e negativa, não conseguiu ser aceita nem assimilada como a imagem do SS, que se impôs com vigor. SS era uma designação totalmente nova para uma instituição totalmente nova, o símbolo SS não estava lá para desalojar nada. Por outro lado, há quase 2 mil anos os símbolos de nascimento e morte (as mais antigas e imutáveis instituições da humanidade) são a cruz e a estrela, símbolos profundamente arraigados no imaginário popular. Era impossível eliminá-los.

E se as runas da vida tivessem conseguido se impor a ponto de dominar sozinhas durante o hitlerismo — será que eu teria dificuldade de identificar as causas? De modo algum! Nesse caso, teria escrito, como fiz acima, com a mesma consciência tranquila, que isso era perfeitamente compreensível, pois a tendência geral da LTI era tornar as coisas mais palpáveis, resultado que podia ser obtido recorrendo-se à tradição germânica, à runa. Com sua forma pontiaguda, a runa da vida era associada à imagem do SS; como símbolo de uma *Weltanschauung* [visão de mundo], pertenceria aos raios da roda do Sol, uma das pernas da cruz gamada. Por esses motivos, seria a coisa mais natural do mundo que as runas da vida desbancassem por completo a cruz e a estrela.

Se posso descrever, com as mesmas boas razões, o que não aconteceu mas poderia ter acontecido, o que posso dizer daquilo que aconteceu? O que, então, de fato comprovei e desmistifiquei? Também nesse caso os limites se confundem, surgem insegurança, hesitação e dúvida. Ponto de vista de Montaigne: *Que sais-je*, o que sei? Ponto de vista de Renan: o ponto de interrogação é o mais importante de todos os sinais de pontuação. É a posição de extremo antagonismo à teimosia e à autoconfiança nazistas.

O pêndulo da humanidade oscila entre ambos os extremos, procurando o ponto de equilíbrio. Antes de Hitler e durante o período de Hitler afirmou-se inúmeras vezes que todo progresso se deve aos obstinados e todos os empecilhos se devem aos simpatizantes do ponto de interrogação.[96] Não se pode afirmar isso com certeza. Mas se pode afirmar, com certeza, que mãos sujas de sangue são sempre de obstinados.

[96] Ou seja, àqueles que questionam.

CAPÍTULO 12

PONTUAÇÃO

Pode-se notar que pessoas ou grupos de pessoas preferem esse ou aquele sinal de pontuação. Os eruditos amam o ponto e vírgula; seu anseio pelo raciocínio lógico exige um sinal de separação mais preciso que a vírgula, mas menos absoluto que o ponto. Renan, o cético, afirmou que nunca se chegaria a usar uma quantidade suficiente de pontos de interrogação. O movimento *Sturm und Drang*[97] abusa dos pontos de exclamação. Nos primórdios, os naturalistas na Alemanha gostavam de usar o travessão: nas frases, as sequências de ideias não seguem uma lógica de trabalho escrupulosa, elas param de repente, fazem alusões, permanecem incompletas, são de natureza associativa, fugaz e descontínua, de acordo com as circunstâncias em que surgem, como se seguissem um monólogo interior ou um diálogo acalorado, sobretudo entre pessoas pouco acostumadas ao pensamento sistemático.

Poderíamos supor que a LTI, essencialmente retórica e sempre dirigida ao sentimento, deveria se valer mais dos pontos de exclamação, como o *Sturm und Drang*. Não é isso que se vê; ela usa esse sinal com bastante parcimônia. É como se a LTI, ao transformar tudo em apelo e exclamação, tornasse inútil o recurso a um sinal de pontuação específico para denotar isso. Pois, na realidade, onde se encontram na LTI afirmações simples e singelas que a exclamação pudesse destacar?

Em compensação, a LTI usa *ad nauseam* o que podemos chamar de aspas irônicas.

As aspas simples e primárias indicam tão somente uma reprodução literal de algo que alguém disse ou escreveu. As aspas irônicas não se restringem a uma citação neutra. Colo-

[97] Ver nota 92, capítulo 11.

cam em dúvida a veracidade do que foi dito, qualificando por si mesmas essa afirmação como mentirosa. Levando em conta que um orador pode manifestar seu desprezo com uma mera entonação na voz, pode-se afirmar que as aspas irônicas estão estreitamente ligadas ao caráter retórico da LTI.

É óbvio que elas não foram inventadas pela LTI. Durante a Primeira Guerra Mundial, quando os alemães se vangloriavam de uma superioridade cultural e olhavam para a civilização ocidental com desprezo, como se fosse uma conquista superficial e menor, os franceses nunca omitiam as aspas irônicas ao mencionarem a "*culture allemande*". É provável que o uso delas tenha se iniciado na mesma época em que as aspas comuns foram inventadas. Na LTI, porém, o emprego irônico predomina largamente sobre o neutro, pois ela odeia a neutralidade. Precisa ter sempre um adversário a ser rebaixado. As vitórias dos revolucionários espanhóis eram sempre "vitórias" vermelhas. Os oficiais eram "oficiais" vermelhos, o estado-maior era um "estado-maior" vermelho. Mais tarde passa a ocorrer o mesmo com a "estratégia" russa, com o "marechal" Tito dos iugoslavos. Por meio das aspas irônicas, Chamberlain, Churchill e Roosevelt sempre foram chamados de "estadistas", Einstein de "pesquisador", Rathenau de "alemão" e Heine de "poeta" alemão. Não há um único artigo de jornal, uma única transcrição de discurso que não esteja cheia de aspas irônicas, que também estão presentes em estudos mais precisos, elaborados com mais serenidade. Elas estão na LTI impressa, tanto quanto na entonação de Hitler e de Goebbels.

No meu último ano na escola, em 1900, tive de fazer uma redação sobre monumentos. Uma das frases dizia: "Após a guerra de 1870, em quase todas as praças das cidades alemãs havia uma Germânia vitoriosa, empunhando bandeira e espada.[98] Posso citar uma centena delas." Cético, o professor

[98] Figura de mulher simbolizando o antigo império alemão. Após 1850, passou a ser representada na forma de uma valquíria.

escreveu na margem, com tinta vermelha: "Na próxima aula traga uma dúzia desses exemplos!" Encontrei somente nove e me curei da mania de encher a boca com números. Apesar disso, e já que em minhas considerações a respeito da LTI tenho muito a dizer sobre o abuso de números, eu poderia escrever com a consciência tranquila sobre o uso indevido das aspas irônicas: "Quanto a isso sou capaz de citar mil exemplos." Um desses mil, em geral muito semelhantes entre si, diz: "Faz-se distinção entre gatos alemães e gatos 'de luxo'."[99]

[99] É provável que Klemperer tenha tirado esse exemplo do boletim da Associação Protetora de Animais, da qual fora sócio. Ele relata o seu protesto contra o tratamento dado aos animais de estimação dos judeus durante o nazismo. Seu gato e seu canário tiveram de ser sacrificados, pois judeus não podiam ter esses bichinhos.

CAPÍTULO 13

NOMES

Havia uma anedota antiga de colégio, transmitida de geração em geração (agora que poucas escolas ensinam grego, é possível que a anedota não exista mais). Era assim: como a palavra *Fuchs* [raposa] surgiu da palavra *alopex* do grego? Na seguinte ordem: *alopex*, *lopex*, *pex*, *pix*, *pax*, *pucks*, *Fuchs*. Desde que me formei na universidade, e lá se vão uns trinta anos, não tinha mais pensado nela. Entretanto, em 13 de janeiro de 1934 ela me veio à cabeça de repente, como se a tivesse contado na véspera. Nessa ocasião, eu estava lendo a circular semestral nº 72, na qual o magnífico reitor informava que um professor chamado Israel, que também era vereador nazista, "fora autorizado pelo ministério" a retomar o antigo nome de família. "No século XVI chamavam-se Oesterhelt, que ficava em Lausitz; depois o nome evoluiu para Uesterhelt, Isterhal (também Isterheil e Osterheil), Istrael, Isserel e, por engano, chegou a Israel."

Foi assim que imaginei pela primeira vez que na LTI deveria haver um capítulo sobre nomes. Depois disso, cada vez que passava diante da nova placa onde reluzia o nome Oesterhelt, em um portão de jardim no bairro suíço, eu me recriminava por enquadrar esse assunto *sub specie Judaeorum* [no tema judaico], pois ele não se esgota na temática judaica e também não é um capítulo que deva pertencer exclusivamente à LTI.

Toda revolução — social, política, artística ou literária — contém duas tendências: há, em primeiro lugar, o anseio pelo novo, em que se reforça o contraste com o que prevalecia até o presente; em seguida, no entanto, torna-se necessário estabelecer um elo com o passado, com uma tradição que a legitime. Nada é completamente novo. Há um retorno aos valores da época que se pretendeu negar, à humanidade, à nação,

à moral, à verdadeira essência da arte etc. etc. Ambas as tendências aparecem claramente nas maneiras como se atribuem ou se alteram os nomes.

O hábito de dar a um recém-nascido, ou a alguém que se deseja rebatizar, o nome e o sobrenome de um campeão da nova ordem é uma prática que se restringe essencialmente à América, especialmente à América negra. A Revolução Inglesa, puritana, difundiu nomes do Antigo Testamento, que eram reforçados com citações bíblicas (Josué, "louve o Senhor, alma minha"). A Revolução Francesa buscou seus personagens na Antiguidade clássica, particularmente a romana, de modo que cada tribuno do povo tomou para si e seus filhos os dignos nomes de Tácito e Cícero. Da mesma maneira, um nacional-socialista que se preze apregoa, alto e bom som, sua ascendência de sangue e de alma com os germanos e os deuses do Norte. Quando Hitler surgiu, o terreno já fora preparado pela popularidade de Wagner e por um nacionalismo antigo; havia um número razoável de Horst, Sieglinde e outros. Talvez a influência do Movimento Juvenil Wandervögel[100] tenha sido mais forte que o culto a Wagner.

O Terceiro Reich tornou quase uma obrigação o que até então havia sido moda ou hábito. Se o chefe da juventude hitlerista se chamava Baldur,[101] então como ficar atrás? Já em 1944, entre nove anúncios de nascimento que encontrei em um jornal de Dresden, seis tinham nomes tipicamente germânicos: Dieter, Detlev, Uwe, Margit, Ingrid, Uta. Nomes duplos, ligados por hífen, como Bernd-Dietmar, Bernd-Walter, Dietmar-Gerhard, tornaram-se muito apreciados, pela sonoridade, pela dupla profissão de fé, pelo caráter retórico, podendo-se depreender neles a intenção de pertencer à LTI. Ou-

[100] Agremiação criada no fim do século XIX em Berlim, tendo em vista arregimentar jovens para a prática de caminhadas e do canto coral.

[101] Baldur von Schirach (1907-1974) tornou-se líder da Hitler Jugend em 1931.

tra característica da LTI são os diminutivos: Klein-Karin [pequena Karin], Klein-Harald [pequeno Harald]. Adiciona-se uma pitada de meiguice ao nome do herói de uma antiga balada e eis que surge uma sedução encantadora.

Estarei exagerando ao falar em um padrão imposto? Acho que não, pois vários nomes tradicionais tornaram-se passíveis de desconfiança e alguns foram proibidos. Nomes cristãos eram muito mal vistos. Seus portadores eram suspeitos de oposicionismo. Acho que em 5 de fevereiro de 1945, pouco antes da catástrofe de Dresden,[102] veio parar em minhas mãos, como papel de embrulho, um número do jornal *Illustrierter Beobachter* [Observador Ilustrado] que continha um espantoso artigo intitulado "Heidrun". Espantoso porque vinha no suplemento *Völkischer Beobachter* [Observador do Povo], jornal oficial nazista.

No decorrer desses anos lembrei-me diversas vezes de uma estranha cena do último ato de *Der Traum, ein Leben* [O sonho, uma vida], de Grillparzer.[103] Não há mais como salvar o jovem herói do crime de sangue em que se envolvera; ele precisa se penitenciar. Ouve, então, o soar de um relógio e murmura: "Escuta! Soa a hora! São três da madrugada / Dentro em breve tudo terá terminado." Semiacordado por um segundo, percebe que o tormento não passara de um sonho, um sonho instrutivo, uma visão de seu potencial não realizado: "Fantasmas, visões noturnas; / Delírio de uma mente enferma, se preferirdes, / E nós os vemos [os fantasmas], pois nossa alucinação se deve ao estado febril."

Algumas vezes, mas jamais com tanta clareza como nesse artigo tardio, "Heidrun", foi possível perceber nas publicações

---

[102] Bombardeio aliado sobre Dresden em 13 de fevereiro de 1945, que destruiu praticamente toda a cidade.

[103] Franz Grillparzer (1791-1872), escritor e poeta dramático nascido na Áustria. Suas fontes de inspiração iam da Antiguidade às mitologias do Império Austro-Húngaro, passando por Goethe e Calderón de la Barca.

dos adeptos de Hitler sua percepção semiconsciente de culpa, como ao soar das "três da madrugada". Quando eles acordaram era tarde demais. O frenesi mórbido não pôde se desfazer como mera alucinação; eles realmente tinham assassinado. Em "Heidrun" o autor ridiculariza duplamente os Pgs,[104] seus colegas de partido. Escreve, por exemplo, que se os pais, antes de se afastarem da Igreja (passo obrigatório para os SS e outros nazistas mais ortodoxos), tivessem tido uma fase "menos alemã" em suas vidas e cometido o deslize de batizar a primogênita de Christa, poderiam remediar o erro corrigindo a ortografia do nome da pobre criatura, consertando esse nome semioriental para Krista, com a letra inicial K, do alemão. Para expiar completamente o pecado, deveriam dar à segunda filha o nome Heidrun, tipicamente germânico e pagão, que de acordo com Müller & Schulze seria uma germanização de Érika.[105] Na verdade, Heidrun era a "cabra celestial" da *Edda*,[106] que corria atrás do bode cheia de desejo, com as tetas carregadas de *Met*.[107] Ou seja, um nome nórdico, mas nada apropriado para uma menina... Teria a advertência do artigo servido para preservar alguma criança de ter esse nome? Foi publicado tardiamente, menos de três meses antes do colapso. Há poucos dias ouvi procurarem uma Heidrun na Silésia pelo serviço radiofônico de busca...[108]

---

[104] Abreviatura de *Parteigenosse*, membro sem importância no Partido Nazista.

[105] Em latim, significa flores do campo, mas também quer dizer *Heide* [pagão].

[106] Coleção de poemas em norueguês antigo. É a fonte de informação mais importante sobre a mitologia nórdica e os heróis germânicos lendários.

[107] Hidromel, bebida da mitologia germânica, semelhante ao néctar do Olimpo grego.

[108] Logo após o fim da guerra começou a busca de familiares perdidos, inclusive pelo rádio.

Enquanto nomes como Christa levantam suspeita ao serem apresentados nos cartórios do registro civil, nomes do Antigo Testamento estão terminantemente proibidos: nenhuma criança alemã pode chamar-se Lea ou Sara. Se algum pastor desavisado registrar um desses nomes, o oficial do cartório recusará o registro e as instâncias superiores rejeitarão com indignação a eventual queixa.

Procurava-se poupar o *Volksgenosse*[109] [camarada do povo] desses nomes. Em setembro de 1940 vi uma propaganda desse tipo, anunciando uma apresentação musical em uma igreja: "*Herói de um povo*, oratório de Handel". Embaixo vinha escrito com letras bem pequenas, entre parênteses, revelando o temor do editor: "*Judas, o macabeu*, nova versão". Nessa época li um romance histórico traduzido do inglês: *The Chronicle of Aaron Kane*. A editora Rütten & Loenig, a mesma que lançara a monumental biografia de Beaumarchais escrita pelo judeu vienense Anton Bettelheim, se desculpava na primeira página por não ter podido mudar os nomes bíblicos dos personagens, pois correspondiam ao puritanismo e aos hábitos do local e da época da narrativa. Outro livro traduzido do inglês, cujo autor não lembro, foi *Geliebte Söhne* [Queridos filhos]; na contracapa constava em letra miúda o título original: *Ó Absalão!*[110] O nome de Einstein desapareceu dos cursos de física, e a unidade de frequência, o hertz,[111] não podia mais ser designada com esse nome judaico.

---

[109] Membro da unidade mística da raça de sangue ariano.

[110] Talvez seja o livro de William Faulkner. Segundo o Antigo Testamento, Absalão foi o terceiro filho do rei Davi, que era admirado por sua beleza e que tentou usurpar o trono do pai.

[111] O físico judeu alemão Heinrich Rudolf Hertz (1857-1894) deu importantes contribuições ao estudo do eletromagnetismo. Seu sobrenome passou a designar a unidade de frequência das ondas eletromagnéticas.

O *Volksgenosse* tinha de ficar distante não só dos nomes judaicos, mas especialmente dos indivíduos judeus, os quais foram isolados. Um dos recursos mais eficazes para provocar o isolamento foi identificar os judeus pelo nome. Quem não tinha um nome explicitamente judaico, como Baruch ou Recha, ou tinha um nome que não fosse de uso comum na Alemanha, teve de acrescentar Israel ou Sara ao próprio nome. O judeu era obrigado a informar ao banco e ao cartório o nome acrescentado e não podia omiti-lo, nem por esquecimento, quando assinasse algum papel. Tinha de avisar a todos que não esquecessem de adicionar esse nome quando lhe enviassem qualquer correspondência. Se fosse casado com uma mulher ariana e não tivesse filhos com ela, tinha de usar a estrela amarela. A palavra *Jude* [judeu] dentro da estrela, em caracteres semelhantes ao alfabeto hebraico, equivalia a um nome estampado no peito. Na porta do nosso quarto havia duas placas. Sob o meu nome constava a estrela e sob o nome da minha mulher, a palavra "ariana". Na minha carteira de racionamento havia inicialmente um J. Depois o J passou a ser impresso em diagonal sobre a carteira, e por fim a palavra "judeu" constava por extenso em cada cuponzinho, repetindo-se umas sessenta vezes na cartela. Quando se falava de mim oficialmente, eu era "o judeu Klemperer". Ao me apresentar à Gestapo, eu levaria uma surra se não dissesse em tom suficientemente *zackig* [enérgico]: "Aqui está o judeu Klemperer". A humilhação aumentava com o uso da apóstrofe, substituindo-se assim uma frase afirmativa por uma frase de desprezo, como li em um jornal sobre meu primo Otto Klemperer, músico, que conseguira emigrar para Los Angeles: "*Jud'* [em vez de *Jude*] Klemperer, fugitivo e condenado". Quando se falava sobre os odiados *Kremljuden* [judeus do Kremlin] Trotsky e Litinov, eles eram sempre denominados Trotzki-Bronstein e Litinow-Finkelstein. Quando se falava sobre o

igualmente odiado prefeito de Nova York, era o "judeu Laguardia" ou, pelo menos, o "meio judeu Laguardia".

Quando, apesar da tormenta, um casal judaico trazia um filho ao mundo, então os pais não deviam dar nomes alemães à "cria" — ainda posso ouvir o agente da Gestapo berrando com uma senhora delicada: "Tua cria nos escapou, judia porca. Vamos acabar contigo!"; dito e feito: na manhã seguinte ela não acordou mais de uma *overdose* forçada de veronal. Os pais estavam proibidos de dar nomes alemães aos filhos para que não induzissem a erro; o governo nacional-socialista lhes oferecia uma série de estranhos prenomes judaicos, que raramente tinham a dignidade dos nomes do Antigo Testamento.

Em artigos denominados *Halbasien* [Quase-Ásia], Karl Emil Franzos[112] conta como os judeus da Galícia receberam nomes no século XVIII. José II, por conta do Iluminismo e de um sentimento humanitário, deliberou que os judeus tinham de ter sobrenomes. Por fidelidade à ortodoxia, muitos se opuseram a isso, fazendo com que funcionários subalternos, por escárnio, os forçassem a adotar sobrenomes ridículos e constrangedores. O escárnio daquela época, usado contra a intenção do legislador, foi empregado deliberadamente pelo governo nazista, que, não contente em marginalizar os judeus, queria também difamá-los.

Para isso, foi-lhes oferecido o *yidisch*,[113] considerado pelos alemães uma distorção, grosseira e feia, da língua alemã. Só

[112] Escritor e jornalista nascido na Romênia, antiga Galícia, em 1848. Seus relatos de viagem ao leste do Império Austro-húngaro a serviço do jornal *Neue Freie Presse*, de Viena, entre 1874 e 1876, resultaram na coletânea *Aus Halb-Asien* [Da Quase-Ásia], mencionada por Klemperer, em que retrata a vida dos judeus de lá. Defendia que os judeus deveriam se aproximar da "cultura alemã". Morreu em Berlim em 1904, deixando vasta obra literária.

[113] Língua falada pelos judeus da Europa Central, especialmente os asquenasitas. Teve origem no sudoeste da Alemanha, na Idade Média.

os germanistas profissionais sabiam que esse dialeto provava justamente há quantos séculos os judeus estavam ligados à Alemanha e que sua pronúncia coincidia quase perfeitamente com a de Walter von der Vogelweide[114] e de Wolfran von Eschenbach.[115] Eu gostaria de saber qual professor de germanística chamou a atenção dos estudantes para isso durante o nazismo! Os nomes que restaram aos judeus eram os que soavam inconvenientes e ridículos ao ouvido alemão, como Vögele, Mendele, diminutivos carinhosos em *yidisch*.

Na última *Judenhaus* em que vivemos, eu passava diariamente diante de uma placa diferente, presa em uma porta. Constavam lado a lado os nomes de pai e filho: Baruch Levin e Horst Levin. O pai não precisara acrescentar Israel ao nome, pois Baruch já era suficientemente judaico, procedente de uma região polonesa de judeus ortodoxos. Ao filho, por sua vez, não carecia acrescentar Israel ao nome porque era *Mischling* [meio judeu], pois o pai, aspirando à germanidade, contraíra casamento misto. Houve uma geração judaica de Horst, cujos pais fizeram de tudo para comprovar seu gosto pelo *Teutschtum* [teutonismo]. Esses Horst foram menos maltratados pelos nazistas do que os pais — falo espiritualmente, pois na hora de serem enviados aos campos de concentração e às câmaras de gás não houve qualquer distinção de geração: judeu era judeu. Mas os Baruch sentiam-se escorraçados da terra que amavam, a pátria alemã. Havia muitos Horst e Siegfried que, sendo *Volljuden* [totalmente judeus], eram obrigados a acrescentar Israel. Ocorre que os mais jovens eram indiferentes à germanidade, e uma parte considerável deles era até mesmo hostil à Alemanha. Criados na atmosfera nazista de um romantismo pervertido, eram sionistas...

---

[114] Walter von der Vogelweide, poeta austríaco (1170-1230).

[115] Wolfran von Eschenbach, poeta alemão (1170-1220).

Eis que de novo me prendo a questões judaicas. É minha culpa ou do tema deste livro? Ele deveria conter também páginas não judaicas. E contém.

Na escolha de nomes, o desejo de valorizar a tradição atingiu até mesmo pessoas esclarecidas, que de maneira geral mantinham-se distantes do nazismo. Um diretor de escola que preferira se aposentar a se filiar ao partido gostava de me contar as proezas do netinho Isbrand Wilderich. Perguntei como tinham escolhido o nome do menino, e ele respondeu: "Assim se chamava um homem do nosso *Sippe* [clã], que veio da Holanda no século XVII..." Ao usar a palavra *Sippe* esse diretor de escola, protegido da sedução hitlerista pelo catolicismo fervoroso, denunciava como sua forma de expressão fora infectada pelo nazismo. Na linguagem antiga, *Sippe* era uma palavra neutra que significava parentesco, em sentido de família extensa. Decaíra para um sentido pejorativo para depois retornar, solenemente dignificada, sob o nazismo. *Sippenforschung* [pesquisar seu clã] tornou-se um dever moral dos "camaradas do povo".

Em contrapartida, a tradição é posta de lado, sem escrúpulos, quando entra em jogo uma característica, tipicamente alemã, ridicularizada e considerada pedante: *Gründlichkeit*, ou seja, ir a fundo nas coisas, com minúcia. Grande parte da Alemanha foi povoada por eslavos, e os nomes das localidades correspondem a esse fato histórico. Mas repugnava ao princípio nacionalista e ao orgulho racial do Terceiro Reich tolerar nomes não alemães para as localidades. A geografia foi purificada até os mínimos detalhes. Ao ler o artigo "Nomes alemães em localidades no Leste" no *Dresdner Zeitung* de 15 de novembro de 1942, anotei quantos nomes haviam sido alterados em cada região. Em Mecklenburg a terminação *Wendisch* [vêndico][116] foi excluída em muitas aldeias; nomes de outras

[116] Relativo aos vênedos, antigo povo eslavo que habitava do Vístula ao Volga.

aldeias foram germanizados: 120 na Pomerânia, 175 em Brandenburgo, especialmente na região do vale do Spreewald. Na Silésia houve 2.700 germanizações. No distrito governamental de Gumbinnen,[117] onde as terminações da "raça inferior" lituana incomodavam, locais como Berninglauken viraram Berningen, que soava mais nórdico. Nesse distrito, de um total de 1.851 comunidades, 1.146 foram renomeadas.

O desejo de preservar a tradição manifesta-se mesmo quando se trata de renomear ruas como *deutschtümelnd* [homenagem ao teutonismo]. Os mais antigos e desconhecidos conselheiros, prefeitos e professores são desenterrados e seus nomes são meticulosamente escritos nas placas das ruas. Aqui em Dresden, na parte sul da cidade alta, há uma nova rua chamada Tirmannstrasse. Podemos ler sob o nome: "Mestre Nikolaus Tirmann, prefeito, falecido em 1437"; de forma semelhante pode-se ler em outras placas dos subúrbios: "Conselheiro municipal no século XIV" ou "Escreveu uma crônica sobre a cidade no século XV".

Será que Joseph foi considerado um nome muito católico ou queriam apenas criar espaço para um pintor romântico, ou seja, tipicamente alemão? Seja como for, o nome da rua Joseph-Strasse, em Dresden, foi alterado para Caspar-David-Friedrich-Strasse, uma dor de cabeça e tanto para os correios. Quando vivemos em uma *Judenhaus* nessa rua, era frequente recebermos correspondência endereçada assim: Casa do Senhor Caspar David, na Friedrichstrasse.

Uma mescla de amor pelas corporações da Idade Média e publicidade moderna aparece nos carimbos postais, em que os nomes das cidades são seguidos por complementos que lhes atribuem uma especificidade. "Leipzig, cidade das feiras" é uma expressão antiga, não nazista. Novidade nazista, entretanto, é o carimbo "Cleve, fábrica dos bons sapatos infantis".

[117] Na Prússia Oriental.

Anotei o seguinte em meu diário: "'Cidade da fábrica da Volkswagen em Fallensleben', onde o carimbo postal incorpora não somente informação sobre o comércio local e propaganda industrial, mas também uma mensagem política — assinala o complexo industrial preferido do Führer, onde se fabrica o *Volkswagen* [carro do povo]." A montagem dessa fábrica foi uma impostura, pois desde o início o projeto tinha em vista um veículo bélico, mas o nome induziu o povo a subvencionar a construção da fábrica.[118] Houve carimbos notáveis, inescrupulosamente políticos: "Munique, cidade do movimento" e "Nuremberg, cidade do congresso do partido", situada no *Traditionsgau* [distrito da tradição], justamente onde se localizavam os gloriosos primórdios do nacional-socialismo. Substituir *Provinz* [Estado] por *Gau* foi outro vínculo com temáticas teutônicas. Considerando que o *Wartengau* incluía territórios totalmente poloneses, o acréscimo da palavra *Gau* foi a maneira encontrada pelos alemães para legalizar regiões anexadas. As regiões fronteiriças receberam o aposto *Mark*. O nome *Ostmark* foi uma forma de facilitar a anexação da Áustria à Grande Alemanha, da mesma forma que a Holanda foi anexada como *Westmark*. A sede de conquista mostrou-se mais desavergonhada ao se retirar o nome da cidade polonesa de Lodz, transformando-a em Litzmannstadt, em homenagem ao seu conquistador durante a Primeira Guerra Mundial.

Enquanto escrevo esses nomes, vejo diante de mim um carimbo muito especial: *Litzmannstadt-Getto* [gueto de Litz-

[118] Hitler prometeu aos alemães que cada qual teria seu próprio carro. Ele decretou que o Estado venderia a unidade por 990 marcos, um preço baixo. O projeto foi confiado à Frente de Trabalho, que elaborou um plano: o capital deveria ser depositado em um sistema de crédito chamado "pagar antes de receber". Os alemães depositaram o dinheiro, mas nunca receberam veículos. Quando a guerra começou, a Volkswagen passou a produzir para o Exército.

mannstadt]. Apresento aqui nomes que vieram compor a geografia do inferno da história universal: Theresensienstadt, Buchenwald, Auschwitz etc. Ao lado deles surge um nome que pouquíssima gente conhece, pois dizia respeito somente a nós, moradores de Dresden, tendo sido mortos todos aqueles a quem mais dizia respeito: o campo de concentração Hellerberg. No outono de 1942 foram levados para lá os judeus remanescentes de Dresden, que ficaram em barracas miseráveis, mais miseráveis que as destinadas aos prisioneiros russos. Poucas semanas depois, eles seguiram para as câmaras de gás de Auschwitz. Alguns poucos de nós, que vivíamos em casamentos mistos, fomos poupados.

Eis que retorno à questão judaica. É minha culpa? Não, a culpa é do nazismo, só dele.

Acabei vindo parar nesse tema (por assim dizer) de patriotismo local, suficientemente amplo e excelente para escrever uma dissertação de doutorado, mas tive de me contentar com notícias tomadas ao acaso e com alusões casuais (talvez uma agência dos correios pudesse completar o material). Preciso contar uma pequena falsificação de documento que me diz respeito e ajudou na minha salvação. Estou certo de que não fui o único. A LTI foi uma linguagem de cárcere (tanto do carcereiro quanto do encarcerado). Uma linguagem assim necessita, por legítima defesa, de palavras secretas, que conduzem a ambiguidades falaciosas, a falsificações etc.

Nosso amigo Waldmann estava em melhores condições que nós, depois de escaparmos do extermínio de Dresden e fugirmos da base aérea de Klotzsche. Arrancamos a estrela amarela judaica, deixamos o perímetro urbano, sentamos com arianos no mesmo vagão — em uma palavra, cometemos uma série de pecados mortais, cada um dos quais nos teria conduzido à forca se tivéssemos caído nas mãos da Gestapo. Waldmann dizia: "Na lista telefônica de Dresden há oito Waldmanns, e eu sou o único judeu entre eles — como meu

nome poderia dar na vista?" Meu caso era diferente. Do outro lado da fronteira da Boêmia, Klemperer é um nome judaico muito conhecido. Klemperer não tem nada a ver com *Klempner* [mestre do estanho], e sim com *Klopfer*, aquele que, na comunidade judaica, bate nas janelas para acordar todos para a oração matinal. Em Dresden havia poucos com esse nome, todos conhecidos. Depois de tantos anos de horror, eu era o único que permanecia. Dizer que eu tinha perdido todos os documentos poderia levantar suspeita. E era impossível não fazer contato com as autoridades: precisávamos de cartões de racionamento, bilhetes de transporte — ainda éramos muito civilizados e acreditávamos na necessidade de obter tudo isso... Então nos lembramos de um vidrinho de farmácia, de um remédio que havia sido prescrito para mim. Na receita, rabiscada por um médico, meu sobrenome estava errado em dois lugares, de forma que seria possível alterá-lo. Um ponto já bastaria para fazer do *m* um *in*, e um tracinho milimétrico alterou o primeiro *r* para um *t*. Assim, Klemperer tornou-se *Kleinpeter*. Era difícil que uma agência de correios fosse capaz de computar quantos *Kleinpeter* havia no Terceiro Reich.

CAPÍTULO 14

KOHLENKLAU[119]

No começo de 1943, o Departamento de Trabalho enviou-me como operário não qualificado para a fábrica de chás e plantas medicinais Willy Schlüter, que crescera muito por causa das encomendas de guerra.[120] Comecei como empacotador de chá pronto, que eu colocava em caixas de cartolina. Era um trabalho sem graça mas fisicamente leve, de forma que logo foi destinado só às mulheres. Puseram-me, então, nos locais de preparação propriamente ditos, onde ficavam os tambores de mistura e as máquinas de cortar. Recebíamos uma enorme quantidade de matéria-prima. Nós, judeus, tínhamos de ajudar na descarga e no armazenamento. A situação do chá Schlüter podia ser comparada à dos regimentos militares: somente o nome permanecia o mesmo, o conteúdo mudava sem parar. Aliás, era o que acontecia com todos os chás: enfiava-se na embalagem tudo que fosse possível encontrar.

Em uma tarde de maio eu estava no porão amplo e arejado, o único local que ocupava uma ala inteira do edifício. Com exceção de uns pequenos nichos e de passagens estreitas, esse enorme depósito estava abarrotado de sacos até o teto. Chegavam cada vez mais sacos com todo tipo de ervas e chás,

[119] O título deste capítulo, "o que furta carvão", ou "surrupiador de carvão", é uma expressão que foi criada para desencorajar o roubo de carvão nos trens parados, o que às vezes acontecia com a cumplicidade dos maquinistas.

[120] Essa fábrica foi importante para os Klemperer, mesmo depois da guerra. O proprietário, Willy Schlüter, sempre respeitou os judeus. Tendo ganhado muito dinheiro com a venda da fábrica após a guerra, distribuiu parte dele entre os antigos funcionários que ainda viviam. Victor Klemperer recebeu 500 marcos em 1945.

como espinheiros brancos, flores de tília, urzes, hortelã e manjericão, que eram empilhados uns sobre os outros. A cada nova remessa, os sacos trazidos do pátio eram jogados janela adentro, deslizando rampa abaixo e amontoando-se mais rapidamente do que conseguíamos arrastá-los para os respectivos lugares. Eu ajudava a separar e selecionar os sacos, que tinham rolado uns sobre os outros, e admirava os carregadores que subiam as rampas com as cargas pesadas e volumosas nas costas para encaixá-las nos poucos lugares ainda desocupados. Uma funcionária do escritório, que acabara de descer com uma encomenda, começou a sorrir ao meu lado: "*Kohlenklau* [furtador de carvão] está demais, pode trabalhar em qualquer circo." Eu perguntei a um companheiro a quem ela se referia e a resposta veio com uma ponta de condescendência por minha ignorância, pois qualquer um que não fosse surdo ou cego tinha de saber: "É óbvio que ela está falando do Otto. Todos o chamam de *Kohlenklau*."

Olhei para a figura que me mostravam. Tinha queixo duplo. Observei como ele, encurvado mas com passos rápidos em direção ao monte de sacos, encaixava um por um nas frestas que ainda havia na pilha lateral embutida na parede, com os braços estendidos, passando-os por cima da cabeça, em um movimento de costas, ombros e cabeça, como se fosse uma lagarta. Mas também parecia um gorila; sua figura tinha algo de fantástico, de conto de fadas: braços de macaco, tronco largo sobre coxas grossas e curtas, pernas formando um "O", pés calçados em sapatos bem rasos, grudados ao piso irregular como se fossem tentáculos de um polvo. Quando se virou, percebi que o rosto lembrava o de um sapo e os cabelos escuros lhe caíam sobre a testa estreita e os olhos pequenos. Nas propagandas colocadas em postes e muros das ruas, várias vezes eu vira uma figura semelhante, com o mesmo porte e o mesmo rosto, mas nunca havia parado para observar melhor.

Os cartazes nazistas se pareciam uns com os outros. O que se via era sempre o mesmo tipo de guerreiro bruto e adestrado, empunhando uma bandeira, um fuzil ou uma espada, usando uniforme das SA, das SS ou do Exército, ou mesmo com o tronco nu. Sempre a mesma combinação de força física, intenso fanatismo, musculatura, cenho duro e ausência de sinais de atividade mental. Eram essas as características da propaganda que lidava com o esporte, a guerra e a subserviência à vontade do Führer. Em uma assembleia de professores de filologia de Dresden, realizada logo após a ascensão de Hitler, eu ouvira uma afirmação patética: "Somos os servos do Führer." Depois desse episódio, a frase soava em meus ouvidos sempre que eu via um anúncio ou escutava uma vinheta do Terceiro Reich. E, quando se falava das mulheres, eram sempre as heroicas mulheres nórdicas dos heróis nórdicos. É realmente desculpável que eu olhasse somente de soslaio para esses painéis: desde que passara a ser usuário da estrela,[121] minha intenção era chegar em casa o mais cedo possível, pois a rua me deixava com medo de sofrer as ofensas habituais, e os gestos de comiseração eram ainda mais constrangedores.

Esses painéis de heroísmo, tão pobres de espírito, colocavam em signos gráficos os elementos mais monótonos da LTI, ela mesma muito sem graça, sem enriquecê-la. Nesses desenhos, apresentados às pencas, tampouco havia qualquer elo capaz de aproximar imagem gráfica e texto, de modo a gerar algum elo recíproco entre ambos. "Führer, ordene que obedeceremos!" ou "Nossas bandeiras serão vitoriosas!" eram *slogans* que se infiltravam nas mentes. Não vi nenhum caso em que uma frase ou palavra se encaixasse nesses desenhos. Também nunca conheci qualquer personagem de propaganda do Ter-

[121] A partir de 19 de setembro de 1941 todos os judeus foram obrigados a portar uma estrela amarela visível na lapela com a insígnia *Jude* [judeu] em caracteres hebraicos.

ceiro Reich que tivesse ganhado tanta vida como o *Kohlenklau*, que penetrou e dominou o cotidiano de todo o pessoal de uma fábrica.

Passei a observar essa propaganda com mais atenção. De fato, ela oferecia algo novo. Parecia saída de um conto de fadas, de uma lenda cheia de visões fantasmagóricas, apelando para a fantasia. Em Versalhes há uma fonte inspirada na *Metamorfose* de Ovídio: as personagens que estão na margem já foram meio afetadas pela poção mágica, sua figura humana vai se desfazendo e se transformando em uma forma animal. É assim que vejo *Kohlenklau*. Os pés estão mais para a condição de anfíbio, a bainha do paletó, que virou um coto, lembra um rabicho, e a figura se assemelha ao ladrão que se esquiva encurvado, parecendo já um quadrúpede. A impressão de conto de fadas, que se sobressai nessa imagem, era ainda mais reforçada pela bem-sucedida escolha do nome popular *Kohlenklau* — palavra da linguagem coloquial, graças ao termo *Klau* [furtador], em vez de *Dieb* [ladrão], mas ao mesmo tempo poética e elevada, acima do nível trivial, por causa da aliteração e da audácia no emprego do substantivo composto (compare com *Fürsprech*! [aquele que intervém], em que, como em *Kohlenklau*, a segunda parte do substantivo composto é na verdade um verbo).[122] A simbiose entre palavra e imagem fixou-se na memória com muita força, como no caso do nome e das letras impressas SS.

Tentou-se recriar algumas vezes um efeito semelhante, sem jamais tê-lo alcançado. Para mostrar algum esbanjamento de dinheiro — e não é à toa que não consigo me lembrar em quê — falava-se de um *Groschengrab* [lugar onde se desperdiça dinheiro]; a aliteração é boa, mas menos consistente do que *Kohlenklau* e o desenho, menos envolvente. Depois houve o *Frostgespenst* [fantasma enregelado], que subia janela adentro,

[122] *Fürsprech!*, verbo *sprechen* [falar]; *Kohlenklau*, verbo *klauen* [furtar].

todo encharcado, prenunciando mau agouro; mas nesse caso faltou a palavra apropriada para penetrar nas mentes. A imagem do *Lauscher* [espreitador] foi a que mais se aproximou do *Kohlenklau*. Sua figura ficou exposta meses a fio em vitrines, caixas de fósforos e cantos de jornal como advertência contra espiões. Mas a expressão que o acompanhava, *Feind hört mit* [inimigo na espreita], desconcertante para o ouvido alemão por causa do anglicismo de omitir artigos, já estava desgastada quando surgiu o *Lauscher*. Esses termos tinham aparecido em figuras novelescas: o inimigo pérfido sentado em um café fica atento às conversas desprevenidas da mesa ao lado, meio escondido pela leitura casual de um jornal.

A eficácia da expressão *Kohlenklau* fez surgir variantes como *Stundenklau* [ladrão de horas de trabalho do outro] e *Minenklau* [barco para retirar minas]. O *Reich* publicou uma foto, denominada *Polenklau*, contra a política da União Soviética na Polônia. *Kohlenklau* reapareceu também na moldura de um espelhinho de mão. Na parte inferior dizia: "Olha bem para o espelho, és tu ou não és tu?" E, frequentemente, quando alguém se esquecia de fechar a porta de uma sala aquecida, outro gritava: "*Kohlenklau* chegou!"

O que mais evidencia tudo isso — mais, até mesmo, que o apelido do empregado Otto — e comprova o efeito desse anúncio quando comparado aos milhares de outros, é uma pequena cena na rua ocorrida em 1944, época em que a aura do *Kohlenklau* já se esvaíra. Uma jovem senhora lutava em vão contra a teimosia do filhinho. O menino conseguia soltar-se repetidamente de sua mão na rua e, chorando, recusava-se a caminhar. Um senhor de idade, que assistia à cena, como eu, se aproxima do menininho, põe a mão em seu ombro e, com toda a calma do mundo, diz: "Queres ficar bonzinho junto de tua mãe e seguir com ela para casa, sim ou não? Se não, te levo para o *Kohlenklau*!" O menino olhou espantado para o senhor por um instante. Irrompeu em soluços, tomado de pavor, cor-

reu para a mãe, agarrou-se à saia dela e começou a berrar: "Vamos para casa, mamãe, vamos para casa, mamãe!"

Uma história de Anatole France dá o que pensar. Acho que se chama "O jardineiro Putois". Putois é apresentado às crianças de uma família como um personagem ameaçador, como "o homem negro", e com esse nome se fixa na memória delas. Ele adentra a pedagogia da geração seguinte e gradativamente alcança as dimensões de um deus da família, uma divindade por excelência. *Kohlenklau*, surgido pela ligação de palavra e imagem, teria tido toda a chance de se tornar essa figura mítica, como Putois, caso o Terceiro Reich tivesse durado mais tempo.

CAPÍTULO 15

KNIF

Ouvi *Knif* pela primeira vez dois anos antes de a guerra começar. Berthold M. viera para cá fechar seus últimos negócios antes de emigrar para os Estados Unidos. “Por que devo me deixar estrangular aos poucos? Em alguns anos haveremos de nos rever!” Quando perguntei se ele achava que o regime duraria muito tempo, respondeu com um *Knif*. O sarcasmo e a indiferença não escondiam a amargura que procurava dissimular, pois o *bushido*[123] berlinense determinava que fosse assim. Pouco à vontade, acrescentou com mais ênfase: *Kakfif*. Ao meu olhar de interrogação respondeu com certa condescendência: eu me tornara um provinciano que não entendia mais nada dos assuntos de Berlim. “Essa expressão é muito usada lá.” *Knif!* — ou *kommt nicht in Frage!* [nem pensar!] e *Kakfif!* — ou *kommt auf keinen Fall in Frage!* [de jeito nenhum!].

Os berlinenses sempre se destacaram pela sensibilidade para captar o lado duvidoso das coisas e por um humor cáustico que enxerga o lado mordaz (por isso nunca entendi como o nazismo conseguiu se instalar em Berlim). Em meados da década de 1930 os berlinenses já haviam captado o aspecto caricato das abreviaturas. E, quanto mais inconveniente fosse a piada, melhor. Assim, nas noites de bombardeios passadas nos porões de Berlim, como antídoto para o cumprimento “boa noite!”, surgiu a fórmula *Popo*, a partir de *Penne ohne Pause oben!* [dormir direto, sem acordar].[124] Em março de 1944 houve uma advertência pública e oficial contra o empre-

---

[123] “Caminho do combatente”, em japonês. Foi o código de honra da casta guerreira na Idade Média.

[124] Nesse caso, a gíria quer dizer: sem precisar descer para o abrigo antiaéreo.

go abusivo dessas *Stümmelwörter* [palavras aleijões], nome dado às abreviaturas. O *Dresdner Allgemeine Zeitung*, importante jornal de Dresden conhecido como DAZ, às vezes publicava temas linguísticos na seção *Unsere Meinung* [Nossa opinião]. Dessa vez a matéria era sobre um decreto governamental que pretendia se contrapor ao efeito funesto das abreviaturas que "desfiguram a língua". O governo queria desfazer por decreto o seu próprio hábito de abusar de abreviaturas, cujo avanço, segundo ele, precisava ser detido. Havia dúvida se o conjunto de fonemas do tipo *Hersta der Wigru* ainda fazia parte da língua alemã. A expressão constava de um dicionário de economia com o significado *Herstellungsanweisung der Wirtschaftsgruppe* [instrução para a produção de um grupo econômico].

Cronologicamente situado entre o chiste popular de Berlim e a observação no DAZ surgiu algo que se assemelha a má consciência e à pretensão de encobrir sentimentos de culpa. Uma matéria publicada no *Reich* de 8 de agosto de 1943, denominada "Hang und Zwang zur Kürze" [Vocação e gosto para abreviar], responsabilizava o bolchevismo por essas "monstruosidades linguísticas", "um atentado contra o senso de humor alemão". Havia, é claro, abreviaturas bem-sucedidas, e essas (obviamente!) tinham sido criadas pelo povo alemão, como *Ari* para "artilharia", muito usada na Primeira Guerra Mundial.

Nesse artigo, o questionamento já vinha mal formulado: abreviaturas são criações muito artificiais, que se encontram tão afastadas do povo quanto o esperanto. Quase sempre, o povo se limita a imitações engraçadas. Criações como *Ari* são exceções. E a crítica à autoria russa das "monstruosidades verbais" não consegue se sustentar com bom senso. Além disso, a matéria remetia a outro artigo que aparecera no *Reich* três meses antes, em 7 de maio, em que se comentava o ensino da língua russa no sul da Itália, onde o fascismo já havia sido depos-

to: "Os bolcheviques enterraram a língua russa, impondo uma torrente de abreviaturas e palavras artificiais dissonantes. [...] O que se ensina aos alunos no sul da Itália não passa de gíria."

Mesmo que o nazismo, por intermédio do fascismo italiano, tenha copiado coisas do bolchevismo (tornando mentira tudo que tocava, como se fosse o "Midas da mentira"), não seria preciso copiar a ideia de criar abreviaturas, pois elas existiam desde o início do século XX e estavam em voga desde a Primeira Guerra Mundial na Alemanha, nos países europeus e no mundo todo.

Em Berlim já havia a KDW, *Kaufhaus des Westens*, a "grande loja do Ocidente". Mais antiga ainda era a *Hapag*, ou *Hamburg-Amerikanische-Packetfahrt-Actien-Gesellschaft.*[125] Havia um belo romance francês chamado *Mitsou*,[126] a abreviatura de um empreendimento industrial e ao mesmo tempo o nome da amante do proprietário. Essa conotação erótica era a prova de que as abreviaturas haviam sido aceitas na França.

As abreviaturas italianas tinham um toque artístico, sendo possível dividi-las em três categorias. A mais primitiva junta simplesmente as iniciais, algo como BDM.[127] A segunda cria um grupo fonético que pode ser pronunciado como uma palavra. A terceira forma uma palavra que já existe na língua e possui alguma conexão com o significado da palavra abreviada. *Fiat*, palavra da criação bíblica que significa "faça-se!", designa um carro famoso da *Fabbricche Italiane Automobili Torino* [Fábrica Italiana de Automóveis Torino]. O noticiário semanal do cinema na Itália fascista chamava-se *Luce* [luz], acróstico da *Lega Universale di Cinematografia Educativa* [Liga Universal de Cinema Educativo]. Para incrementar o trabalho industrial, Goebbels criou a abreviatura *Hib-Aktion*, na qual

[125] Instituição fundada em 1847.

[126] *Mitsou, ou Comment l'esprit vient aux filles* (1919), de Colette.

[127] BDM: Bund Deutscher Mädel [Liga das Meninas Alemãs], para meninas entre 14 e 21 anos.

Hib são as iniciais de *Hinein in die Betriebe!* [todos às fábricas!]. Apesar de muito eficaz na linguagem oral,[128] ela é desprovida de rigor ortográfico.

Sabia-se que, no Japão, um jovem e uma jovem que se vestissem e se comportassem à moda americana ou europeia eram denominados, respectivamente, *Mobo* e *Mogo*, ou seja, *modern boy* [rapaz moderno] e *modern girl* [moça moderna].

Em paralelo à extensão geográfica das abreviaturas existe também uma dimensão histórica. De fato, não é *Ichtys* [peixe] o símbolo e o sinal de reconhecimento das mais antigas comunidades cristãs? É uma abreviatura desse tipo, pois contém não somente a palavra. *Ichtys* é também o acróstico formado com as palavras gregas "Jesus Cristo, Filho de Deus, o Salvador".

Pois bem: se a abreviatura está presente no tempo e no espaço, até que ponto ela pode ser considerada uma característica particular ou um defeito particular da LTI?

Para responder, examinarei as funções das abreviaturas antes do nazismo.

Ichtys, o peixe, é o símbolo de uma associação secreta de caráter religioso à qual se atribui um duplo encanto, seja pelo pacto secreto, seja pela força mística. *Hapag* tem a concisão necessária dos negócios e dos endereços telegráficos. Levando-se em conta o período enorme em que uma sigla é usada no campo das ideias, dos sentimentos e da transcendência, pergunto se é possível concluir que a necessidade de expressão religiosa encontrou sua forma bem antes da necessidade de expressão prática (sou cético diante de conclusões assim em questões de linguagem e poesia). Talvez a expressão do solene tenha obtido antes da expressão do cotidiano a honra de ser preservada em forma figurada.

---

[128] Na expressão oral percebe-se a relação com a palavra *Hieb* [golpe, pancada, surra].

Observando-se melhor, percebe-se que os limites entre o sentimento e a realidade são bastante imprecisos. Quem souber identificar um produto industrial por sua sigla ou por seu endereço telegráfico[129] sentirá a confortadora sensação, consciente ou não, de pertencer ao grupo de pessoas que dominam aquele conhecimento, pelo saber ou por contatos privilegiados, destacando-se da massa como um iniciado que faz parte de uma comunidade exclusiva. Aqueles que criam essas siglas conhecem o impacto emocional que elas têm e lhe atribuem grande importância. A demanda geral por abreviaturas, nos dias de hoje, surgiu da necessidade dos negócios na indústria e no comércio. Não é possível definir com clareza onde passa a linha divisória entre as abreviaturas industriais e as científicas.

O ponto de partida da nova onda de abreviaturas provavelmente ocorreu nos países campeões no comércio e na indústria, a Inglaterra e os Estados Unidos, além, sem dúvida — o que explicaria o ataque contra as "monstruosidades verbais" russas —, da Rússia soviética, que demonstrou uma inclinação especial para as abreviaturas, pois Lênin considerava o avanço técnico do país um importante postulado, adotando assim o modelo dos Estados Unidos... Caderno de anotações do filólogo! Quantos temas para seminários e teses aparecem nestas poucas linhas, quantas reflexões sobre a história da linguagem e da civilização poderiam ser aproveitadas daqui!... A abreviatura moderna não se desenvolveu apenas no domínio técnico-econômico, mas também no domínio político-econômico e ainda no político propriamente dito. Em qualquer assunto ligado a um sindicato, a uma organização, a um partido, há sempre uma abreviatura. Nessa situação evidencia-se claramente o valor iniciático da designação especial. Parece-me fora de propósito querer atribuir a essa categoria de

[129] Hoje seria um endereço eletrônico.

abreviaturas uma origem americana; não sei se a sigla SPD[130] se apoiou em um modelo estrangeiro. Porém, é possível que a extraordinária difusão dessas formas abreviadas na Alemanha se deva a imitações vindas do exterior.

Ao mesmo tempo, aparece algo tipicamente alemão. A organização mais poderosa da Alemanha imperial foi o Exército. A partir da Primeira Guerra Mundial concentraram-se na linguagem militar abreviaturas de todos os tipos e temáticas, desde a denominação abreviada do grupamento e da aparelhagem técnica até a palavra cifrada que servia como proteção contra o exterior e fator de coesão interna.

Se me perguntarem agora se e por que as abreviaturas devem constar entre as principais características da LTI, a resposta é clara. Nenhum estilo linguístico anterior empregou-as de maneira tão exagerada como o alemão de Hitler. A abreviatura moderna está inserida em qualquer lugar onde há tecnicismo e organização. Ora, a aspiração totalitária do nazismo impõe o tecnicismo e organiza tudo. Eis a razão da grande quantidade de abreviaturas. Como tenta também, em nome dessa mesma exigência de totalidade, se apoderar de toda vida interior, pois pretende se tornar religião, com a suástica por toda parte, cada uma dessas abreviaturas é aparentada ao antigo "peixe" cristão: *Kradschütze oder Mannschaft am MG (Maschinengewehr), Glied der HJ oder DAF — man ist immer "verschworene Gemeinschaft"* [Seja a infantaria montada, seja equipes armadas, seja membros da HJ (Juventude Hitlerista) ou da DAF (Frente Alemã de Trabalho) — cada um está sempre inserido em "uma comunidade de conjurados"].

---

[130] Sozialdemokratische Partei Deutschlands [Partido Socialdemocrata da Alemanha]. Fundado em 1848, é o partido político mais antigo da Alemanha. A abreviatura SPD surgiu em 1890, depois de o partido usar várias outras siglas.

CAPÍTULO 16

EM UM ÚNICO DIA DE TRABALHO

O veneno corre solto por toda parte, se alastra pela água da LTI e não poupa ninguém.

Na fábrica de envelopes e sacolas de papel Thiemig & Möbius o ambiente nem era particularmente nazista. O chefe, apesar de fazer parte das SS, proporcionava aos "seus judeus" tudo que pudesse, falava-lhes com cordialidade e às vezes mandava vir algum quitute da cantina. Não sei se o que me agradava mais era um restinho de salame de cavalo ou ser chamado de sr. Klemperer, às vezes até mesmo de prof. Dr. Klemperer. Nós, portadores da estrela, trabalhávamos dispersos, misturados com os operários arianos. Só ficávamos efetivamente separados nas refeições e nos abrigos contra ataques aéreos. Durante o trabalho, os operários já ignoravam a proibição de falar conosco e de se apartar de nós, pois no inverno de 1943-1944 não mais se deixavam dominar pelo espírito nazista. Temíamos o supervisor de pessoal, além de duas ou três mulheres que considerávamos capazes de nos delatar. Quando um deles aparecia, fazíamos sinais de advertência uns para os outros, por meio de olhares e de cutucões. Mas bastava eles saírem de cena que voltava a reinar um ambiente de franca camaradagem.

A mais gentil de todas, Frieda, a corcunda, tinha me ensinado as instruções iniciais e continuava a me ajudar quando eu me atrapalhava com as máquinas dos envelopes. Ela trabalhava na fábrica havia mais de trinta anos e não se deixava intimidar nem mesmo pelo supervisor de pessoal. Sempre me dirigia uma palavra gentil, dizendo a ele no meio do barulho das máquinas: "Não me venha com amolações! Eu nem falei com ele, só passei instruções sobre o uso da máquina de co-

lar!" Frieda sabia que minha mulher estava de cama, em casa. De manhã, eis que vejo uma maçã grande, bem em cima da minha máquina. Olhei para o seu local de trabalho e ela me confirmou com um aceno de cabeça. Um segundo mais tarde, já ao meu lado, disse: "Para a mamãe, com um grande abraço." Logo em seguida acrescentou, entre curiosa e espantada: "Albert disse que sua mulher é alemã. É verdade mesmo?"

Desapareceu o prazer de ter recebido a maçã de presente. Aquela alma caridosa, simples e ingênua, com forte sensibilidade antinazista, apesar de muito humana, estava infectada pelo elemento principal do veneno nazista; identificava "alemão" com o conceito mágico de "ariano"; soava-lhe quase inadmissível que uma "alemã" pudesse ser casada comigo, um estranho, um ser de outra categoria no reino animal. Ela ouvira repetidamente frases do tipo *artfremd* [estranho à espécie], *deutschblütig* [de sangue alemão], *niederrassig* [de raça inferior], *nordisch* [nórdico], *Rassenschande* [desonra racial]. É certo que ela própria não tinha uma ideia clara dessas expressões, mas era incapaz de assimilar que minha mulher pudesse ser "alemã".

O tal Albert, que a punha a par das coisas, tinha um raciocínio mais arguto que o dela. Tecia suas próprias conjeturas políticas, nada favoráveis ao governo, tampouco militaristas. Ele perdera um irmão no *front* e a cada exame médico do Exército era dispensado porque sofria de uma úlcera grave. A cada dia ouvia-se o seu "por enquanto", como em "por enquanto ainda estou livre — contanto que esta guerra suja acabe antes que consigam me pegar!". Naquele dia da maçã, em que se noticiou veladamente que os Aliados tinham obtido uma vitória em algum lugar da Itália, ele conversou com um colega, um pouco mais do que de costume, sobre seu tema habitual. Eu, que estava bem ao lado, empurrando um carrinho com papel empilhado na direção da minha máquina, ouvi-o dizer:

— Contanto que essa guerra suja acabe antes que consigam me pegar!

— Mas como a guerra pode acabar se ninguém quer ceder?

— Pois isso está claro: eles têm de perceber que somos invencíveis e que não nos intimidam. Afinal, somos *prima organisiert* [muito bem organizados].

Muito bem organizados — lá vinha de novo a expressão que parecia um narcótico, que alucinava o espírito daquela gente.

Uma hora depois o contramestre manda me chamar para que eu o ajude a etiquetar as caixas de cartolina que estavam prontas. Ele próprio preenchia as etiquetas conforme a fatura de expedição e eu as colava nas caixas empilhadas, que nos isolavam do restante do pessoal da sala como se fossem uma parede. Esse isolamento estimulou a loquacidade do ancião. Ele já estava perto dos setenta anos e ainda trabalhava. Suspirando, dizia que não tinha imaginado uma velhice assim. Mas agora não restava alternativa a não ser trabalhar como escravo, até o fim da vida, até esticar as canelas.

— O que vai ser de meus netos se os rapazes não retornarem da guerra? Erhard, que está em Murmansk, não dá sinal de vida há meses. O pequeno está hospitalizado na Itália. Se ao menos houvesse paz... Mas não é isso que os americanos querem. Não tinham nada a fazer aqui, conosco... Mas a verdade é que eles enriquecem às custas da guerra, esses judeus sujos. É bem a guerra judaica! São eles de novo!

Sua fala foi interrompida pelo uivo da sirene; era comum o alarme de perigo iminente soar direto, pois nessa época o alarme preparatório, apesar de frequente, já não era mais respeitado; ele não nos fazia interromper o trabalho.

Embaixo, no porão imenso, ficavam sentados os judeus, apertados em torno de uma coluna, separados do restante dos arianos por uma demarcação. Mas a distância entre nós e os bancos dos arianos era tão pequena que podíamos ouvir

as conversas, ao menos as das primeiras filas. A cada dois ou três minutos o alto-falante transmitia um relatório da situação: "Os aviões se desviaram para o Sudeste... Novo grupo de aviões se aproxima do Norte. Risco de bombardeio sobre Dresden."

As conversas se interrompem por alguns momentos, quando uma gorda senhora, sentada na primeira fileira, operária esforçada e habilidosa que manejava a máquina grande de "envelopes com janela", diz sorrindo, tranquila e segura:

— Eles não virão, Dresden será poupada.

— Por quê? — pergunta a colega ao lado.

— Você também acredita na besteira de que querem fazer de Dresden a capital da Tchecoslováquia?

— Oh, não. Tenho inclusive um motivo melhor para me sentir segura.

— Qual?

A resposta veio com um sorriso entusiasmado, que caía de forma estranha naquele semblante rude e pouco expressivo.

— Nós três vimos nitidamente. No último domingo à tarde, perto da igreja Annnenkirche, o céu estava limpo, havia poucas nuvens. De repente uma dessas nuvens vem e se alinha de tal forma que mostrava um rosto, um perfil único [ela disse exatamente "único"!]. Nós três reconhecemos logo. Meu marido foi quem disse primeiro: "Mas esse é o *Alte Fritz*,[131] igualzinho como o vemos nos quadros!"

— Bem, e daí?

— Como, e daí?

— O que isso tem a ver com a segurança de Dresden?

— Que pergunta mais boba. Você há de convir que o quadro que nós três vimos, meu marido, meu cunhado e eu, é uma prova de que o *Alte Fritz* está protegendo Dresden.

---

[131] Designação carinhosa do imperador Frederico, o Grande, da Prússia (1712-1786).

— O que pode acontecer com uma cidade que ele protege?

— Você não percebe? O alarme terminou, podemos subir de volta.

Foi excepcional, é claro, que quatro manifestações do estado de espírito reinante aparecessem em um único dia. Entretanto, ele não se restringia a esse único dia, tampouco a essas quatro pessoas.

Nenhuma delas era um verdadeiro nazista.

À noite era meu turno de vigília. O caminho para o local de vigília ariano passava a poucos metros de distância de onde eu ficava sentado. Enquanto eu lia um livro, a admiradora do "Fredericus" me cumprimentou com um sonoro "Heil Hitler!". Na manhã seguinte ela veio até a mim e disse com muita cordialidade:

— Desculpe meu "Heil Hitler!" ontem à noite. Eu estava apressada e confundi o senhor com outra pessoa, a quem sou obrigada a cumprimentar dessa forma.

Nenhum deles era nazista, mas o veneno infectara todos.

CAPÍTULO 17

SISTEMA E ORGANIZAÇÃO

Há o sistema de Copérnico, há sistemas filosóficos e sistemas políticos. Mas, quando o nacional-socialista diz "o *System*", ele se refere especificamente ao sistema da Constituição de Weimar. O termo, com esse uso particular na LTI, logo se tornou conhecido — na verdade, o uso ampliou-se para designar todo o período de 1918 a 1933. A palavra tornou-se rapidamente muito mais popular do que a designação de uma época, como o Renascimento. Já no verão de 1935 um carpinteiro que arrumava o portão do jardim me disse: "Ah, estou suando em bicas! Bom mesmo era o tempo do *System*, em que se usavam os *Schillerkragen* [colarinhos "estilo Schiller"], desabotoados, que deixavam o pescoço livre. Hoje isso nem existe mais, tudo já vem apertado e às vezes até engomado." O homem não desconfiava que sua frase era um lamento pela liberdade tolhida; ao mesmo tempo, usando uma alegoria, demonstrava desprezo pelo momento presente. Não é necessário enfatizar que *Schillerkragen* simbolizava perfeitamente a liberdade. Difícil de entender é que o termo "sistema" contenha uma censura metafórica.

Para os nazistas, o sistema de governo da República de Weimar era pura e simplesmente o *System*, contra o qual eles estavam em conflito permanente. Consideravam-no a pior forma de governo, alimentando contra ele uma oposição feroz, em contraposição à afinidade que sentiam, por exemplo, em relação à monarquia. Criticavam o efeito paralisante que a pulverização de um sem-número de partidos teria produzido durante a República de Weimar. Depois da primeira farsa democrática — uma sessão do *Reichstag* sob o chicote de Hitler, na qual não se discutiu nada e todas as medidas do go-

verno foram aprovadas por unanimidade —, os jornais do partido, em tom triunfalista, publicaram que em meia hora de sessão os novos parlamentares tinham produzido mais do que o parlamentarismo do *System* em meio ano.

Do ponto de vista linguístico-conceitual, por trás da rejeição ao termo *System* se esconde muito mais do que exclusivamente a significação de "parlamentarismo de Weimar". Um *System* é algo "elaborado", construído, executado pelas mãos e as ferramentas das pessoas, conforme os ditames da razão. Justamente nesse sentido concreto e "construtivo", até hoje falamos de um sistema ferroviário ou de um sistema de canais, por exemplo. Com maior frequência, entretanto, o termo é empregado quase unicamente em sentido abstrato (pois em outros casos usamos mais "malha" ou "rede" ferroviária). O sistema kantiano é uma rede de conceitos entrelaçados de maneira lógica, visando a captar a complexidade do mundo. Para Kant, para o filósofo, por assim dizer, qualificado, filosofar significa pensar de maneira sistemática. Mas é isso que o nacional-socialista rejeita profundamente, pois, por instinto de preservação, ele precisa execrar o pensamento sistemático.

Quem pensa não quer ser persuadido, mas sim convencido; é bem mais difícil convencer quem está habituado a pensar sistematicamente. Por isso a LTI detesta a palavra filosofia, mais ainda do que a palavra sistema. A LTI dá uma conotação nociva ao termo "sistema", mas o emprega com frequência; não pronuncia jamais a palavra filosofia, sempre substituída por *Weltanschauung*[132] [visão de mundo].

Anschauen ["ver" por intuição] não faz parte do pensar, pois o pensador faz exatamente o contrário: abstrai, consegue afastar seus sentidos e o objeto. *Anschauen* nunca se refere

---

[132] A LTI distorce o sentido do conceito. O termo foi criado por Wilhelm Dilthey no século XIX em sua *Teoria das concepções do mundo* (ver capítulo 22 deste livro).

somente a órgãos dos sentidos. O olho está limitado a ver. Mas ao verbo alemão *Anschauen* reservou-se, não sei dizer se uma "ação" ou um "estado" mais precioso, mais solene, no qual se consegue pressentir algo de maneira vaga. Não sei precisar se denota um "ver" que mobiliza a essência do observador ou se denota um "ver" que enxerga mais do que somente o lado externo do objeto, conseguindo captar os mistérios da essência do outro, sua alma. *Weltanschauung*, termo bastante difundido antes mesmo do nazismo, perdeu o encanto dominical quando a LTI passou a empregá-lo em detrimento de filosofia, caindo na trivialidade dos afazeres cotidianos. *Schau* [ponto de vista, visão], vocábulo sagrado no círculo de Stefan George,[133] também é uma palavra culta na LTI — se eu escrevesse este caderno de anotações em forma de léxico, no estilo da minha querida *Enciclopédia*,[134] seguramente indicaria aqui o verbete *Barnum*[135] —, enquanto *System* encabeça a lista das palavras abomináveis, junto com *Intelligenz* e *Objektivität*.

Se *System* é um termo proibido, então como se chama o sistema de governo dos próprios nazistas? Pois os nazistas, é claro, possuem um sistema de governo e sentem orgulho de que ele esteja na origem de cada manifestação e de cada situação de vida, razão pela qual *Totalität* é um dos pilares da LTI.

Eles não possuem um "sistema", e sim uma organização. Não sistematizam com a razão, mas ficam na espreita, tentando captar os segredos do *organisch* [orgânico].

Tenho de começar com o adjetivo *organisch*, único dessa *Sippe* [família, clã] de palavras que conseguiu preservar sua beleza e glória do primeiro dia, diferentemente dos substan-

---

[133] Poeta lírico alemão (1866-1933) que teve um grupo de seguidores muito conhecido, o Círculo de George.

[134] Obra de Klemperer sobre a literatura francesa, que abarca o período que vai do século XIII até 1920.

[135] Primeiro desfile de carros alegóricos em Nova York, cujo nome vem do pioneiro do circo, Phineas Taylor Barnum (1810-1891).

tivos *Organ* [órgão] e *Organisation* [organização] e do verbo *organisieren* [organizar]. (Mas quando foi esse primeiro dia? Sem dúvida, foi na aurora do romantismo. Mas cuidado: empregamos "sem dúvida" exatamente quando temos dúvidas; essa questão terá de ser tratada em uma reflexão à parte.)

Durante a incursão da Gestapo em minha casa na Caspar-David-Friedrich-Strasse, quando Clemens[136] bateu em minha cabeça com *O mito do século XX*, de Rosenberg, e rasgou minhas notas sobre esse livro (felizmente, sem que as entendesse), eu já havia comentado no diário a teoria délfica de Rosenberg sobre a "verdade orgânica". Já naquela época, antes da invasão da Rússia, eu escrevera: "Toda essa fraseologia teria sido ridícula se não tivesse trazido consequências tão funestas e assassinas!"

Segundo Rosenberg, os filósofos profissionais costumam cometer um duplo erro. Em primeiro lugar põem-se "à procura da verdade pretensamente única e eterna". Em segundo lugar sua busca se faz "pela via do raciocínio puramente lógico, extraindo deduções a partir de axiomas propostos pela razão". Se, em vez disso, tomarmos o sentido místico que Alfred Rosenberg quer dar à sua visão de mundo não filosófica, então "todo esse monte de lixo intelectualizado e anêmico, denominado *System*, haverá de desaparecer" de uma só vez. Essas citações contêm o principal motivo da aversão da LTI à palavra e ao conceito *System*.

Logo a seguir, nas últimas páginas de *O mito*, a palavra *Organisch* é entronizada definitivamente; em grego, ela significa expandir, germinar como uma planta que cresce inconscientemente. *Wuchschaft* [brotar, evoluir] é a forma alemã para *organisch*. Em vez daquela verdade generalista, que serviria para uma sociedade imaginária, surge a *organische Wahrheit* [verdade orgânica] que emana de forma autêntica do sangue

[136] Um dos agentes da Gestapo em Dresden.

de uma raça e serve somente para essa raça. Essa verdade orgânica não faz parte nem do saber nem do intelecto, não aparece elaborada em um pensamento consciente, mas está "no centro misterioso da alma do povo e da raça", corre no sangue nórdico desde os tempos imemoriais: "O saber derradeiro de uma raça já está contido em seu primeiro mito religioso."

Nem que eu tivesse juntado todas as citações, elas não esclareceriam mais nada, pois a intenção do próprio Rosenberg não era torná-las mais esclarecedoras. Pensar exige clareza de ideias, enquanto magia se pratica sob o domínio do obscurantismo. Cingido pela glória dessa magia e envolto pelo odor anestesiante do sangue, esse discurso enigmático sobre o orgânico perde seu conteúdo linguístico, por assim dizer, ao se fazer a transposição do adjetivo para o substantivo e para o verbo. Bem antes da existência do NSDAP[137] já havia os termos políticos *Parteiorgane* [órgãos do partido] e *Organisationen* [organizações]. Apareceram na década de 1890, quando ouvi falar de política pela primeira vez. Era comum dizer-se em Berlim, quando um trabalhador era membro do Partido Social-democrata, que ele era um *Organisierter* [pessoa organizada] ou *organisiert* [organizado].

Porém, um *Parteiorgan* não é criado por forças místicas que correm pela corrente sanguínea, mas a partir de ações calculadas. E uma *Organisation* não é gerada como um fruto, e sim construída com empenho. Os nazistas diziam *aufgezogen*[138] [atiçado]. Eu mesmo cheguei a me deparar com autores (antes da Primeira Guerra Mundial; em meus diários constava entre parênteses "verificar onde e quando!", mas essa questão de verificar, mesmo agora, um ano após a rendição,[139] ainda apresenta dificuldades) que viam na própria *Organisation* os

[137] Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei [Partido Nacional-socialista dos Trabalhadores Alemães], o Partido Nazista.

[138] Para uma tradução mais completa do termo, ver o capítulo 7.

[139] Klemperer refere-se ao fim da guerra.

meios para suprimir o que era *Organisch* [orgânico], de modo a *entseelen* [desespiritualizar] para que a *Organisation* pudesse tornar-se algo mecânico. Entre os próprios nacional-socialistas, no romance de Dwinger[140] sobre o Kapp-Putsch, *Auf halbem Wege* [A meio caminho], de 1939, encontrei a coesão "lamentável" da organização, considerada artificial, em contraste com a coesão "autêntica" que se desenvolve na natureza. É que Dwinger só aos poucos foi descambando para o nazismo.

De qualquer forma, *Organisation* permaneceu um termo honrado e respeitado na LTI, conseguindo até mesmo passar por um refinamento que nunca tinha experimentado antes de 1933, apesar de usos especializados, esporádicos e isolados.

A vontade totalitária criou um enorme número de organizações, descendo na escala até o nível dos *Pimpfe* [meninos], não, o nível dos gatos: eu não tinha mais o direito de pagar à Sociedade Protetora dos Animais minha contribuição para os gatos, pois a *Deutsches Katzenwesen* [Entidade dos Gatos Alemães] — era assim que constava no boletim informativo — tornara-se um órgão do partido e não havia mais lugar para *artvergessene Kreaturen* [criaturas racialmente perdidas], que viviam com judeus. Depois, tiraram e mataram nossos animais domésticos — gatos, cachorros e até mesmo canários. Não foi um caso isolado, uma infâmia, mas uma intervenção oficial e sistemática. Essa é uma das crueldades não relatadas em nenhum dos processos de Nuremberg. Para puni-la, se eu tivesse esse poder, construiria a forca mais alta possível, nem que isso me custasse a salvação eterna.

Essa temática não me afastou muito da LTI, apesar das aparências, pois justamente a Entidade dos Gatos Alemães per-

---

[140] Escritor alemão (1898-1981) cujas obras glorificavam a guerra e o anticomunismo. O romance citado faz alusão à primeira tentativa da extrema direita alemã de derrubar a jovem República de Weimar em 1920, denominada "Putsch de Kapp". A segunda, também frustrada, foi liderada por Hitler em 1923.

mitiu popularizar e ridicularizar essa nova criação linguística. Dada a sua mania de tudo organizar e de tudo centralizar, os nazistas criaram "organizações unificadas" a partir de organizações específicas. Por ocasião do primeiro carnaval do Terceiro Reich, o número especial do jornal *Münchner Neuesten Nachrichten*, de Munique, que acreditava que ainda se podia permitir alguma esperteza — em seguida ele se tornou submisso, para dois ou três anos depois calar-se compulsoriamente —, trouxe uma notícia sobre a *Dachorganisation des Deutschen Katzenwesens* [Organização Central das Entidades dos Gatos Alemães].

Essa pilhéria foi um caso isolado, sem difusão. A alma do povo, porém, desenvolveu uma crítica não irônica, totalmente inconsciente, à mania nazista de organizar tudo. Para expressar de forma menos romântica: a crítica emergiu de uma só vez, de vários pontos, de maneira natural. Sua causa é a mesma que consta no início do meu "caderno de anotações": *Sprache, die für uns dichtet und denkt* [língua que pensa e poetiza por nós]. Observei essa crítica inconsciente em duas fases de seu desenvolvimento.

Em 1936, trabalhando sozinho, um jovem mecânico conseguiu dar conta de um conserto complicado e urgente em meu carburador e disse: *Habe ich das nicht fein organisiert?* [Organizei isso bem, não é?]. As palavras "organização" e "organizar" estavam de tal forma enfronhadas em seu ouvido, ele se encontrava de tal forma impregnado da ideia de que qualquer trabalho tinha de ser organizado, ou seja, distribuído por um chefe para um grupo, que não lhe ocorriam expressões comuns como "trabalhar", "resolver", "executar" ou simplesmente "fazer".

Pude observar pela primeira vez a segunda fase, decisiva, do desenvolvimento dessa crítica nos dias de Stalingrado e depois. Perguntei se ainda era possível adquirir sabonete de qualidade, ao que me responderam: "Não é possível comprar,

será necessário organizá-lo." A palavra gerava suspeita, cheirava a negócios ilícitos, a mercado negro. Exalava odor igual ao das organizações nazistas oficiais. Entretanto, as pessoas que falavam daquilo que "organizavam" não tinham nenhuma intenção de realizar negociações ilícitas. *Organisieren* era um termo benigno, que se encontrava em voga por toda parte, era a definição óbvia de uma ação óbvia...

Mas quem, ainda ontem, disse *Ich muss mir ein bisschen Tabak organisieren* [preciso organizar um pouco de tabaco para mim]? Desconfio que tenha sido eu mesmo.

CAPÍTULO 18

NELE EU ACREDITO!

Quando penso naqueles que tinham fé em Adolf Hitler, a imagem que me vem primeiro à mente é sempre a da *Fräulein* Paula von B.[141] com seus grandes olhos cinzentos arregalados, em um rosto não mais tão jovem, mas que ainda se mantinha delicado, gentil e inteligente. Ela era assistente de Oskar Walzel[142] na cátedra de filologia alemã da nossa universidade. Orientou grande número de futuros professores dos níveis fundamental e médio, indicando livros, passando e corrigindo trabalhos etc.

É preciso ressaltar que Walzel às vezes se distanciava um pouco da estética, por sua preferência pelo que havia de mais moderno, expondo-se ao risco de cair no esnobismo. Durante suas famosas conferências, prestava atenção exagerada no numeroso público feminino, o assim chamado grupo do "chá das cinco". Apesar de tudo, seus livros revelam um erudito, com pensamentos construtivos, a quem a teoria literária deve muito. Pelas convicções gerais e a postura social, ele se inseria na ala esquerda da burguesia. Seus adversários diziam que era um *jüdischer Feuilletonist* [cronista literário judeu]. Surpreendeu a todos quando, já em Bonn, no final da carreira acadêmica, não foi capaz de manter a integridade: solicitou e obteve o certificado que lhe dava *status* de ariano, exigido por Hitler. Tanto para sua mulher como para seu círculo de ami-

[141] Na verdade, a personagem chamava-se Gertrud von Rüdinger. Em 6 de agosto de 1945 Klemperer soube que ela havia sido demitida da universidade por causa do passado nazista.

[142] Oskar Walzel (1864-1944), escritor alemão, superior de Klemperer na Universidade Técnica de Dresden.

gos esse certificado de absolvição, imposto pelas leis de Nuremberg, foi algo inimaginável.[143]

Fräulein von B. trabalhava feliz da vida sob a chefia desse professor, e os amigos dele eram também os seus. Aparentemente, conquistei sua simpatia por nunca ter duvidado das qualidades de Walzel, apesar das pequenas fraquezas externas. Mais tarde, quando o sucessor de Walzel em Dresden substituiu o estilo de salão por outro de maior densidade filosófica — a cátedra de teoria literária não funciona sem um pouco de charme, essa parece ser uma consequência inevitável da profissão —, *Fräulein* von B. adaptou-se satisfeita ao modo de ser do novo chefe; culta e inteligente, pôde nadar também nessa corrente.

Descendente da antiga nobreza militar, seu pai morrera como general aposentado; seu irmão retornou da Primeira Guerra Mundial como major e foi admitido depois em um cargo de confiança e prestígio em uma grande firma judaica. Se me tivessem perguntado antes de 1933 sobre a posição política de Paula von B., provavelmente eu teria respondido com toda a certeza que ela era alemã, e com a mesma obviedade que era europeia e liberal, apesar de sentir nostalgia do tempo esplendoroso do Império. Mas é mais provável que eu tivesse respondido que, para ela, não existia política, que seus interesses eram puramente intelectuais e que as exigências do cargo na universidade a tinham preservado do perigo de se perder no puro intelectualismo ou em charlatanices.

Eis que chega 1933. Paula von B. precisava buscar um livro em meu departamento. Em geral muito séria, aproximou-se de mim com expressão alegre e movimentos ágeis e vivazes.

— Por que tanta alegria? A senhorita está esfuziante. Algum acontecimento particular e especial?

---

[143] Trata-se das leis raciais de Nuremberg, de 15 de setembro de 1935, que pretendiam proteger "o sangue e a honra alemães".

— Particular! Não preciso mais disso... Rejuvenesci dez anos. Não, dezenove: desde 1914 não me sinto tão bem!

— A senhorita vem dizer isso justo a mim? Não sabe como pessoas que até então lhe eram bem próximas vêm sendo denunciadas? Obras que a senhorita até há pouco reconhecia como de muito valor estão sendo condenadas. Renuncia-se à vida do espírito que a senhorita valorizava...

Ela me interrompeu um pouco consternada, mas afetuosa:

— Querido professor, não contava com seu nervosismo. O senhor deve tirar algumas semanas de férias e não ler jornais. Vai ficar doente... Não está percebendo a realidade e se deixa desviar por pequenos percalços e constrangimentos que não há como evitar em revoluções tão importantes. Logo o senhor haverá de julgar de maneira diferente. Poderei em breve fazer-lhes uma visita, não é?

Com um "lembranças à família", saiu pela porta, saltitante como uma adolescente, antes que eu pudesse responder qualquer coisa.

O "em breve" se estendeu por vários meses, durante os quais a perfídia generalizada do novo regime e sua brutalidade, em especial contra a "inteligência judaica", se manifestavam a cada dia de maneira mais evidente. Achei que a ingenuidade de Paula von B. talvez tivesse sofrido um abalo. Não nos víamos mais na universidade. Não sei se ela me evitava de propósito.

Certo dia, eis que aparece lá em casa. Era seu *Deutsche Pflicht* [dever alemão], disse, informar os amigos de suas novas convicções políticas, esperando que continuássemos a aceitá-la como amiga.

— *Deutsche Pflicht* é um termo que a senhorita não teria usado antes do nazismo — eu disse, interrompendo-a. — O que tem a ver o fato de "ser ou não ser alemão" com questões que são tão individuais e ao mesmo tempo tão universal-

mente humanas? Ou a senhorita veio aqui com a intenção de nos politizar?

— Alemão ou não alemão, essa é a questão, isso é o essencial. Veja o senhor, isso eu aprendi, aprendemos todos, com o Führer, aprendemos de novo o que estava esquecido. *Er hat uns nach Hause zurückgeführt!* [Ele nos deu nosso lar de volta!]

— A troco do que a senhorita vem aqui para nos dizer isso?

— O senhor tem de admitir, terá de compreender que agora pertenço totalmente ao Führer, e nem por isso serei menos sua amiga...

— Como se pode conciliar esses dois sentimentos? O que o Führer diz do honrado mestre Walzel, seu antigo chefe? Como harmonizar tudo isso com o humanismo de Lessing,[144] tema de trabalhos que a senhorita orientava nas aulas? E como... mas não adianta continuar perguntando...

A cada uma das minhas frases ela sacudia a cabeça. Rolavam lágrimas de seus olhos.

— Parece realmente inútil, pois tudo o que o senhor me pergunta emana da razão, e os sentimentos que se escondem atrás dela trazem uma amargura *über Unwesentliches* [sobre o que não é essencial].

— De onde devem partir minhas perguntas, se não da razão? O que seria então *das Wesentliche* [o essencial]?

— Já lhe expliquei, fomos reconduzidos para casa, retornamos ao lar! O senhor tem de sentir isso, tem de entregar-se a esse sentimento. Para não sofrer esse *Unzuträglichkeit* [aborrecimento], do qual é vítima agora, o senhor precisa compreender a grandeza do Führer... E nossos clássicos? Não acre-

---

[144] Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781), escritor e crítico alemão. Humanista e livre-pensador. Criticou o teatro neoclássico francês e exaltou Shakespeare; suas obras *Minna von Barnhelm* e *Emília Galotti* assentaram as bases do moderno teatro burguês alemão.

dito de jeito nenhum que eles o contradigam, basta lê-los da maneira correta. Herder, por exemplo, mesmo ele... é certo que eles [os clássicos] se permitiriam ser persuadidos!

— De onde a senhorita retirou tanta certeza?

— De onde a certeza plena pode provir: da fé. Se tudo isso não lhe diz nada, então, pois então o nosso Führer tem toda a razão quando fala contra os... [ela engole rapidamente a palavra "judeus" e continua]... contra a inteligência estéril. Pois eu creio nele. Precisava dizer-lhe que creio nele.

— Então, prezada senhorita Paula von B., é melhor suspendermos nossa amizade e nossas conversas por tempo indeterminado...

Ela partiu. Durante o pouco tempo que ainda permaneci na universidade conseguimos não nos ver. Depois disso, a vi somente uma vez e ouvi falar dela em uma conversa.

Voltei a vê-la em um dos momentos históricos do Terceiro Reich, em 13 de março de 1938. Nesse dia, quando abri a porta de uma agência do Banco do Estado, sem pensar em nada em especial, tive um sobressalto e dei um passo atrás, suficiente para que a porta semiaberta me ocultasse um pouco. Lá dentro, todos permaneciam de pé, tanto as pessoas defronte dos guichês quanto as detrás, em posição rígida, com o braço estendido, ouvindo uma voz que falava no rádio em tom declamatório. A voz anunciava a lei que anexava a Áustria à "Alemanha de Hitler", o *Anschluss*. Permaneci em meu semiesconderijo para não ser obrigado a fazer a saudação nazista. Na frente de todos estava Paula von B. Tudo nela era êxtase. Seus olhos brilhavam, a rigidez de sua postura e de sua saudação era diferente do "estar atento" dos demais. Transmitia a imagem de um espasmo, um deslumbramento.

Alguns anos depois, por acaso, chegou à *Judenhaus* uma notícia dos antigos colegas da universidade. Alguém falou em tom de chacota que Paula von B. era a seguidora mais incondicional do Führer, mas a menos perigosa, pois não denun-

ciava pessoas nem cometia ações torpes. Nela havia só entusiasmo. Justamente nessa época, andava exibindo para todos uma foto que conseguira tirar. Em viagem de férias observara de longe o *Obersalzberg*.[145] Não vira o Führer em pessoa, mas seu cão, sim, do qual tirara uma foto maravilhosa.

Quando minha mulher soube, comentou:

— Eu já tinha lhe dito em 1933 que essa von B. é uma velha solteirona histérica, que vê no Führer o redentor. Hitler se apoia, ou se apoiou, nessas solteironas até conseguir tomar o poder.

— E eu respondo, repetindo o mesmo que disse naquela altura: pode ser que você esteja certa quanto a essa questão das velhas solteironas, mas o assunto não se resume a isso, e hoje menos do que nunca [já era depois de Stalingrado], independentemente dessa crueldade tirana. É evidente que ele deve suscitar uma fé que se espalha também entre outras pessoas, e não só entre velhas solteironas. A própria *Fräulein* von B. não é uma solteirona clássica. Durante anos, nos quais já havia risco, a conhecemos como uma mulher de bom senso, de boa formação. Não só tem uma profissão, mas a exerce com eficiência. Criou-se em um ambiente sóbrio e trabalhador, viveu durante anos em uma atmosfera de horizontes amplos, e tudo isso deveria torná-la mais impermeável a esse tipo de psicose religiosa... Eu levo muito a sério quando ela diz: "Nele eu acredito!"

Na fase final da guerra, quando a evidência da derrota absoluta e irremediável se impunha a todos, quando o desfecho estava à vista, deparei-me com esse "credo" duas vezes seguidas em curto espaço de tempo. Em ambos os casos não se tratava de solteironas.

---

[145] Região montanhosa e escarpada nos Alpes, situada entre a Alemanha e a Áustria. Ali ficava a mansão onde Hitler recebia seu círculo mais íntimo de colaboradores.

A primeira vez foi em um bosque perto de Pfaffenhofen no início de abril de 1945. Nossa fuga pela Baviera estava dando certo. Tínhamos documentos que nos permitiriam encontrar alojamento em qualquer parte, mas cada município nos encaminhava para o próximo. Íamos a pé, carregados e exaustos. Um soldado nos alcançou, sem proferir palavra, pegou a parte mais pesada do nosso fardo e caminhou conosco. Devia estar no início dos seus vinte anos. Tinha uma expressão franca e amável, parecia forte e saudável, mas a manga esquerda do uniforme balançava vazia. Começou dizendo que percebera que tínhamos dificuldade em carregar nossos pertences, e por que ele não haveria de ajudar *Volksgenossen* [camaradas do povo]? Certamente, estávamos seguindo o mesmo caminho até Pfaffenhofen. Começou então a falar de si, espontaneamente. Fora ferido e aprisionado no litoral do Atlântico. Vivera em um acampamento americano antes de ser recambiado por causa da amputação. Era camponês da Pomerânia e queria voltar para casa assim que sua região fosse libertada do inimigo.

— Libertada do inimigo? Você conta com isso? Os russos estão às portas de Berlim, e os ingleses e os americanos...

— Eu sei, eu sei. Muita gente dá a guerra como perdida.

— Você mesmo, não acha? Você, que viu tanta coisa, também deve ter ouvido muitas notícias no exterior...

— Ah!, mas o que se ouve no exterior é tudo mentira.

— Mas os inimigos já estão dentro da Alemanha e nossos recursos se esgotaram.

— O senhor não pode dizer isso. Aguarde os próximos quinze dias.

— O que há de acontecer?

— Muitos afirmam que começará a contraofensiva. Permitimos ao inimigo penetrar tanto para que possamos aniquilá-lo com maior vigor.

— Você acredita nisso?

— Eu sou um reles cabo, não entendo de estratégia o suficiente para poder julgar. Mas há poucos dias o Führer disse que seguramente haveremos de vencer, que a vitória é certa. Ele nunca mentiu. Eu acredito em Hitler. Deus jamais o abandonaria. Eu acredito em Hitler.

O rapaz, tão loquaz até o momento em que acabava de pronunciar a última frase, manteve o olhar fixo no chão e calou-se, talvez um pouco mais pensativo. Eu não sabia o que responder. Fiquei feliz quando se despediu poucos minutos depois, assim que alcançamos as primeiras casas de Pfaffenhofen.

A outra vez, logo em seguida, foi na pequena aldeia de Unterbernbach, onde finalmente encontramos abrigo e que pouco depois foi tomada pelos americanos. Do *front*, que ficava próximo, os soldados chegavam sozinhos ou em bandos, batendo em retirada de seus regimentos desintegrados. O colapso do Exército era total. Todos sabiam que o fim estava próximo, ninguém queria cair prisioneiro. A maior parte amaldiçoava a guerra, a única coisa que desejavam era paz, indiferentes a tudo o mais. Alguns maldiziam Hitler, outros o regime, assegurando que o Führer tinha planejado tudo muito bem e que outras pessoas eram responsáveis pelo colapso.

Conversamos com muita gente, pois nosso anfitrião era a pessoa mais generosa do mundo. Sempre conseguia oferecer um naco de pão ou uma colher de sopa para cada fugitivo. À noitinha, quatro soldados de regimentos diferentes estavam sentados em volta da mesa e mais tarde iriam dormir no celeiro. Dois eram estudantes do norte da Alemanha e os outros dois eram mais velhos, um carpinteiro da Baviera e um velho seleiro de Storkow. O bávaro falava de Hitler com muita amargura e os estudantes concordavam com ele. Então o seleiro, tomado de fúria, esmurra a mesa:

— Vocês têm é de se envergonhar. Parece até que perdemos a guerra só porque os americanos chegaram aqui...

— E os russos?... E os ingleses... os franceses?

Caíram sobre ele de todos os lados. Era óbvio que tudo acabara, até uma criança percebia isso.

— Não interessa perceber, o que interessa agora é acreditar! O Führer não vai desistir, e o Führer não pode ser derrotado. Ele sempre descobriu um caminho quando os outros supunham que não havia saída. Não, com os diabos, não! Não interessa compreender, temos é de acreditar! *Ich glaube an den Führer* [eu acredito no Führer].

....

Assim, ouvi profissões de fé em Hitler vindas de duas camadas sociais, a intelectual e a popular, em duas épocas distintas, no começo e no fim. Em ambos os casos elas vinham do coração, de corações devotos, não eram somente da boca para fora. Além disso, estava e estou convencido, depois de fazer as devidas verificações, de que essas pessoas tinham o que se considera uma inteligência média, sem sombra de dúvida.

....

É evidente que a LTI, nos momentos culminantes, é uma linguagem de fé, já que visa ao fanatismo. Mas o estranho é que, sendo uma linguagem de fé, esteja estreitamente ligada ao cristianismo, ou, mais exatamente, ao catolicismo, apesar de o nacional-socialismo combater o cristianismo e, em especial, a Igreja Católica. Esse combate se dá às vezes de maneira aberta, às vezes de maneira velada, às vezes de maneira teórica, às vezes de maneira prática, mas ocorre desde o começo. Em teoria, o nacional-socialismo ressalta as raízes hebraicas, ou, segundo a expressão técnica da LTI, as raízes "sírias"[146] do cristianismo para destruí-lo. Em termos práticos, o nacional-socialismo pressiona os homens das SS, bem como os professores das escolas primárias, a abandonar a Igreja. Movem processos contra professores de escolas católicas, que acusam

[146] Termo da Idade Média para designar o que vem do Oriente Médio.

de homossexuais, enviando os assim chamados sacerdotes políticos para a prisão e os *Lager*[147] [campos de concentração].

Mas para os primeiros heróis do partido, os dezesseis que tombaram defronte à Feldherrnhalle,[148] criaram-se um culto e uma linguagem reservadas somente aos mártires cristãos. A bandeira conduzida à frente do séquito desses dezesseis chama-se *Blutfahne* [bandeira de sangue], com a qual se consagram as novas insígnias das SA e das SS. E no sem-número de discursos e artigos correspondentes não falta a expressão "testemunhas de sangue". Mesmo quem já tivesse participado dessas cerimônias indiretamente, ou as tivesse visto no cinema,[149] ficava inebriado só de respirar o cheiro de sangue que essas manifestações religiosas exalavam.

O primeiro Natal após a anexação da Áustria, chamado de *Grossdeutsche Weihnacht* [Natal da Grande Alemanha], de 1938, foi totalmente descristianizado pela imprensa. O que se celebra é exclusivamente a *Fest der deutschen Seele* [festa da alma alemã] e a *Auferstehung des Grossdeutschen Reiches* [ressurreição do Reich da Grande Alemanha], ao mesmo tempo que o renascimento da luz, graças à qual o olhar se orienta para a *Sonnenrad* [roda de Sol] e a *Hakenkreuz* [suástica]. O judeu Jesus não entra em cena. Pouco depois, quando se institui a Ordem do Sangue para comemorar o aniversário de Himmler, passa-se a dizer *Orden des nordischen Blutes* [Ordem do sangue nórdico].

Em todo esse conjunto, no entanto, as palavras que ficam gravadas na mente apontam para a transcendência cristã: a mística do Natal, o martírio, a ressurreição e a consagração

---

[147] Sobre essa atitude anticristã, ver também *É isso um homem?*, de Primo Levi (2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997).

[148] Edifício na Praça Odeon, em Munique, onde terminou a tentativa de golpe chefiada por Hitler em 9 de novembro de 1923, que se iniciara na cervejaria Bürgerbräu.

[149] Ver capítulo 8, "Dez anos de fascismo".

de alguma ordem de cavaleiros, apesar de pagã, se articulam como as representações católicas, ou por assim dizer persivalianas,[150] plenamente vinculadas às ações do Führer e de seu partido. E *die ewige Wache der Blutzeugen* [a eterna vigília das testemunhas de sangue] conduz a imaginação em uma direção semelhante.

Aqui cabe destacar a enorme importância da palavra *ewig* [eterno]. É uma daquelas palavras do léxico da LTI cujo aspecto especificamente nazista decorre de um uso despudorado: na LTI, tudo é *historisch* [histórico], *einmalig* [único] e *ewig*. Podemos considerar que *ewig* ocupa o mais alto grau da longa escada de superlativos nazistas. Atingindo-se esse estágio mais alto, pode-se entrar no céu. O atributo *ewig* está relacionado somente com o divino; quando qualifico algo como *ewig*, elevo-o à esfera do religioso. Na inauguração de uma *Hitlerschule*[151] [escola de Hitler] no início de 1938, Ley[152] disse: *wir haben den Weg in die Ewigkeit gefunden* [encontramos o caminho para a eternidade]. Nos exames de conclusão de cursos era comum haver a "pegadinha": *Was kommt nach dem Dritten Reich?* [o que vem depois do Terceiro Reich?]. Se um ingênuo ou um novato respondesse *das vierte Reich* [o Quarto Reich], era eliminado, mesmo que possuísse bons conhecimentos técnicos. A resposta correta era: *Nichts kommt dahinter, das Dritte Reich ist das ewige Reich der Deutschen* [Nada, pois o Terceiro Reich é o eterno Reich dos alemães].

Anotei somente uma vez que Hitler denominou a si mesmo "redentor alemão", empregando termos do Novo Testamento (mas tenho de ressaltar novamente que poucas coisas chegavam aos meus olhos e ouvidos, e mesmo agora me

---

[150] De Persival, personagem casto e redentor da mitologia alemã.

[151] Escola "melhor" para jovens que se destacavam na Juventude Hitlerista.

[152] Robert Ley (1890-1945) foi o chefe da *Deutsche Arbeitsfront* [Frente de Trabalho Alemã].

dedico pouco a leituras complementares). Em 9 de novembro de 1935, escrevi: "Ele chamou de 'meus apóstolos' os caídos na Feldherrnhalle. São dezesseis, seguramente ele tem de ter quatro a mais do que seu antecessor [Jesus Cristo]. Quando houve os funerais, eles disseram: *Ihr seid auferstanden im Dritten Reich* [Vocês ressuscitaram no Terceiro Reich]."

Mesmo que essa autodivinização direta e essa identificação estilística com o Cristo do Novo Testamento tenham sido exceção e ocorrido uma vez só, resta o fato de o Führer ter reiterado o seu relacionamento estreito com a divindade, sua condição especial de eleito e filho de Deus, sua missão religiosa. Na época de sua ascensão triunfal, em junho de 1937, ele diz em Würzburg: "A Providência nos conduz, agimos conforme a vontade do Onipotente. Ninguém pode fazer a história dos povos e do mundo se não contar com a bênção da Providência." Em 1940, no *Heldentag* [dia da recordação dos mortos] da Primeira Guerra Mundial, diz que esperava "humildemente a graça da Providência". Durante anos, quase em cada discurso, quase em cada invocação aparece "o escolhido pela Providência Divina". Após o atentado de 20 de julho de 1944,[153] afirma que foi salvo pelo destino, pois a nação precisava dele, o "*Fahnenträger* [porta-estandarte] da fé e da esperança". Em 31 de dezembro de 1944, na noite de São Silvestre, quando desaparecera qualquer esperança de vitória, o "Deus pessoal dos dias do triunfo terá de retornar, pois o Todo-poderoso não privará de vitória a causa justa".

Existem referências mais importantes à divindade, mas isoladas. Em 10 fevereiro de 1932, Goebbels anota em seus

[153] Nessa data o Conde Stauffenberg (1907-1944), um dos mais destacados generais alemães, colocou uma bomba sob a mesa de reuniões na "Toca dos Lobos", local onde a cúpula nazista analisava o andamento da guerra. O artefato explodiu e por pouco não matou Hitler. Stauffenberg e seus colaboradores foram executados no mesmo dia do atentado.

diários *Vom Kaiserhof zur Reichskanzelei* [Da corte real à chancelaria do Reich], referindo-se a um discurso do Führer no Palácio de Esportes: "No final, seu discurso assume um *páthos* oratório maravilhoso e inacreditável, que termina com um 'amém'. Dá a tudo um ar tão 'natural' que as pessoas se comovem e se sensibilizam profundamente... as massas no Palácio de Esportes ficam tomadas por um frenesi..." O "amém" mostra claramente que esse é um discurso de caráter religioso e pastoral. E a frase "dá a tudo um ar tão natural", redigida por um ouvinte mais experiente, permite concluir que Hitler fez muito uso da retórica, conscientemente. Quem se dispuser a ler as receitas para sugestionar as massas, ensinadas pelo próprio Hitler em *Mein Kampf*, não terá dúvidas sobre a sedução deliberada, baseada no registro religioso. É comum encontrar um crente fanático ou um demente que desenvolveu grande astúcia, mesmo sendo louco. A experiência tem demonstrado que os maiores e mais duradouros sugestionamentos vêm desses charlatães que enganam especialmente a si mesmos. Os juízes de Nuremberg foram poupados pelo próprio Hitler de decidir se ele deveria ir para a forca ou o manicômio. Aqui não é sua culpa que vem ao caso, e sim como ele foi capaz de ser tão influente. O fato de que culmine em uma dimensão religiosa deve-se, pois, em primeiro lugar, a determinadas expressões linguísticas tomadas especificamente do cristianismo e também, em grande medida, porque seus discursos assumem o tom e a ênfase de uma prédica.

Para ser endeusado, ele se beneficia da colaboração organizada de muitos auxiliares qualificados.

Algumas páginas após o trecho que citamos, Goebbels menciona com orgulho que virá o "dia do despertar da nação": "Usaremos toda a nossa capacidade de propaganda com uma força jamais vista...", tudo "haverá de funcionar às mil maravilhas". Em seguida o Führer discursa em Königsberg. Todos se emocionam profundamente quando no acorde fi-

nal do discurso ouve-se "a poderosa 'oração de graças' holandesa"[154] cuja última estrofe é coberta pelo repicar dos sinos da Catedral de Königsberg. "Graças ao rádio, esse hino é transmitido pelo espaço celestial para toda a Alemanha."

Mas o Führer não pode nem deve falar todos os dias. A divindade tem de ocupar um trono sobre as nuvens, e seus pronunciamentos devem ser feitos mais pela boca dos sacerdotes do que pela própria. No caso de Hitler, essa é uma vantagem adicional, pois seus amigos e servidores podem erigi-lo em salvador de maneira ainda mais firme e com maior desenvoltura, venerando-o ininterruptamente e em coro. De 1933 a 1945, até mesmo depois da queda de Berlim, dia após dia houve essa elevação do Führer à categoria divina, essa identificação de sua pessoa e suas ações com o salvador e com a Bíblia, e "tudo funcionou sempre às mil maravilhas". Sob a prepotência reinante, ninguém pôde contradizê-lo jamais.

No primeiro ano do hitlerismo, o antropólogo Spamer,[155] meu colega, que conhece tão bem a origem e a transmissão de lendas, disse-me uma vez, quando lhe falei horrorizado do estado mental do povo alemão: "Se fosse possível [naquele tempo ele ainda considerava que essa era uma hipótese irrealizável] impor uma linha única a toda a imprensa e a todo o sistema de ensino, de modo a reiterar que a Guerra Mundial de 1914-1918 não existiu, em três anos todos acreditariam que de fato ela não existiu." Em nosso primeiro encontro prolongado, quando lembrei Spamer dessas palavras, ele me corrigiu: "Sim, me recordo, só que você está enganado. Naquela ocasião eu disse, e agora repito com mais ênfase: em um ano!"

---

[154] Canto holandês criado em 1626 durante as revoltas contra a Espanha e usado pela propaganda nazista.

[155] Adolf Spamer (1883-1953), especializado no folclore alemão, fez carreira sob os nazistas como chefe do Reich para o Folclore. Klemperer considerou-o oportunista.

Citarei alguns exemplos dos casos absurdos de endeusamento. Em julho de 1934, Göring diz diante da Câmara Municipal de Berlim: *Wir alle, vom einfachsten SA-Mann bis zum Ministerpräsidenten, sind von Hitler und durch Hitler* [Todos nós, desde o mais simples membro das SA até o primeiro-ministro, somos de Adolf Hitler e por Adolf Hitler].

Na campanha eleitoral de 1938, por ocasião da votação para confirmar a anexação da Áustria e aprovar a criação da Grande Alemanha, a propaganda qualificava Hitler como "instrumento da Providência". E no estilo do Antigo Testamento: *Die Hand muss verdorren die Nein schreibt* [Que seque a mão que escrever não].[156] Baldur von Schirach transforma Braunau, cidade natal de Hitler, em local de peregrinação da juventude alemã. Publica também *Das Lied der Getreuen* [Cântico dos fiéis], "versos da juventude hitlerista austríaca anônima durante os anos da perseguição de 1933 a 1937", em que consta: *Es gibt so viele, die dir nie begegnen und denen trotzdem du der Heiland bist* [Tanta gente que nunca te viu, mas sempre te amou, nosso divino salvador, nós austríacos perseguidos].

Nessa altura, todos invocavam a Providência, não somente aqueles que pela origem social e a formação pudessem ser considerados mais sugestionáveis e que facilmente ficariam deslumbrados. Também Kowalewski, o magnífico reitor da Universidade Técnica de Dresden, conceituado professor de matemática, escreveu: *Er ist uns von der Vorsehung gesandt* [Foi-nos enviado pela Divina Providência].

Pouco antes do ataque à Rússia, Goebbels retorna com mais força ao tema do endeusamento. No discurso de votos de felicidades para o 20 de abril de 1941,[157] ele diz: *Wir brauchen nicht zu wissen, was der Führer will — will glauben an ihn*

---

[156] Corruptela do Salmo 137, versículo 5, do Antigo Testamento.
[157] Data do aniversário de Hitler.

[Não precisamos saber o que o Führer deseja — acreditamos nele]. (Para as gerações futuras, teremos de repetir muitas vezes que frases como esta não causavam estranhamento algum na opinião pública, nem remotamente.) Na noite de 31 de dezembro de 1944, Goebbels demonstra sua comiseração pelo Führer e diz que as madeixas brancas em seus cabelos provêm do sofrimento dele em relação ao povo e também em relação à humanidade, que não o compreende. Pois o amor dele se dirige a toda a humanidade, e se esta soubesse disso, "abandonaria neste exato momento os falsos deuses para reverenciá-lo".

A veneração religiosa a Hitler e a aura iluminada que o envolve são intensificadas pelo fato de que sempre se recorre a expressões de caráter religioso quando se trata de sua obra, de seu Estado, de sua guerra. Will Vesper, presidente da Câmara de Publicações do Reich na Saxônia — uma "organização total", o que torna real a hipótese irreal de Spamer —, declara em uma "semana do livro" em outubro: "*Mein Kampf* é o livro sagrado do nacional-socialismo e da nova Alemanha." *Mein Kampf* foi considerado sempre e em qualquer lugar a Bíblia do nacional-socialismo. Para meu próprio uso e consumo pessoal tenho uma prova disso, nem um pouco filológica: não julguei necessário anotá-la em lugar nenhum, pois me parecia óbvia e trivial. É fácil compreender que a guerra destinada a preservar não somente o Reich de Hitler, *stricto sensu*, mas a área de circunscrição da religião hitleriana se convertesse em "cruzada", em "guerra santa", em "guerra santa do povo", e que nessa guerra religiosa também houvesse mortos, pessoas que tombaram imbuídas da "fé inabalável no Führer".

Ou seja, o Führer é um novo Cristo, um redentor especial alemão. Há uma vasta antologia de poesia e filosofia alemãs denominada *Germanenbibel* [Bíblia dos germanos], que abar-

ca desde *Edda* até *Mein Kampf*. Lutero, Goethe e outros são, no máximo, autores casuais nessa *Germanenbibel*. Ela é o verdadeiro evangelho de milhões, e sua guerra de defesa é uma guerra santa. É evidente que o livro e a guerra devem sua santidade à santidade do seu criador, mesmo que retroativamente reforcem sua aura.

Mas como fica a hierarquia sagrada desse Reich anunciado, criado e defendido por Hitler? Aqui, é ele que recebe a santidade do Reich.[158]

A aura da palavra Reich é mais solene e possui uma dignidade religiosa ausente nos termos mais ou menos sinônimos. A *res publica* é algo comum a todos os cidadãos, comprometidos com a ordem pública, que a edificaram e a sustentam. Trata-se de uma construção feita pela inteligência, que pertence exclusivamente a este mundo. É isso que expressa a palavra renascentista "Estado", que designa uma condição durável, uma ordem estável em um domínio delimitado, com um sentido exclusivamente terrestre e político. Reich, em contrapartida, quando não aparece em termos compostos — *Königreich* [reino], *Kaiserreich* [império], *Gotenreich* [reino gótico] —, abrange um âmbito mais amplo e se expande em direção ao espiritual, ao transcendente: o "além" cristão é o *Himmelreich* [reino dos céus], e a oração cristã mais comum e mais simples suplica no segundo verso: "Venha a nós o *Himmelreich*." Um jogo de palavras cruel, com o qual queríamos nos vingar secretamente de Himmler, o cão sanguinário, consistia em dizer que ele enviava suas vítimas para o *Himmlersches Reich* [reino de Himmler]. A forma de Estado à qual a Alemanha pertenceu até 1806 chamava-se *Das Heilige Römische Reich Deutscher Nation* [Sacro Império Romano da Nação Alemã]. "Sacro" não consta como atributo meramente decorativo, nem como adjetivo exclamativo. Esse Estado não estava cir-

[158] Contrariamente ao livro e à guerra evocados no parágrafo anterior.

cunscrito a uma ordem que pertencesse a este mundo; administrava, ao mesmo tempo, o âmbito da transcendência.

Quando Hitler deu o primeiro passo para alcançar a almejada Grande Alemanha, pela anexação da Áustria, imitou *mutatis mutandissimis* as viagens à Itália dos imperadores medievais. Dirigia-se a Roma com muita pompa e grande séquito para tratativas com o Duce. Quando isso ocorria, a imprensa alemã escrevia com estardalhaço sobre *Das Heilige Germanische Reich Deutscher Nation*. Os soberanos do Reich medieval eram legitimados ao serem coroados pela Igreja, sinal da graça divina, e se consideravam administradores de um sistema religioso e cultural romano-cristão. Ao consolidar um sacro império germânico, Hitler transfere a aura do antigo império para a nova construção, mantendo-se naquele momento fiel à doutrina originária, segundo a qual ele só queria criar um império alemão ou germânico, sem violar a liberdade das outras nações.

Quando, entretanto, rompe com a palavra dada, quando começam as pilhagens e, depois, quando a guerra relâmpago inicial se converte em uma lenta hemorragia, o jornal *Frankfurter Zeitung* publica no Natal de 1942 um estudo histórico-filosófico com o qual tenta dourar a aura empalidecida do conceito de Reich com pinceladas de cores fortes: "O Reich posto à prova". O ensaio, muito teórico e endereçado a um público culto, parte da ordem, ao mesmo tempo espiritual e secular, do Sacro Império Romano. Dizia: trata-se de uma ordenação europeia supranacional em que diversos povos, de diferentes culturas, estavam subordinados ao Kaiser [imperador] alemão. O império se desagregou quando os Estados nacionais se estruturaram. Dentre eles, segundo o autor, a Prússia teria desenvolvido de maneira mais autêntica o conceito de Estado "com uma postura ética, uma exigência moral, criando uma estrutura para a *Kleindeutschland* [Pequena Alemanha]". Entretanto, quando se debateu a questão da

Grossdeutschland [Grande Alemanha] na Paulskirche,[159] ficou claro que ela não poderia ser simplesmente um Estado nacional, mas deveria assumir responsabilidades europeias supranacionais. O que os homens da Paulskirche não foram capazes de realizar o Führer realizou, criando o *Grossdeutsches Reich* [Império da Grande Alemanha]. Talvez, por um instante — quando prometeu que se contentaria com os Sudetos[160] —, tenha lhe parecido possível um Estado restrito à nação. Mas a ideia imanente da *Grossdeutschland* o pressionava para seguir adiante. *Grossdeutschland* somente pode existir como "núcleo e suporte de um novo Reich; é responsável, perante a história, por uma nova ordem geral e uma nova era para o continente europeu, que possa fazer frente à anarquia; [...] na guerra, deve provar que está à altura dessa missão". O título desse trecho final é "Herança e missão". Vê-se como mesmo pessoas cultas são capazes de santificar a guerra mais criminosa a partir da antiga ideia de Reich, em que se renova a santificação do próprio conceito de Reich.

A troca do termo Reich para Terceiro Reich eleva essa santidade ao terreno místico, em uma mística de uma monstruosa simplicidade que se insinua no inconsciente de todos. Também aqui, a LTI endeusa Hitler apropriando-se de algo que já encontra pronto, que é a primeira edição de *Das Dritte Reich* [O Segundo Reich], de Moeller van den Brucks, de dezembro de 1922. No prefácio consta: "O Terceiro Reich é um *Weltan-*

[159] Nome da igreja, em Frankfurt am Main, que sediou a assembleia que reunia opositores de Bismark e deveria promulgar a nova Constituição da Confederação Germânica em 1848.

[160] Nome de uma região situada na fronteira da República Checa, da Polônia e da Alemanha, parcialmente povoada por populações de origem alemã. Hitler ocupou militarmente a região em 1º de outubro de 1938, sem enfrentar reação das potências europeias. Depois da guerra, a Checoslováquia recuperou a soberania sobre a área, que hoje pertence à República Checa.

schauungsgedanke [conceito ideológico] que transcende a realidade. Não por acaso, as imagens associadas a esse conceito, ao nome Terceiro Reich, são estranhamente nebulosas, sentimentais, etéreas, totalmente relacionadas com o Além." Hans Schwarz, editor da 3ª edição, em 1930, afirma que "o nacional-socialismo acolheu a aspiração do Terceiro Reich, e a Liga Oberland deu esse nome ao seu jornal". Ao mesmo tempo, enfatiza nas primeiras linhas: "O Terceiro Reich possui um poder lendário para aqueles que buscam algo sublime."

Em geral, pessoas sem formação cultural e desprovidas de conhecimento de história são mais influenciadas por lendas. Aqui ocorre o contrário. Pessoas com melhor conhecimento de história da literatura e história do cristianismo foram afetadas pela "transcendência" da expressão Terceiro Reich. Pessoas que haviam purificado a Igreja e a religião medieval, pessoas cheias de entusiasmo para reformar a humanidade em épocas seguintes, homens com pontos de vista diversos, todos tinham sonhado com o advento de um Terceiro Reich, uma era perfeita que sucederia o paganismo e o cristianismo, ou pelo menos o cristianismo contemporâneo, corrompido, que aguardava a chegada do Messias. Reminiscências de Lessing e Ibsen são despertadas.

A massa de pessoas que não está a par da riqueza que esse conceito teve no passado — é claro que elas também serão esclarecidas, pois há uma preocupação constante com sua educação ideológica, as tarefas dos ministérios de Goebbels e de Rosenberg foram concebidas com precisão —, de pessoas simples, também se sente imediatamente comovida com a expressão Terceiro Reich, como uma elevação religiosa do conceito de Reich, impregnado de religião. Duas vezes houve um Reich na Alemanha, mas nas duas vezes ele foi imperfeito e desapareceu; agora, porém, existe um Terceiro Reich perfeito, destinado a durar por toda a eternidade. Que seque a mão que não se dispuser a servi-lo, que ousar se opor a ele...

As múltiplas frases e expressões da LTI que se referem ao transcendente formam uma rede homogênea lançada sobre a fantasia do ouvinte, atraindo-o para o campo da fé. Será que essa rede foi traçada conscientemente? Será que ela se baseia na impostura, para usar uma expressão do século XVIII? Em parte, sim, seguramente. Não se pode ignorar que certa nostalgia da fé e certa disposição religiosa também desempenharam um papel importante junto a alguns dos iniciadores da doutrina. Nem sempre é possível ponderar se os artífices iniciais da rede são culpados ou inocentes. Mas o efeito de seu impacto parece-me certo. O nazismo foi aceito como evangelho por milhões de pessoas porque ele usou a linguagem do Evangelho.

Foi aceito? Pois não encontrei a expressão "Eu acredito nele!" até nos últimos dias do Reich de Hitler? Ocupo-me no momento de reabilitados, bem como daqueles que desejam ser reabilitados. Essas pessoas, por mais diferentes que sejam entre si, possuem um traço em comum: todas pretendem ser "vítimas do fascismo". Todas afirmam que algum tipo de violência as coagiu a entrar no partido, ao qual odiavam desde o início; agiram contra suas convicções; nunca acreditaram no Führer, tampouco no Terceiro Reich. Outro dia encontrei na rua meu antigo aluno L., aquele que eu vira na última vez em que pude ir à biblioteca pública. Naquela ocasião ele apertou minha mão em sinal de simpatia. Senti constrangimento, pois ele já usava a suástica. Dessa vez ele se aproximou com uma expressão contente:

— Alegra-me saber que o senhor se salvou e reassumiu seu trabalho!

— E você, como vai?

— Mal, é claro. Trabalho como pedreiro na construção civil, e o que ganho não dá para sustentar mulher e filho. A longo prazo, não terei físico para isso.

— Você não está sendo reabilitado? Eu o conheço, sei que nenhum crime pesa na sua consciência. Você ocupou um cargo importante no partido, esteve muito envolvido politicamente?

— Que nada. Eu não passava de um insignificante Pg.[161]

— Então por que você não está sendo reabilitado?

— Porque não solicitei nem posso fazê-lo.

— Não entendo.

Pausa. Depois, com dificuldade, os olhos baixos:

— Não posso negar, eu acreditava nele.

— Mas é impossível que continue a acreditar. Você vê no que deu; e, agora, todos os crimes hediondos estão expostos à luz do dia.

Pausa ainda mais longa. Então, bem baixinho:

— Concordo com tudo o que o senhor diz. Foram os outros que não o compreenderam que o traíram. Mas nele, NELE, eu ainda acredito.

[161] Membro do Partido Nazista sem nenhuma importância.

CAPÍTULO 19

ANÚNCIOS DE FAMÍLIA

Anúncio de nascimento no *Dresdner Anzeiger* de 27 de julho de 1942: "Volker,* nascido em 21.7.1942.[162] Na época de maior grandeza da Alemanha, nosso Thorsten ganhou um irmãozinho. Cheios de satisfação altaneira, Else Hohmann... Hans-Georg Hohmann, *SS-Untersturmführer* [subchefe das SS]. Dresden, rua General-Wever."

Nascimento, reprodução, morte: os eventos mais comuns e mais importantes na vida. Como vermes que se instalam em membros de um corpo contaminado, os chavões e as características da LTI infestam, aos montes, os anúncios familiares. Várias coisas que observo em diferentes lugares, sob os mais diversos pontos de vista, encontro concentradas em um só dia nesses anúncios. Vi isso, em abundância, somente depois do início da ofensiva contra a Rússia, quando o conflito já perdera as feições de uma simples guerra-relâmpago. É importante precisar a data, pois naquela época artigos nos jornais diziam que anúncios fúnebres que demonstravam dor e eram muito melosos, indicando desconsolo intenso pela perda de um ente querido, caído na guerra, eram considerados indignos, quase antipatrióticos e hostis ao Estado. Esses comentários contribuíram decisivamente para que o tom dos necrológios dos tombados passasse a ser carregado de heroísmo e estoicismo. O anúncio de nascimento que apresentei no início desta nota agrega um elemento novo, instrutivo e original ao já tradicional tesouro de estereótipos. Que os nomes das duas crianças sejam tomados de empréstimo dos nibelungos ou da mitologia nórdica, que o pai, integrante das SS, acres-

[162] O asterisco substitui a runa da vida.

cente ao seu primeiro nome um outro nome com som teutônico, ligando ambos por traço de união, que em vez da estrela ou da palavra "nascido" se coloque a runa da vida, tudo isso não passa de uma somatória de fórmulas típicas do nazismo, repetidas em meu caderno de anotações. Que a família resida em uma rua rebatizada com o nome de um general da aviação hitleriana, morto ainda antes da guerra, é uma casualidade, não pode ser considerado mérito próprio. E a expressão "época de maior grandeza da Alemanha" é um superlativo quase modesto entre os superlativos em voga, que endeusam a era hitleriana.

Mas a expressão "satisfação altaneira" é instrutiva e traz algo novo. De que os pais felizes sentem "satisfação altaneira"? Ora, que um casal das SS seja capaz de procriar é uma obviedade, caso contrário nem teria recebido autorização para contrair núpcias. Também não seria o nascimento do segundo filho um motivo especial para sentir, digamos, "orgulho". Espera-se que os oficiais das SS forneçam o maior suprimento de carne humana, da mesma forma que se espera isso quando se criam cavalos ou cães de raça. (Igual ao gado marcado com ferro incandescente.) Então resta a "satisfação altaneira" da "época de maior grandeza". Porém, só se pode sentir orgulho, "satisfação altaneira", de algo em que se participa ativamente. E o nome do pai do bebê, integrante das SS, não vem acompanhado da indicação de seu posto no Exército nem consta a frase de sempre: "No momento, no campo de batalha". De acordo com o código moral do Terceiro Reich, só poderia demonstrar orgulho, a rigor, a mulher que anunciasse a perda de um membro da família caído pelo Führer. Nesse anúncio de nascimento, "satisfação altaneira" é uma expressão infundada.

O elemento instrutivo está justamente nessa falta de fundamento. O que se tem aqui é uma analogia com a "dor altaneira" dos anúncios fúnebres. Essas analogias demonstram o prestígio dos chavões, bem como a rapidez e a facilidade com

que são memorizados. Sem pensar, o casal das SS considera natural que um simples anúncio familiar empregue a palavra "altaneira", resultando em "satisfação altaneira". A partir da data que indiquei, em muitos casos considera-se obrigatória a "tristeza altaneira". Às vezes ela vem reforçada, dizendo que, de acordo com a vontade expressa do caído, não se está usando luto, já que ele caíra em "batalha heroica". O mesmo ocorria com o adjetivo *sonnig* [solar] como estereótipo decorativo, amplamente usado desde o início da guerra, mesmo se o caído fosse idoso. Parece que no império de Hitler cada alemão é um ser *sonnig*, assim como os olhos da Hera de Homero transmitiam sempre o semblante de gado pachorrento e Carlos Magno sempre ostentava barba branca na *Canção de Roland*. *Sonnig* só passou a rarear quando o brilho do Sol hitleriano já esmaecera e o som do epíteto se tornara tragicômico e obsoleto. Não desapareceu de todo nem no final, quando foi substituído por *lebensfroh* [feliz de viver]. Bem no final, um coronel da reserva chegou a anunciar a morte de seu *strahlender Junge* [filho radioso].

"Solar" caracteriza, por assim dizer, a marca comum a todos de origem germânica, enquanto "dor altaneira" é a rubrica do patriota por excelência. O modo especificamente nazista de pensar se expressa até mesmo em anúncios fúnebres, mas eles primam pela sutileza, pois há diversos graus de envolvimento com o nazismo. Nuances sutis podem expressar um entusiasmo supremo ou — o que é bem mais difícil — mostrar um distanciamento crítico.

Durante muito tempo, a maior parte dos caídos tinha dado sua vida *für Führer und Vaterland* [pelo Führer e pela pátria]. (Essa analogia com o antigo *Für König und Vaterland* [pelo rei e pela pátria] dos prussianos, dada a sua aliteração cativante, foi amplamente difundida desde o primeiro dia de guerra.) No entanto, a tentativa de implantar a data de 20 de abril como *Führers Geburtstag* [aniversário do Führer] não

deu certo. É provável que a direção do partido tenha considerado a analogia com o *Königs Geburtstag* [aniversário do rei] monarquista demais, de forma que se preferiu *Geburtstag des Führers*; se necessário, podiam usar também a forma *Des Führers Geburtstag*, mais arcaica. Algumas expressões deixam transparecer graus mais elevados de sentimento nazista: *Er fiel für seinen Führer* [ele tombou por seu Führer] e *Er starb für seinen geliebten Führer* [ele morreu por seu amado Führer], que não requeriam o nome da pátria, representada pelo próprio Adolf Hitler, como o corpo do Senhor é representado pela hóstia sagrada. Colocar Hitler na posição do Salvador é a expressão máxima do ardor nazista: *Er fiel im festen Glauben an seinen Führer* [caído pela fé absoluta em seu Führer].

Em contraste, quem não concorda com o nacional-socialismo e deseja desabafar a aversão ou o ódio que sente, sem deixar transparecer os sentimentos, pois a coragem não chega a tanto, pode apresentar essa fórmula: *Für das Vaterland fiel unser einziges Kind* [Nosso único filho caiu pela pátria], sem mencionar o Führer. Isso quase equivale à saudação formal colocada no final das correspondências, *Mit deutschem Gruss* [saudações alemãs]. Nos primeiros anos, quem tinha alguma coragem escrevia nas cartas *Mit deutschem Gruss* em vez do famigerado *Heil Hitler*. À medida que o número de vítimas aumentava e as esperanças de vitória diminuíam, começaram a rarear as expressões de devoção ao Führer. Não posso garantir isso, apesar de ter consultado muitos jornais.

Pode ser que a crescente escassez de pessoas e de material tenha contribuído para aumentar o número de anúncios nos jornais, reduzindo o espaço publicado, o que explicaria a necessidade de redigir esses anúncios da maneira mais concisa possível (muitas vezes mutilados por abreviaturas, chegando às raias da incompreensão). No fim, economizava-se em cada palavra, em cada letra, como se fosse um telegrama dispen-

dioso. Em 1939, quando morrer pela pátria ainda era novidade, um acontecimento fora do cotidiano, quando papel e tipógrafos existiam em abundância, alguns necrológios dos tombados ocupavam um quadrado grande com uma margem larga cheia de tinta preta. Se o herói fosse industrial ou comerciante, o *Gefolgschaft* [grupo dos empregados][163] precisava dedicar-lhe um necrológio. Ao lado do necrológio da viúva, os empregados tinham o dever de acrescentar o seu, e assim a palavra *Gefolgschaft*, cheia de hipocrisia, também entrou nas minhas anotações. Quando o defunto era mesmo um figurão, um alto funcionário, um conselheiro de diversas sociedades, então sua morte heroica era anunciada três, quatro e até mais vezes, chegando a ocupar meia página de jornal. Naquele tempo havia espaço suficiente para frases longas, quase sem fim. Porém, ultimamente sobravam apenas duas linhas da coluna mais estreita para o anúncio colocado pela própria família. Excluía-se até mesmo o traço que emoldurava o anúncio. Os nomes dos mortos ficavam apertadinhos em um único quadrado, envolto por um só traço negro, como se todos tivessem sido jogados em uma vala comum.

Na última fase da guerra, anúncios de nascimento e de casamento também tiveram de se sujeitar a um espaço menor, mesmo que não tenham sofrido reduções tão consideráveis. Esses anúncios eram pouco numerosos em comparação com a longa lista dos mortos. Havia comunicados, aliás bastante comuns, que causavam estranheza, como os que anunciavam a união póstuma de uma moça com o noivo caído na guerra e cujo nome, no mesmo dia, podia constar também na lista dos mortos. Uma denúncia terrível, pelo material que acumulou, apareceu em 1944 em Moscou, publicada por uma edito-

[163] Título do capítulo 33. Sob o domínio do nacional-socialismo, essa denominação referia-se a todos os trabalhadores de uma empresa, com exceção do chefe.

ra de literatura estrangeira: *Hitlers Worte und Hitlerstaten* [Palavras e ações de Hitler]. O autor contrapunha as palavras de Hitler com anúncios do *Völkischer Beobachter* que enumeravam as *Ungeheuerlichkeiten in Hitlerdeutschland* [Monstruosidades na Alemanha de Hitler]: "Anuncio meu casamento póstumo com o sargento e radiotelegrafista Robert Haegele, *stud.-ing., Inh. des. EK II* [estudante de engenharia, detentor da Cruz de Honra], tombado na guerra..." Seja qual for o sentido trágico desses *Ferntrauungen* [casamentos *post-mortem*], eles não constituem uma característica particular do nazismo, um pecado específico, situado ao lado dos pecados cometidos nessa guerra de conquista, nem uma arrogância particular, como a que se lê em formato religioso: *Gefallen im Glauben an Adolf Hitler* [caiu pela fé em Adolf Hitler]. Pois nas entrelinhas desses anúncios talvez se possa ler algo que fez muita falta naquela época, em quase toda parte: um sentimento autenticamente humano, a preocupação pelo porvir de uma criança, quem sabe a fidelidade a um nome amado. Além disso, as leis que permitiam essas uniões eram anteriores ao Terceiro Reich.

Voltemos ao âmbito literalmente nazista. No último ano de guerra, como dissemos, até mesmo os jornais enterravam os mortos em vala comum. Para ser mais exato, há dois túmulos a cada vez. Para explicar sem metáfora, há duas molduras: a primeira, mais elegante, destinada aos caídos no campo de honra; nesses casos, a suástica enfeita o lado superior esquerdo, onde consta, por exemplo: "Caídos pela Alemanha..." O segundo quadro traz os nomes daqueles que morreram como civis, sem que tivessem se empenhado em obter méritos pela pátria. O que chama atenção é que cada vez mais nomes de civis são colocados no primeiro quadro. Homens sobre os quais só consta a profissão, nenhum posto militar, muito velhos ou muito jovens para fazer parte do exército de Hitler,

além de mulheres e moças de todas as idades. São os que morreram em bombardeios.

Se a morte ocorreu em outra localidade, então é permitido indicar o lugar: "Durante o bombardeio de Bremen, nossa querida mãe..." Mas se a morte ocorreu aqui, não se deve alarmar os vizinhos. Adota-se a fórmula estereotipada da LTI: "Vitimados por destino trágico, perderam a vida..."

Constam em meu levantamento os anúncios cheios desse eufemismo mentiroso que teve um papel tão importante na estrutura da LTI. O destino dessas vítimas não era mais trágico do que o das lebres abatidas em uma caçada. Depois de certo tempo, uma grossa tarja em diagonal separava os caídos em combate e os demais mortos. Havia agora três categorias de cadáveres.

Mas o espírito irônico dos berlinenses insurgiu-se vivamente contra esse desapreço pelas vítimas dos bombardeios. Generalizou-se a pergunta: "Quem é covarde?" Resposta: "Quem pedir para ser enviado ao *front*, em vez de ficar em Berlim."

CAPÍTULO 20

O QUE RESTA?

"Para depois 'setembrizá-los'." O verso era mais ou menos assim. Em 1909, quando eu já escrevia muito, mas com pouco profissionalismo, compilei para uma editora popular uma pequena antologia da lírica política alemã do século XIX, publicada junto com uma breve introdução. É bem provável que o verso fosse de uma poesia de Herwegh.[164] Alguém, o rei da Prússia ou a reação, que o autor representava alegoricamente como uma besta, queria asfixiar a liberdade, a revolução e seus simpatizantes "para depois setembrizá-los". Eu desconhecia a palavra, pois naquela época ainda não me interessava por filologia. O famoso Tobler[165] acabara com qualquer pretensão minha nesse sentido, e eu ainda não conhecia Vossler.[166] Consultei o pequeno *Daniel Sanders*, que continha palavras e nomes próprios estrangeiros que faziam parte da cultura geral nos idos de 1900. Encontrei algo mais ou menos assim: "Matança coletiva de cunho político, como a que foi praticada durante a Grande Revolução Francesa em setembro de 1792."

O verso e a palavra ficaram em minha memória. Lembrei-me deles no outono ou inverno de 1914, quando já tomara gosto pela linguística. O jornal *Neue Presse*, de Viena, publicou

---

[164] Georg Herwegh (1817-1875), poeta lírico alemão, participante ativo da Revolução de 1848.

[165] Adolf Tobler, latinista suíço (1835-1910), professor de Klemperer no início de seus estudos. Dedicou a vida a compilar um dicionário do francês antigo.

[166] Karl Vossler (1872-1949), latinista alemão. Partidário da estética na linguagem, posicionou-se na contracorrente das teorias positivistas.

que os russos tinham a intenção de *lüttichieren*[167] ["liegizar"] a cidade de Przemysl.[168] Para mim era certo que deveria tratar-se de um fenômeno análogo ao "setembrizar": um fato histórico nos marca tão profundamente que acabamos usando a mesma palavra em acontecimentos semelhantes. Em um antigo *Sachs-Villatte*,[169] de 1881, encontrei não somente as palavras francesas *setembriseur*, *setembrisade*, *setembriser*, mas também a versão em alemão *Setembrisierer* [quem "setembriza"]. Aparecia uma indicação semelhante modernizada: *décembriser* e *décembriseur*, com referência ao famoso golpe de Estado de 2 de dezembro de 1851, de Napoleão III, cuja forma alemã era *dezembrisieren* ["dezembrizar"]. Encontrei ainda *septembrisieren* em um dicionário do início da Primeira Guerra Mundial.

A sobrevivência do termo e sua extrapolação para além das fronteiras do país de origem se devem, sem dúvida, ao enorme impacto que os massacres de setembro provocaram no imaginário popular: nada do que veio a acontecer depois conseguiu apagar da memória o horror daquela lembrança.

No outono de 1914 eu me questionava se *lüttichieren*, ou "liegizar", teria uma vida mais longa. A palavra não se firmou. Parece-me que nem mesmo chegou a fazer parte do corpo da língua do Reich alemão, seguramente porque logo depois do ataque a Liège houve uma série de ações bélicas mais impressionantes e mais cruéis do que os horrores daquela matança. Um especialista poderia argumentar que a conquista de Liège exigiu uma ação militar específica, um assalto direto a uma fortaleza moderna, e que essa particularidade criou o novo

[167] Lüttich, denominação alemã da cidade de Liège, na Bélgica. Ali, uma divisão do Exército belga resistiu entrincheirada, durante dez dias, ao avanço alemão. Surgiu assim o neologismo.

[168] Cidade no sudeste da Polônia, palco de duros combates entre russos e austríacos em 1914-1915.

[169] Nome de um dicionário alemão.

verbo. Porém, para a aceitação de um neologismo o que conta não é nem a vontade nem a precisão do especialista: um termo é aceito em conformidade com o estado de espírito e o imaginário popular.

É provável que *septembrisieren* ainda esteja na memória de alemães idosos, já que *setembriser* pertence ao vocabulário fixo da língua francesa. *Lüttichieren* desapareceu, se é que chegou mesmo a existir, depois do inominável desastre que se seguiu ao ataque a Liège.

Uma palavra semelhante surgiu durante a Segunda Guerra Mundial mas morreu também, apesar de aparentemente ter sido criada para durar para sempre. Veio ao mundo em meio ao estardalhaço da grande imprensa, sendo amplamente divulgada pela Rádio da Grande Alemanha: o verbo *coventrieren* ["coventrizar"]. Coventry era nada mais que "um centro inglês de fabricação de armas"; segundo consta, apenas militares viviam ali. Pois, como diziam todos os comunicados, só atacávamos alvos militares. Também fazíamos represálias, pois desde o início os ingleses atacavam como *Luftpiraten* [piratas aéreos], bombardeando igrejas e hospitais. Nós nunca começávamos.

Os bombardeiros alemães "tinham demolido a cidade inglesa de Coventry" e agora ameaçavam "coventrizar" as demais cidades, já que todas serviam a fins militares. Em outubro de 1940, ouvimos que Londres estava submetida a "ataques ininterruptos de represália", suportando "o maior bombardeio da história mundial", comparado a uma "noite de São Bartolomeu".[170] Seria "coventrizada" se não concordasse logo em reconhecer a derrota.

---

[170] Episódio sangrento na repressão aos protestantes na França. A matança, iniciada em Paris nas primeiras horas da madrugada de 24 de agosto (dia de São Bartolomeu) de 1572, estendeu-se a outras províncias e vitimou entre 70 mil e 100 mil protestantes franceses.

O verbo "coventrizar" desapareceu, silenciado por uma propaganda que maldizia diariamente a "pirataria e o gangsterismo" dos inimigos perante a humanidade e a justiça de Deus, e, portanto, precisava silenciar sobre os nossos próprios atos de banditismo. O verbo está enterrado sob os escombros das cidades alemãs. Lembro-me dele duas a quatro vezes por dia, dependendo se tenho que sair de casa somente pela manhã ou se também à tarde para resolver algum assunto em uma repartição. Sempre que chego à área dos escombros, a palavra e tudo o mais me vêm à mente. Depois ela me dá um pouco de sossego durante as horas de aulas, conferências, monitorias e seminários. Reaparece logo que retomo o caminho de casa, me espreita sob as ruínas. *Coventrieren* é o que ouço a cada solavanco do bonde ou sob a cadência dos meus passos.

Teremos uma nova pintura e uma nova poética das ruínas, mas serão diferentes daquelas do século XVIII, quando os autores se entregavam de maneira voluptuosa e melancólica à ideia de transitoriedade. Os castelos e mosteiros medievais, assim como os templos e palácios da Antiguidade, já haviam sido destruídos há tantos séculos que a dor por seu destino era uma dor universal, de cunho filosófico, suave, quase agradável. Mas aqui... sob essa imensidão de escombros podem estar nossos parentes desaparecidos. Ali... entre aquelas quatro paredes está tudo vazio, tudo foi reduzido a cinzas, o que juntamos durante décadas jaz irrecuperável: nossos livros, nosso piano de cauda... Essas ruínas não provocam uma melancolia suave. Quando o olhar amargurado resvala na palavra *coventrieren* sentimos desconsolo, desolamento. Isso tem nome: crime e castigo.

No meu caso, trata-se de uma obsessão de filólogo. O povo não se lembra mais de Coventry nem de *coventrieren*. Diante da destruição aérea, ficaram gravadas nas mentes duas outras expressões com sonoridade menos estrangeira. Estou auto-

rizado a falar do povo, pois, ao fugirmos da tragédia de Dresden, atravessamos províncias e na estrada encontramos soldados e fugitivos de todas as partes e de todos os estratos sociais da Alemanha. Pelas florestas do Vogtland, por onde passamos, os caminhos estavam cobertos de papel-alumínio. Ao longo da via férrea destruída na Baviera, na Universidade de Munique, castigada pelos bombardeios, em mais de cem abrigos antiaéreos, da boca de pessoas do campo e da cidade, de operários e de acadêmicos, cada vez que alguma coisa lembrava um avião ou nas horas monótonas à espera de que o alarme cessasse, alguém lembrava: "E Hermann disse que mudaria seu nome para Meier[171] se um único avião inimigo penetrasse em nossos céus." Frequentemente essa frase longa era ironicamente abreviada em uma exclamação cheia de sarcasmo: "Hermann Meier!"

Quem se lembrava da afirmação de Göring ainda mantinha certa dose de humor negro. Os mais amargurados repetiam Hitler, quando ele ameaçava *ausradieren* [apagar do mapa] as cidades inglesas.

Ausradieren e *Meier heißen* [chamar-se Meier]: o Führer e o marechal do Reich não mereciam uma caracterização mais precisa e completa do que essa. Um por sua natureza criminosa de megalomaníaco, o outro pelo papel de *Volkskomiker* [palhaço do povo]. Não convém fazer profecias, mas acho que *Ausradieren* e *Meier* permanecerão.

---

[171] Expressão idiomática alemã que corresponde aproximadamente a: "Não me chamo mais [...] se [...] acontecer." O Hermann citado é o marechal Hermann Göring, comandante da Força Aérea alemã durante a Segunda Guerra Mundial.

CAPÍTULO 21

A RAIZ ALEMÃ

Pude levar poucos livros para a *Judenhaus*. Todos eram obras especializadas, relacionadas à minha profissão. Entre elas estava a *História da literatura alemã* de Wilhelm Scherer,[172] que tive em mãos pela primeira vez no meu primeiro semestre, quando estudei letras germânicas em Munique, e que passei a manusear desde aquela época. Sempre que a consultava, crescia minha admiração pela largueza de espírito de Scherer, por sua objetividade e sua excepcional capacidade de síntese, o que me levava a respeitá-lo mais do que no passado, na época em que tais virtudes me pareciam inerentes ao saber de um cientista. Frequentemente eu compreendia de modo novo frases e julgamentos que ele fazia. A terrível mudança pela qual a Alemanha passara lançava uma luz diferente sobre as antigas manifestações do caráter alemão.

Como era possível um contraste tão grande entre o momento atual da Alemanha e todas as épocas anteriores? Em meus trabalhos, sempre realcei a existência dos *traits éternels*, como os franceses denominam os traços eternos do caráter de um povo. Será que isso era uma grande mentira? Ou tinham razão os adeptos de Hitler quando reivindicavam a herança do humanista Herder? Existiria alguma conexão entre o pensamento dos alemães contemporâneos de Goethe e o povo de Adolf Hitler?

Na época em que me dediquei a estudos de história da civilização, Eugen Lerch[173] afirmou, brincando, que eu era o

---

[172] Wilhelm Scherer (1841-1886), germanista alemão que introduziu o método positivista no estudo da literatura.

[173] Eugen Lerch, colega de Klemperer na Universidade Técnica de Dresden.

autor da expressão jocosa *Dauerfranzos* [francês em conserva], que foi muito usada para designar aquilo que resiste ao tempo, como o famoso *Dauerwurst* [salame em conserva]. Depois, quando vi a maneira infame como os nazistas transmitiam uma história da civilização completamente falsificada, fazendo com que o povo alemão se sentisse superior aos demais, "por vontade divina e direito", como *Herrenmenschen* [super-homens] em detrimento dos demais povos, senti vergonha de ter, de alguma forma, participado disso.

Mesmo sendo propenso a autocríticas, minha consciência estava limpa: posicionara-me intransigentemente contra aquele livro enorme, pueril e chauvinista, *Espírito e mente*, de Wechssler,[174] professor titular em Berlim, responsável pela deformação cultural de uma legião de professores. Não estava em jogo a pureza da minha consciência, mas a existência ou não de traços eternos no caráter de um povo.

Tácito,[175] autor muito apreciado, citado com frequência durante o nazismo, delineou em sua obra *Germania* um perfil bastante lisonjeiro dos ancestrais alemães. Descreveu Armínio[176] e seus soldados de maneira honrosa. A partir deles, os nazistas traçavam uma linha direta até Hitler e suas SA, SS e HJ,[177] passando por Lutero e Frederico, o Grande. Em uma

[174] Eduard Wechssler (1869-1949), um dos latinistas mais importantes da época da República de Weimar, aderiu ao Partido Nazista em 1933. O livro *Esprit und Geist* reúne estereótipos sobre alemães e franceses, concluindo que o entendimento entre os dois povos é impossível.

[175] Cornelius Tacitus (55-120 d.C.), historiador romano. Escreveu *Sobre a geografia, do comportamento e dos hábitos das tribos da Germânia*, ou simplesmente *Germânia*, XXIV, 8-11, publicado em 99 d.C.

[176] Armínio (*c.* 18-16 a.C.-19-21 d.C.) foi o primeiro herói nacional da Alemanha, príncipe da etnia germânica dos queruscos. Venceu os romanos na floresta de Teutenburg no ano 9 d.C.

[177] SA, *Sturm Abteilung* [Divisão de Assalto]; SS, *Schutzstaffel* [Esquadrão Protetor]; HJ, *Hitler Jugend* [Juventude Hitlerista].

dessas avaliações históricas encontrei a opinião de Scherer sobre *Germania*. Li um parágrafo que me impressionou e, por assim dizer, me tranquilizou.

Scherer diz que, na Alemanha, a ascensão e a queda do espírito são igualmente profundas: podem-se atingir os pontos mais altos e os abismos mais fundos. "A maldição de nossa evolução espitirual repousa nos excessos. Quanto mais alto o nosso voo, maior o nosso tombo. Somos como aquele germano que, depois de perder todos os bens em um jogo de dados, ainda tenta a última rodada, dessa vez apostando a própria liberdade. Depois de perdê-la, aceita com submissão ser vendido como escravo. Tácito diz: a tenacidade dos germanos é muito forte, até mesmo para coisas ruins; para eles, teimosia é sinal de fidelidade."

Então me dei conta de que o melhor e o pior no caráter do povo alemão resultam do mesmo traço básico, comum e persistente: há alguma relação entre a ferocidade do regime hitlerista e os excessos fáusticos que se encontram na poesia clássica e na filosofia idealista alemãs. Cinco anos depois, quando a catástrofe já se consumara, quando a extensão das bestialidades e a profundidade da derrocada alemã jaziam expostas, um fato isolado e um pequeno comentário de Plivier[178] em seu livro *Stalingrado* me reconduziram àquele trecho de Tácito.

Plivier refere-se a uma placa escrita em alemão em uma estrada na Rússia: "Kalatsch, a 3.200 km de Leipzig". E comenta: "Triunfo estranho. Que tenham sido acrescentados 1.000 km à distância real, eis uma prova contundente da falta de limites na insensatez."

---

[178] Theodor Plivier (1892-1955), escritor alemão, relatou os horrores da guerra em Stalingrado, destacando que não havia heróis, somente mortos. Depois da guerra, optou por viver na extinta República Democrática Alemã.

Posso apostar que, ao escrever essa frase, o poeta não estava pensando nem em *Germania*, de Tácito, nem na erudita *História da literatura alemã*, de Wilhelm Scherer. Ao procurar os motivos da degeneração atual da Alemanha, ele esbarrou na mesma característica do excesso, do desprezo a qualquer limite.

Entgrenzung [ultrapassar limites] designa a atitude básica do homem romântico, independentemente do âmbito específico em que se expressa a sua natureza romântica, seja no fervor religioso, na criação artística, na filosofia, no cotidiano, na moralidade ou na criminalidade. Durante séculos, mesmo antes de o conceito e a palavra existirem, a vida alemã já vinha carimbada com o selo do romantismo. Isso é particularmente claro para o filólogo latinista, pois, durante a Idade Média, a França sempre transmitiu temas literários à Alemanha. Mas em cada tema francês a Alemanha extravasava os limites originais do modelo, em um sentido ou em outro.

A ingênua observação de Plivier e as reflexões de Scherer, coerentes entre si, estabelecem uma vaga relação entre o Exército do Terceiro Reich e os germanos de Armínio. De minha parte, sempre procurei saber se há uma conexão plausível entre os crimes nazistas, para os quais cai bem o termo *Untermenschentum* [sub-humanidade] cunhado pela LTI, e a antiga vida espiritual da Alemanha. Poderia me tranquilizar com a ideia de que esses horrores resultavam apenas de imitação, eram trazidos de fora, não passavam de uma doença italiana importada, tão devastadora e virulenta quanto aquela que viera da França séculos atrás?[179]

Conosco tudo era pior e, além disso, com um conteúdo diferente e mais venenoso do que na Itália. Os fascistas reivindicavam para si a herança do antigo Império Romano, que pretendiam reconstituir. Porém, não afirmavam que os habitantes dos territórios a serem reconquistados eram "zoolo-

[179] Klemperer refere-se à sífilis.

gicamente inferiores" aos descendentes de Rômulo, nem que eles estavam condenados pelas leis da natureza a permanecer rebaixados para sempre, com as trágicas consequências que isso acarreta. Isso o fascismo não ensinou, pelo menos enquanto esteve livre da influência reversa de seu afilhado, o Terceiro Reich.

Uma obsessão me perseguiu durante anos: será que eu não superestimava o papel do antissemitismo no sistema nazista, já que essa questão me toca pessoalmente? Não, eu não superestimava. Hoje percebo que o antissemitismo foi o aspecto central do nazismo, um fator decisivo sob qualquer ponto de vista. Foi o sentimento mais obsessivo de Hitler, um pequeno-burguês austríaco rancoroso e depravado, que se formou na época de Schönerer e de Luëger,[180] os principais ideólogos dessa corrente. Do início ao fim, foi a ideia fundamental de sua tacanha política. Foi o meio de propaganda mais eficaz e mais forte do partido, a mais ousada e mais popular materialização da doutrina racial, a qual, para a massa alemã, era idêntica ao racismo. O que a massa alemã podia saber sobre "perigos do *Verniggerung*" [enegrecimento]?[181] O que podia saber sobre a pretensa inferioridade dos povos do leste e do sul? Mas um judeu, bem, esse qualquer um conhecia. Antissemitismo e doutrina racial tornaram-se sinônimos. E o racismo científico — ou melhor, pseudocientífico — permitia justificar o descomedimento, a conquista, a tirania, a crueldade e o genocídio.

---

[180] Karl Luëger (1844-1910), antissemita declarado, líder do Partido Social-cristão da Áustria e prefeito de Viena de 1897 a 1910. Georg Ritter von Schönerer 1842-1921, político austríaco cujas ideias racistas e antissemitas, expostas no *Linzer Programm* (1881), exerceram forte influência sobre o Partido Social-cristão de Luëger e sobre o movimento nacional-socialista de Hitler.

[181] Klemperer menciona esses "perigos do enegrecimento" para citar Gobineau, que aparecerá adiante.

Desde que tomei conhecimento do campo de concentração de Auschwitz e de suas câmaras de gás, desde que li *O mito*, de Rosenberg, e *Os fundamentos*, de Chamberlain,[182] não tive mais dúvidas sobre o significado central e decisivo do antissemitismo e do racismo para o nazismo. (Precisaremos analisar com cuidado, caso a caso, para discernir de maneira segura se antissemitismo e racismo se confundem, se o dogma da raça constitui o verdadeiro ponto de partida do antissemitismo ou se é somente um pretexto, uma roupagem.) Se ficasse comprovado tratar-se de um veneno especificamente alemão, abrigado na inteligência alemã, então seria inútil tentar provar a origem estrangeira dessas expressões, hábitos e medidas políticas. Nesse caso, o nacional-socialismo não seria uma epidemia importada, mas a perversão da própria essência alemã, uma mórbida evidência daqueles *traits éternels.*

Como manifestação de aversão social baseada em motivos religiosos e econômicos, o antissemitismo apareceu em diversas épocas e povos, às vezes de forma mais forte, às vezes menos. Seria injusto atribuí-lo só aos alemães.

Mesmo assim, três elementos fazem do antissemitismo do Terceiro Reich algo novo e *sui generis.* Em primeiro lugar, a virulência com que a epidemia grassa, mais potente que nunca, justamente numa época em que ela parecia ter sido debelada, pelo menos em sua forma mais agressiva. Explico-me: antes de 1933, havia aqui e ali casos isolados de distúrbios antissemitas, assim como ocorriam esporadicamente casos de cólera e de peste em portos europeus. Da mesma forma como é possível afirmar, ou pelo menos supor, que o mundo civilizado não voltará a conhecer as epidemias que foram erradicadas das cidades na Idade Média, parecia inimaginável o re-

[182] *O mito do século XX*, de Alfred Rosenberg, ideólogo do antissemitismo, e *Os fundamentos do século XIX*, escrito em alemão pelo inglês Houston Stewart Chamberlain, genro do músico Richard Wagner.

torno da perseguição aos judeus e da usurpação de seus direitos em moldes medievais.

A segunda característica única desse monstruoso anacronismo é que o antissemitismo não apareceu com o mesmo formato de antes, mas com um formato moderno; não como levante popular, manifestações de fúria ou massacres espontâneos (embora no início tenha-se tentado mostrá-lo como algo espontâneo), mas como expressão de uma organização primorosa: hoje, o extermínio de judeus remete-nos às câmaras de gás de Auschwitz.

A terceira inovação é a mais importante: o ódio contra o judeu baseia-se na ideia de raça. Ora, desde tempos imemoriais esse ódio era dirigido a pessoas que estavam fora do âmbito da fé e da sociedade cristãs. A conversão e a aceitação dos costumes locais tinham um efeito compensatório e, pelo menos para as gerações seguintes, apagavam diferenças. Ao situar no sangue a distinção entre judeus e não judeus, a ideia de raça torna impossível qualquer mediação; a separação é eterna, agora legitimada pela vontade divina.

Há uma estreita relação entre essas três inovações. Todas remetem ao traço básico de caráter mencionado por Tácito: "Os germanos são tenazes, mesmo para defender uma causa perversa." Ao se apoiar no sangue, o antissemitismo se torna obstinado e persistente. Tratado de forma pretensamente científica, deixa de ser anacrônico; ao contrário, condiz perfeitamente com o pensamento moderno. Logo, usar meios modernos para atingir seus fins é quase um truísmo, e a crueldade é coerente com aquela característica básica, a tenacidade desmedida.

No romance *O novo Daniel*, escrito em 1920, Willy Seidel[183] apresenta um alemão idealista e, ao lado dele, a figura do te-

[183] Willy Seidel (1876-1945), romancista alemão de tendência nacionalista.

nente Zuckschwerdt, que representa a camada social que nos fez odiar o estrangeiro e foi combatida em vão, internamente, pelo jornal *Simplizissimus*. Zuckschwerdt não é um incapaz. Tampouco se pode dizer que seja uma pessoa má, muito menos um sádico. Mas, tendo recebido a incumbência de afogar alguns gatinhos recém-nascidos, enfiados em um saco, percebe que um deles ainda se mexe quando os retira da água. Então apedreja o saco, transformando-o em um mingau vermelho, e grita enfurecido ao bichinho: "Vou lhe mostrar, seu canalha, o que chamo fazer as coisas com *Gründlichkeit* [com perfeição]!"

Seria de esperar que o autor retratasse esse personagem como representante de uma parte degenerada da população e o mantivesse fiel a essas características até o fim, como em Rolland,[184] cujos relatos mostram duas Alemanhas e duas Franças. Mas não. No final desse romance de etnologia comparada, o autor sente pena do assassino impiedoso de gatinhos, desculpando-o e inocentando-o, enquanto os americanos são julgados de maneira cada vez mais negativa. Qual a razão desses dois pesos, clemência de um lado e rigor do outro? É que entre os alemães ainda existiria pureza racial, enquanto os americanos são uma raça mista. Os habitantes da cidade de Cincinnati, por exemplo, aparecem como "uma população decadente, por causa de uniões consanguíneas, colorida pela miscigenação indígena e judaica". Em outro trecho, ele cita e aprova um japonês em viagem pelos Estados Unidos que diz: "*That Irish-Dutch-Nigger-Jew-mess*" [Essa confusão irlando-holandesa-negro-judaica].

Já aqui, logo após a Primeira Guerra Mundial, muito antes da primeiríssima vez em que alguém ouviu falar de Adolf Hitler, tratando-se de um autor autenticamente idealista, que pensa e, em diversas oportunidades, se mostrou imparcial, já

[184] Romain Rolland (1866-1944), escritor francês vencedor do Prêmio Nobel em 1915.

aqui é preciso perguntar se a doutrina racial não é só um pretexto e um disfarce para o sentimento antissemita fundamental. É impossível deixar de formular essa questão quando se lê sobre a guerra: enquanto a luta continuava empatada e o resultado permanecia inalterado, depois de Verdun e de Somme,[185] "o homem neutro, com barba pontuda e olhos semitas brilhantes, saltita em torno dos dois campos em luta e escreve sua crônica; eis o *Journalismus der Welt* [jornalismo mundial]".[186]

O que contrapõe o nacional-socialismo às demais formas de fascismo é a exacerbada ideia de raça, nele concentrada no antissemitismo. Dessa ideia ele extrai seu veneno. Tudo vem dela, mesmo quando se trata de povos não semitas. O bolchevismo era "bolchevismo judeu", os franceses eram "enegrecidos" e "judaizados", os ingleses eram os descendentes daquela tribo de judeus bíblicos dada como perdida, e assim por diante.

A característica fundamental alemã do excesso, de levar às últimas consequências a transposição dos limites, é um traço que forneceu solo fértil ao desenvolvimento da ideia de raça. Mas será a própria ideia um produto alemão? Se buscarmos suas origens teóricas, uma linha direta conduz do alemão Rosenberg ao francês Gobineau,[187] passando pelo inglês Chamberlain, alemão por escolha.

---

[185] Referência a duas grandes batalhas na Primeira Guerra Mundial. Em Verdun, entre fevereiro e dezembro de 1916, houve cerca de 700 mil baixas entre alemães e franceses. Depois de inúmeras tentativas de romper as linhas defensivas da França, os alemães recuaram e se entrincheiraram em posições mais favoráveis. A batalha do Somme foi travada entre julho e novembro do mesmo ano. Nesse caso, foi uma ofensiva anglo-francesa que causou mais de 1 milhão de baixas em ambos os lados e, tal como ocorreu em Verdun, terminou sem um claro vencedor.

[186] Expressão antissemita contra os jornalistas judeus.

[187] Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882), diplomata, escritor e filósofo francês, um dos mais destacados defensores do racismo no século XIX. Serviu no Brasil e manteve grande amizade com o imperador Pedro II.

O *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*, de Gobineau, publicado em quatro volumes entre 1853 e 1855, é o primeiro a ensinar que a raça ariana é superior e a germanidade não miscigenada é a categoria humana mais elevada. Ela estava ameaçada pelo sangue semita, infiltrado por toda parte, incomparavelmente pior, a ponto de não poder mais ser chamado de humano. Aqui se encontra tudo o que o Terceiro Reich precisou para justificar sua filosofia e sua política. Os desenvolvimentos posteriores e o ensinamento difundido depois, na época que antecedeu o nazismo, remetem a Gobineau. Ele é ou parece ser — prefiro manter isso, por ora, em aberto — o autor dessa doutrina racial sanguinária.

No último período do Reich de Hitler houve uma tentativa científica de encontrar antecessores alemães para o francês. O Instituto do Reich para a História da Nova Alemanha publicou um estudo amplo e denso: *A ideia de raça no romantismo alemão e suas origens no século XVIII*. Hermann Blome, seu organizador — tolo porém honesto —, conseguiu provar exatamente o contrário do que pretendia. Queria mostrar que Kant, o século XVIII e os alemães românticos eram precursores e, portanto, cúmplices dos franceses em história natural. Partiu de uma hipótese errada: qualquer um que tivesse estudado a história natural da humanidade, a classificação das raças e seus traços característicos era um precursor de Gobineau. Mas a ideia original de Gobineau não foi dividir a humanidade em raças, mas sim relegar o conceito geral de humanidade a segundo plano em benefício das raças, as quais passaram a ser autônomas. No interior da raça branca ele enxergou uma raça senhorial germânica, à qual contrapôs uma raça de parasitas semitas. Será que Gobineau teve precursores nesse aspecto?

Blome afirma que Buffon, o "naturalista autêntico", e Kant, que funda sua filosofia em "bases naturalistas", usaram o conceito de raça. Na sequência, outros estudiosos anteriores a Gobineau teriam dado continuidade a esses trabalhos e rea-

lizado diversas verificações no domínio da pesquisa racial. Não faltaram os que puseram os brancos acima das pessoas de outras cores.

Logo no início do livro e ao longo de todo o texto, com pequenas variações, o autor lamenta que o ideal humanista predominante tenha impedido que a teoria das raças fizesse progressos decisivos (decisivos, naturalmente, no sentido do nazismo!) durante todo o século XVIII e até meados do século XIX. Até onde poderia ter chegado Herder — muito sensível à diversidade dos povos e dotado de uma forte consciência germânica, a ponto de a literatura nazista quase tê-lo transformado em um membro do partido —, se "sua visão idealista deformada não o fizesse realçar reiteradamente a unidade do gênero humano acima de toda e qualquer diversidade"? Ah, essa malfadada 116ª carta "pela promoção do humanismo", com "princípios de uma história natural da humanidade"! Herder escreveu: "É preciso ser imparcial como o próprio gênio da humanidade; não se deve privilegiar qualquer estirpe, qualquer povo da Terra. [...] O naturalista não pressupõe uma hierarquia entre as criaturas que estuda; todas lhe são dignas, ele quer bem a todas, por igual. O mesmo vale para quem estuda a história natural da humanidade."

De que adianta constatar em Alexander von Humboldt[188] uma "preferência pela história natural" se, por outro lado, se diz que "a concepção idealista da humanidade, típica de sua época, o impediu de tirar conclusões de ordem racial"?

O autor nazista falhou em remeter a doutrina racial do Terceiro Reich a pensadores alemães. Comprovou-se mais uma vez que antes de Gobineau não existiu na Alemanha um antissemitismo baseado no sangue. No estudo sobre "As ori-

---

[188] Friedrich Heinrich Alexander, Barão de Humboldt (1769-1859), notável naturalista e explorador alemão, com grande influência sobre a ciência de sua época. Sua viagem pela América do Sul, no século XIX, foi um marco no conhecimento do continente.

gens do antissemitismo no pensamento alemão", publicado no *Aufbau* (1946, volume 2), Arnold Bauer afirma que os *Burschenschaften* [grêmios estudantis],[189] que pertenciam à tendência extremada do romantismo alemão, "tinham por princípio não excluir os judeus de seus quadros". Ernst Moritz Arndt[190] só aceitava cristãos como membros dos grêmios, mas considerava o judeu batizado como "cristão e cidadão com plenos direitos". Jahn,[191] "patrono da ginástica", considerado excessivamente teutônico, nem sequer colocava o batismo como condição necessária para pertencer aos *Burschenschaften.* E os próprios *Burschenschaften,* quando da fundação da *Allgemeine deutsche Burschenschaften* [Agremiação Geral dos Estudantes Alemães], recusaram a condição do batismo. Segundo Bauer — aqui ele compete com os estudantes nazistas quando escrevem suas teses de doutoramento —, isso resultou do "legado intelectual dos humanistas vocacionados para a tolerância, como Lessing, e do universalismo de Kant".

Mantenho a opinião que formei durante os anos terríveis: a delirante doutrina racial inventada para privilegiar o germanismo e lhe atribuir o monopólio da humanidade, a doutrina que em última instância representou uma autorização para caçar pessoas e praticar os crimes mais hediondos contra a humanidade, tem raízes no romantismo alemão. Por isso este capítulo faz parte da minha LTI, apesar de só recentemente eu ter descoberto Blome e o estudo de Bauer. Dito de outra forma, o autor francês foi um simpatizante, um adepto, um correligionário, consciente ou não, do romantismo alemão.

---

[189] Referência a grêmios estudantis de caráter patriótico e esportivo que se desenvolveram na época das guerras antinapoleônicas.

[190] Escritor alemão (1769-1860) que defendia a ideia de um Estado nacional alemão sob o domínio da Prússia.

[191] Friedrich Ludwig Jahn (1778-1852), pedagogo e político alemão. Iniciou as "sociedades de ginástica", defendendo que elas fossem incluídas na instrução dos jovens.

Em meus primeiros trabalhos, tive contato frequente com a obra de Gobineau, um personagem familiar para mim. Acredito na avaliação de seus colegas de profissão: como cientista natural, ele estava errado. Não é difícil acreditar nisso, pois Gobineau não tinha espírito de naturalista. Estudou história natural por um impulso primário, não por amor às ciências. Nele, a história natural sempre esteve a serviço de uma ideia fixa e egoísta, sempre existiu para apoiar uma obsessão.

O papel do conde Arthur Gobineau é mais importante na história da literatura francesa do que nas ciências naturais. Mas é sintomático que os alemães tenham reconhecido esse papel antes dos franceses. Em todas as fases da história francesa que viveu — ele nasceu em 1816 e morreu em 1882 —, Gobineau sentiu-se espoliado do que acreditava ser seu direito senhorial, sua nobreza herdada, suas potencialidades individuais; culpava a dominação do dinheiro, da burguesia, da massa ascendente, que ele odiava, a massa que aspirava à igualdade de direitos, ao domínio do que chamava democracia, na qual ele via a decadência da humanidade. Estava seguro de que era descendente direto da nobreza feudal francesa e do ancestral franco, sem qualquer miscigenação.

A França vivia uma disputa antiga, cheia de consequências, entre duas teorias políticas. A nobreza feudal afirmava: somos os descendentes dos conquistadores francos e temos direitos senhoriais sobre a população galo-romana vencida; mas não somos súditos do nosso rei, já que pelo direito dos francos o rei é somente *primus inter pares* e não possui nenhum domínio sobre a nobreza, que tem direitos iguais aos seus. De outro lado, os juristas da corte consideravam que o rei absoluto era herdeiro dos césares e a população era sucessora do antigo povo galo-romano. Com a Revolução, a França retornou à antiga forma romana de governo, a República, desembaraçando-se do ranço opressor dos antigos imperadores, sem deixar lugar para os senhores feudais da linhagem dos francos.

Gobineau era um poeta dotado. Começou na escola do romantismo francês, caracterizada pela tendência medieval e a oposição à banalidade do ambiente burguês. Para ele, tanto fazia ser um aristocrata germano ou franco. Iniciou muito cedo os estudos de cultura alemã e oriental. Nos domínios linguístico e literário, o romantismo alemão vinculou a germanidade a um longínquo passado indiano. Algumas famílias étnicas europeias teriam uma característica ariana comum. (Scherer, com quem convivi na *Judenhaus*, citava as obras *Linguagem e sabedoria dos indianos*, publicada por Friedrich Schlegel em 1808, e *Sobre o sistema de conjugação do sânscrito comparado com o grego, o latim, o persa e as línguas germânicas*, publicada por Bopp[192] em 1816.) A construção do homem ariano baseia-se na filologia e não na história natural.

Gobineau foi decisivamente influenciado — ou melhor, desencaminhado — pelo romantismo alemão. Esse movimento aspira à falta de limites, ultrapassa e elimina fronteiras, joga com símbolos e também libera a especulação nas ciências naturais. Tudo isso fascina o escritor francês. Ele insiste em sua germanidade eletiva justamente porque ela resulta de uma escolha; o romantismo o inspira e lhe serve de legitimação, por assim dizer, para pôr a especulação a serviço dos fatos científicos ou para interpretá-los filosoficamente, de modo a obter deles o que deseja ver confirmado: a ênfase no germanismo. Gobineau chega a esse sentimento a partir de questões de política interna, ao passo que os românticos alemães chegam como decorrência da agitação napoleônica.

Alguns dizem que o ideal humanitário preservou os românticos das consequências lógicas da ideia de um povo germânico eleito (ou, como preferem os nazistas, os impediu de desenvolver essa ideia). Mas, conduzida até o nacionalismo

---

[192] Franz Bopp (1791-1829), linguista e conhecedor de sânscrito, fundador da linguística comparada.

e o chauvinismo, a consciência nacional destrói esse escudo protetor. Perde-se o sentimento de coesão da humanidade: o povo alemão possui tudo o que tem valor real. Quanto aos adversários, os alemães dizem: "Juízo Final: matai-os / O tribunal do mundo não indagará por quê."[193]

Para os poetas alemães das guerras de independência, o inimigo a ser morto é o francês; não faltam motivos para falar mal dele. Pode-se considerar sua latinidade como inferior à verdadeira germanidade, mas, mesmo assim, é inadmissível considerá-lo como de outra raça. No momento em que o romantismo alemão passa da maior abertura de espírito para a maior estreiteza, ele recusa tudo que é externo e glorifica tudo que é alemão, mas ainda sem qualquer sentimento de supremacia racial. Para Jahn e Arndt o judeu alemão era alemão e, como tal, tinha acesso franqueado às associações estudantis patrióticas e germanófilas.

Trinta anos mais tarde, porém, o nacional-socialista Blome cita triunfalmente o mesmo Arndt, que antes fora partidário dos humanistas, e lamenta em seus *Discursos e comentários*, publicados em 1848, antes do surgimento do *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*: "Judeus e os demais de sua espécie, batizados e não batizados, trabalham incansavelmente, em colaboração com a esquerda mais radical, para desagregar e dissolver tudo o que para nós, alemães, parece mais humano e mais sagrado, para destruir e dissolver o amor à pátria e o temor a Deus... Fiquem atentos e observem ao redor *wohin diese giftige Judenhumanität mit uns fahren würde* [onde o venenoso humanismo[194] judeu nos levaria] se não tivéssemos nada de alemão para lhe contrapor..."

---

[193] Trecho de *Germania an ihre Kinder* [Germânia a seus filhos], de Heinrich von Kleist (1777-1811), publicado em 1809.

[194] *Humanität* refere-se ao sentimento de boa vontade do homem em relação aos seus semelhantes, enquanto *Menschheit* designa o conjunto dos seres humanos. Por isso preferimos humanismo nesta tradução.

Não se tratava mais de libertar-se de um inimigo externo, mas de lutar por questões de política interna e de ordem social. Os inimigos da germanidade pura foram encontrados: os judeus, batizados ou não.

Cada um pode escolher quanto quer ver de antissemitismo racial nesse antissemitismo que perdura mesmo depois do batismo. Mas é certo que o ideal humanitário foi abandonado: ao ideal da germanidade se contrapõe "o venenoso humanismo judeu". (Na LTI, mais frequentemente em Rosenberg, mas também em Hitler e Goebbels, a palavra humanismo aparece com aspas irônicas, o mais das vezes acompanhada de adjetivos cheios de desdém.)

Para tranquilizar minha consciência de filólogo, durante o período nazista procurei estabelecer a conexão que vai de Gobineau até o romantismo alemão, que hoje reforcei um pouco. Continuo acreditando que há uma forte ligação entre o nazismo e o romantismo alemão. Acho que aquele surgiria deste ainda que Gobineau, alemão por escolha, não tivesse existido. Até porque a veneração dele pelos germanos atrai mais a atenção de escandinavos e ingleses do que de alemães. Pois tudo o que interessa ao nazismo já está contido, em germe, no romantismo: o destronamento da razão, a animalização do ser humano, a exaltação da ideia de poder, do predador, da besta loura...

Não será esta uma acusação terrível contra uma corrente de pensamento que transmitiu tantos valores humanos à literatura (no sentido mais amplo do termo) e à arte alemãs?

A acusação permanece, apesar de todos os valores criados pelo romantismo. "Quanto mais alto o nosso voo, maior a nossa queda." A característica essencial do movimento cultural mais tipicamente alemão é a ausência de limites.

CAPÍTULO 22

ALEGRE[195] *WELTANSCHAUUNG* (POR LEITURA CASUAL)

Nas *Judenhäuser*, livros são um bem de grande valor, pois fomos privados da maior parte deles e não há como adquirir novos. Também não podemos frequentar bibliotecas. Minha mulher, ariana, está inscrita em uma biblioteca, em seu próprio nome, mas teremos problemas se a Gestapo encontrar em nossa casa um dos livros dela. O menos grave que pode acontecer é que tudo termine em pancadaria. Algumas vezes, só assim consegui escapar do pior.[196] Podemos ter conosco apenas livros judaicos. O conceito é mal definido, e a Gestapo parou de enviar especialistas às nossas casas desde que todas as bibliotecas particulares valiosas foram *sichergestellt* [colocadas a salvo], conforme diz a LTI, pois os encarregados do partido não roubam nem saqueiam.

Nosso apego aos poucos livros que restaram não é muito forte. Alguns deles foram "herdados". Isso significa que ficaram sem dono quando o dono original desapareceu de repente ao ser "transportado" para Theresienstadt ou Auschwitz. Para o novo dono, esse desaparecimento é um sinal do que poderá lhe acontecer, pois está sujeito à mesma tragédia. Sofre todos os dias, em especial à noite, dominado pelo pavor. Assim, os livros vão passando de mão em mão sem que seja necessário fazermos sermões, uns aos outros, sobre a precariedade dos bens terrenos.

Leio tudo que me cai nas mãos. Meu interesse principal é a LTI, mas é estranho perceber quantos livros afastados do

---

[195] O termo exato para traduzir *Sonnig*, que está no título original, seria "solar". Mas o termo que melhor se ajusta aqui é "alegre".

[196] Klemperer refere-se à possibilidade de ser enviado a um campo de concentração.

meu objeto, na aparência ou de fato, acabam contribuindo para conhecê-lo melhor. Mais estranho, neste novo contexto, é descobrir coisas novas em obras que eu supunha conhecer profundamente. No verão de 1944 tive em mãos, de repente, o romance *Weg ins Freie* [Caminho para a liberdade], de Arthur Schnitzler,[197] que reli sem esperanças de encontrar algo que pudesse me interessar. Pois há muito tempo, por volta de 1911, eu escrevera um estudo extenso sobre Schnitzler, e nos últimos anos eu lera, debatera e quebrara a cabeça com o problema do sionismo. Lembrava-me bem do conteúdo do livro. Mesmo assim, encontrei um trecho minúsculo, aparentemente secundário, quase uma anotação à margem, que ficou em minha memória.

Um dos personagens principais se irrita com a futilidade dos comentários a respeito do termo *Weltanschauung* [visão de mundo], muito em voga naquela época, início do século. Para ele, era lógico que *Weltanschauung* representasse "o desejo e a capacidade de enxergar o mundo como ele realmente é, ou seja, contemplar o mundo sem se deixar influenciar por preconceitos, sem a necessidade de retirar de uma experiência, rapidamente, uma nova lei ou de inserir essa experiência em alguma lei que exista... Mas, para as pessoas, *Weltanschauung* é uma espécie de *Gesinnungstüchtigkeit* [forma superior de apego a convicções] — um apego infinito a convicções, por assim dizer".

No capítulo seguinte, pela forma como Heinrich prossegue a reflexão, percebemos como a observação anterior está ligada ao verdadeiro tema desse romance de judeus: "Creia-me, George, há momentos em que sinto inveja das pessoas que possuem a assim chamada *Weltanschauung*... Cá entre nós, dependendo do nosso momento psicológico, somos tudo de uma só vez, culpados e inocentes, velhacos e heróis, idiotas e sábios."

---

[197] Arthur Schnitzler (1862-1931), escritor austríaco.

A vontade de interpretar o termo *anschauen* [contemplar] sem mistificações, conseguindo ver com clareza o que existe, percebendo como as coisas realmente são, a indignação e a inveja dirigidas àqueles para quem a *Weltanschauung* é um dogma consolidado, um guia para os momentos ou situações em que o pensamento, o senso crítico e a própria consciência começam a vacilar — tudo isso, segundo Schnitzler, representa o espírito judaico e também, sem dúvida, a mentalidade de muitos vienenses, parisienses e da *intelligensia* europeia em geral na virada do século. O uso abusivo e exagerado, "sem sentido lógico", do termo *Weltanschauung* pode ser explicado como parte da incipiente oposição à *Dekadenz* [decadência], ao impressionismo, ao ceticismo e à desmoralização da ideia de um eu contínuo e, portanto, responsável.

O que me impressionou na leitura desses trechos não foi tanto tentar entender se tudo era um problema de decadência judaica ou geral. Fiquei intrigado ao perceber que ao ler o romance pela primeira vez, quando ainda tratava da realidade atual de sua época, quase não prestei atenção ao surgimento do novo termo e ao entusiasmo que ele despertou. A resposta veio rápido: *Weltanschauung* ainda se restringia ao grupo dos neorromânticos, não penetrara na linguagem corrente.

Além disso, pergunto-me como esse termo esotérico da virada do século pôde transformar-se em uma palavra tão importante para a LTI, a ponto de qualquer membro do partido, qualquer pequeno-burguês, qualquer comerciante inculto usá-la a todo momento para discorrer sobre sua visão de mundo e o comportamento que dela decorre. Além disso, eu me perguntava em que consistiria essa capacidade nazista de se apegar infinitamente a convicções. Devia ser algo fácil de compreender, adequado a todos, útil sob o ponto de vista organizacional, já que certa vez vi nos estatutos da *Deutsche Arbeits Front* [Frente Alemã de Trabalho], uma "organização para todos os operários", como se evitava o termo "pagamen-

tos de seguro", substituindo-o pela expressão *Beiträgen zu einer weltanschaulichen Gemeinschaft* [contribuições para uma comunidade de natureza ideológica].

O que levou a LTI a empregar essa palavra não foi o fato de ter percebido que poderia germanizar o termo "filosofia", de origem estrangeira, pois nem sempre ela fez questão de germanizar palavras. Aqui ela encontrou a maneira mais importante de expressar sua oposição ao ato de filosofar. Pois filosofar é uma atividade da razão, do raciocínio lógico, que o nazismo considera o pior inimigo. Mas a oposição ao pensamento claro, de que a LTI tem necessidade, não é "enxergar corretamente", na forma como Schnitzler define o verbo *schauen* [ver], pois esse "ver" também seria um empecilho para a retórica nazista, sempre empenhada em enganar, ludibriar e anestesiar. Ao contrário, a LTI encontra na expressão *Weltanschauung* justamente a visão interior intimista do substantivo *Schauen*, e em *Schau* aparece a visão do místico, voltada para a intuição e o êxtase religioso do *Sehen* [enxergar], que é a visão do redentor, do qual emana o princípio vital. Este é o anseio mais profundo de *Weltanschauung*, tal como aparece na forma original dos neorromânticos, que foi adotada depois pela LTI. Sempre retorno ao mesmo verso e à mesma expressão: "Em um mesmo torrão de terra tanto brotam flores quanto urtigas..." — a raiz alemã do nazismo se chama romantismo.

E mais: antes de se amesquinhar em romantismo *teutsch* [teutônico], o romantismo *deutsch* [alemão] mantinha íntima relação com o estrangeiro. Se, de um lado, o nazismo valoriza o pensamento nacionalista do romantismo teutônico, de outro, assim como o romantismo alemão original, valoriza também tudo o que pode aproveitar do estrangeiro.

Transcorridas algumas semanas após a leitura de Schnitzler, consegui finalmente pegar os diários de Goebbels: *Vom Kaiserhof zur Reichskanzelei* [Da corte real à chancelaria do

Reich]. (Em 1944 a escassez de livros já atingia também os arianos; mal abastecidas e defasadas, as bibliotecas só aceitavam novos associados por solicitação expressa e recomendação especial — minha mulher estava inscrita em três diferentes bibliotecas e sempre carregava consigo minha lista de leituras.) Essas "páginas de diários" relatam triunfalmente a propaganda bem-sucedida e oferecem propaganda nova. Em 27 de fevereiro de 1933 Goebbels anotou: "A grande ação de propaganda prevista para o dia do despertar da nação está definida nos mínimos detalhes. Será uma *Schau* [parada] esplêndida em toda a Alemanha." Aqui se usa a palavra *Schau* sem qualquer conotação de sentimentos íntimos ou de misticismo, mas no sentido assimilado do *show* inglês, que significa exibição, *Schaugepränge* [espetáculo faustoso], que aqui recebe influência do espetáculo circence, o *Barnumshow* [carnaval] americano.

O verbo *schauen* [contemplar], do qual falamos aqui, tem tudo e ao mesmo tempo nada a ver com o *richtig sehen* [enxergar direito] no sentido de Schnitzler. Trata-se, nesse caso, de um olho que está sendo manipulado, mecanizado e ofuscado; está cego, não consegue discernir mais nada. Romantismo e mercado publicitário, Novalis e Barnum, Alemanha e América: a LTI uniu *Schau* e *Weltanschauung* de maneira indissolúvel, assim como mística e pompa se uniram no culto católico.

Se agora eu me pergunto com que se parece essa "comunidade de *Weltanschauung*" que a Frente Alemã de Trabalho organiza, vejo que seu aspecto dominante, mais uma vez, é uma mistura de atributos alemães e americanos.

Da mesma forma que fui cativado pelo trecho da *Weltanschauung* de Schnitzler, um ano antes anotei no diário algumas frases do livro *Memoiren einer Sozialistin* [Memórias de uma socialista], de Lily Braun, relacionadas ao meu tema. (Esse livro "herdado" ainda guardava de maneira cruel o chei-

ro da câmara de gás, tal como a imaginamos: "Morto por insuficiência cardíaca em Auschwitz", estava escrito no atestado de óbito do doador involuntário.) Eis as frases: "Em Münster, Alix teve uma discussão acalorada sobre religião com um padre católico: a ideia do cristianismo? A Igreja Católica não tem nada a ver com ela! E é bem isso o que amo e admiro nessa ideia, pois somos pagãos, adoradores do Sol... Carlos Magno e seus missionários perceberam isso. Sabiam o que é ter sangue saxão correndo nas veias. Por isso construíram templos para muitos santos nos lugares dos santuários de Wotan, Donar, Baldur e Freya. Por isso, em vez de entronizarem o Crucificado, elegeram a mãe de Deus, que simboliza a vida criadora. Por isso os seguidores do "homem que não tem onde repousar a cabeça"[198] enfeitaram com ouro e pedras preciosas as roupas, os altares e as igrejas e passaram a usar arte nos cultos. Do ponto de vista de Cristo, os anabatistas tinham feito bem em destruir as imagens dos santos, mas a potência vital de seus *Volksgenossen* [compatriotas] fora injusta com eles."

A ideia da incompatibilidade entre Cristo e o espírito europeu, a afirmação de que o germanismo dominou o catolicismo, a insistência na afirmação da vida, no culto ao Sol e, para coroar tudo, na potência vital do sangue saxão — tudo isso podia constar do *Mito*, de Rosenberg. O fato de que Lily Braun não era nazista, de maneira nenhuma, nem hostil ao mundo intelectual, tampouco aos judeus, oferece ao nazismo uma base mais sólida do que o fetiche das suásticas como símbolo germânico, do que a veneração à roda solar e a permanente ênfase em um germanismo radiante. *Sonnig* [solar] era um termo muito usado nos necrológios dos soldados caídos no *front*.[199] Eu estava convencido de que ele tinha origem no

[198] Mateus, 8:20. Lucas, 9:58.
[199] Ver o capítulo 19.

antigo culto germânico, e vinha da antevisão de um *blonder Heiland* [salvador louro].

Certo dia, porém, encontrei na fábrica uma operária de bom coração, que durante o intervalo do café lia atentamente uma brochura do correio militar. A meu pedido, emprestou-me o exemplar. Tratava-se de um libreto da coleção pueril *Soldaten-Kameraden* [camaradas-soldados], publicada por Franz Eher, editor de Hitler, distribuída em abundância e que apresentava uma série de pequenas histórias sob o título *Der Gurkenbaum* [A árvore de pepinos]. Todas me decepcionaram. Em uma publicação da editora Eher, eu esperava encontrar o veneno nazista em dose concentrada (em outras obras, esse editor já destilara muito veneno no Exército). Mas Wilhelm Pleyer[200] — que conheci mais tarde como romancista alemão dos Sudetos, sem que isso alterasse minha impressão sobre ele, para o bem ou para o mal — era apenas um dos mais insignificantes Pgs,[201] como escritor e como homem.

Der Gurkenbaum consistia de pretensas histórias de humor, muito banais e inócuas. Eu já estava pondo a leitura de lado, pois não tinha utilidade para minha pesquisa, quando me deparei com uma história adocicada sobre a felicidade. Tratava-se de uma menininha muito vivaz, lindinha, loura. O texto vinha recheado de cabelo louro, Sol e pessoa solar, *sonnig*. A pequena tinha uma relação muito especial com os raios de Sol, e seu nome era Wiwiputzi. Como teria recebido esse nome tão estranho? O autor também perguntava isso. Se os três is eram sugestivos de um nome muito luminoso, ou se o início do nome (*vif*) se referia ao termo vivaz, em francês, ou a qualquer coisa poética e afirmativa para a vida, de qualquer forma ele respondia a si mesmo: "Seria o termo

---

[200] Escritor alemão, redator de muitas revistas, entre as quais *Camaradas-soldados*, dirigente do Partido Nazista na antiga Tchecoslováquia.

[201] Membro do Partido Nazista sem nenhuma importância.

ersonnen [ensolarar]? Não, e sim *ersonnt* [imaginado, suposto],[202] com uma conotação espontânea."

Ao devolver o livro à colega, perguntei qual história lhe agradara mais. Ela respondeu que todas eram bonitas, mas especialmente a de Wiwiputzi.

"Se ao menos eu conseguisse descobrir onde o autor encontrou o jogo de palavras ensolarado, solar, radiante..." A pergunta me saiu assim espontaneamente e logo me arrependi de tê-la formulado. Como uma mulher sem instrução poderia responder? Talvez eu tivesse provocado uma situação embaraçosa. Para meu grande espanto, a resposta veio de pronto, com a maior naturalidade: "Ora, ele pensou no *Sonny Boy*!"[203]

Eu havia encontrado a verdadeira *vox populi*. É óbvio que não podia fazer uma enquete, mas naquele momento tive a noção intuitiva, que mantenho ainda hoje, de que o filme *Sonny Boy*, tanto quanto o culto ao germanismo, contribuiu para a epidemia dos adjetivos ensolarado e radiante. Quem sabe que *sonny* significa *Söhnchen* [filhinho] e não tem nada a ver com *sonnig* [solar]?

---

[202] Jogo de palavras intraduzível: *Sonne* [Sol] e *ersonnen* [imaginar, supor], cujo particípio passado é *ersonnt*.

[203] *Sonny Boy* é o título de dois filmes americanos realizados em 1916 e 1929. Passou a significar, na Alemanha, um jovem simpático e charmoso. Por isso optamos por alegre, em vez de ensolarado, no título deste capítulo.

CAPÍTULO 23

QUANDO DUAS PESSOAS FAZEM O MESMO[204]

Lembro-me perfeitamente do momento e da palavra que ampliaram — ou eu deveria dizer reduziram? — o meu interesse da literatura para a linguística. Repentinamente, o contexto literário de um texto perde importância e nossa atenção se fixa em uma palavra. Pois é na palavra isolada que se vê a forma de pensar de uma época, o pensamento geral no qual aquele indivíduo se insere, deixando-se influenciar ou mesmo guiar. Mas, dependendo do contexto, a palavra e a expressão, *per se*, podem ter sentidos opostos. Por isso precisamos retornar ao domínio literário, ao texto como um todo. A palavra isolada e o texto se esclarecem reciprocamente...

Interessei-me pela linguística quando Karl Vossler demonstrou indignação contra a palavra *Menschenmaterial* [material humano]. Material, dizia, é o que se entende por pele, ossos e vísceras de um corpo animal; falar de "material humano" significa limitar-se à matéria e desprezar o espírito, justamente o aspecto humano do ser humano.

Na época, não concordei inteiramente com meu professor. Isso ocorreu dois anos antes da Primeira Guerra Mundial, quando eu ainda não havia sido confrontado com os horrores da guerra. Não acreditava que fosse possível uma conflagração no coração da Europa, o que me levava a supor que o serviço militar era apenas uma atividade físico-esportiva bastante inocente. Quando um oficial ou um médico do Exército se referiam à boa ou à má qualidade do material humano, parecia-me o mesmo que um médico civil dizer que ia atender um "caso" antes do almoço ou "dar conta" de uma apendicite.

---

[204] Citação de uma peça de teatro, *Les Frères*, de Terence.

Não se estava procurando uma aproximação com a alma do recruta Meier, nem com os doentes Müller ou Schulze. Por razões profissionais, os esforços se concentravam nos aspectos estritamente físicos da natureza humana. Passada a guerra, percebi melhor a desconfortável semelhança entre "material humano" e "carne de canhão", ou melhor, o mesmo cinismo, consciente aqui, inconsciente lá. Mas ainda não estou convencido da brutalidade dessa expressão. Por que alguém, mesmo sendo um idealista autêntico, não poderia se referir ao valor material de um indivíduo ou de um grupo no contexto de uma profissão ou de um esporte específico? De maneira análoga, também não me parece particularmente desumano que na linguagem da administração penitenciária os detentos sejam identificados por números, em vez de por seus próprios nomes. Não se lhes está negando com isso o direito de serem humanos. Estão sendo tratados como objetos de um serviço administrativo, designados por números em uma lista.

Por que é diferente agora? Por que vem à tona uma brutalidade inequívoca quando uma vigilante do campo de concentração de Belsen declara diante do tribunal de guerra que em tal dia teve de lidar com *sechzehn "Stück" Gefangenen* [dezesseis elementos, dezesseis peças], referindo-se aos prisioneiros? Nos dois casos anteriores abstraía-se o ser humano por razões profissionais. Quando, em contrapartida, se diz "elemento" ou "peça", o que se tem em mente é fazer da pessoa uma coisa. Essa maneira de tratar a pessoa como coisa também aparece, na linguagem oficial, na expressão *Kadaververwertung* [reaproveitamento de cadáveres], especialmente quando usada para referir-se a cadáveres humanos: os mortos dos campos de concentração são transformados em adubo pelo mesmo processo que se aplica a carcaças de animais.

O desejo de reificar, ditado por um ódio visceral, transparece na expressão estereotipada que os relatórios militares

usam, sobretudo em 1944, e que já esconde o desespero da incipiente impotência. Dizia-se de modo cada vez mais insistente que "gangues armadas" não deviam contar com perdão. Nas referências às ações da Resistência Francesa, que se fortalece, pode-se ler regularmente que pessoas foram "trucidadas". O verbo *niedermachen* [trucidar] denota o ódio dos nazistas ao inimigo, o qual, até aqui, era concebido como uma pessoa. Logo em seguida lê-se diariamente que tantos foram *liquidiert* [liquidados]. "Liquidar" é um termo que provém da linguagem de negócios; sendo uma palavra emprestada, é um pouco mais fria e impessoal do que a sua correspondente alemã. Um médico *liquidiert* [emite] uma fatura pelo valor dos serviços prestados, um comerciante *liquidiert* [fecha] sua firma. No primeiro caso trata-se de quantificar o valor, em dinheiro, dos serviços prestados; no segundo, é o fim do negócio. Quando se trata de liquidar pessoas, elas são eliminadas, ou seja, seu fim é igual ao dos bens materiais. Já na linguagem específica dos campos de concentração, quando um grupo de prisioneiros era fuzilado ou conduzido às câmaras de gás, constava que *eine Gruppe wurde der Endlösung zugeführt* [um grupo foi conduzido à solução final].

Deve-se considerar essa reificação da personalidade como uma característica especial da LTI? Acho que não. Pois a LTI se aplicava somente a pessoas às quais o nacional-socialismo negava que pertencessem ao gênero humano, excluindo-as — como raça inferior, raça inimiga ou raça de *Untermenschen* [subumanos] — da verdadeira humanidade, formada pelos germanos e as pessoas com sangue nórdico. No interior desse círculo de humanos, reconhecidos como tal, a LTI atribui um valor decisivo à personalidade. Darei dois exemplos.

No âmbito militar, não se fala mais de *Leute* [gente] que compõe uma companhia, mas somente de *Männer* [homens]; cada tenente informa: "Ordenei a meus homens..." Uma vez

o *Reich* publicou um necrológio emotivo e patético que um professor universitário idoso dedicara a seus três estudantes prediletos, caídos como oficiais. O texto continha cartas de campanha dos três, e o professor não se cansava de elogiar o espírito alemão de fidelidade masculina, bem como o heroísmo demonstrado pelos oficiais e por seus *Mannen*.[205] Ele se extasiava com essa palavra de matiz poético, com um tom de alemão arcaico. As cartas dos alunos, entretanto, referiam-se sempre a "*unsere Männer*" [nossos homens], empregando a forma atual com toda a naturalidade — os jovens já não tinham a sensação de que diziam algo novo ou poético por meio dessa formulação.

Em geral, a LTI adotava uma postura ambígua ao se confrontar com o alemão arcaico. Por um lado, não lhe desagradava a fidelidade à tradição, tampouco a tendência romântica à Idade Média alemã, nem a ligação com a essência de um arquétipo germânico ainda não falsificado pelos romanos. Por outro, queria ser atual e progressista. No começo, Hitler combatera os nacionalistas alemães do *Deutschvölkische Freiheitspartei* [Partido da Liberdade da Raça Alemã], já que os considerava concorrentes desleais, que gostavam de usar uma linguagem decididamente arcaica. Por exemplo, os nomes alemães para os meses, divulgados durante algum tempo, não conseguiram se firmar e nunca foram empregados oficialmente. Por outro lado, algumas runas e nomes germânicos obtiveram prestígio, sendo aprovados no cotidiano...

Mais decisivo do que falar de *Männer* foi o empenho em valorizar a personalidade por meio de uma reformulação geral no estilo burocrático, que degenerou em um ridículo não intencional. Os judeus não possuíam cartões para adquirir vestimentas nem vales para alimentação, não podiam comprar nada novo, só recebiam roupas usadas das *Kleider und*

[205] Plural antigo para *Männer* [homens].

Wirtschaftskammern [Câmaras de Comércio de Roupas e de Negócios]. No início era relativamente simples obter alguma peça dessas Câmaras de Roupas. Depois, somente por meio de requerimentos que transitavam pelos *Rechtskonsulenten*, os consultores jurídicos da congregação israelita, passando pelo departamento de judeus da Gestapo até chegar ao *Polizeipräsidium*, a chefia da Polícia. Uma vez, recebi um cartão impresso onde constava: "Coloquei à sua disposição uma calça de trabalho usada. Venha retirá-la... etc. Assinado: Chefe da Polícia."

O princípio subjacente era o seguinte: as questões não devem ser decididas por um funcionário impessoal, mas por um chefe responsável, um Führer. Assim, a burocracia adotou a forma pessoal do "eu" e era dirigida por um deus pessoal: "Eu, o diretor financeiro em pessoa," — e não mais a "Coletoria dos Impostos X" — "intimo Friedrich Schulze a pagar uma multa de mora de três marcos e cinquenta *pfennig*." "Eu, o *Polizeipräsident*, expedi uma multa de três marcos." E, finalmente: "Eu, o Chefe da Polícia, pessoalmente, destinei uma calça usada ao judeu Klemperer." Tudo isso em *majorem gloriam*, dentro do *Führerprinzip* [princípio da liderança e da personalidade].

Não. O nacional-socialismo não quis despersonalizar nem reificar os seres humanos que reconhecia como germanos. Mas um Führer, um comandante, necessita de comandados em cuja obediência possa confiar incondicionalmente. Atente-se para quantas vezes a palavra *blindlings* [cegamente] aparece nas declarações de fidelidade, nos telegramas e nos anúncios de homenagens e de participação nos doze anos do nacional-socialismo. *Blindling*, uma das palavras-chave da LTI, indica a condição ideal da mentalidade nazista em relação ao Führer e ao seu respectivo *Unterführer* [comandado]. Não foi menos empregada do que *fanatisch* [fanático]. Entretanto, para executar uma ordem cegamente, não devo pensar sobre ela. O ato de pensar pode ensejar uma demora, um escrúpulo ou até

mesmo estimular o senso crítico, levando à recusa à obediência. A essência da educação militar consiste em automatizar movimentos e atividades, de modo que o soldado e o grupo obedeçam à ordem superior sem passar por considerações de foro íntimo, independentemente de qualquer impulso instintivo, como se fossem máquinas que se põem em movimento quando acionadas por botões.

O nacional-socialismo não tem intenção de atacar a personalidade. Quer enaltecê-la, o que não exclui (ao contrário!) torná-la mecanizada: cada um tem de ser um autômato nas mãos de seu comandante e ao mesmo tempo um Führer, aquele que aciona o botão e faz de seu comandado um autômato. Essa estrutura oculta confere um ar de normalidade ao processo de escravização e despersonalização do qual provém a multiplicação de termos, na LTI, oriundos da tecnologia, além de uma profusão de palavras mecanizantes. Não me refiro ao aumento de expressões especificamente técnicas que as línguas dos países civilizados experimentam desde o início do século XIX, como consequência da difusão da técnica e da sua crescente importância na vida de todos. Refiro-me à extrapolação de expressões técnicas para áreas que não são técnicas, nas quais adquirem um efeito mecanizante. Raramente aconteceu algo assim na língua alemã antes de 1933.

A República de Weimar introduziu basicamente duas expressões da área técnica na linguagem comum: *verankern* [ancorar] e *ankurbeln* [pôr em marcha com manivela, lançar, fomentar, estimular], expressões comuns, palavras que estiveram na moda naquela época. Foram empregadas tão repetidamente que logo passaram a ser usadas com ironia, a fim de satirizar pessoas contemporâneas desagradáveis. Como Stefan Zweig escreveu, por exemplo, em sua *Kleine Chronik* [Pequena crônica], no final da década de 1920: *Die Excellenz und der Dekan kurbelten ihre Verbindung kräftig an* [Sua Excelência e o Decano deram impulso enérgico à sua relação].

Falta verificar se podemos considerar "ancorar" como uma metáfora tecnológica. Procedente da navegação e rodeada de certa aura poética, aparece já bem antes de Weimar. Legitima-se como palavra da moda graças ao seu emprego exagerado na época. A origem desse uso excessivo deve-se à ampla divulgação de uma declaração oficial: "Foi enfatizado que a Assembleia Nacional desejava se assegurar se a lei dos conselhos de empresa estava ancorada na Constituição." A partir daí, tudo, em todos os domínios, passou a ser "ancorado". Mas pode ser que o motivo inconsciente do fascínio por essa imagem venha do anseio profundo pela calmaria: os vagalhões revolucionários haviam provocado muito cansaço. O barco do Estado, metáfora antiquíssima (*fluctuat nec mergitur*),[206] precisava lançar âncora em um porto seguro.

Somente o verbo *ankurbel* provinha da tecnologia, trazendo um sentido mais apropriado e mais moderno. Seu uso teve origem em uma imagem com a qual as pessoas se deparavam o tempo todo nas ruas: os automóveis ainda não dispunham de motor de arranque automático, de modo que era comum ver motoristas tentando acionar o motor dos veículos, empregando muita força para girar a manivela.

Ambas as metáforas, uma semitécnica e outra totalmente técnica, têm em comum o fato de se referir somente a coisas, situações e atividades, nunca a pessoas. Na época da República de Weimar se "colocou em marcha", se "fomentou" ou se "estimulou" toda sorte de ramos comerciais, mas a pessoa do próprio dirigente comercial, jamais. As mais diversas instituições também "se ancoravam", mas não a pessoa de um dirigente financeiro ou de um ministro. O passo decisivo para a mecanização linguística da vida ocorre quando a metáfora técnica se aplica diretamente a alguém. Uma expressão que

[206] "Flutua sem submergir." É a frase que está gravada nos escudos de armas da cidade de Paris.

grassava desde o início do século XX dizia: *eingestellt sein* [estar sintonizado].

Faço um parêntese e me pergunto se *eingestellt sein* e ter uma *Einstellung* [estar imbuído de uma ideia própria a respeito de alguma coisa] — hoje cada dona de casa tem uma *Einstellung* sobre o uso de adoçantes ou de açúcar, cada rapaz tem uma *Einstellung* sobre o boxe ou o atletismo — devem constar da rubrica da mecanização linguística. Sim e não. Originariamente, essas expressões indicavam se um telescópio estava bem ajustado para focalizar uma distância específica ou se as rotações de um motor estavam bem reguladas. Mas a primeira transposição desse conceito para outro campo foi semimetafórica: na busca do "pensamento exato", a ciência e a filosofia, especialmente esta última, adotaram a expressão de um modo que sua raiz técnica permanecia visível: o aparelho mental deve focalizar um objeto de maneira precisa, deve *eingestellt sein*. A linguagem comum servia-se primeiramente de palavras oriundas da filosofia. Considerava-se padrão culto "ter uma postura", um "ponto de vista", uma *Einstellung* diante de questões existenciais importantes. É difícil precisar até que ponto ainda havia consciência, no início da década de 1920, do significado técnico ou puramente racional dessas expressões. Em um filme sonoro, que também era satírico, a principal personagem, uma dondoca, cantava que "sua vida estava *eingestellt* [sintonizada, voltada] para o amor da cabeça aos pés",[207] o que vem a comprovar que já se conhecia o significado básico do termo. Na mesma época, porém, um patriota que pretendia ser poeta e é celebrado como tal pelos nazistas proclama com toda a ingenuidade que seus sentimentos estavam plenamente *für Deutschland eingestellt* [voltados para a Alemanha]. O filme se baseava no romance tragicômico

[207] "*Ich bin von Kopf bis Fuss auf Liebe eingestellt...*" é o que Marlene Dietrich canta em *O Anjo Azul*.

Professor Unrat [Professor Lixo], de Heinrich Mann,[208] ao passo que o versejador celebrado pelos nazistas como adepto de primeira hora do regime e antigo voluntário do *Freikorps*[209] tinha um nome pouco germânico: Boguslav ou Boleslaw. (O que pode fazer um filólogo cujos livros lhe foram roubados e parte de suas anotações destruídas?)

Característica inconteste da LTI é a flagrante mecanização da própria pessoa. Nesse campo, a criação mais clara e provavelmente a mais precoce é o verbo *gleichschalten* [sincronização da voltagem na energia elétrica, uniformização de ideias, atitudes e ações, especialmente no que diz respeito a acertar o passo nas paradas militares]. Pode-se ver e ouvir o clique do botão que faz pessoas — não instituições nem administrações despersonalizadas — adotarem posições e movimentos uniformes e automáticos: professores de diversas instituições, funcionários de serviços jurídicos ou administrativos, membros dos *Stahlhelm* [capacetes de aço] ou das SA etc. etc. sempre são conduzidos *gleichgeschaltet* [em sintonia], de maneira coordenada.

Esse termo representa terrivelmente a mentalidade básica do nazismo. É uma das poucas expressões que o cardeal Faulhaber[210] concedeu a honra de satirizar em seu Sermão do Advento já em fins de 1933. Segundo ele, entre os povos asiáticos da Antiguidade, o Estado e a religião estavam *gleichgeschaltet*. Ao mesmo tempo que o alto prelado ridicularizava o uso desse verbo, artistas menores de cabaré também ousavam atribuir-lhe uma conotação cômica. Lembro-me de um animador em uma assim chamada *Fahrt ins Blaue* [excursão sur-

---

[208] Heinrich Mann (1871-1950), irmão de Thomas Mann. O livro deu origem ao filme *O Anjo Azul*.

[209] Brigadas militares voluntárias, criadas após a Primeira Guerra Mundial, que desestabilizaram a incipiente República de Weimar.

[210] Michael von Faulhaber (1869-1952). Teólogo católico alemão, fez oposição radical ao racismo nazista, defendendo o Antigo Testamento.

presa] da Associação de Excursionistas ter dito na floresta, durante o intervalo para o lanche, que estávamos *gleichgeschaltet* com a natureza, com o que granjeou muitos aplausos.

Não há na LTI nenhuma outra apropriação de termos técnicos que tenha exibido tão claramente a propensão à automação e ao mecanicismo como esse *gleichschalten.* A palavra foi usada ao longo dos doze anos, mais no início que no fim, pela simples razão de que em pouco tempo a sintonização e a automação tornaram-se fatos consumados, passando para o campo das obviedades.

O emprego de outras expressões da área eletrotécnica foi menos impactante. Quando se mencionam aqui e acolá *Kraftströme* [correntes de energia] que nos aproximam da figura de um líder, pela energia que eles emanam, como se lê em diversos lugares sobre Mussolini e Hitler, essas expressões metafóricas referem-se tanto ao magnetismo quanto à eletromecânica. Associam-se, pois, à sensibilidade romântica. Isso foi particularmente notório no caso de Ina Seidel,[211] que recorreu a essa mesma metáfora da eletrotécnica tanto em suas obras mais puras quanto nas mais pecaminosas — mas Ina Seidel constitui um triste capítulo à parte.

Poder-se-ia qualificar de romântico o momento em que Goebbels, visitando cidades bombardeadas no oeste, às quais ele próprio pretendia transmitir energia, repete mentiras colossais, dizendo pateticamente que se sentia *neu aufgeladen* [recarregado] pela valentia inquebrantável dos cidadãos? Não, o que se vê aqui é apenas o hábito de rebaixar o ser humano ao nível das máquinas.

Afirmo isso com segurança, pois nas demais metáforas de origem técnica do ministro da Propaganda e de seu círculo há

[211] Escritora alemã (1885-1974). Sua prosa, muito apreciada por Hitler, é marcada pela crença no destino.

muitas referências diretas ao domínio da mecânica, mas sem qualquer alusão à corrente elétrica. Pessoas ativas são reiteradamente comparadas a motores. Por exemplo, o *Reich* publica em Hamburgo que o *Statthalter*[212] [prefeito] trabalhava como *ein immer auf Hochtouren laufender Motor* [motor em rotação máxima]. Muito mais forte do que essa comparação, que ainda deixa perceber uma separação entre a imagem e o objeto com o qual é comparada, é a seguinte frase de Goebbels, que oferece evidência mais óbvia e mais séria dessa atitude intrinsecamente mecanicista: "Brevemente, em diversas regiões, operaremos em rotação máxima." Não somos mais comparados a máquinas; somos as próprias máquinas.

Nós: isso é Goebbels, é o governo nazista, é toda a Alemanha hitleriana, à qual se devia infundir coragem, mas que vivia então sob a mais escabrosa penúria e sofria perdas enormes de energia. Esse eloquente orador não compara a si e seus fiéis a máquinas; identifica a si mesmo e eles com as próprias máquinas. Impossível conceber forma de pensar mais desumanizada.

Quando o uso mecanizante da língua se estende diretamente à pessoa, é claro que esse uso procura alcançar também os objetos mais próximos, mas que estão fora de seu âmbito. Não existe mais nada que não possa ser *anlaufen* [posto em funcionamento], que não possa ser recondicionado, como se faz a revisão de uma máquina depois de um longo período de operação ou de um navio depois de uma longa viagem; não há nada que não se possa *hineinschleusen* [introduzir] ou *herausschleusen* [extrair], e naturalmente — oh!, liguagem do Quarto Reich nascente — não há nada que não se possa *aufziehen* [acionar].

---

[212] A tradução literal é lugar-tenente. Mas, no vocabulário da LTI, designava o prefeito indicado pelo poder central.

Mas, quando se faz necessário exaltar a intrepidez dos habitantes de uma cidade bombardeada, então a prova filológica que o jornal *Reich* traz é a linguagem local, seja da região do Reno, seja da Westfália: *Es spurt schon wieder* [estamos de novo a postos]. (Já me explicaram que *spuren* é do jargão próprio do setor automobilístico: as rodas do carro foram recolocadas na bitola certa.) *Und warum spurt alles schon wieder?* [E por que de novo tudo a postos?] Porque, graças à boa organização geral, a pessoa está *voll ausgelastet am Werk* [trabalhando em sua plena capacidade de produção]. Também *voll ausgelastet* [plena capacidade], uma das expressões prediletas de Goebbels nos últimos anos, é uma usurpação da linguagem técnica. Esse termo causa menos impacto do que o motor *zu vollen Touren* [a pleno vapor], já que na verdade é possível *auslasten* [carregar até o limite, ou sobrecarregar] os ombros de um ser humano, como no caso de um pedreiro.

Die Sprache bringt es an den Tag [A linguagem traz à tona, revela o estado das coisas]. Constante invasão pela linguagem técnica, multiplicação das metáforas técnicas: enquanto Weimar só conheceu o termo *Ankurbeln*, ou seja, fazer a economia girar como uma manivela, a LTI impulsionou o tecnicismo com a expressão *die gut eingespielte Lenkung* [marcha (ou direção) bem engatada], um testemunho do descaso pela personalidade aviltada, levando-se em conta a intenção de oprimir o livre-pensar. Essa constatação não perde força diante das numerosas afirmações de que se desejava desenvolver as pessoas, em contraposição ao objetivo marxista da *Vermassung* [massificação], a qual encontraria sua verdadeira apoteose no bolchevismo judaico e asiático.

Será que a linguagem coloca mesmo em evidência? Há uma palavra que ouço o tempo todo e que vem rondando minhas ideias, justamente agora que tentamos recuperar o nosso sistema de ensino, completamente destruído. É uma cita-

ção de Lênin: "O professor é o *Ingenieur der Seele* [engenheiro da alma]." Também é uma metáfora técnica, a mais técnica de todas. O engenheiro lida com máquinas. Se é considerado a pessoa certa para cuidar da alma, devo concluir que a alma é equivalente a uma máquina...

Devo mesmo concluir isso? Os nazistas sempre difundiram que marxismo e materialismo são a mesma coisa, e que o bolchevismo supera a doutrina socialista em materialismo, pois imita de maneira falsificada os métodos industriais americanos, absorvendo seu pensamento e sentimento tecnicista. Que há de verdade nisso?

Tudo e nada.

É certo que os bolchevistas aprendem com a tecnologia dos americanos e a levam para seu país de maneira apaixonada. Portanto, seus traços mais marcantes serão transmitidos pela linguagem. Mas por que procuram importar a tecnologia? Porque poderão oferecer ao povo uma vida mais digna. Reduzindo a pressão do trabalho pesado e proporcionando a todos uma base física mais saudável, estarão contribuindo para sua elevação intelectual. A recente aquisição de expressões em sua língua comprova exatamente o oposto do que comprova na Alemanha de Hitler: o tecnicismo da Rússia visa a libertar o espírito do povo russo, enquanto na Alemanha a extrapolação da técnica visa à escravização da alma do povo alemão.

Quando dois fazem o mesmo... sabedoria trivial. Mas no meu caderno de anotações faço questão de sublinhar a versão que interessa à minha profissão: quando dois fazem uso da mesma expressão, isso não significa que tenham a mesma intenção. Justo aqui e agora quero frisar esse ponto novamente com grande destaque, pois precisamos conhecer melhor o verdadeiro espírito dos povos, daqueles de quem ficamos tanto tempo afastados, sobre os quais durante tanto tempo nos

mentiram. Sobre nenhum povo nos mentiram tanto quanto sobre o povo russo... Para conhecer a alma de um povo, nada melhor que conhecer sua língua... Há a *gleichschalten* [uniformização das ideias] e o *Ingenieur der Seele*, ambas expressões técnicas. A metáfora alemã aponta para a escravidão, a russa visa à libertação.

CAPÍTULO 24

CAFÉ EUROPA

12 de agosto de 1935. "É isso mesmo: apesar de ficar bem na pontinha — do outro lado já se vê a Ásia —, fica na Europa." Foi o que Dembert disse há dois anos, quando me contou que fora chamado para lecionar em Istambul. Vejo-o agora diante de mim, seu sorriso de alívio, o primeiro após as semanas de amargura que se seguiram à sua demissão, ou melhor, à caçada contra ele. Justo hoje me lembro de como o sorriso e o timbre alegre da voz ressaltavam a palavra "Europa", pois justo hoje chegaram as primeiras notícias dos Bl.[213] desde que partiram. Já devem estar em Lima. A carta, enviada das Bermudas, me deixa com certo mau humor. Eu os invejo porque são livres, seu horizonte é mais amplo que o meu, e invejo-os por sua possibilidade de influenciar pessoas. Mas, em vez de se alegrarem, eles lamentam o enjoo da viagem de navio e as saudades da Europa. Fiz estes versos, que vou lhes enviar:

Agradecei a Deus, a cada dia,
Por vos ter levado pelos mares,
E vos ter salvado da grande desventura.
Já as pequenas, não importam;
Vomitar mar adentro
Do parapeito de um navio, livre,
Dos males não é o pior.
Alçai vossos olhos cansados
Aos céus, onde está o Cruzeiro do Sul;
Essa nave piedosa vos transporta
Para longe das agruras dos judeus.

---

[213] Walter e Grete Blumenfeld, amigos que haviam emigrado para o Peru.

Tendes saudades da Europa?
Diante de vós estão os trópicos.
Europa nada mais é que um conceito.

13 de agosto de 1935. Walter escreve de Jerusalém: "Por favor, de agora em diante remetam as cartas simplesmente para o Café Europa. Não sei por quanto tempo meu endereço atual será o que vocês têm, mas é certo que podem me encontrar sempre nesse Café. Aqui, refiro-me a Jerusalém como um todo e ao Café em particular. Sinto-me melhor do que em Tel-Aviv. Lá os judeus convivem entre si e querem permanecer somente judeus. Aqui reina um espírito mais europeu."

Não sei se, sob o impacto da carta de ontem, atribuo importância ainda maior à que recebi hoje da Palestina; parece-me que meu sobrinho, pessoa de pouca cultura, se aproxima mais do conceito "Europa" do que meus colegas eruditos, cuja nostalgia se restringe ao espaço geográfico.

14 de agosto de 1935. O orgulho diante de uma ideia dura no máximo um dia; logo em seguida, quando recordo de onde ela vem, me recolho à insignificância (destino de filólogo!). O conceito Europa é emprestado de Paul Valéry.[214] Para meu consolo posso acrescentar: cf. *Moderne franzözische Prosa* [Prosa francesa moderna], de Klemperer.[215] Naquele tempo, e lá se vai uma dúzia de anos, reuni e comentei em um capítulo à parte o pensamento dos franceses sobre a Europa e seu lamento desesperado pela autodestruição do continente durante a Primeira Guerra Mundial; também destaquei como reconhecem que a essência da ideia de Europa está na criação e divulgação de uma determinada cultura, uma determinada postura espiritual e uma determinada vontade. Em seu discurso

[214] Paul Valéry (1871-1945), escritor, poeta e filósofo francês.
[215] Título de um ensaio que Klemperer publicou em 1923.

de 1922 em Zurique, Valéry deixa claro que o conceito de espaço europeu é uma abstração. Para ele, a Europa são todos os lugares nos quais a tríade Jerusalém, Atenas e Roma se fez presente, ou, como ele mesmo expressa: Grécia, Roma Antiga e Roma cristã, com Jerusalém incluída na Roma cristã. Até mesmo a América não passa de "uma formidável criação da Europa". Mas, sempre colocando a Europa na condição de potência hegemônica, acrescenta: "Expresso-me mal, não é a Europa que domina, mas sim o *europäischer Geist* [espírito europeu]."

Como se pode ter saudades de uma Europa que não existe mais? A Alemanha não é mais Europa. Por quanto tempo os países vizinhos estarão seguros diante de um país como este? Eu me sentiria mais seguro em Lima do que em Istambul. Quanto a Jerusalém, fica próximo demais de Tel-Aviv, o que se assemelha muito a Miesbach...

(Nota para o leitor de hoje: em Miesbach, na Baviera, surgiu na época de Weimar um jornal que antecipava em tom e conteúdo o que viria a ser o *Stürmer*.[216] N.A.)

Depois dessas anotações, a palavra Europa não aparece em meu diário por quase oito anos, apesar de eu ter permanecido atento a tudo que se me apresentasse como peculiaridade da LTI. Não quero dizer que aqui e ali não houvesse algum material para ler sobre a Europa ou a situação europeia. Isso seria inexato, pois o nazismo, a partir de seu ancestral Chamberlain, trabalha com uma ideia adulterada da Europa, ideia que ocupa papel central no *Mito*, de Rosenberg, e é repetida por todos os teóricos do partido.

Aconteceu com essa ideia o mesmo que os teóricos do racismo tentaram fazer com a população alemã: ela foi *aufgenordet*.[217] Tudo que fosse europeu procedia dos nórdicos, ou

---

[216] *O Atacante*, folhetim nazista totalmente voltado contra os judeus.

[217] Neologismo cuja tradução seria: "tornada mais nórdica". De acordo com a teoria racial nazista, a "raça" nórdica era considerada a mais valorosa.

dos germano-nórdicos, e todo elemento danoso ou ameaçador provinha da Síria e da Palestina. Como não havia jeito de recusar as origens gregas e cristãs da cultura europeia, então os helenos e até mesmo Cristo tinham ancestrais germano-nórdicos, com olhos azuis e cabelos louros. Tudo o que, no cristianismo, não estivesse de acordo nem com a ética nem com a doutrina do Estado nazista era suprimido como influência judaica, síria ou até romana.

Mesmo na presença dessas deformações, o conceito e a palavra Europa existiam somente para uma elite seleta de pessoas cultas e eram quase tão suspeitos e nefastos como *Intelligenz* [inteligência] e *Humanität* [ideal de humanidade]. Sobre essas palavras pairava sempre o risco de despertarem recordações do antigo conceito de Europa que conduziriam à inevitável ideia pacifista de uma Europa supranacional e humanista. Por outro lado, se a antiga Germânia se tornasse a fonte de todas as ideias europeias e a única detentora do verdadeiro sangue europeu, então se poderia renunciar ao conceito geral de Europa. Assim, a Alemanha se desvinculava de todo contexto e de todo compromisso com outras culturas, se isolava e passava a gozar de uma primazia divina sobre os demais povos. Era comum ouvir que a Alemanha devia defender a Europa contra o bolchevismo judaico-asiático. Em 2 de maio de 1938, quando Hitler parte com grande pompa para a Itália em viagem oficial, a imprensa não para de repetir que o Führer e o Duce estavam empenhados em criar a "Nova Europa". Mas a essa "Europa" internacionalista se contrapunha *Das heilige Germanische Reich deutscher Nation* [o Sacro Império Germânico da Nação Alemã], que aparecia em letras garrafais. Nos anos de paz sob o Terceiro Reich a palavra Europa não foi usada com tanta frequência, nem com algum matiz sentimental tão intenso que fosse possível registrá-la como uma palavra da LTI.

Somente depois de iniciada a campanha contra a Rússia e, mais ainda, depois de iniciada a retirada a palavra adquire

um sentido novo, cada vez mais desesperado. Até então, só em situações especiais e solenes se falara em "proteger a Europa do bolchevismo", no meio de considerações gerais sobre a cultura. Agora esse *slogan* tornou-se corriqueiro, alardeado diariamente em todos os jornais e repetido em diversas matérias de um mesmo jornal. Goebbels cria a imagem da *Ansturm der Steppe* [invasão da estepe]. Incorporando a linguagem técnica da geografia, ele adverte contra o perigo da *Versteppung* [transformação em estepe ou desertificação] da Europa. *Europa* e *Steppe* começam a aparecer juntas e passam a fazer parte do vocabulário específico da LTI.

Eis que, de repente, o conceito de Europa sofre um estranho retrocesso. No discurso de Valéry, ela estava totalmente desvinculada de seu espaço originário ou até mesmo de qualquer espaço físico; referia-se a qualquer região talhada intelectualmente por aquela tríade: Jerusalém, Atenas e Roma (ou, em termos mais latinos, uma vez Atenas e duas vezes Roma). Agora, no último terço da era hitleriana, não se trata mais desse tipo de abstração. Fala-se, é certo, de defender as ideias do Ocidente contra as forças asiáticas. Mas as pessoas não só evitam qualquer referência às ideias do europeísmo nórdico-germano, tão presente nos primórdios do nazismo, como não escrevem uma linha sobre o pensamento de Valéry, mais verdadeiro. Mesmo assim, em sua coloração estritamente latina e em sua orientação exclusivamente ocidental, seu conceito fica muito limitado para poder ser totalmente verdadeiro. Desde que os textos de Tolstoi e de Dostoievski passaram a exercer influência na Europa (note-se que o *Romain russe*, de Vogues, foi lançado em 1866), desde que o marxismo se tornou marxismo-leninismo, desde que ele se vinculou à técnica norte-americana, o centro de gravidade do pensamento europeu se deslocou para Moscou...

Não, a Europa da qual a LTI passou a falar diariamente, como sua nova palavra-chave, deve ser entendida em um sen-

tido exclusivamente espacial e material; designa um território mais restrito e o considera de um ponto de vista mais concreto do que fazíamos no passado. Agora, a Europa termina onde começa a Rússia inimiga, cujo território, em grande parte, a Alemanha reivindica, considerando-o ilegítimo. Mas essa Europa também se separou da Grã-Bretanha, adotando em relação a ela uma atitude de defesa hostil.

No início da guerra era diferente. Dizia-se: *England ist keine Insel mehr* [Inglaterra deixou de ser uma ilha]. Essa afirmação é bem anterior a Hitler. Encontrei-a no *Tancred*, de Disraëli,[218] e em Rohrbach, aquele político e escritor de viagens que defendia ardentemente a ferrovia entre Bagdá e a Europa Central;[219] mesmo assim, a frase permanecerá vinculada a Hitler. Naquela época, inebriada pela dominação da Polônia e da França, a Alemanha de Hitler esperava um desembarque na Inglaterra.

Essa esperança fracassou. Em vez da Inglaterra, as potências do Eixo é que foram submetidas a bloqueio e ameaçadas de invasão, e desde então não se fala mais em *blockadefeste Europa* [Europa resistente aos bloqueios] e *autarke Europa* [Europa autárquica] ou, como se dizia antes, em "nobre continente europeu" traído pela Inglaterra, ameaçado por americanos e russos, que visam à sua escravidão e "desespiritualização". Do ponto de vista conceitual, a expressão *Festung Europa* [praça-forte Europa][220] foi determinante para a LTI.

Na primavera de 1943 surgiu o livro de Max Clauss,[221] *Tatsache Europa* [Realidade Europa]. O título comprova que não

---

[218] Político inglês (1804-1881). Em 1847 escreveu *Tancred*, que defende a democracia trabalhista.

[219] Construída entre 1903 e 1940, essa ferrovia ligou Constantinopla a Bagdá.

[220] Durante a fase de construção da atual União Europeia falou-se no perigo de uma *Festung Europa*, em termos de protecionismo econômico.

[221] Jornalista e romanista alemão (1901-1988). Filiou-se ao Partido Nazista em 1933.

se trata de uma discussão filosófica sobre uma ideia vaga, mas de algo concreto. O livro trata da verdadeira circunscrição da Europa, *das neue Europa, das heute marschiert* [a nova Europa, que está sempre em marcha]. Nessa obra o papel do verdadeiro inimigo é ocupado pela Inglaterra, muito mais do que pela Rússia. Essa teoria adota como ponto de partida o livro *Pan-Europa*, de Coudenhove-Kalergi,[222] publicado em 1923, que considera a Inglaterra como a potência hegemônica europeia e a Rússia soviética como um perigo para a democracia europeia. No que diz respeito à hostilidade aos soviéticos, Coudenhove-Kalergi é um aliado e não um adversário do autor nazista. Mas aqui não vem ao caso a posição política exata de cada um desses teóricos. Clauss cita a explicação de Coudenhove-Kalergi ao seu símbolo da unificação, "o símbolo sob o qual todos os Estados pan-europeus se unirão, a cruz solar: uma cruz vermelha sobre o Sol dourado, símbolo da humanidade e da razão".

O que importa aqui não é que Coudenhove-Kalergi não compreenda que é justamente a Rússia, que ele exclui, que carrega a tocha do europeísmo, nem sua defesa da hegemonia da Inglaterra. O que vem ao caso é que Coudenhove coloca em posição central a ideia de Europa — ideal humanitário e razão — e não o espaço geográfico. Na capa da publicação nazista, ao contrário, o que se vê é o mapa do continente. O livro *Tatsache Europa* zomba do "fogo-fátuo da Pan-Europa" e se concentra naquilo que, no início de 1943, a Alemanha hitleriana considerava oficialmente a única "realidade" perene: a organização do gigantesco espaço continental resgatado dos territórios conquistados no leste, com a liberação de forças poderosas para tornar a Europa absolutamente *blockadefest* [inexpugnável a um bloqueio]. No centro desse território está

[222] Político e escritor austríaco (1894-1972), fundador do Movimento Pan-Europeu em 1923.

a Alemanha como *Ordnungsmacht* [potência organizadora]. Esse termo também pertence à LTI da fase tardia. O eufemismo encobre a ideia de "potência dominante", que se impõe com força tanto maior quanto mais fraca for a posição da Itália entre os parceiros do Eixo. Não reflete qualquer objetivo ideal separado de uma dimensão espacial.

Nos últimos anos, sempre que o nome Europa aparece na imprensa ou em discursos — e isso ocorre de maneira mais enfática e com maior frequência à medida que a situação da Alemanha se torna mais crítica —, seu único conteúdo é este: a Alemanha, "potência organizadora", defende a "fortaleza Europa".

Há uma exposição em Salzburgo: "Artistas alemães e as SS". O título de uma matéria no jornal diz: "Da vanguarda do movimento às tropas defensoras da Europa". Pouco antes, na primavera de 1944, Goebbels escreveu: "Os povos da Europa deveriam nos agradecer de joelhos pelo fato de lutarmos para defendê-los. Talvez eles nem mereçam tanto." (Anotei literalmente só o início da frase.)

No meio de todos aqueles materialistas que só consideravam a Europa como um bloco de países sob a autoridade da Alemanha de Hitler, uma vez se fez ouvir a voz de um poeta, um idealista. No verão de 1943, o *Reich* publicou uma "Ode à Europa" inspirada na métrica antiga. Trata-se de um volume de poesias recém-publicado, que se chama *Tod und Leben* [Morte e vida], e o poeta se chama Wilfried Bade.[223] Não sei mais nada do autor, tampouco de sua obra. Ambos podem ter desaparecido. O que chamou minha atenção àquela altura, e de que ainda hoje me lembro sensibilizado, foi a forma límpida e a impetuosidade daquela única ode. A Alemanha seria, por assim dizer, o deus grego travestido no tou-

[223] Poeta e escritor nazista, funcionário do Ministério da Propaganda, autor de uma biografia de Goebbels.

ro mitológico que seduz a bela Europa, e dela, raptada e enaltecida, se diz: *Du bist in einem / Mutter, Geliebte und Tochter auch / im grossen Geheimnis, / das kaum zu ahnen* [Bem em segredo, que mal se pode intuir, você é três em um: mãe, filha e amante]. Mas o jovem idealista, nostálgico da Antiguidade, desiste de seguir a pista do grande mistério ao conhecer um remédio contra as dificuldades do intelecto: *Im Glanze jedoch / der Schwerter ist alles einfach, und nichts / ist noch ein Rätsel* [Sob o brilho das espadas tudo aparenta simplicidade, o enigma se esclarece].

Que diferença abissal entre o conceito de Europa que prevalecia na Primeira Guerra Mundial! "Europa, não suporto que sucumbas a essa loucura, Europa, grito nos ouvidos de quem massacra quem tu és!", escreveu Jules Romain. O poeta da Segunda Guerra Mundial se eleva e se inebria com o resplendor das espadas!

....

A vida admite combinações que nenhum romancista pode se permitir, pois em um romance elas soariam muito novelescas. Depois de reunir minhas anotações sobre a Europa da época de Hitler, fiquei pensando se estaríamos retornando a um conceito de Europa mais autêntico ou se tínhamos abandonado esse conceito. Pois, a partir do ponto de vista recente de Moscou, com o qual Valéry, o latino, nem contava, o pensamento europeu mais autêntico se refere literalmente a "todos", pois para Moscou existe o mundo como um todo, e não mais a província Europa em especial. Foi quando recebi uma carta de Jerusalém, de meu sobrinho Walter, seis anos depois da primeira. A carta não fora mais enviada do Café Europa. Nem sei se o Café ainda existe, mas interpretei a falta desse endereço como simbólica, tanto quanto interpretara a sua existência na carta anterior. Pois o conteúdo dessa carta deixa transparecer que o espírito europeu daquela época também

não existe mais. Ele diz: "Você deve ter lido algo nos jornais, mas não pode imaginar o que os nossos nacionalistas estão aprontando aqui. Foi para isso que fugi da Alemanha de Hitler?" Seguramente, o Café Europa deixou de ser seu refúgio. Mas isso pertence ao capítulo da LTI dedicado aos judeus.

CAPÍTULO 25

A ESTRELA

Hoje volto a fazer a pergunta que já fiz uma centena de vezes, a mim e aos outros: qual foi o pior dia para os judeus nos doze anos do inferno nazista?

Todos damos a mesma resposta: 19 de setembro de 1941. Nesse dia tornou-se obrigatório o uso da estrela de Davi, de seis pontas, aquele trapo amarelo que até hoje simboliza peste e quarentena. Na Idade Média, era a cor que identificava os judeus, mas é também a cor da inveja, da bílis com sangue, a cor do mal a ser evitado; esse trapo traz a inscrição em negro: JUDEU. A palavra, emoldurada pelas linhas dos dois triângulos parcialmente sobrepostos, está escrita em letras grossas, maiúsculas. Isoladas e com os traços horizontais realçados, imitam caracteres hebraicos.

Minha descrição é muito longa? Ao contrário! Faz-me falta a arte de descrever de maneira mais precisa e contundente. Quantas vezes, quando se tinha de costurar uma estrela em uma nova peça de roupa (na verdade, uma roupa velha recebida do depósito de roupas judaicas), um casaco ou um avental de trabalho, quantas vezes eu observava com lupa os grãos da trama desse tecido amarelo, as irregularidades da estampa preta, toda a textura — e isso não teria sido suficiente se eu quisesse relacionar a cada detalhe as torturas sofridas por causa da estrela.

Na rua deparo-me com um senhor que vem ao meu encontro com ar sério, bonachão, conduzindo um menininho cuidadosamente pela mão. Para a um passo de mim: "Olhe bem para ele, Horst! É o culpado de tudo!" Um senhor distinto, de barba branca, atravessa a rua, me cumprimenta e estende a mão: "O senhor não me conhece, mas eu quero lhe

dizer que condeno esses métodos." Só posso embarcar no bonde no compartimento dianteiro, separado do principal, e só se eu estiver a caminho da fábrica, e só se a fábrica ficar a mais de seis quilômetros de distância, e só se o compartimento dianteiro estiver bem separado do interior do veículo. Quero embarcar, estou atrasado. Se não chegar pontualmente no trabalho, o capataz pode me denunciar à Gestapo. Alguém me empurra por trás:

— Vá a pé, é melhor para você!

É um oficial das SS, sem brutalidade, que se diverte como os outros se divertem com um cão... Minha mulher diz:

— Que dia lindo! Justo hoje não tenho nenhuma compra para fazer, não preciso ficar em nenhuma fila, vou acompanhá-lo um pouco!

— Nem pensar! Não quero vê-la sendo ofendida na rua por minha causa. Além do mais, sabe lá de quem você pode levantar suspeita, gente que ainda não a conhece. Quando for levar meus manuscritos, você pode encontrar um deles!

Um auxiliar de mudanças, meu conhecido, é de um grupo de gente boa. Todos levam jeito de pertencer ao KPD.[224] Ele para de repente diante de mim na Freiberger Strasse, agarra minha mão entre as suas e sussurra, mas de uma forma que dá para ouvir do outro lado da rua:

— Vamos, *Herr Professor*, não se deixe abater! Logo esses malditos vão ter de prestar contas.

Pretende ser um consolo, e de fato reconforta a alma; mas, se lá do outro lado da calçada a pessoa certa ouvir, meu consolador será levado ao cárcere e eu, a Auschwitz... Um carro freia de repente em uma rua vazia, a cabeça de um estranho aparece fora da janela:

— Ainda vives, porco desgraçado? Eu deveria passar com o carro por cima da tua barriga!

---

[224] KPD: Partido Comunista Alemão. Os membros do KPD passaram a ser perseguidos de 1933 em diante.

Não, todos os fiapinhos de tecido não seriam suficientes para indicar a profunda amargura causada a um usuário da estrela amarela.

Na área verde da Georgplatz existia uma estatueta de Gutzkow,[225] da qual restou somente o pedestal no meio da terra devastada. Havia uma forte ligação entre mim e o busto. Quem hoje conhece *Ritter vom Geist* [Cavaleiros do espírito]? Para o meu doutoramento eu lera os seus nove tomos com prazer. Muito tempo antes, minha mãe me contara que, quando jovem, lera com sofreguidão a então moderníssima e proibida obra. Mas não é no romance que penso primeiro, quando passo na frente do busto de Gutzkow, e sim em *Uriel Acosta*,[226] cuja encenação assisti pela primeira vez, aos dezesseis anos, na Krolloper. Naquela época, essa peça de Gutzkow quase não fazia mais parte do repertório-padrão. Todo crítico sentia-se na obrigação de chamar atenção para seus pontos fracos e de considerá-la ruim. Mas ela me abalou, e uma de suas frases me acompanhou pelo resto da vida. Nas vezes em que me deparei com experiências antissemitas, parecia-me vivê-la de forma ainda mais intensa. Ela penetrou realmente em minha vida a partir daquele 19 de setembro de 1941. O verso dizia: *Ins Allgemeine möcht'ich gerne tauchen und mit dem grossen Strom des Lebens gehn!* [Ah!, se eu conseguisse desaparecer no Universo e ser levado pela ampla correnteza da vida!]. Eu havia sido excluído do Universo desde 1933, bem

---

[225] Karl Gutzkow (1811-1878), escritor alemão que desempenhou importante papel no movimento Jovem Alemanha. Seu romance *Os cavaleiros do espírito* foi publicado entre 1850 e 1851.

[226] Uriel Acosta (1585-1640) foi um filósofo nascido em Portugal, de religião judaica, cuja família tinha sido forçada a se converter ao catolicismo. Uriel convenceu a família a retornar ao judaísmo e, por isso, todos emigraram para a Holanda. Lá, porém, foi perseguido por autoridades judaicas e terminou por cometer suicídio. O drama *Uriel Acosta*, de Karl Gutzkow, é de 1847.

como toda a Alemanha. Assim que saía de casa e deixava para trás as ruas onde era conhecido, eu imergia na ampla correnteza geral; mas permanecia a angústia de ser reconhecido a qualquer momento e sofrer os percalços de ações de gente mal-intencionada. Mesmo assim, era uma imersão.

Agora o sinal me identificava, me isolava e me deixava proscrito. Justificava-se a medida com o argumento de que era necessário isolar os judeus, cuja crueldade fora comprovada na Rússia. A "guetização" tornara-se absoluta: no início essa palavra só aparecia em selos, como o "Gueto de Litzmannstadt", e era reservada para os países estrangeiros conquistados. Na Alemanha havia algumas "casas de judeus", onde éramos amontoados, e às vezes constava *Judenhaus* na porta. Mas essas casas situavam-se em bairros arianos, e mesmo elas não eram habitadas só por judeus. Por isso, defronte a outras residências, às vezes constava a informação: "Esta casa está *judenrein* [purificada de judeus]". A frase, escrita com letras negras e grossas, permaneceu em muitos muros até que vieram abaixo pela ação dos bombardeios, enquanto letreiros como "Empreendimento arianizado" e vitrines pintadas com as palavras hostis "Loja de judeus!" desapareceram logo, pois perderam a razão de ser: não havia nada mais a arianizar.

Com a introdução da estrela amarela, dava tudo na mesma, estivessem as *Judenhäuser* espalhadas ou concentradas em um quarteirão, pois cada judeu carregava consigo o próprio gueto, como o caracol carrega a casinha. Era indiferente se em uma casa viviam somente judeus ou também arianos, pois a estrela tinha de estar colada na porta, acima do nome do morador. Se sua mulher fosse ariana, o nome dela deveria constar ao lado do nome dele, acrescentando-se: "Ariana".

Pregados nas portas dos corredores, logo começaram a aparecer outros tipos de bilhetes, de arrepiar: "Aqui viveu o judeu Weil". Então o carteiro sabia que não precisava mais se

preocupar em encontrar o novo endereço; o remetente recebia a correspondência de volta com o eufemismo: *Adressat abgewandert* [Destinatário partiu, emigrou]. De forma que esse significado particular e cruel de *abgewandert* consta da LTI, na seção dedicada aos judeus.

Essa seção é rica em expressões e frases burocráticas, frequentemente empregadas por todos a que diziam respeito, e que apareciam amiúde em suas conversas. Tudo começou naturalmente com *nichtarisch* [não-ariano] ou *arisieren* [arianizar]. Depois vieram as *Nürnberger Gesetze zur Reinhaltung des deutschen Blutes* [leis raciais de Nuremberg para manutenção da pureza do sangue alemão]. Depois houve os *Volljuden* [100% judeus], os *Halbjuden* [meio judeus], filhos de casamento misto de primeiro grau, e os *Mischlinge ersten Grades* [mestiços de primeiro grau] e de outros graus. Depois os *Judenstämmlinge* [descendentes de judeus] e, acima de tudo, os *Privilegierten* [privilegiados].

Nesse caso, excepcionalmente, não sei se os nazistas tiveram clara consciência do conteúdo diabólico da sua invenção. Só existiam "privilegiados" nos grupos de trabalhadores judeus nas fábricas. O "privilégio" consistia em não ter de portar a estrela amarela e não viver na "casa dos judeus". Era "privilegiado" quem tivesse contraído casamento misto e tivesse dado aos filhos desse casamento *deutsch erzogen* [educação alemã], ou seja, sem contato com a comunidade judaica. A interpretação desse dispositivo gerava numerosas dúvidas e sutilezas grotescas. Talvez ele tenha sido criado para proteger partes da população utilizáveis para os fins dos nazistas. Entretanto, nenhuma medida teve efeito tão desintegrador e desmoralizante quanto essa. Quanta inveja e quanto ódio ela gerou! Poucas frases foram pronunciadas com mais frequência e maior amargor do que esta: "Ele é um privilegiado!" O que significava: "Paga menos impostos que nós, não

precisa morar em 'casas de judeus', não usa a estrela amarela, pode passar quase despercebido..."

Quanta arrogância, que deplorável prazer maligno — deplorável, pois, no fim das contas, viviam no mesmo inferno que nós, mesmo que em um círculo mais elevado. No fim, as câmaras de gás também devoraram os *Privilegierten*. As palavras "sou privilegiado" enfatizavam um distanciamento. Quando agora ouço falar de acusações recíprocas entre judeus, de vinganças gravíssimas, sempre penso primeiro no conflito geral que existia entre os portadores da estrela e os privilegiados. Naturalmente, houve muitos atritos durante o convívio nas "casas de judeus" — a mesma cozinha, o mesmo banheiro, o mesmo vestíbulo para diversas famílias —, bem como no convívio estreito dos grupinhos de portadores da estrela nas fábricas. Mas entre judeus "privilegiados" e "não privilegiados" é que as inimizades mais venenosas se conflagraram: estava em jogo a estrela, a coisa mais odiada.

Encontro em meus diários, repetidas vezes e com poucas variações, frases assim: "Aqui se viam às claras as piores perversidades das pessoas; dava até para se tornar antissemita!" Mas, a partir da segunda "casa de judeus", de um total de três por que passei depois dessas explosões, sempre encontrei a seguinte nota adicional: "Ainda bem que li o livro *Hinter Stacheldraht* [Atrás do arame farpado], de Dwinger, sobre a vida de alemães arianos puros durante a Primeira Guerra, na Sibéria. A população nos *compounds* [campos de prisioneiros] siberianos abarrotados não tinha nada a ver com judaísmo, era povo ariano puro, eram militares alemães, oficiais alemães. O que acontecia nesses *compounds* é igual ao que acontece em nossas *Judenhäuser*. Não é raça, não é religião, é o aprisionamento, a escravatura..."

Privilegiert é a segunda pior palavra de meu léxico dedicado aos judeus. A estrela permanece a pior. Às vezes conseguíamos encará-la com humor negro; como piada, se ouvia:

"Eu uso a *Pour le Sémite*."[227] Às vezes havia quem afirmasse, não somente diante dos outros, mas até para si mesmo, que sentia orgulho da estrela. No fim, ela transmitia até esperança: será nosso álibi! Na maior parte do tempo, porém, aquele amarelo berrante iluminava pensamentos torturantes.

A estrela que emite a radiação fosforescente mais venenosa é a "estrela escondida". Segundo as prescrições da Gestapo, a estrela tem de ser usada descoberta, do lado do coração, sobre a jaqueta, o casaco ou o avental de trabalho. É obrigatória em qualquer lugar onde exista a possibilidade de contato com arianos. Em dias quentes de março, sob o mormaço, quando você abrir o capote de forma que o lado avesso da gola fique sobre o coração, se você carregar com o braço esquerdo uma pasta apertada contra o peito, se você, sendo mulher, estiver usando uma echarpe, então sua estrela estará escondida sem querer, mas quem sabe se por alguns segundos não será por querer, para poder andar nas ruas sem o estigma? Um funcionário da Gestapo pensará sempre que houve a intenção de esconder a estrela, e a consequência será o campo de concentração. Se o funcionário quiser se mostrar especialmente zeloso e você cruzar de frente com ele na rua levando a pasta no braço ou usando um cachecol que vá até os joelhos, mesmo se o capote estiver bem abotoado, a conclusão dele será que o judeu Lesser ou a judia Winterstein "esconderam a estrela". Três meses depois, no máximo, a comunidade receberá um atestado de óbito de Ravensbrück ou de Auschwitz. A *causa mortis* será precisa, com pequenas variações ou até mesmo individualizada: "insuficiência cardíaca", "fuzilamento por tentativa de fuga". A verdadeira *causa mortis* terá sido a estrela coberta.

[227] Parodiando a expressão *Pour le Mérite*, medalha da Primeira Guerra Mundial.

CAPÍTULO 26

A GUERRA JUDAICA

O homem ao meu lado no bonde me olha firme e diz em meu ouvido, em voz baixa mas em tom autoritário: “Desça na Estação Central e me acompanhe.” É a primeira vez que me deparo com essa situação, mas sei do que se trata pelo relato de outros portadores da estrela. Tudo ocorre sem maiores consequências, eles estão aí para se divertir às nossas custas, e eu sou tido como inofensivo. Mas não posso prever tudo isso de antemão. Não é agradável me submeter a gracinhas da Gestapo. Não há como negar que esse contratempo me deixa transtornado.

— Quero caçar umas pulgas nele — diz meu laçador de cães ao porteiro. — Deixe-o parado aqui, com a cara voltada para a parede, até que eu o chame.

Aguardo uns quinze minutos no saguão, no pé da escada, com o rosto voltado para a parede, enquanto os transeuntes me insultam:

— Judeu cachorro, o que está esperando para se enforcar?

— Não levou porrada suficiente ainda?

Finalmente me chamam:

— Suba depressa, com passos rápidos!

Abro a porta e fico parado diante da escrivaninha mais próxima. A acolhida é amável:

— Você nunca esteve aqui em cima, não é? Sorte sua, ainda tem muito a aprender... Aproxime-se até dois passos da escrivaninha, com as mãos na costura lateral das calças, e apresente-se como deve: “Sou o judeu Paul Israel *Dreckvieh* [porco imundo]”, ou seja lá qual for o seu nome. Saia agora e entre de novo, rápido. Ai de você se não souber se apresentar *zackig* [de maneira enérgica]!... Bem, você não se saiu muito bem, mas para a primeira vez até que serve. Agora vamos às pulgas. Mostre sua carteira de identidade e os outros docu-

mentos. Esvazie os bolsos; alguma coisinha afanada, ilícita, vocês sempre têm... O quê? Você é catedrático? Você pensa que pode nos ensinar alguma coisa? Só por essa pouca-vergonha você já merece acabar em Theresienstadt... Não, você ainda está longe dos 65 — então vai acabar na Polônia. Você nem fez 65 e, no entanto, tão pateta e alquebrado, com tanta falta de ar! Deus do céu, você deve ter se divertido muito em sua vida devassa, parece ter 75!

O inspetor está bem-humorado.

— Teve sorte de não termos encontrado nada proibido. Mas ai de você se na próxima vez encontrarmos algo em seus bolsos; o menor cigarro que seja, e você desaparece, mesmo se tiver três mulheres arianas... Suma da minha frente quanto antes!

Eu já estava com a mão na maçaneta e ele me chama de volta:

— Assim que você chegar em casa vai começar a rezar pela vitória judaica, não é? Não fique me encarando desse jeito nem responda, eu sei que você vai fazer isso. Pois a guerra é de vocês, não é? O quê? Você está sacudindo a cabeça? Então estamos em guerra contra quem? Abra o bico, responda quando lhe perguntam, afinal você não é catedrático?

— Contra a Inglaterra, contra a França, contra a Rússia, contra...

— Pare com isso, é tudo besteira. É contra o judeu que travamos a guerra, é a guerra judaica. E se você sacudir a cabeça mais uma vez, vou lhe dar uma surra. Você vai sair voando e parar no dentista. É a guerra judaica, o Führer disse. E o Führer sempre tem razão... Fora!

A guerra judaica! Não é invenção do Führer. Seguramente ele nunca soube quem foi Flavio Josefo.[228] Talvez em um jor-

---

[228] Historiador judeu do século I d.C. Entre outros livros, escreveu *Bellum Iudaicum* [A guerra judaica] e *Antiquitates Iudaicae* [Antiguidades judaicas].

nal ou na vitrine de uma livraria ele tenha visto o nome do romance que o judeu Feuchtwanger escreveu, *Der jüdische Krieg* [A guerra judaica].[229] Na verdade, é o mesmo que ocorre com todas as palavras e expressões características da LTI, como "a Inglaterra deixou de ser uma ilha", "massificação", "desertificação", "singularidade", "subumanidade" etc. Tudo foi absorvido, mas ao mesmo tempo tudo é novo e foi incorporado à LTI para sempre, pois esses termos passaram pelos mais variados âmbitos de uso — o pessoal, o de um grupo ou o científico —, que os assimilaram e os transpuseram para a linguagem geral, terminando envenenados pelo significado específico que o nazismo lhes atribuiu.

A guerra judaica! Diante dessas palavras sacudi a cabeça e enumerei cada um dos adversários da Alemanha. Mesmo assim, do ponto de vista do nazismo, aquela designação é exata, em um sentido muito mais amplo do que aquele que foi empregado. Pois a guerra judaica começou com a "tomada do poder" em 30 de janeiro de 1933, e só em 1º de setembro de 1939[230] experimentou uma *Kriegserweiterung* [escalada bélica], para usar uma expressão da LTI. Resisti durante muito tempo a aceitar a ideia de que nós — justamente porque eu devia dizer "nós" é que considerava isso uma ilusão mesquinha e fútil — estávamos no centro do nazismo. Mas era exatamente assim, e a origem dessa situação era evidente: basta ler com atenção as páginas do capítulo 2 de *Mein Kampf*, "Anos de aprendizado e de sofrimento em Viena", nas quais Hitler descreve sua "trajetória em direção ao antissemitismo". Mesmo se levarmos em conta que essas páginas contêm muita coisa truncada e fabricada, algo se impõe como verdadeiro: esse homem inculto, mentalmente desestruturado ao extremo, aprendeu os

---

[229] Publicado na Inglaterra em 1932 com o título *Josephus*.

[230] Data da grande ofensiva alemã contra a Polônia, que levou a Inglaterra e a França a declararem guerra contra a Alemanha, dando início à Segunda Guerra Mundial.

rudimentos da política pelas mãos dos antissemitas austríacos da época, Lueger e Schönerer,[231] que ele observa a partir da perspectiva da escória. Da maneira mais primitiva, identifica o judeu, pura e simplesmente — por toda a vida empregará a expressão "povo judeu" —, com a imagem do judeu mascate da Galícia; da maneira mais vil, propaga insultos contra a aparência externa do judeu que usa o *kaftan*[232] preto ensebado; de maneira primária, lança sobre esse personagem — convertido alegoricamente em "povo judeu" de modo geral — o conjunto das imoralidades com as quais se sente escandalizado, pois está amargurado com o insucesso de seu período vienense. Em cada "tumor maligno da vida cultural" ele encontra um *Jüdlein* [judeuzinho] "como o verme no corpo putrefato". Para ele, a atividade judaica como um todo significa o que há de mais nefasto, "pior que a peste negra de outrora...".

"Judeuzinho" e "peste negra", expressões de escárnio e desprezo, mas também de horror e medo angustiado: essas duas formas estilísticas estarão sempre presentes quando Hitler se referir aos judeus em discursos e alocuções. Ele nunca superou a visão infantil, inicial e pueril em relação ao judaísmo. Nela reside grande parte de sua força, pois é a partir dela que ele se une à plebe mais embrutecida, que em plena era da industrialização nem sequer faz parte do proletariado fabril, a uma parte da população rural e sobretudo à massa pequeno-burguesa apinhada nas grandes cidades. Para esses homens e mulheres, a pessoa que se veste de maneira diferente ou fala de outra forma não é uma outra pessoa, e sim um animal de

[231] Karl Lueger (1844-1910), líder do Partido Social-cristão da Áustria, antissemita, prefeito de Viena de 1897 a 1910. Georg Ritter von Schönerer (1842-1921), político austríaco. Suas ideias racistas e antissemitas do Linzer Programm (1881) exerceram forte influência sobre o Partido Social-cristão de Lueger e o movimento nacional-socialista de Hitler.

[232] Casaco preto comprido usado pelos remanescentes dos judeus chassídicos.

outro curral, com o qual não pode haver acordo, que se deve odiar e enxotar a pontapés.

Raça, como conceito científico ou pseudocientífico, só passou a existir na metade do século XVIII. Mas, como um sentimento instintivo de antagonismo que se opõe a tudo que é estranho e desperta animosidade tribal, a consciência de raça está alojada no estágio primitivo do desenvolvimento humano; só será superada quando a horda humana aprender a não mais ver na horda vizinha um bando de animais diferentes.

Embora o antissemitismo de Hitler corresponda a um sentimento básico, fundado no primitivismo intelectual, o Führer possui em igual medida, desde o início e no mais alto grau, aquela astúcia calculista que não parece se enquadrar nas características da pessoa incapaz, à qual ele muitas vezes é tão bem associado. Ele sabe que só pode esperar lealdade daqueles que estão no mesmo estágio de primitivismo. O método mais simples e seguro para mantê-los nesse estágio é alimentar, legitimar e glorificar o ódio instintivo contra o judeu. Aqui ele toca na parte mais fraca da mentalidade popular, pois há quanto tempo o judeu emergiu da segregação, do curral especial, para ser acolhido na comunidade nacional? A emancipação remonta ao início do século XIX, mas sua realização plena só ocorre, na Alemanha, a partir de 1860. Entretanto, na Galícia austríaca uma quantidade significativa de judeus não renunciou a uma existência à parte, dando munição àqueles que os descrevem como um povo não europeu, a "raça asiática dos judeus". Justamente quando Hitler desenvolve suas primeiras considerações políticas, os próprios judeus enveredam pelo caminho que lhe facilita as coisas. É a época da ascensão do sionismo, ainda pouco notado na Alemanha, mas já perceptível em Viena nos "anos de aprendizado e sofrimento" de Hitler. Citando *Mein Kampf* de novo, o sionismo era "um grande movimento, muito abrangente". Apoiando o antissemitismo na ideia de raça, dá-se a ele não somente um

fundamento pseudocientífico, mas também uma base popular que o torna irremovível, pois o ser humano pode trocar sua indumentária, seus costumes, sua cultura e sua fé, mas não o seu sangue.

O que se ganha ao se cultivar tamanho ódio contra o judeu, um ódio irremediável que se entranha no instinto? O ganho é incalculável. Tão incalculável que não considero o antissemitismo dos nacional-socialistas uma aplicação particular de sua lei racial geral. Ao contrário: para mim, eles só adotaram e desenvolveram a doutrina racial para dar ao antissemitismo uma consistência duradoura e consolidá-lo cientificamente. O judeu é a pessoa mais importante no Estado de Hitler. Ele é o bode expiatório mais popular, o adversário mais notório, o denominador comum mais evidente, o nó que junta os mais diversos fatores. Se o Führer tivesse alcançado o almejado extermínio de todos os judeus, então ele precisaria inventar outros. Pois sem o judeu tenebroso, sem o diabo judaico — "quem não conhece o judeu não conhece o diabo", constava nos painéis do *Stürmer*[233] —, não existiria a imagem luminosa do nórdico-germano. Aliás, não teria sido difícil para Hitler inventar novos judeus. Autores nazistas designavam os ingleses, repetidamente, como descendentes da tribo judaica desaparecida.

A astúcia obsessiva de Hitler revela-se claramente nas pérfidas e desavergonhadas recomendações aos propagandistas do partido. A lei suprema é a seguinte em toda parte: "Não permitas que teu ouvinte chegue a formular qualquer pensamento crítico. Trata tudo de forma simplista! Se falares de diversos adversários, alguém poderia ter a ideia de que talvez seja tu que estejas errado. Reduza todos a um denominador, junte-os, crie uma afinidade entre eles! O judeu se presta muitíssimo

[233] Pasquim alemão totalmente voltado contra os judeus. O título significa "O atacante".

bem a uma operação desse tipo, muito clara e compatível com a mentalidade popular." É preciso destacar o singular que personifica e expõe. Mais uma vez, não se trata de uma invenção do Terceiro Reich. As canções populares, as baladas de temática histórica e a linguagem popular da soldadesca da Primeira Guerra Mundial referem-se preferencialmente ao russo, ao bretão, ao francês. Mas, ao se referir ao judeu, a LTI estende o uso do artigo singular, que cria a alegoria, levando-o muito mais longe do que a linguagem do soldado de antigamente.

Judeu: na linguagem nazista, esta palavra ocupa um espaço ainda maior que "fanático". Mais frequente do que o substantivo "judeu" é o adjetivo "judaico", pois com o adjetivo consegue-se criar um elo que reduz todos os adversários a um único inimigo: a visão de mundo judaico-marxista, a barbárie judaico-bolchevista, o sistema de exploração judaico-capitalista, o interesse dos grupos judaico-ingleses e judaico-americanos na destruição da Alemanha. A partir de 1933, qualquer rivalidade, de onde quer que venha, passa a conduzir sempre a um único e mesmo inimigo, àquele "verme oculto" sobre o qual Hitler fala, que em momentos de exaltação também é chamado de "Judá" e em momentos patéticos é chamado de *Alljuda* [Judá universal]. Qualquer coisa que se faça passa a ser, desde o primeiro momento, uma medida defensiva contra essa guerra imposta, a guerra judaica. A partir de 1º de setembro de 1939, "imposta" passa a ser um atributo constante da guerra à qual os alemães "foram forçados". E, no fim das contas, esse 1º de setembro não traz nada de novo: é a continuação dos ataques assassinos dos judeus contra a Alemanha de Hitler. Os nazistas, amantes da paz, não fazem nada mais do que antes, só se defendem: hoje cedo, por exemplo, o primeiro informativo de guerra anunciou que "revidamos o fogo inimigo".

Essa vontade que o sangue judeu tem de machucar não nasce de reflexões e interesses, nem mesmo de uma sede de poder, mas de um instinto inato, um "ódio profundo" da raça

judaica contra a raça nórdico-germânica. O ódio profundo do judeu foi um estereótipo de uso corrente durante os doze anos.[234] Contra um ódio inato não existe outra proteção a não ser eliminar aquele que o sente: assim transita-se logicamente do antissemitismo racial para a necessidade de exterminar o judeu. Hitler falou só uma vez que desejava *ausradieren* [apagar do mapa] as cidades inglesas. Foi uma manifestação isolada, que pode ser explicada, assim como todos os seus superlativos, pela megalomania. Mas *ausrotten* [exterminar] é um verbo empregado amiúde, faz parte do vocabulário geral da LTI na seção dedicada aos judeus, indica um objetivo ardentemente desejado.

O antissemitismo racial, que na origem era um sentimento compatível com o primitivismo de Hitler, é a questão central do nazismo, aperfeiçoada e desenvolvida nos mínimos detalhes até constituir um sistema. No livro *Kampf um Berlin* [Combate por Berlim], de Goebbels, está escrito: “Podemos definir o judeu como a encarnação do complexo de inferioridade reprimido. Por isso a forma mais profunda de atingi-lo é designá-lo por sua essência. Pode-se chamá-lo de canalha, patife, mentiroso, criminoso, homicida e assassino. No íntimo, ele pouco se sentirá atingido. Fixe-se nele o olhar durante algum tempo, calmamente, e se diga então: ‘O senhor é um judeu!’ No mesmo instante ele ficará inseguro, desconcertado, com a expressão de quem se sente culpado...”

Uma mentira, assim como uma piada, é tanto mais forte quanto mais verdade houver nela. A observação de Goebbels é verdadeira, com exceção da referência mentirosa à “expressão de quem se sente culpado”. A pessoa interpelada não se sentiu culpada. Perdeu, isso sim, a segurança anterior, que se transformou numa sensação de desamparo, pois a constatação de sua condição de judeu tirou-lhe o chão debaixo dos

[234] O nazismo permaneceu doze anos no poder na Alemanha.

pés, deixando-o sem qualquer possibilidade de esperar um entendimento ou uma luta de igual para igual.

Tudo o que, na LTI, se aplica aos judeus visa a colocá-los completamente — e de maneira insuperável — fora da germanidade. Ora são concebidos como *Volk der Juden* [povo judeu], ora como *jüdische Rasse* [raça judaica], ora indicados como *Weltjuden* [judeus do mundo], ora como membros *das internationale Judentum* [do judaísmo internacional]. Em todos os casos, o que interessa é considerá-los não alemães. Não estão mais autorizados a exercer profissões como a de médico e a de advogado. Mas como os judeus também precisam de médicos e de advogados, que devem surgir de suas próprias fileiras (pois não podem manter qualquer contato com os alemães), então esses médicos e advogados são denominados *Krankenbehandler* [tratadores de doentes] e *Rechtskonsulenten* [consultores jurídicos]. Em ambos os casos a intenção é não somente alijá-los como também ridicularizá-los. No caso do *Konsulent*, essa situação é mais nítida, pois no passado já se falava do *Winkelkonsulent*,[235] em contraposição ao advogado diplomado, reconhecido pelo Estado. No caso do *Krankenbehandler*, o desprezo consiste em ressaltar a negativa do título profissional oficial.

Às vezes não é fácil compreender por que uma expressão é carregada de desprezo. Por que a designação nazista *Judengottesdienst* [serviço religioso dos judeus] será depreciativa, se não significa nada de diferente da expressão neutra *jüdischer Gottesdienst* [serviço religioso judaico]?[236] Presumo que seja porque, de alguma maneira, lembra crônicas de viagens exóticas, algum culto africano. E aqui é provável que eu esteja na pista do motivo verdadeiro: o "serviço religioso dos judeus"

[235] Expressão pejorativa para um advogado pouco competente.
[236] Em *Judengottesdienst*, a palavra *Juden* [judeus] aparece com mais destaque do que em *jüdischer Gottesdienst*.

é consagrado ao deus dos judeus, um deus tribal, um ídolo, que não é a divindade única e universal à qual se dedica o "serviço religioso judaico". Relações sexuais entre judeus e arianos eram chamadas de *Rassenschande* [desonra racial]. Julius Streicher,[237] o *Gauleiter* [chefe de província] da Francônia, denominava a sinagoga de Nuremberg — que mandou destruir no que chamou de "hora solene" — a "desonra de Nuremberg", além de chamar as sinagogas em geral de *Räuberhöhle* [cova de ladrões]. Nesse caso, não é preciso investigar por que a expressão sugere distanciamento e desprezo. Insultar o judaísmo é trivial. É muito difícil que Hitler e Goebbels se refiram aos judeus sem algum complemento: *gerissen* [ladino], *listig* [manhoso], *betrügerisch* [fraudulento], *feige* [covarde]. E não faltam injúrias que a mentalidade popular remete ao aspecto físico: *plattfüssig* [que tem pés chatos], *krummnasig* [que tem nariz aquilino], *wasserscheu* [que tem medo de água]. Os mais cultos preferem usar "parasita" e "nômade". A pior ofensa que se pode fazer a um ariano é chamá-lo de *Judenknecht* [vassalo do judeu]. Se uma mulher ariana não quiser se separar do marido judeu, então ela é uma *Judenhure* [prostituta de judeus]. Para se referir à camada intelectual usa-se *krummnasiger Intellektualismus* [intelectualismo do nariz torto].

Será que podemos descobrir alguma mudança, algum progresso, alguma classificação no uso desses insultos ao longo de doze anos? Sim e não. A pobreza da LTI é grande, e as grosserias que usa em janeiro de 1945 são as mesmas que usava em janeiro de 1933. Apesar de os elementos serem iguais, uma mudança fica terrivelmente evidente quando se analisa um discurso ou um artigo de jornal do início ao fim.

Basta lembrar as expressões "judeuzinho" e "peste negra", usadas por Hitler em *Mein Kampf* em tom de desprezo e de medo. Um dos chavões repetidos e parafraseados com mais

---

[237] Julius Streicher (1885-1946) foi editor de *Der Stürmer*, o pasquim alemão antissemita mais violento.

frequência pelo Führer é a ameaça de fazer com que os judeus em breve já não tenham mais motivos para rir de algo (tal ameaça se transformou depois na afirmação, repetida com a mesma insistência, de que o riso já sumira dos lábios deles). É verdade. Isso foi confirmado por aquela amarga piada que diz que só em relação aos judeus Hitler cumpriu a palavra empenhada. Mas, pouco a pouco, até mesmo o Führer perde a vontade de rir, bem como toda a LTI. Ou melhor, ela se deforma em um riso convulsivo, se transforma em máscara atrás da qual o medo da morte e o desespero, finalmente, procuram se esconder em vão. O diminutivo "judeuzinho" deixou de ser usado nos últimos anos de guerra, mas percebe-se o horror da "peste negra" por trás de todas as expressões de desprezo e de arrogância fingida, por trás de todas as imposturas.

Talvez a expressão mais contundente dessa situação seja o artigo que Goebbels publicou no *Reich* em 21 de janeiro de 1945 sob o título *Die Urheber des Unglücks der Welt* [Responsáveis pela infelicidade no mundo]. Os russos, que já se encontravam diante de Breslau,[238] e os aliados, que estavam na fronteira oeste, são chamados de *Söldner dieser Weltverschwörung einer parasitären Rasse* [mercenários desse complô mundial de uma raça parasitária]. "Por aversão à nossa cultura, que [os judeus] consideram muito superior à sua mentalidade de nômades", eles enviam milhões de pessoas à morte, por aversão à nossa economia e às nossas instituições sociais, "porque estas já não deixam liberdade de movimento para suas atividades parasitárias. [...] Onde quer que vocês ponham a mão, sempre estarão tocando em judeus!" Mas o sorriso deles já desapareceu completamente! Assim, dessa vez, "o poder judaico vai ruir". De qualquer forma, o poder judaico e judeus, não mais o "judeuzinho".

---

[238] As tropas russas ocuparam o campo de Auschwitz em 27 de janeiro de 1945.

Caberia perguntar se essa insistência constante na infâmia e na inferioridade dos judeus, essa hostilidade contra eles, não tenderia a provocar um efeito atenuante e contraditório. A pergunta poderia logo ser ampliada para incluir o valor e a durabilidade de toda a propaganda de Goebbels. Poderia gerar outra dúvida: um questionamento ao pensamento nazista no campo da psicologia de massas. *Mein Kampf*, de Hitler, insiste em afirmar a necessidade de manter a massa na ignorância e explica claramente como intimidá-la contra qualquer reflexão. Um dos principais recursos para isso é martelar sempre, repetidamente, as mesmas teorias simplistas que não podem ser rebatidas. Quantas partes da alma do intelectual (sempre isolado) também pertencem às massas que o cercam!

Lembro-me agora da pequena farmacêutica da Prússia Oriental, com sobrenome lituano, que conheci nos três últimos meses de guerra. Acabara de passar em um exame difícil na faculdade. Tinha cultura geral. Opunha-se veementemente à guerra e não sentia simpatia pelos nazistas. Sabia que o fim deles estava próximo e desejava isso ardentemente. Quando estava de plantão noturno, conversávamos longamente. Ela percebia qual era a nossa posição e pouco a pouco ousava manifestar a sua. Isso ocorreu durante a nossa fuga da Gestapo, com nomes falsos. Nosso amigo de Falkenstein nos ofereceu refúgio e tranquilidade por algum tempo. Dormíamos no quartinho do fundo de sua farmácia, sob um quadro de Hitler...

— Nunca suportei sua arrogância em relação aos outros povos — dizia a pequena Stulgies. — Minha avó é lituana. Por que eu ou ela devemos valer menos do que qualquer mulher de sangue puramente alemão?

— Sim, toda a sua doutrina se baseia na pureza do sangue, no privilégio germânico, no antissemitismo...

Ela me interrompeu:

— Com relação aos judeus, podem até estar certos, pois, sem dúvida, é outra coisa...

— A senhorita conhece algum pessoalmente?

— Não, eu sempre evitei a companhia deles. São terríveis. A gente lê e ouve tanta coisa sobre eles...

Procurei uma resposta que pudesse conciliar prudência e esclarecimento. Essa jovem deveria ter no máximo treze anos quando o nazismo começou. Que poderia saber? Que pontos de referência poderia ter?

Nesse ínterim tocou, como sempre, o alerta máximo. Era mais seguro não descer ao porão, onde havia líquido inflamável. Encolhemo-nos sob os pilares sólidos da escada. O perigo, para nós, não era excessivo, pois o objetivo dos pilotos devia ser Plauen, um lugar mais importante. Mesmo assim, passamos por um longo e terrível minuto que se estendeu de maneira cruel. Esquadrilhas poderosas, em formação cerrada, sobrevoavam baixo a intervalos curtos, de modo que sentíamos tremer e chacoalhar tudo à nossa volta. Bombas podiam cair a qualquer instante. Eu via diante de mim as imagens da noite de Dresden.[239] Só conseguia pensar em uma frase: as asas da morte rugem, não é força de expressão, as asas da morte rugem de verdade. A mocinha, apertando com força o pilar, totalmente concentrada, respirava alto e com dificuldade, soltando um gemido reprimido a duras penas.

Finalmente os aviões foram embora. Pudemos nos levantar e sair de baixo da escada escura e fria. Retornar à farmácia, quente e clara, era retornar à vida.

— Agora vamos dormir — falei. — Minha experiência diz que não haverá outro alarme antes de amanhã cedo.

Sem mais, a mocinha, em geral tão afável, respondeu:

— Esta é a guerra judaica.

---

[239] Referência ao grande bombardeio de Dresden pela aviação aliada entre 13 e 15 de fevereiro de 1945. Klemperer estava na cidade.

CAPÍTULO 27

OS ÓCULOS JUDEUS

Em geral era minha mulher quem me trazia o boletim do Exército sobre a guerra, quando voltava do centro da cidade. Eu não me atrevia a ficar parado diante de nenhum cartaz informativo ou alto-falante. Na fábrica, nós, judeus, tínhamos de nos contentar com o relatório da véspera. Perguntar a um ariano sobre os últimos telegramas era considerado "falar de política" e poderia nos levar diretamente para um campo de concentração.

— E Stalingrado, enfim, já acabou?

— Pois sim! Depois de uma luta heroica, conquistamos um apartamento de três cômodos com banheiro. Apesar de ter sido defendido, sofreu sete contra-ataques.

— Por que tanta ironia?

— Porque eles nunca vão conseguir. Estão se esvaindo em sangue.

— Ora, você enxerga tudo com óculos judeus.

— E agora você também começa a usar a linguagem dos judeus!

Senti vergonha. Eu, como filólogo, sempre atento para captar as particularidades linguísticas de cada situação e de cada grupo, tentando usar um linguajar neutro, isento de influências externas, nesse caso deixei-me influenciar pelo meio. (É assim que se corrompe o ouvido, a faculdade de registrar.) Mas eu podia ser desculpado. Um grupo que viva sob a mesma pressão, em especial uma pressão hostil, sempre desenvolve alguma peculiaridade linguística, da qual o indivíduo não consegue escapar. Vínhamos de regiões, classes sociais e profissões diferentes. Nenhum de nós era jovem e maleável. Alguns eram avôs. Da mesma forma que há trinta anos, quando

eu era professor na Universidade de Nápoles e morávamos em um hotel à beira-mar, sempre lotado de turistas, eu alimentara a ideia de escrever uma peça chamada "Hotel-Labruyère",[240] agora, com mais razão, eu pensava em uma série de "tipos" judaicos. Conosco viviam dois médicos, um conselheiro do Tribunal Regional, três advogados, um pintor, um professor do ensino secundário, uma dezena de comerciantes, uma dezena de industriais, vários técnicos e engenheiros e — raridade entre judeus — um trabalhador sem qualificação, semianalfabeto. Havia partidários da assimilação e sionistas. Havia pessoas cujos antepassados viviam na Alemanha havia séculos e que não conseguiam se desvincular da identidade alemã. Outros mal tinham chegado da Polônia e ainda usavam o dialeto materno, mais próximo do *yiddisch* que do alemão. Éramos os portadores da estrela amarela em Dresden, operários de fábrica e varredores de rua, moradores das *Judenhäuser*, além de os prisioneiros da Gestapo. Como na prisão, como no Exército, logo se estabelecia uma nova comunidade que encobria as individualidades, como se uma mão de verniz tivesse sido aplicada sobre as comunidades anteriores, criando novos hábitos linguísticos.

Na véspera da primeira notícia, ainda incerta, da queda de Mussolini, à noite, Waldmann bateu na porta de Stühler. (Dividíamos com os Stühler e com os Cohn a cozinha, o saguão de entrada e o banheiro — era difícil haver algum segredo entre nós.) No "passado", Waldmann fora um bem-sucedido comerciante de peles. Agora se tornara porteiro da *Judenhaus* e também tinha de ajudar a transportar para o cemitério os cadáveres dos moradores das *Judenhäuser* e da prisão.

---

[240] J. de Labruyère (1645-1696), escritor moralista francês que descreveu usos e costumes da sua época com muita ironia. Os chamados "tipos Labruyère" não descrevem propriamente personagens, mas qualidades (dissimulação, falsidade, simplicidade, rusticidade etc.), sempre em tom satírico.

— Vossas Senhorias permitem que eu entre? — perguntou.

— Desde quando você é tão cerimonioso? — veio a voz de dentro.

Waldmann respondeu:

— O final está próximo. Preciso treinar para recuperar o tom com que tratava meus clientes. Recomeço aqui com Vossas Senhorias.

Ele falava sério, não estava brincando; a esperança fazia com que desejasse recuperar, no uso da língua, o nível social dos outros tempos.

— *Du hast wieder mal die jüdische Brille auf der Nase* [Você pôs os óculos de judeu de novo] — disse Stühler do umbral da porta. (Era um homem melancólico, que passara por muitas decepções na vida.) — Você vai ver, ele resistiu a Röhm[241] e a Stalingrado, não será por causa de Mussolini que haverá de cair.

A linha divisória entre *du* [você] e *Sie* [senhor] era bem incerta entre nós. Uns, especialmente os que tinham participado da Primeira Guerra Mundial, empregavam você, expressão que usavam no tempo do Exército; os demais preferiam senhor, como se assim conseguissem preservar a condição de outrora. A ambiguidade afetiva do termo "você" ficou clara para mim naqueles anos. Quando um operário ariano me chamava de você com naturalidade, mesmo sem qualquer expressão adicional de consolo, eu entendia como uma palavra de ânimo, um reconhecimento da nossa igualdade humana. Porém, se viesse da Gestapo, que nos chamava de "você" por princípio, então me ofendia como se fosse um tapa na cara. Por outro lado, alegrava-me muito o "você" que vinha dos operários na fábrica (onde, apesar das ordens da Gestapo, não

---

[241] Ernst Röhm (1887-1934) foi um dos fundadores e comandante das SA, braço armado do Partido Nazista. Muito rejeitado, principalmente por oficiais do Exército, acabou sendo preso por Hitler e assassinado por membros das SS.

era possível manter os judeus completamente isolados), não só por ser um protesto contra a barreira imposta pela estrela, mas também porque eu o reconhecia como um sinal de que desaparecera ou, pelo menos, diminuíra a desconfiança em relação ao burguês e catedrático.

A diferença na forma de falar entre os diversos estratos sociais não é apenas estética. A funesta desconfiança que existe entre as pessoas cultas e os proletários repousa, em grande parte, nos hábitos linguísticos diferentes. Quantas vezes, naqueles anos, me perguntei como devia me comportar... O trabalhador adora criar frases com expressões suculentas, que remetem à digestão. Se eu fizer o mesmo, ele perceberá que minha fala não vem do coração e vai achá-la hipócrita. Entretanto, se eu falar de acordo com a minha formação, como aprendi em casa e na escola, ele vai achar que sou *ein feiner Pinsel* [um pincel habilidoso].[242]

Mas as mudanças de linguagem no interior do nosso grupo não eram somente uma acomodação parcial à rudeza da linguagem do trabalhador. Adotamos expressões relacionadas com a estrutura social e os hábitos. Quando alguém faltava ao trabalho não se perguntava se estava doente, e sim se obtivera autorização do médico para *krank geschrieben werden* [faltar por estar doente], pois somente o registro do médico lhe dava o direito de faltar por doença. Antes, quando alguém perguntava quanto ganhávamos, a resposta era "ganho tanto por mês", ou "meu salário é de tanto por ano"; agora dizíamos "levo 30 marcos por semana para casa". Sobre quem recebesse mais dizia-se "o salário dele vem em *eine dickere Lohntüte*" [um envelope mais recheado]. Quando dizíamos que alguém fazia um trabalho pesado a palavra tinha um sentido exclusivamente físico: carregava caixas ou empurrava carretas...

[242] Expressão idiomática que pode ser traduzida como arrogante ou "metido a bacana".

Ao lado dessas expressões próprias da linguagem do trabalhador circulavam outras, em parte provenientes do humor negro, em parte um subterfúgio para disfarçar a nossa situação. Nem sempre dava para saber com segurança se o significado dessas expressões era puramente local ou, para usar um termo filológico, se tinham significado germânico comum. No início, quando as palavras prisão e *Lager*[243] ainda não eram sinônimos de morte, em vez de preso dizia-se "viajou". Ainda não se estava no *Konzentrationslager*, tampouco em sua forma simplificada e mais genérica KZ, mas sim no *Konzertlager* [campo de concerto]. De todos os verbos, o que possuía significado mais trágico era *melden* [apresentar-se]. *Sich melden* significava "ter de se apresentar à Gestapo" depois de uma convocação. Isso estava ligado a maus-tratos, e cada vez mais queria dizer "não voltar para casa". As principais causas para a Gestapo exigir o comparecimento eram o uso da estrela amarela de forma pouco visível e a divulgação de notícias falsas sobre *Greuelnachrichten* [atrocidades]. Para isso criou-se um verbo simples: *greueln* [cometer atrocidades]. Se alguém tivesse ouvido "notícias de uma rádio estrangeira", o que ocorria diariamente, então se dizia entre nós que as notícias vinham de *Kötzschenbroda*. Em nossa linguagem, *Kötzschenbroda* queria dizer Londres, Moscou, Beromünster e Rádio da Liberdade. Quando havia dúvidas sobre uma notícia, dizia-se que ela viera da "rádio peão" ou da *Jüdische Märchenagentur* [Agência Judaica da Carochinha]. Quando se falava do funcionário gordo da Gestapo encarregado de cuidar das questões judaicas — não, dos *Belange* [interesses] judeus —, então ele era sempre chamado de *Judenpabst* [papa dos judeus], outra das palavras mais sujas de Dresden.

---

243 Forma reduzida de *Konzentrationslager* ou "campo de concentração", que de maneira abreviada era chamado de KZ, que se pronuncia *katcét*.

Pouco a pouco uma terceira característica se somou à adaptação à linguagem dos operários e às expressões surgidas na nova situação. Como o número de judeus decrescia — pois, isolados ou em grupos, os jovens desapareciam rumo à Polônia e à Lituânia e os idosos iam para Theresienstadt —, um número reduzido de casas foi suficiente para abrigar os judeus remanescentes em Dresden. Esse decréscimo ganhou uma nova expressão na linguagem dos judeus. Não era mais necessário dar o endereço completo de cada um, bastava dar o número das poucas casas situadas em diversos bairros da cidade: esse mora na 92, aquele na 56. Em seguida, os poucos judeus remanescentes foram *diziemiert* [dizimados], muito mais do que dizimados: a maioria teve de abandonar as *Judenhäuser*, escorraçados para as barracas do campo de concentração de Hellerberg, de onde, poucas semanas depois, foram enviados aos verdadeiros campos de extermínio. Sobraram apenas os que tinham casamentos mistos, ou seja, os que estavam muito enraizados na Alemanha, desvinculados da comunidade judaica. Judeus que não preservavam qualquer tradição judaica eram dissidentes ou "cristãos não arianos", termo que mais tarde foi desautorizado e desapareceu antes de a guerra acabar. Eles conheciam pouco ou nada dos costumes e ritos judaicos, e menos ainda da língua hebraica. A terceira característica de seu linguajar — difícil de estabelecer com segurança, mas nem por isso menos presente — era marcante: com um sentimentalismo adocicado pelo prazer de contar velhas histórias, gostavam de relembrar os tempos de mocidade e refrescar a memória, uns dos outros, com recordações esquecidas. Era uma fuga do cotidiano, um momento de alívio.

Estamos todos juntos no intervalo do cafezinho da manhã. Um dos colegas conta que em 1889 entrara como aprendiz na empresa de cereais Liebmannsohn, em Ratibor, e que o alemão falado por seu chefe era muito esquisito. Cita expressões,

e alguns ouvintes ficam radiantes. Eles se recordam, outros pedem explicações sobre isso e aquilo.

— Quando fui aprendiz em Krotoschin — começa a dizer Wallerstein.

Antes que conseguisse concluir, o *Obmann* [capataz] Grünebaum lhe rouba a palavra:

— Krotoschin! Vocês conhecem a história do *Schnorrer* [pedinte] de Krotoschin?

Grünebaum é o melhor contador de piadas e casos de judeu. Seu repertório é inesgotável. É impagável, faz o dia parecer mais curto. Com ele, as piores depressões vão embora. Seu canto do cisne foi a história do imigrante que não pôde ser admitido no cargo de auxiliar de sinagoga porque não conhecia o alfabeto alemão, mas conseguiu tornar-se conselheiro comercial em Berlim: no dia seguinte não compareceu ao trabalho. Pouco depois soubemos que ele *ist geholt worden* [fora buscado] pela Gestapo.

Do ponto de vista filológico há ligeiras nuanças entre *holen* [buscar] e *sich melden* [apresentar-se]; *holen* não só é usado há mais tempo como também é mais abrangente. Na LTI, *sich melden*, que é reflexivo, só ganhava um sentido secreto quando se referia a judeus e à Gestapo, ao passo que *geholt werden* [ser buscado] abarcava judeus, cristãos e até mesmo arianos (esses, aliás, maciçamente no verão de 1939). Pois *holen*, na LTI, queria dizer "ser levado para a prisão ou para o quartel". Já que a partir de 1º de setembro passamos a ser vítimas inocentes da guerra, toda a mobilização anterior foi um *geholt werden* "na calada da noite, sem que os outros ficassem sabendo". Na LTI, o parentesco entre *holen* e *sich melden* vem de que esses dois procedimentos cruéis e cheios de consequências se diluem em um cotidiano neutro; tornados banais, enfraquecem a sensibilidade do espírito, como se fossem fatos corriqueiros; sua gravidade sombria se perde.

Grünebaum "foi buscado". Três meses depois, sua urna funerária chegou de Auschwitz e foi enterrada no cemitério judaico. No último período da guerra, quando se generalizou o assassinato por inalação de gás, a cortesia do envio das urnas cessou. Durante algum tempo, porém, por assim dizer, participar dos enterros foi nosso dever dominical e quase também um passeio. Sempre chegavam duas ou três urnas juntas. Enquanto honrávamos os mortos tínhamos a oportunidade de rever os companheiros de infortúnio que viviam em outras *Judenhäuser* e trabalhavam em outras fábricas. Há muito tempo não havia mais rabino, mas o "judeu com estrela"[244] encarregado de administrar o cemitério lia um necrológio preparado com frases feitas. Na homenagem, era como se o defunto tivesse morrido de morte natural. O cântico fúnebre judaico[245] era acompanhado pelos poucos que ainda sabiam pronunciá-lo. A maioria não sabia. Quando alguém perguntou o significado do texto ao oficiante, ele respondeu:

— O sentido pode bem ser esse...

— O senhor não saberia traduzir literalmente? — perguntei, interrompendo-o.

— Não, lembro-me somente da melodia. Já faz tanto tempo que aprendi, estava afastado de tudo isso...

O cortejo que acompanhou Grünsbaum foi especialmente numeroso. Enquanto seguíamos a urna, do átrio até o lugar da sepultura, a pessoa ao meu lado sussurrou:

— Como era mesmo o nome do cargo que aquele conselheiro comercial não conseguiu em Krotoschin? Se não me engano, era *Schammes*,[246] não é? Jamais esquecerei essa história do coitado do Grünsbaum.

---

[244] Não havia judeu sem estrela. Klemperer menciona a estrela para enfatizar.

[245] Chamado *kadish*.

[246] Responsável pela sinagoga.

Enquanto acompanhava o féretro, ele repetia na cadência dos passos: "*Schammes* em Krotoschin, *Schammes* em Krotoschin."

A doutrina racial nazista forjou o conceito de *Aufnorden* [tornar mais nórdico].[247] Não sei julgar se ela foi bem-sucedida, mas sei que aconteceu o inverso: ela fez os judeus reassumirem a sua *Aufjudung* [condição judaica] — até mesmo aqueles que procuravam evitá-la. Não conseguíamos mais deixar de encarar tudo pela óptica judaica, ou seja, com *die jüdische Brille* [os óculos de judeu]. Qualquer acontecimento, comunicado ou livro era visto ou lido com "óculos de judeu", que aliás não eram sempre iguais. No início, e ainda durante um bom tempo, eles revestiam as coisas com uma rósea esperança. *Es ist nicht halb so schlimm!* [Não é tão grave assim!] Quantas vezes ouvi essa fórmula consoladora, quando, desolado, levava a sério as notícias de vitórias e os números de prisioneiros capturados, conforme os comunicados do Exército! Mas depois, quando a situação dos nazistas se agravou, quando eles não conseguiam mais ocultar a derrota, quando os aliados se aproximaram das fronteiras alemãs e depois as ultrapassaram, quando as cidades foram sendo destruídas pelas bombas inimigas, uma depois da outra — somente Dresden parecia tabu —, então os judeus trocaram de óculos. A queda de Mussolini foi o último acontecimento que eles enxergaram com os óculos antigos. Como, apesar de tudo, a guerra continuava, perderam a confiança e foram para o extremo oposto. Deixaram de acreditar no fim próximo da guerra. Atribuíam ao Führer poderes mágicos que nem seus seguidores, agora cheios de dúvidas, conseguiam mais lhe atribuir.

---

[247] Verbo composto da partícula "*auf*" e do substantivo "*Norden*", o norte, recupera uma realidade política racial e demográfica. Trata-se de uma série de leis e mandados visando a restituir ao povo alemão as características nórdicas que, supostamente, existiam originariamente.

Estávamos sentados no porão da *Judenhaus*, onde havia um lugar especial para os arianos. Foi um pouco antes da catástrofe de Dresden. Tremendo de frio, mais entediados que temerosos, aguardávamos o fim do alarme aéreo máximo. Sabíamos por experiência que não aconteceria nada conosco. O ataque aéreo devia visar a Berlim, já tão martirizada. Havia muito não nos sentíamos tão distantes de uma depressão. À tarde, minha mulher ouvira a rádio de Londres na casa de amigos arianos. Tomara conhecimento do último discurso de Thomas Mann, um belo discurso humano que expressava certeza na vitória. Não somos afeitos a sermões, que em geral nos irritam, mas esse nos trouxe um novo alento.

Eu desejava compartilhar um pouco do meu bom humor com os companheiros de infortúnio. Aproximava-me de um grupo, de outro.

— Vocês ouviram o comunicado de hoje? Estão a par do mais recente discurso de Thomas Mann?

De todos os lados recebi recusas. Uns temiam as conversas proibidas:

— Guarde suas ideias para si, não quero ir para o campo de concentração.

Outros, como Steinitz, diziam amargurados:

— Mesmo que os russos estivessem diante de Berlim, a guerra ainda duraria anos; tudo o mais não passa de otimismo histérico!

Durante tantos anos dividimos as pessoas em otimistas e pessimistas, como se pertencessem a duas raças. Quando se perguntava "Que tipo de pessoa ele é?", a resposta invariavelmente era "É um otimista" ou "É um pessimista". Vindo de bocas judias, isso era o mesmo que dizer "Hitler está para cair" ou, ao contrário, "Hitler está firme". Agora só havia pessimistas. A sra. Steinitz superava o marido:

— Mesmo que ocupem Berlim, isso não há de mudar nada. A guerra prosseguirá na Baviera do Norte pelo menos

por mais três anos. E para nós, dá na mesma se ela vai durar três ou seis anos. Não sobreviveremos. *Zerbrechen Sie endlich Ihre alte jüdische Brille* [Veja se você quebra esses seus óculos velhos de judeu de uma vez por todas].

Três meses depois Hitler estava morto e a guerra acabara. Nem o casal Steinitz nem os outros que naquela noite estavam sentados conosco no porão dos judeus viram isso. Haviam sido soterrados sob os escombros da cidade.[248]

---

[248] Klemperer volta a se referir ao bombardeio aliado que destruiu Dresden em 13 de fevereiro de 1945, deixando dezenas de milhares de vítimas.

CAPÍTULO 28

A LINGUAGEM DO VENCEDOR

A cada vez era como se eu estivesse levando de novo um tapa na cara. Era pior do que ter de suportar o tratamento pejorativo e os xingamentos da Gestapo. Nem meus protestos nem minhas advertências me ajudaram a me conformar, nem qualquer um dos "tipos Labruyère" que eu imaginara em fantasia conseguiram me livrar dessa humilhação.

Pobre Elsa Glauber, acostumada ao raciocínio lógico, você foi uma boa germanista apaixonada pelo seu objeto de estudo, uma verdadeira assistente do professor: ajudava nos seminários e orientava os alunos. Quando casou e teve filhos, continuou filóloga, purista da língua e professora — por vezes até em demasia, a ponto de os maledicentes a chamarem pelas costas de *Herr Geheimrat* [senhor conselheiro privado].[249] Durante muito tempo você me ajudou com o esmero de sua maravilhosa biblioteca clássica, conservada de maneira tão curiosa!

Os judeus só eram autorizados a ter em casa livros judaicos, se é que se lhes permitia ter algum. Mas *Herr Geheimrat* sentia um forte apego aos seus clássicos, publicados em edições belíssimas. Afastada do ensino universitário havia uma dúzia de anos, era esposa de um comerciante culto e bem-sucedido que a Gestapo havia designado para o doloroso cargo de presidente da Congregação Israelita, o que fazia dele o intermediário entre algozes e vítimas, ao mesmo tempo responsável e desamparado, atormentado por ambos os lados. A essa altura, os filhos de Elsa já começavam a ler esses livros

---

[249] Título dado a Goethe, o mais importante que podia ser conferido a um cidadão.

preciosos, sob sua orientação. Como ela conseguira salvar esse tesouro das mãos da Gestapo, que vasculhava tudo sem parar? Ora, de uma maneira simples e honesta! Se o editor de um volume se chamava Richard M. Meyer, Elsa conseguia esticar o M. abreviado para torná-lo um Moisés; ou conseguia convencer os policiais de que o germanista Pniower tinha origem judaica; ou então os esclarecia de que o verdadeiro nome do famoso Gundolf era na realidade Gundelfinger, judaico. Entre os germanistas há tantos escritores que não são arianos que, graças a eles, as obras de Goethe, de Schiller e de muitos outros puderam transformar-se em "livros judaicos".

Além disso, Elsa conseguiu preservar a ordem e o espaço de sua biblioteca porque o palacete do presidente "foi declarado" uma *Judenhaus*. A família teve de se restringir a usar poucos aposentos, mas continuou entre as quatro paredes. Pude usufruir fartamente dos clássicos "judeus" e conversar prazerosamente com Elsa sobre questões importantes do nosso trabalho.

Nessas conversas, é claro, vinham à tona questões referentes à nossa desesperadora situação. Eu não saberia dizer se Elsa era mais judia ou mais patriota. Conforme a pressão do momento, havia uma disputa entre ambas as formas de pensar e sentir. Frases patéticas se encaixavam facilmente no meio de nossas sóbrias conversas cotidianas. Ela contava amiúde como se empenhava para que os filhos pudessem crescer sob a autêntica fé judaica, mas assimilando também, apesar das humilhações do momento, a fé na Alemanha — ela sempre dizia *das ewige Deutschland* [a Alemanha eterna].

— Eles têm de aprender a pensar como eu, têm de ler Goethe como se fosse a Bíblia, têm de ser *Fanatische Deutsche* [alemães fanáticos].

Lá vem de novo o tapa na cara.

— O que você diz que seus filhos têm de ser, *Frau* Elsa?

— Alemães fanáticos, como eu. Somente a germanidade fanática poderá purificar a nossa pátria da não germanidade atual.

— Você não percebe o que está dizendo? Não se dá conta de que fanático e alemão, quero dizer o alemão a que você se refere, não têm nada a ver uma coisa com a outra, que, que...

Respondi amargurado, de maneira desordenada e confusa, com lacunas, o que reforçava ainda mais a minha ênfase. Disse-lhe o mesmo que escrevi no capítulo "Fanático". Terminei assim:

— Você não percebe que está usando a linguagem dos nossos arqui-inimigos... e assim está sendo vencida, traindo a sua própria germanidade? Se não você, que é tão instruída, que zela pela Alemanha eterna, imaculada, quem poderá entender e evitar a linguagem do vencedor?... É compreensível que, em nosso confinamento forçado, desenvolvamos um modo próprio de expressão, sejamos obrigados a empregar termos que se moldam ao repertório da burocracia nazista e nos dizem respeito, combinando-os aqui e ali com os hebraísmos sonoros do *yiddish.* Mas essa submissão à linguagem do vencedor, justamente desse vencedor...

Minha veemência deixou Elsa consternada. Ela chegou a perder o ar de superioridade da *Herr Geheimrat.* Admitiu o erro e prometeu corrigir-se. Em outra ocasião, quando enfatizou de novo o "amor fanático" pela obra *Iphigenie*, de Goethe, emendou rapidamente em tom conciliatório:

— É mesmo, eu não devo dizer isso. É que acabei me acostumando a falar assim depois da *Umbruch* [revolução, transformação].[250]

— Depois da *Umbruch*?

---

[250] Aqui, no sentido de revolver, escavar a terra para afofá-la. Muitos alemães se referiam à ascensão do nazismo como Revolução Alemã.

— O senhor recrimina até mesmo essa palavra? Nesse caso, está redondamente enganado. É um termo que alcança uma dimensão poética. É como se aspirássemos a doce fragrância da relva sendo revolvida. Estou certa de que não foi criado pelo pessoal de Hitler. Deve ser do círculo de Stefan George.

— Com certeza. Mas os nazistas se apropriaram dessa palavra porque ela combina bem com a expressão *Blut und Boden* [sangue e terra], usada para *Verherrlichung der Scholle* [reverenciar o torrão natal], para reforçar o *Bodenständigkeit* [vínculo com a terra], o habitante nativo com o qual o nazismo se identificou. Contaminaram-na de tal forma com suas mãos infectadas que nenhuma pessoa levemente sensata há de querer empregá-la nos próximos cinquenta anos...

Ela me interrompeu e passou ao contra-ataque: eu era um purista, um pedante, um intransigente... um fanático.

Pobre Elsa Glauber. Não tivemos mais notícias dela e de sua família. A última informação que chegou foi a seguinte: "Foram levados embora de Theresienstadt."[251] Eu gostaria de me lembrar dela com todo o seu brilho. Pois, apesar do preciosismo estético e da postura independente de *Herr Geheimrat*, foi uma pessoa que merece muito respeito, de cuja erudição e coragem profissional sou um grande devedor. Entretanto, esse obituário se torna uma acusação.

Mas acusar a filóloga absolveria parcialmente os demais, aqueles que, estando menos envolvidos com a questão da linguagem, cometeram o mesmo pecado. Todos pecaram, usando alguma palavra anotada no caderno de culpas da minha memória.

Por exemplo, havia o jovem K., comerciante, sem interesse literário, plenamente convencido da sua germanidade, batizado ainda bebê como protestante, sem qualquer vínculo com

[251] Theresienstadt era um campo de concentração. Depois da guerra, Klemperer soube que a família foi assassinada em Auschwitz.

a religião judaica, sem o menor pendor para aspirações sionistas. Mesmo assim, adotou a expressão *das Volk der Juden* [a nação judaica], que empregava repetidamente, tal como era usada pelo hitlerismo, como se existisse essa nação no lugar de alemães, franceses etc., e como se o *Weltjudenschaft* [judaísmo mundial] — fórmula nazista que ele repetia como um papagaio — designasse intencionalmente essa unidade nacional.

Havia outra pessoa que era o oposto exato de K., quer no sentido físico, quer no psicológico. Era S., nascido na Rússia, com traços de quem vem da Mongólia, inimigo implacável da Alemanha e de todos os alemães, já que, para ele, cada alemão era um nazista convicto. Era um nacionalista sionista da facção mais radical. Quando reivindicava os direitos desse nacionalismo judaico, falava de seus *völkische Belange* [interesses étnicos].[252]

Havia também o dentista, não, o *Zahnbehandler* [tratador de dentes] F. Também era um homem muito loquaz diante dos pacientes indefesos — o que se pode responder com a boca escancarada? Como S., era inimigo mortal de todos os alemães e de tudo que fosse alemão, sem exceção, mas não tinha ligação nem com o sionismo nem com o judaísmo em geral. Era dominado por uma anglofilia desvairada, que se devia a uma estada na Inglaterra em circunstâncias felizes de sua vida particular. Qualquer instrumento, qualquer peça de roupa, qualquer livro, qualquer opinião tinha de vir da Inglaterra, pois do contrário carecia de qualidade. Rejeitava firmemente tudo que procedesse da Alemanha, mesmo da Alemanha de outros tempos. Os alemães eram *charakterlich*

[252] Cf. *Dicionário Porto*: étnico, nacionalista, racista. *Völkisch* faz parte do linguajar nazista, é LTI por excelência. Muitas palavras que Klemperer assinala como integrantes da LTI já perderam essa conotação, como *Umbruch*. *Völkisch*, certamente, não. Talvez nunca perca.

minderwertig [caráter inferior]. Ele não percebia que, ao empregar esse termo predileto, ajudava a difundir um neologismo nazista. (Nem mesmo os adeptos da "nova era"[253] parecem perceber isso, pois também empregam o termo *charakterlich*.)

A pedagogia nazista desejava, antes de tudo, que seus alunos fossem nazistas convictos, com uma forma de pensar absolutamente correta, conforme a óptica nazista. Essa era a avaliação principal, mais importante do que talento, habilidade e conhecimento. Parece-me que a difusão desse advérbio novo veio da linguagem escolar, da necessidade de empregá-lo nos certificados e nos diplomas, onde o conceito *charakterlich gut* [de bom caráter] significava "nazista irrepreensível". A expressão abria as portas para qualquer carreira.

Nosso "tratador de dentes" sentia a mais profunda antipatia do nosso "tratador de doentes", ou seja, o médico, contra quem desferia sua loquacidade sem hesitar. No auge da carreira, durante a Primeira Guerra Mundial, o "tratador de doentes" havia sido médico do estado-maior. Usava normalmente a linguagem dos oficiais de 1914, sem perceber que enriquecia a terminologia que Goebbels difundia. Referia-se a quantos *Engpässe* [impasses] tinha superado e quantas *Krisen gemeistert* [crises tinha administrado].

Um colega do nosso médico, por motivos totalmente diversos e de maneira muito esquisita, também fazia uso da LTI. Antes de 1933 o dr. P. só percebia que era alemão e médico. Não desperdiçara nenhum momento da vida com problemas de religião e de raça. Considerava o nazismo uma aberração, uma enfermidade que haveria de desaparecer sem grandes tragédias. Agora estava impedido de exercer a profissão, era obrigado a trabalhar na fábrica como capataz em um grupo ao qual eu mesmo pertenci durante um bom tempo.

---

[253] Klemperer refere-se ao período posterior ao nazismo.

Sua amargura se manifestava de forma estranha: apropriou-se de todas as expressões hostis dos nazistas contra os judeus, as de Hitler em particular, e as usava com tanta facilidade que não se percebia mais se era um escárnio ou uma forma de autodepreciação. O hábito se tornara tão forte que ele só se dirigia a nós usando a palavra "judeu" antes do nome.

— Judeu Löwenstein, hoje você vai trabalhar na cortadeira menor. Judeu Mahn, aqui está seu atestado de doente para procurar o judeu dos dentes. [Referia-se, é claro, ao nosso dentista.]

Os membros do grupo se acostumaram com esse tom, no início porque achavam engraçado, depois por hábito. Alguns deles, *Fahrjuden* [judeus que usavam transporte], tinham permissão para andar de bonde; outros, *Laufjuden* [judeus pedestres], tinham de ir a pé, o que os distinguia. A higiene na fábrica era bastante precária. Alguns não se incomodavam com isso e se lavavam lá mesmo. Eram os *Waschjuden* [judeus que se lavam], ao passo que outros, os *Saujuden* [judeus porcos], preferiam lavar-se quando chegassem em casa. Os novatos no grupo não deviam achar de bom gosto essas denominações, mas nunca as levaram a sério a ponto de criar conflitos.

Quando, no intervalo do almoço, falávamos de problemas relacionados à nossa situação, lá vinha o nosso capataz. Usava frases de Hitler com tanta convicção que ficávamos sem saber se devíamos considerá-las como suas. Uma vez, por exemplo, Mahn estava contando que na véspera o controle noturno na 42 não o incomodara, pois os funcionários mais velhos da polícia, ao contrário dos da Gestapo, eram majoritariamente antigos social-democratas. (Éramos obrigados a estar em casa às nove da noite no verão e às oito no inverno; esse controle cabia à polícia.) O dr. P. apareceu e começou a falar: "O marxismo trabalha sistematicamente para entregar o mundo nas mãos dos judeus." Em outra ocasião falava-se das ações de uma empresa. O doutor disse em tom convincente:

"Com as ações, o judeu se insere sub-repticiamente no círculo da produção nacional, tornando-a objeto de tráfico ilícito." Mais tarde, quando pude estudar o livro *Mein Kampf* com mais profundidade, percebi que longos trechos me soavam familiares. Coincidiam perfeitamente com as frases do nosso capataz, que eu anotara em pedacinhos de papel para escrevê-las no *Diário*. Ele sabia de cor frases bastante extensas do Führer.

Nós aceitávamos as extravagâncias, para não dizer as obsessões, do capataz, às vezes achando graça, às vezes resignados. Elas me pareciam o símbolo do estado de submissão total dos judeus. Aí era a vez de Bukowzer juntar-se a nós, e a paz acabava. Bukowzer era idoso e doente, irascível. Arrependia-se do forte envolvimento que tivera no passado com a cultura alemã, o espírito liberal e o europeísmo. Ficava agitado quando via um judeu dizer algo que soasse como aversão ou mesmo frieza em relação ao judaísmo. Quando ouvia as declarações do capataz, suas grossas veias da testa e do crânio calvo se inflavam, e se punha a berrar: *Ich dulde nicht, daß unsere Religion diffamiert wird!* [Não tolero que nossa religião seja difamada!]. Sua cólera fazia o médico citar frases novas com mais ênfase, a ponto de eu sentir medo de que Bukowzer pudesse sofrer um ataque apoplético. Ele urrava e, arfando, repetia a mesma expressão, de origem francesa, que era a predileta de Hitler: *Ich lasse mich nicht diffamieren!* [Não me deixo difamar!]. O ódio entre os dois vassalos da LTI só terminou em 13 de fevereiro de 1945.[254] Ambos jazem soterrados sob os escombros da *Judenhaus* da Sporergasse...

Tivesse essa submissão se manifestado somente na linguagem cotidiana, pelo menos teria sido possível compreender suas razões. Ao falar, somos menos atentos e dependemos mais das coisas que vemos ou ouvimos constantemente. Mas

[254] Data do bombardeio de Dresden.

o que dizer da linguagem impressa dos judeus, que sabidamente passava por controle, tratando-se de textos redigidos pelos próprios autores? Ao escrever, podiam ponderar as palavras, pesando-as na balança, avaliando-as mais uma vez durante a releitura.

Bem no início, quando ainda havia alguns periódicos judaicos, li esse título em um discurso fúnebre: "Em memória do nosso Führer Levinstein". Aqui, Führer se referia ao presidente de uma comunidade judaica. Eu pensei com meus botões: que mau gosto constrangedor... Mas a um orador, ainda mais a um orador fúnebre, se devem conceder atenuantes, pois ele se esforça para mostrar-se à altura do momento.

Agora, nos anos 1940, não circulava mais nenhuma revista judaica nem se ouvia qualquer discurso judaico em público. Em contrapartida, nas *Judenhäuser* se encontrava literatura moderna especificamente judaica. Logo após a Primeira Guerra Mundial houve um afastamento entre os alemães judeus e os outros alemães. O sionismo se difundiu pelo Reich. Surgiram editoras e círculos de livros marcadamente judaicos, que publicavam obras de história e de filosofia exclusivamente judaicas, afora obras literárias de autores judeus sobre temas judaicos e judaico-alemães. Tudo isso era oferecido por meio de subscrições, ou, quando eram séries, de assinaturas. No futuro, algum historiador da literatura interessado em elementos sociológicos e culturais procurará edições desse tipo e tentará descobrir como eram distribuídas. Entre nós ainda havia grande quantidade de publicações assim, não arianas. Nosso amigo Steinitz, em especial, possuía uma ampla coleção. Ele considerava um dever cultural e religioso assinar todas as coleções que lhe ofereciam. Em sua casa encontrei textos de Buber, romances do gueto, a *História judaica* de Dubnov,[255] a de Prinz etc. O primeiro livro com que me de-

[255] Simon Dubnov (1860-1941), judeu alemão, historiador.

parei foi um volume da Associação Judaica do Livro: *Do gueto para a Europa; o judaísmo na vida intelectual do século XIX, Berlim, 1936*, de Arthur Eloesser.[256] Apesar de não tê-lo conhecido pessoalmente, cresci com ele, por assim dizer. Quando meus interesses literários começaram a despontar, nos anos 1890, ele era crítico teatral do jornal *Vossische Zeitung*, posição que àquela época me parecia uma das mais importantes e mais invejáveis. Se eu tivesse de emitir hoje um parecer abalizado sobre a obra de Eloesser, diria que se adequava perfeitamente aos critérios do jornal *Tante Voss* daquela época, ainda anterior a Ullstein.[257] Não se pode dizer que a produção fosse estimulante, mas era cuidadosa. Não se pode dizer que fosse revolucionária, mas continha um liberalismo honesto. Seus textos eram escritos sem qualquer estreiteza nacionalista, em um alemão impecável, sempre visando à Europa. (Afora isso, lembro que Eloesser escreveu uma excelente tese de doutoramento sobre a dramaturgia francesa no Iluminismo.) Ninguém pensaria que esses textos pudessem ter sido escritos por um não alemão. E agora, que mudança! Da primeira à última linha percebia-se literalmente o desconsolo de um fracassado, de um marginalizado. Pois a epígrafe do livro, tomada de empréstimo de um parente americano do autor, diz: "*We are not wanted anywhere*", que em alemão significa algo como *Juden überall unerwünscht* [judeus indesejados em qualquer lugar].[258] (Nos primeiros anos de Hitler havia avisos no vidro das portas dos restaurantes: *Juden unerwünscht* [judeus indesejados]; ou, às vezes, "*für Juden verboten*" [proi-

---

[256] Arthur Eloesser (1870-1937), historiador da literatura alemã.

[257] Referência ao maior jornal da Alemanha, fundado em 1704. Constaram entre seus colaboradores Frederico, o Grande, Lessing e Rathenau. Foi fechado em 1934 por ser liberal e por pertencer à família judia Ullstein, sua última proprietária.

[258] Frase de Otto Klemperer (1885-1971), primo do autor, que foi considerado um dos maiores maestros do século XX.

bido para judeus]. Mais tarde as placas foram dispensadas, pois a proibição tornou-se generalizada.) No final do livro, o autor menciona o enterro de Berthold Auerbach, judeu piedoso, alemão, patriota ardente, falecido no início de 1882. Nessa ocasião, Fr. Theodor Vischer diz que se Auerbach fosse vivo, se levantaria da tumba, ao que Eloesser acrescenta em tom conclusivo: "Mas sob o mesmo solo está enterrada a época do poeta e de seus amigos, a época do liberalismo como visão de mundo, bem como o tempo dos judeus alemães que nela depositavam esperança."

O que me deixou mais chocado no livro de Eloesser não foi a resignação indefesa com que esse literato liberal e totalmente assimilado aceita a exclusão, tampouco sua adesão parcial, forçosa e circunstancial ao sionismo — o desespero e a busca de um novo ponto de apoio eram compreensíveis; mas o tapa na cara, sempre ele de novo! Nesse livro, escrito com tanto esmero, encontra-se a linguagem do vencedor usada com tanto servilismo que todas as características da LTI reaparecem de novo e de novo. A condensação simplista no singular, *der hoffende Jude* [o judeu esperançoso], a dissociação simplista da humanidade, *der deutsche Mensch* [o homem alemão], aparecem à exaustão... Quando, em Berlim, se passa do Iluminismo de Nicolai[259] para a filosofia crítica, isso significa *einen starken Umbruch* [uma revolução forte]... Os judeus se sentiam *gleichgeschaltet* [equiparados], ou "sintonizados" com os alemães nas questões culturais... *Der Paria*, de Michael Beers,[260] é uma peça *getarnt* [camuflada], e o *Almansor*[261] de Heine é um judeu *getarnt*... Wolfgang Menzel aspira a uma

[259] Fridrich Nicolai (1733-1811), editor e escritor alemão. Sua editora foi o centro do Iluminismo em Berlim.

[260] Michael Beers (1800-1833), autor dramático alemão. *Der Paria*, peça em um ato escrita em 1825, defendia a emancipação dos judeus.

[261] Tragédia lírica escrita por Heinrich Heine (1797-1856) em 1820.

autarquia completa na vida intelectual alemã. O aguerrido Börne[262] vive anos *kämpferisch* [viris]. Ao contrário de Heine e Disraeli, não se deixa desconcertar por (nenhuma) melodia e (nenhum) místico *Anruf des Blutes* [chamamento de sangue]. O drama realista moderno *ausgerichtet* [deu o recado] à sociedade: ela era a culpada pela situação das relações sociais... Também aparece, é claro, *Das Gesetz des Handels* [a lei da ação], expressão de Clausewitz[263] muito usada pelos nazistas, pois incitava a matança. Além de *aufziehen* [estimular, dar corda],[264] *volkhaft* [originário do povo], *Halbjude* [meio judeu] e *Mischling* [mestiço] e *Vortrupp* [vanguarda] e *tutti quanti*...

Por ser da mesma coleção e do mesmo ano, o livro de Eloesser estava bem ao lado de *Ancestrais e netos*, um "romance em forma de contos", de Rudolf Frank. Anotei na época em meus *Diários*: nesse livro, a LTI deslocou-se para a intimidade. Ainda hoje não saberia me expressar melhor se quisesse rever o texto.

É certo que o vocabulário nazista estava presente em palavras como *Sippe*, *Gefolgschaft*, *aufziehen* etc., que soavam de maneira tão mais inadequada quanto mais o autor se inspirava no estilo narrativo de Goethe. Mas ele se entregara profundamente à linguagem do vencedor, não só no sentido formal. Com uma poética enfadonha, contava a história de uma família de emigrantes alemães que em 1935 se instalara na Birmânia e da nostalgia que todos sentiam da pátria. Cultivavam esse sentimento, lembrando experiências vividas pelos antepassados na terra natal... A realidade alemã daquele momento era invocada em uma frase curta. Ao explicar por que ti-

[262] Ludwig Börne (1786-1837), escritor alemão que liderou o movimento Jovem Alemanha.

[263] Carl von Clausewitz (1780-1831), militar prussiano, o mais famoso teórico da guerra moderna.

[264] Ver o capítulo 7 deste livro.

nham abandonado a querida Renânia para viver no exterior exótico, o autor escreveu: “Tinham motivos, eram judeus.” Qualquer outro elemento que se referisse à Alemanha aparecia em forma de romance histórico, cujos protagonistas eram sempre alemães extremados, apaixonados pela Alemanha, fiéis às tradições e à cultura alemãs. Era de supor que em algum trecho dos diálogos e nas convicções desses emigrantes, que continuavam a amar a Alemanha e seus ancestrais, aparecesse um justificado ódio contra aqueles que os haviam banido. Mas não! Ao contrário! Para eles, tratava-se de um destino trágico: seu coração tinha de arcar com o amor ao mesmo tempo pelo alemão clássico e pelo hebraico clássico. Os nazistas quase não mereciam censura por tê-los expulsado do paraíso, pois em questões essenciais os expulsos sentiam e julgavam da mesma forma que eles.

Casamentos mistos entre alemães e judeus? “Ora, ora! O que Deus separou o homem não deve unir!” (em dialeto do Reno). Cantemos o “*Lied* [canto] do torrão natal do poeta de Düsseldorf”, o nostálgico: “Por que estou tão triste? Éramos nômades e continuamos nômades, mesmo contra a nossa vontade.”[265] Nem mesmo sabemos construir casas em estilo próprio, de forma que nos adaptamos ao estilo dos outros (o que, em linguagem nazista, se diz “estilo parasita”). Agora, por exemplo, construiremos a sinagoga em estilo pagode[266]

[265] Heinrich Heine é o poeta de Düsseldorf. Esse verso é de seu livro de *Lieder* (1823-1824) dedicado a Lorelei. Esse *Heimatlied* evoca a *Heimatkunst* [arte nativa], movimento literário regionalista do início do século XX que opunha à “literatura decadente” (simbolismo, naturalismo) das grandes cidades os valores idealizados do retorno à natureza e ao camponês. O líder desse movimento, Adolf Bartels, antissemita declarado, facilitou sua ligação com a poesia nazista *Blut-und-Boden* [sangue e terra].

[266] Templo ou monumento memorial da Índia em forma de torre com diversos andares e telhados terminados em curva.

e nossa habitação se chamará *Laubhüttenland* [terra dos tabernáculos].

Nos primeiros anos do nazismo havia uma faixa com essa frase da LTI: *Deine Hand dem Handwerk* [Consagra-te ao ofício manual], em contraposição aos judeus, constantemente acusados por Hitler e seus cúmplices de comerciantes e *Intelligentzbestien* [bestas da *intelligentsia*]. O livro de Frank glorifica uma família judaica que havia quatro gerações preservava o ofício de artesãos, apresentando-a como exemplo moral, pregando expressamente o "retorno à natureza e ao trabalho manual". Ao mesmo tempo estigmatiza um cineasta, que também estava na Birmânia e nutria a ideia de filmar lá — "Espera e verás que produção irei *aufziehen* [montar] para eles" —, apresentando-o como renegado e depravado. Usa a história antijudaica de que judeus envenenaram poços durante séculos; o judeu acusado bebe quatorze copos da água envenenada para purificar-se e provar sua inocência! "E a água dos rios e das fontes penetrou nele, em seu corpo, em suas veias, em seu ser e em seus sentimentos." Agora, purificado da culpa, ganha uma casa no Reno e jura não abandoná-la jamais: "Inclina-se para a terra em profunda reverência, em direção ao solo, cuja seiva ingerira." Pode-se expressar a *Blubodoktrin* [doutrina do sangue e da terra][267] de maneira mais poética? No final, quando relata a respeito de uma jovem mãe e de sua filha ainda mais jovem — ambas estão prestes a dar à luz crianças para a nova pátria —, o autor escreve em tom solene, sem se dar conta do ridículo: "Duas mães... como duas irmãs, elas trazem uma estirpe nova para sua terra fértil." Quem não

---

[267] *Blubodoktrin* é a abreviação de *Blut-und-Boden-Doktrin*, "doutrina do sangue e da terra". A partir dessa expressão de Oswald Spengler, Walther Darré, futuro ministro da Agricultura do Terceiro Reich, fundou sua ideologia racista. Nela, o camponês apresentava todas as virtudes raciais nórdicas: coragem, tenacidade, combatividade etc.

percebe a sintonia perfeita com a doutrina racial e com o modo como o Terceiro Reich valorizava as mulheres?

Li até o fim, a contragosto, pois um historiador da literatura não tem o direito de pôr um livro de lado só porque a obra lhe causa repugnância. O único personagem que me pareceu simpático foi Fred Buchsbaum, o "pecador" que na Birmânia se manteve fiel à sua profissão de cineasta, como em seu país natal. Não permitiu que o despojassem de sua natureza, de seu europeísmo, de seu presente. Rodou comédias, mas não encenou comédias para si mesmo nem consigo mesmo.

Não, apesar de a linguagem do vencedor ter sido adotada em todas as *Judenhäuser*, foi só uma escravização irrefletida. Não representou um reconhecimento da doutrina nem uma crença nas mentiras.

Percebi tudo isso em um domingo de manhã. Estávamos os quatro na cozinha. Stühler e eu ajudávamos nossas mulheres a lavar a louça. A mulher de Stühler, uma bávara forte e saudável, não escondia a origem robusta e consolava o marido impaciente:

— Quando você puder voltar a viajar por sua empresa de confecção, e esse momento há de chegar, então teremos de novo uma empregada.

Stühler continuou enxugando o prato, quieto, com movimentos firmes. Depois disse, exaltado:

— Não vou viajar nunca mais... Eles estão certos. É improdutivo, quero me livrar desse negócio sujo... Quero ser jardineiro ou qualquer coisa do gênero, quero estar perto da natureza...

Não usamos impunemente a linguagem do vencedor. Acabamos por assimilá-la e passamos a viver conforme o modelo que ela nós dá.

CAPÍTULO 29

SION

Com Seliksohn trocávamos algumas coisas. Ele era diabético e nos trazia batatas. Em contrapartida, lhe oferecíamos pequenas porções de carne e verdura. Logo demonstrou que sentia verdadeira simpatia por nós dois, o que me intrigava e me emocionava. Odiava todas as coisas alemãs e rotulava de malucos ou hipócritas os usuários da estrela amarela, entre os poucos que ainda sobravam, que continuavam a amar o país. Ele próprio nascera em Odessa e viera para a Alemanha com quatorze anos, durante a Primeira Guerra Mundial. Seu objetivo era Jerusalém, apesar de ter cursado a escola e a universidade na Alemanha, ou, segundo dizia, justamente por causa disso. Tentava me convencer de que minha postura era insensata. A cada prisão, a cada suicídio, a cada notícia de morte nos campos de concentração, sempre que nos encontrávamos — o que ocorria cada vez mais frequentemente — nossas discussões se tornavam mais veementes, o que o levava a dizer:

— Apesar de tudo, você pretende continuar sendo alemão e até mesmo amando a Alemanha? Daqui a pouco vai fazer uma declaração de amor a Hitler e Goebbels!

— Eles não são a Alemanha. Quanto ao amor, bem, ele também não é o cerne da questão. Hoje, por sinal, encontrei uma coisa bela a esse respeito. Você já ouviu falar de Julius Bab?[268]

— Sim, um dos escritores judeus berlinenses, não é mesmo?

[268] Julius Bab (1880-1955), escritor alemão. Colega de Klemperer no ensino fundamental, emigrou em 1933.

— Pois bem, na biblioteca de Steinitz existe, Deus sabe como, um exemplar de uma edição fora de comércio desse autor. Meia centena de poemas, publicados em forma de manuscrito somente para os amigos, pois ele não se considerava um poeta lírico verdadeiramente criativo e achava que por trás de seus versos ressoava a melodia de outros poetas. Sua modéstia mostra dignidade. Ao longo da obra percebe-se algo de George, algo de Rilke, em uma linguagem mais moderada que a natural. Mesmo assim, uma estrofe me sensibilizou de tal maneira que quase não percebi essa filiação. Anotei-a nos *Diários*. Logo a saberei de cor, de tanto que penso nela; dois poemas dedicados à Alemanha, um de 1914 e outro de 1919, que começam com a mesma declaração: "E tu, amas a Alemanha? — Pergunta mais tola, a tua! / Posso amar meu sangue, meu cabelo, a mim mesmo? / Amor não é façanha e ganho?! / Da forma mais profunda possível e sem alternativa voltei-me para mim mesmo, / E a esse país, que sou eu, eu mesmo." Se o verso sobre façanha e ganho não imitasse tanto Stefan George, eu poderia sentir inveja. Não somente o poeta e eu, mas milhares de outras pessoas sentem o mesmo.

— Autossugestão, autoengano no melhor dos casos, ou pura mentira, passando naturalmente por estágios intermediários.

— Quem escreveu o mais belo poema da Primeira Guerra Mundial?

— Você está pensando no afetado *Canto de ódio*, de Lissauer?[269]

— Bobagem! Penso no seguinte: "Lá embaixo no Danúbio estão dois corvos"... Espero estar citando corretamente. Não é uma autêntica canção popular alemã, essa que o judeu Zuckermann[270] compôs?

---

[269] Ernst Lissauer (1882-1938), escritor alemão.
[270] Hugo Zuckermann (1881-1914), escritor alemão.

— É mesmo muito autêntica, ou seja, artisticamente reproduzida e tão sem autenticidade como a *Lorelei*.[271] Você certamente está a par da reconversão de Heine ao judaísmo, mas é bem provável que não saiba nada sobre o sionismo de Zuckermann, nem sobre seus poemas sionistas. Na verdade, é bem como estava escrito no quadro de avisos da sua universidade e em outros lugares: "Quando o judeu escreve em alemão, ele mente!"

— É desesperador. Nenhum de vocês consegue escapar da linguagem do vencedor, nem você, que vê em qualquer alemão um inimigo!

— Eles falam muito mais a nossa língua do que nós a deles. Aprenderam conosco. A única diferença é que conseguiram transformar tudo em falsidade, em crime.

— Como assim? Eles aprenderam conosco? O que você quer dizer com isso?

— Você se lembra das primeiras manifestações públicas em 1933? Quando os nazistas fizeram os primeiros grandes atos contra os judeus? "Via de mão única para Jerusalém!" e "*Der weiße Hirsch* [Cervo branco][272] expulsa os judeus". O que diziam as faixas, as imagens e os cartazes? Um judeu seguia o cortejo e carregava uma grande haste com um cartaz onde estava escrito: *Hinaus mit uns!* [Fora conosco!].

— Sim, ouvi falar e supus tratar-se de uma piada de humor negro.

— Não, tudo se passou assim mesmo. Esse "Fora conosco!" é mais antigo que o hitlerismo. Nós não falamos a linguagem do vencedor: Hitler é que aprendeu com Herzl.[273]

---

[271] Lorelei é uma figura mítica da região do Reno, evocada pelos românticos Brentano e Eichendorf. A versão mais misteriosa e patética foi composta por Heinrich Heine em 1827.

[272] *Der weiße Hirsch*: bairro residencial nos arredores de Dresden.

[273] Theodor Herzl (1860-1904), jornalista judeu vienense. Criador do sionismo político que passou a lutar por um Lar Nacional Judaico na

— Você supõe que Hitler tenha lido algo de Herzl?

— Não, não acredito que alguma vez ele tenha lido qualquer coisa que pudesse prestar. Ele só absorveu fragmentos de cultura geral e repetiu, exagerando, coisas confusas que poderiam ser úteis para sua loucura. Esse é o gênio ou o espírito diabólico de sua loucura, ou seu aspecto criminoso, chame como quiser, explique como quiser. Ele apresenta tudo que consegue absorver de uma maneira que cativa as pessoas primitivas e transforma em animais de rebanho os que já tinham alguma inteligência. Quando, no início de *Mein Kampf*, ele fala do ódio aos judeus a partir de suas experiências em Viena, há uma relação com o sionismo, que ele certamente conheceu por lá. Mais uma vez, trata tudo de modo sórdido e vulgar: o rapaz judeu de cabelo preto e sorriso satânico espreita a ariana lourinha para nela desonrar a raça alemã, pretendendo conduzir a sua própria raça inferior, o povo dos judeus, até a ambicionada dominação do mundo. Cito de memória, mas quase ao pé da letra. Os pontos principais são esses!

— Eu sei. Poderia até lhe dizer de maneira mais precisa onde está essa passagem, pois o nosso capataz é bom em citações de Hitler, e essa é uma das suas preferidas. Ela continua assim: "Após a Primeira Guerra Mundial, os judeus teriam trazido o negro até as margens do Reno para destruir a raça branca superior, por uma degeneração forçada." Mas o que isso tem a ver com os sionistas?

— Com certeza ele aprendeu com Herzl a ver os judeus como um povo, como uma unidade política, reagrupando-os sob o termo "judaísmo mundial".

— Não é uma censura terrível que você levanta contra Herzl?

Palestina, especialmente após o *pogrom* de Kishinev, promovido pelo czar Nicolau II em 1882, e o caso Dreyfus, uma prova do antissemitismo europeu no final do século XIX.

— Que culpa tem Herzl se um *Bluthund* [cachorro sanguinário] como Hitler roubou suas ideias e se os judeus alemães não o ouviram a tempo? Agora é tarde demais. Agora vocês nos procuram.

— Eu não.

— Você! Logo você vai fazer uma declaração de amor a Hitler e Goebbels e usar a expressão de Rathenau:[274] o seu coração é germano e louro. Os judeus alemães seriam uma espécie de tribo alemã, a meio caminho entre os alemães do norte e os nascidos na Suábia.

— Não concordo com o mau gosto do coração louro germânico, mas uma espécie de tribo alemã, considerada em um contexto puramente espiritual, isso poderia aplicar-se a nós, às pessoas cuja língua materna é o alemão e cuja cultura é alemã. "A linguagem é mais do que sangue!", na expressão de Franz Rosenzweig. Não tenho muitas afinidades com ele, cujas cartas recebi da *Geheimrat* Elsa. Mas ele pertence ao capítulo Buber e agora estamos tratando de Herzl.

— Não adianta falar com você, que não conhece Herzl. Tem de conhecê-lo. É necessário para sua formação. Vou ver se encontro algo para você ler.

Essa conversa me perseguiu durante dias. O fato de eu nunca ter lido nada de Herzl seria mesmo falta de cultura? Como explicar que nunca me sentira atraído a ler algo dele? É claro que já havia ouvido falar nele. Já me deparara com o movimento sionista algumas vezes. A primeira havia sido no início do século em Munique, quando uma associação judaica tentou me atrair para o movimento. Eu dei com os ombros,

[274] Walther Rathenau (1867-1922), industrial, escritor e político alemão, de origem judaica, ministro das Relações Exteriores durante a República de Weimar. Defendia que os judeus deviam se opor ao sionismo, integrando-se completamente à sociedade alemã. Foi assassinado por oficiais do Exército ligados a uma organização de extrema direita.

pois me parecia algo muito distante. Em seguida, alguns anos antes da Primeira Guerra Mundial, em *Caminho para a liberdade*, de Schnitzler, e logo a seguir em uma palestra que proferi em Praga. Nessa cidade, passei algumas horas com estudantes sionistas em um café e fiquei mais convencido de que se tratava de uma questão austríaca. Lá, onde era comum dividir o Estado em nacionalidades que se toleravam e se combatiam mutuamente, poderia muito bem existir uma nacionalidade judaica. Na Galícia austríaca, onde se concentrava uma maciça população de judeus que continuava a manter idioma e hábitos próprios, vivendo em isolamento espontâneo, como se estivesse em um gueto, na mesma situação de grupos judaicos na Rússia e na Polônia, onde a opressão e a perseguição lhes despertavam o desejo ardente de uma pátria melhor, lá era compreensível que houvesse sionismo. Chegava a parecer inconcebível que ele só houvesse surgido nos anos 1890, com Herzl. Na verdade, ele já existira muito antes naquelas regiões, apresentando-se em uma forma política embrionária.

A única inovação de Herzl foi ter usado de maneira decisiva o momento político e ter disseminado nos judeus que viviam no Ocidente, sob condições realmente europeias e emancipadas, a intenção de fazerem parte de um só povo que devia retornar.[275]

O que isso tinha a ver comigo? O que isso tinha a ver com a Alemanha? Eu sabia que havia judeus sionistas na província de Posen e conhecia um movimento sionista em Berlim que editava um jornal. Mas em Berlim havia muitas coisas excêntricas, exóticas, esquisitas, como um clube chinês. O que isso tinha a ver comigo e com o meu círculo de convivência? Eu me sentia tão seguro da minha germanidade, da minha condição europeia, de *meines Menschentums* [minha pertença à

[275] A referência, é claro, é ao retorno à Palestina.

humanidade], de viver no século XX. Sangue? Ódio racial? Não hoje, não no coração da Europa! Também não esperávamos que houvesse guerras, a não ser em regiões distantes como os Bálcãs, a Ásia, a África. Até junho de 1914 eu considerava pura fantasia tudo o que se escrevia sobre esse retorno às condições da Idade Média. Só levava em conta o que se referia à cultura e à paz.

Então veio a Primeira Guerra Mundial. Minha confiança na solidez da cultura europeia ficou abalada. Depois, é claro que eu percebia, dia após dia, a onda nazista e antissemita: vivia entre professores e estudantes, e às vezes penso que eles eram piores — além de mais culpados — do que os cidadãos comuns. Também não me passou despercebido que o movimento sionista se fortalecia como uma reação de legítima defesa. Mas não me preocupava com isso. Eu simplesmente não lia nenhuma das publicações judaicas, as quais, mais tarde, quando morava nas *Judenhäuser*, procurei juntar (o que não foi fácil). Essa minha recusa em enxergar terá sido teimosia ou indiferença? Acho que nem uma coisa nem outra. Terá sido uma forma de me apegar à Alemanha com um amor que não queria reconhecer a rejeição? Não, não se tratava de nada patético, e sim de algo óbvio. Os versos de Bab dizem tudo o que se pode dizer sobre isso. (Será que ele ainda pensaria da mesma forma? Eu o conheci com doze, treze anos e nunca mais o vi.) Estou me aprofundando demais em meus *Diários* de 1942 e me afastando das "anotações do filólogo".

Mas não. Isso faz parte do tema. Naquela época, estava preocupado em saber se somente eu considerava as coisas como falsas ou incompletas; se fosse esse o caso, eu devia desconfiar das minhas observações atuais, pois então não era a pessoa adequada para tratar do tema judaico. A oportunidade de falar sobre isso ocorreu em minha visita semanal a Markwald, um homem de setenta e tantos anos, quase completamente paralisado mas mentalmente lúcido. De tantas em

tantas horas, quando as dores se tornavam insuportáveis, sua corajosa mulher lhe aplicava injeções de morfina. Havia anos a situação era essa, e ainda poderia durar muitos outros. Ele queria rever os filhos, que tinham emigrado, e conhecer os netos. "Mas se me enviarem para Theresienstadt morrerei, pois lá não terei morfina." Ele foi para Theresienstadt, sem a cadeira de rodas, e morreu lá, a mulher sempre ao seu lado.

Em certo sentido ele também era uma exceção entre os usuários da estrela, tanto quanto o operário sem qualificação na nossa fábrica: seu pai, que possuía uma propriedade rural, estabelecera-se muito tempo atrás na Alemanha central, e ele próprio, agrônomo, assumira a propriedade até ser convidado a ocupar um alto cargo na Secretaria de Agricultura da Saxônia durante a Primeira Guerra Mundial. Às vezes ele me contava sobre o *Schweinemord* [massacre dos porcos],[276] uma história que também pertence à seção judaica. Foi uma acusação usada repetidamente para incriminar os judeus, imputando-lhes a intenção de deixar os alemães morrerem de fome. Agora os nazistas tomavam medidas semelhantes, mas com um nome diferente. O que na Primeira Guerra se chamara *jüdischer Mord* [massacre realizado pelos judeus] tornou-se *deutsche Vorausschau* [prevenção alemã] e *volksverbundene Planwirtschaft* [economia planejada para o povo].

Mas as conversas com o paralítico não tratavam apenas de questões agrárias. Ambos os Markwald mostravam grande interesse em política e literatura, e liam bastante; os acontecimentos dos últimos anos haviam despertado a sua atenção, assim como a minha, para os problemas dos judeus alemães. Mas nem eles escapavam da linguagem do vencedor. Deram-me para ler um longo, elegante e bastante completo manus-

[276] Walter Darré, ideólogo e ministro da Agricultura do nazismo, escreveu em 1933 *O porco como critério dos povos nórdicos e semitas* e em 1937 *O massacre dos porcos*.

crito que comprovava que a família deles vivia na Alemanha havia séculos. A história era contada com um uso abusivo do vocabulário nazista, e o livro como um todo era uma contribuição à "teoria da *Sippe*" [clã], ou *Sippenkunde* [genealogia], que não escondia certa simpatia pelas leis autoritárias do novo regime.

Eu conversava com Markwald sobre o sionismo, pois queria saber se o movimento havia sido importante na Alemanha. Administradores têm o hábito de considerar as coisas sob o ponto de vista estatístico. Sim, ele também conhecera esse "movimento austríaco"; também havia notado que depois da Primeira Guerra Mundial ele crescera entre nós, sob a pressão do antissemitismo, mas nunca se tornara um verdadeiro movimento no Reich alemão.

— Aqui sempre foi um movimento de uma pequena minoria, de um grupo. A maior parte dos judeus alemães não podia mais se separar da cultura alemã. Não conseguíamos imaginar que a assimilação pudesse sofrer um revés ou ser desfeita. Os judeus alemães poderiam ser exterminados, mas não *entdeutschen* ["desalemanizados"], ainda que eles mesmos se esforçassem para isso.

Então contei-lhe o que Seliksohn me dissera a respeito da possível influência de Herzl sobre o nazismo.

— Herzl? Quem é?

— O senhor também não leu nada dele?

— É a primeira vez que ouço falar nele.

A sra. Markwald confirmou que também não o conhecia.

Faço essa anotação para me justificar. Além de mim, deve ter havido muito mais gente na Alemanha que desconheceu o sionismo até o fim. Um adepto tão extremado da assimilação, "cristão não ariano" e agrônomo era nesse caso uma testemunha confiável e até particularmente boa, justamente por ter ocupado um alto posto, o que lhe permitiu ter uma visão

ampla. A frase *les extrêmes se touchent* [os extremos se encontram] serve também para explicar por que os partidos antagônicos são os que mais sabem uns dos outros. (Em 1916, quando me recuperava no hospital militar em Paderborn, o seminário de um arcebispo me fornecia o que havia de melhor sobre o Iluminismo na literatura francesa.) Hitler teve seus anos de aprendizagem na Áustria; da mesma forma que trouxe consigo a *Verlautbarung* [comunicação] para a linguagem burocrática do Reich, deve ter trazido em seu íntimo palavras e pensamentos de Herzl.

Pouco depois dessas conversas e considerações, Seliksohn me trouxe dois volumes de Herzl, os escritos sionistas e o primeiro volume dos *Diários*, publicados em Berlim pela editora Judaica em 1920 e 1922. Eu os li consternado, beirando o desespero. Minha primeira anotação nos *Diários* dizia: "Senhor, proteja-me dos amigos! Nesses dois volumes encontra-se, com facilidade, material para comprovar muitas coisas que Hitler, Goebbels e Rosenberg afirmam contra os judeus; isso não requer grande habilidade nem para interpretar nem para distorcer."

Mais tarde busquei as semelhanças e as diferenças entre algumas palavras-chave e citações dos textos de Herzl e de Hitler. Graças a Deus, havia também diferenças entre ambos!

Sobretudo Herzl nunca teve qualquer pensamento opressor, muito menos pensou em exterminar povos estrangeiros. Nunca propôs a ideia de uma raça ou um povo eleito, nem de uma superioridade que lhe desse o direito de dominar o restante da humanidade, considerado inferior, ideia que estava na base do horror nazista. Ele só exige igualdade de direitos para um grupo de oprimidos, só quer um espaço modesto e limitado, mas seguro, para um conjunto de pessoas maltratadas e perseguidas. Só emprega a palavra *untermenschlich* [subumano] para definir os maus-tratos que os judeus da Galícia sofriam. Além disso, não é um homem de mente estreita

ou estúpido, não é inculto e grosseiro como Hitler, não é um fanático. Gostaria de sê-lo, mas fica a meio caminho; não consegue suprimir dentro de si a razão, a ponderação e o senso humanitário. Só por alguns momentos se vê como um emissário divino que detém o destino nas mãos. A questão que coloca a si mesmo é se seria um mero folhetinista fantasioso e não um segundo Moisés.

Só um propósito seu permanece inalterado, aparecendo claramente em todos os projetos: a necessidade de se criar uma pátria para as massas judaicas não emancipadas e oprimidas no Leste Europeu, as quais continuavam sendo um povo. Porém, mal se defronta com o lado ocidental do problema e já incorre em contradições. O conceito de povo perde consistência e não se consegue entender se questões governamentais serão entregues à condução de um ditador ou de um parlamento. Questões de diferenças raciais não lhe dizem respeito, mas quer proibir casamentos mistos; sente-se ligado com "melancolia" à cultura e à língua alemãs, que quer conservar, trasladando tudo para a Palestina. Mas o povo judaico, como coletividade, é composto pela massa uniforme dos judeus dos guetos da Europa Oriental etc. etc. etc.

Com todas essas vacilações, Herzl não parece ser um gênio, mas apenas uma pessoa afável e interessante. Entretanto, quando quer se impor como enviado de Deus, sente-se obrigado a estar à altura da missão. O apelo conceitual, ético e linguístico dos judeus ao Messias se assemelha de maneira grotesca e aterradora ao dos alemães. Ele demole tudo com que se confronta, destrói tudo que se lhe contrapõe, é o Führer que assume a missão do destino: tornar real o desejo inconsciente de seu povo, das massas que ele deve converter em povo. O Führer "tem de ter um olhar duro", mas também precisa ter sensibilidade para captar a psicologia e as necessidades da massa. Não obstante sua liberdade de pensamento e seu anseio pelo progresso científico, criará lugares de pere-

grinação para a fé pueril das massas e saberá tirar proveito da própria auréola. "Vi e escutei como nasceu a lenda a meu respeito", ele anota após uma assembleia. "O povo é sentimental, as massas não enxergam com clareza. Acho que não têm uma ideia clara a meu respeito. Começa a elevar-se uma névoa vaporosa em torno de mim, que talvez se torne a nuvem pela qual caminharei."

Todos os meios são bons para a propaganda: é possível tirar vantagem da massa ingênua com ensinamentos da ortodoxia ou com viagens a lugares de peregrinação; pode-se chegar aos círculos cultos e assimilados oferecendo-lhes "propaganda do sionismo em formato esnobe", com referências, por exemplo, às baladas de Judá, de Börries von Münchhausen,[277] e às ilustrações de Mosche Lilien[278] na Associação Vienense de Senhoras. (Lembro-me agora que Münchhausen, antes da Primeira Guerra Mundial, havia declamado suas poesias sobre Judá em diversas associações judaicas; mas já durante o Reich de Hitler foi celebrado como um grande poeta alemão e entendeu-se com os nazistas às mil maravilhas como *Blubomann*;[279] antecipo aqui aonde quero chegar.) A suntuosidade externa e os símbolos aparentes são algo bom e indispensável; é necessário atribuir valor a uniformes, bandeiras e cerimônias. Os críticos incômodos são tratados como inimigos de Estado. A resistência às medidas importantes deve ser vencida "com dureza implacável", lançando suspeitas e insultos contra os que pensam de modo diferente.

Quando os assim chamados *Protestrabbiner* [rabinos contestadores], movidos por fortes razões intelectuais, atacam

[277] Börries von Münchhausen (1874-1945), poeta alemão, compositor de baladas com temas cavalheirescos e lendas da Idade Média.

[278] Mosche Lilienblum (1843-1910), escritor judeu, um dos fundadores do sionismo.

[279] Abreviatura de *Blut-und-Boden-Mann*, literalmente "homem do sangue e da terra".

o sionismo político que inclui o Ocidente, Herzl declara: "No ano que vem, em Jerusalém!"[280] "Nos últimos decênios da decadência nacional" — ele se referia à assimilação —, alguns rabinos tinham atribuído a essa antiquíssima expressão de bons votos o "significado insípido" de que a Jerusalém da expressão tradicional podia chamar-se Londres, Berlim ou Chicago. "Se as tradições judaicas forem interpretadas dessa forma, restará do judaísmo não muito mais do que o salário anual que esses senhores recebem." Sedução e ameaça devem ser bem dosadas e caminhar emparelhadas: ninguém deve ser forçado a emigrar; hesitantes e retardatários não estarão bem nem aqui nem acolá. Na Palestina, o povo judeu "haverá de procurar seus verdadeiros amigos entre aqueles que lutaram e sofreram pela causa no tempo em que não se colhiam honras, mas insultos".

Se essas frases e expressões são usadas pelos dois líderes, então Herzl colocou armas terríveis nas mãos de Hitler. Ele quis forçar os Rothschild a usar a fortuna em favor do povo judeu, mas até aqui eles mantiveram os exércitos das grandes potências trabalhando exclusivamente para seu próprio enriquecimento. Como o povo judeu reunido — sempre ouvindo: "Somos uma unidade, somos um povo!" — se afirmará e se imporá? Resposta: intervindo como poder financeiro nos acordos de paz das potências europeias beligerantes. É grande a possibilidade de isso ocorrer, pois, mesmo depois da criação de um Estado judeu, muitos judeus continuarão a viver em outros países. Quantas possibilidades de interpretação se abrem aqui para o nazismo!

Pessoas semelhantes, linguagens semelhantes. Conte-se o número de vezes em que as recepções, os discursos, as misérias do regime de Hitler são qualificados de "históricos".

[280] Frase que se canta no final do jantar da Páscoa judaica.

Quando Herzl explica suas ideias ao redator-chefe da *Neue Freie Presse* durante um passeio, também é um "momento histórico"; quando alcança um minúsculo sucesso diplomático, o triunfo passa a fazer parte da história universal. Há um momento em que ele confessa nos *Diários* que sua vida privada terminava para que sua existência histórica começasse...

As coincidências entre ambos — ideológicas, estilísticas, psicológicas, especulativas e políticas — prosseguem e se estimulam mutuamente! De tudo o que Herzl usa para fundamentar a unidade do povo, só um elemento se adapta perfeitamente aos judeus: eles têm um adversário e perseguidor comum. Sob esse ponto de vista, Hitler fundiu os judeus de todas as nações no *Weltjudentum* [judaísmo mundial]. Dada a mania persecutória e a astúcia distorcida do seu delírio, ele concretizou o que antes só existia no mundo das ideias; conseguiu mais adeptos para o sionismo e o Estado judaico do que o próprio Herzl. De quem Hitler poderia aprender coisas mais importantes e úteis para seus fins?

Essa pergunta retórica exige mais do que uma tese de doutorado, caso se queira respondê-la com precisão. Não há dúvida de que o sionismo estimulou e enriqueceu a doutrina nazista. Mas não há de ser fácil determinar com exatidão o que Hitler e seus colaboradores extraíram do sionismo.

A dificuldade reside no fato de que Hitler e Herzl se nutrem em grande parte do mesmo legado. Já nomeei a raiz alemã do nazismo: o romantismo estreito, limitado, pervertido. Se eu acrescentar o romantismo *kitsch*, então a comunhão intelectual e estilística de ambos os líderes estará definida do modo mais exato possível. Herzl costuma citar Guilherme II como seu modelo. Ele conhece a origem psicológica da pose heroica de Guilherme — o braço atrofiado sob o bigode em ponta — e se sente ainda mais próximo do imperador. O novo Moisés dos judeus também sonha com uma guarda com cou-

raças prateadas. Hitler, por sua vez, via Guilherme como um corruptor do povo, mas dividia com ele, superando-o, as extravagâncias heroicas e a preferência pelo romantismo *kitsch*.

Também conversei sobre Herzl com *Geheimrat* Elsa, que naturalmente o conhecia. Não nutria um sentimento especial por ele, nem grande simpatia nem forte aversão. Ela o via como demasiadamente "vulgar", pouco "intelectual". Ele nutria boas intenções em relação aos pobres *Ostjuden* [judeus do leste], disse, e sua luta por eles tinha méritos incontestáveis.

— Mas, quanto a nós, judeus alemães, ele não tem nada a nos dizer; aliás, está completamente superado no movimento sionista. As tensões políticas que ocorrem lá não me dizem respeito; nem os nacionalistas mais rigorosos nem os comunistas pró-soviéticos estão de acordo com Herzl, um burguês moderado. Só me interessa a liderança espiritual do sionismo, que hoje, sem dúvida, está com Buber. Eu venero Martin Buber.[281] Se não estivesse tão fanaticamente, oh!, perdão, se não estivesse totalmente ligada à Alemanha, seria partidária incondicional dele. O que o senhor diz sobre o romantismo *kitsch* de Herzl é exatamente isso. Em contrapartida, Buber é um autêntico romântico, de muita pureza e profundidade. Eu diria quase um romântico alemão. O fato de que ele no fim das contas opte por um Estado próprio para os judeus em parte é culpa de Hitler e em parte, meu Deus!, ele vivia em Viena. Só vivendo aqui, no Reich, alguém se torna um verdadeiro alemão. O melhor de Buber, mas de uma germanidade pura, o senhor vai encontrar em um amigo dele, Franz Rosenzweig.[282] Eu lhe dou as cartas de Rosenzweig.

---

[281] Martin Buber (1878-1965), filósofo, escritor e pedagogo judeu de origem austríaca, humanista e ligado ao movimento sionista. Precursor do diálogo entre religiões e entre árabes e judeus.

[282] Franz Rosenzweig (1886-1929), filósofo e teólogo nascido na Alemanha numa família judia assimilada. Lutou no Exército alemão na Primeira Guerra Mundial.

Ela me entregou um volume valioso, que possuía em duplicata e mais tarde me deu de presente. Lamento sempre sua perda, pois ele lançou uma visão muito esclarecedora sobre a história do pensamento de sua época. "Eis aqui alguns textos de Buber..." (Breve observação para tranquilizar minha consciência de filólogo: meus *Discursos lívios*[283] são muito pouco "lívios"; originam-se dos *Diários* que escrevi, dia após dia, sob a impressão dos acontecimentos ainda frescos, com os sons ainda nos ouvidos.) Buber não era desconhecido para mim; vinte ou trinta anos atrás era citado como filósofo da religião. Mas era a primeira vez que eu tomava contato com Rosenzweig, autor menos conhecido, morto prematuramente.

Buber é tão místico e tão romântico que inverte a essência do judaísmo. A evolução mostrou que a natureza judaica se nutre de um racionalismo radical e de uma ideia de Deus desmaterializada. A cabala e as manifestações tardias de efervescência mística representam fenômenos de reação à tendência principal, sempre dominante e decisiva. Para Buber, ao contrário, a mística judaica exerce o papel essencial e criativo, ao passo que a *ratio* judaica representaria austeridade e degeneração. É um grande estudioso das religiões. Para ele, o homem religioso por excelência é o oriental, mas os judeus atingiram o nível de religiosidade mais elevado. Como mantiveram durante séculos contato estreito com o Ocidente, que tem outras aptidões, cabe aos judeus fundir as melhores qualidades intelectuais do Oriente e do Ocidente e retransmiti-las para ambos os lados.

Nessa passagem entra em jogo o romântico, inclusive o filólogo romântico (não o político, como Herzl): em matéria de religião, os judeus tiveram na Palestina o seu momento culminante; não são nômades, desde a origem são um povo de camponeses, todas as imagens bíblicas remetem a isso. "Seu

[283] À maneira de Tito Lívio.

Deus era o senhor do campo, suas festas eram festas campestres e sua lei era a lei do campo." E "qualquer que fosse o nível espiritual geral que a profecia conseguisse atingir, [...] seu espírito haveria de querer revestir sempre um corpo feito dessa terra particular de Canaã..." Na Europa, a alma judaica ("que passou por todos os céus e infernos do Ocidente"), sobretudo a alma dos judeus "adaptados", sofre danos. Mas quando ela "pisa o solo materno, volta a ser criativa". Buber se entrega aos raciocínios e sentimentos próprios do romantismo alemão e do mundo da linguagem romântica, em especial da poesia e da filosofia neorromânticas, com seu distanciamento do cotidiano, sua solenidade sacerdotal e sua tendência à escuridão cheia de mistérios. Com Rosenzweig é quase a mesma coisa, mas ele não se perde tanto no misticismo nem abandona a ligação com a Alemanha.

Quero permanecer no meu campo específico, que é o da LTI; nem a essência do judaísmo nem a justificativa do sionismo são meu tema. (Um crente judeu poderia chegar à conclusão de que esta segunda diáspora, a maior do nosso tempo, responde aos desígnios de Deus, tal qual a primeira; mas, sem dúvida, nem a primeira nem a segunda tiveram origem em um Deus do campo, pois a verdadeira missão que esse Deus deu ao seu povo consistia precisamente em não ser um povo, não estar ligado a nenhuma barreira física ou espacial, para servir à ideia pura, sem raízes. Sobre isso, e sobre o sentido do gueto como "barreira" que cerca uma particularidade intelectual, sobre a barreira que se transformou em laço estrangulador, sobre a evasão dos principais portadores da missão — o "grande Spinoza", diz Buber, em contradição evidente com sua própria doutrina — e sobre a fuga e a expulsão posterior... Deus do céu!, quanto já filosofamos sobre isso! E de que maneira catastrófica esse "nós" se reduziu aos poucos que ainda estão vivos!)

Permaneço em minha área. O mesmo estilo, que é característico de Buber, as mesmas palavras, que na boca dele adquirem luz própria, como *Bewährung* [prova de competência], *das Einmalige* [o singular] e *Einmaligkeit* [a singularidade] — quantas vezes encontrei esses termos no lado nazista, em Rosenberg e outros menores, em livros e artigos de jornal. De tempos em tempos eles gostavam de aparecer com ares de filósofos, pois isso impressionava a massa. Há um parentesco estilístico entre Rosenberg e Buber, há semelhança em mais de um conceito, como, por exemplo, em colocar a agricultura e o misticismo acima do nomadismo e do racionalismo. Essa semelhança não é mais desconcertante do que a analogia entre Hitler e Herzl? Mas, em ambos os casos, a explicação do fenômeno é a mesma: o romantismo, não somente o *kitsch*, mas também o autêntico, domina a época. Inocentes e envenenadores, vítimas e algozes, todos saíram da mesma fonte.

CAPÍTULO 30

A MALDIÇÃO DO SUPERLATIVO

Há quarenta anos publiquei meu único artigo em um jornal americano. O *New-Yorker Staatszeitung*, que saía em alemão, publicou um texto meu em comemoração aos setenta anos de Adolf Willbrandt,[284] cuja biografia escrevi. Quando recebi o exemplar dedicado ao autor, fiquei com uma imagem ruim da imprensa americana. Minha opinião deve ser injusta, pois as generalizações mentem. Mesmo assim, essa imagem retornava com nitidez sempre que alguma associação de ideias, mesmo fraca, me levava a pensar no jornalismo americano. Atravessando a coluna de meu artigo sobre Willbrandt, bem no meio das linhas, havia um traço sinuoso que fazia propaganda de um purgante com um texto que começava assim: "O ser humano possui 10 metros de intestinos."[285]

Isso foi em agosto de 1907. Nunca pensei tanto nesses intestinos como no verão de 1937. Quando o Partido Nazista realizou seu congresso em Nuremberg, anunciou-se que, enfileirados, os artigos sobre o evento publicados na imprensa alemã alcançariam 20 quilômetros, formando uma coluna que chegaria à estratosfera. Desmentiam-se assim as calúnias do exterior, que diziam que a imprensa alemã estava em decadência. Na mesma época, quando Mussolini visitou Berlim, noticiou-se que haviam sido gastos 40 mil metros de tecido, em bandeiras, na decoração das ruas.

"Confusão entre quantidade e qualidade, eis aí americanismo da pior espécie", anotei naquela oportunidade. Que os

---

[284] Adolf Willbrandt (1837-1911), escritor alemão, foi diretor do jornal *Süddeutsche Zeitung*, de Munique, depois de ter sido diretor do Teatro de Viena.

[285] O autor usa a medida americana, 30 pés.

jornalistas do Terceiro Reich eram bons aprendizes dos americanos percebia-se pelo uso cada vez maior de letras em negrito que apareciam amiúde nas manchetes, bem como pela reiterada omissão do artigo antes dos substantivos destacados, como no exemplo *Völkischer Beobachter baut größtes Verlagshaus der Welt* [Völkischer Beobachter constrói maior casa editorial do mundo]. As tendências militar, esportiva e comercial se uniam numa concisão enxuta.

Será que o desvario dos americanos por números seria semelhante ao desvario nazista? Já naquela época eu tinha dúvidas a respeito disso. Não haveria uma ponta de humor naqueles "10 metros de intestinos"? Não se podia perceber uma sinceridade ingênua nas cifras exageradas da publicidade americana? Seria como se o anunciante dissesse: "Caro leitor, eu e você bem gostamos de exagerar um pouquinho, mas nos entendemos, não é? Somos cúmplices, não somos? Nem eu estou mentindo nem você se deixa enganar, já que tira as suas conclusões de acordo com o que considera melhor. Convenhamos, minha propaganda não é enganosa. Graças ao superlativo, ela simplesmente penetra na sua memória de forma mais duradoura e mais agradável!"

Algum tempo depois, vi o livro de memórias *Ich fand keinen Frieden* [Não encontrei paz], do jornalista americano Webb Miller, cuja edição alemã foi publicada pela editora Rowohlt em 1938. A paixão pelos números aparecia ali em uma declaração honesta. Bater recordes fazia parte da profissão. Mais honroso do que elaborar reflexões profundas era noticiar fatos usando os números da maneira mais ágil e mais exata possível. Miller menciona com orgulho que anunciara o início da guerra da Abissínia 45 minutos antes dos outros correspondentes, com precisão absoluta de detalhes (3 de outubro de 1935, 4:44h, 4:55h, 5:00h). Sua breve e realista descrição de um avião que sobrevoa os Bálcãs culmina na se-

guinte frase: "Massas brancas (pesados bancos de nuvens) passavam voando ao nosso lado à velocidade de 100 milhas por hora."

O que de pior se pode dizer da veneração americana pelos números é que se trata de autovalorização ingênua e de autoestima desmedida. Lembro-me de novo daquela anedota do elefante proposto como tema de redação a pessoas de diversas nacionalidades. O americano decide escrever: "Como matei meu milésimo elefante". O alemão da piada, com seus elefantes da guerra de Cartago, ainda pertence a um povo de pensadores, poetas e sábios estranhos a este mundo, vivendo em uma época que terminou há mais ou menos 150 anos. O alemão do Terceiro Reich, confrontado com a mesma questão, responderia: "Abati um número inconcebível dos maiores elefantes do mundo com a melhor arma do mundo."

O hábito da LTI de usar números pode ser uma imitação dos usos e costumes americanos. Entretanto distingue-se de duas maneiras, não só pelo uso descabido do superlativo como pela crueldade consciente e a impostura sem escrúpulos. Os comunicados do Exército mostram números gigantescos de inimigos capturados; canhões, aviões e tanques contam-se aos milhares e dezenas de milhares, o número de prisioneiros chega a centenas de milhares. No fim do mês aparecem longas listas de números ainda mais inverossímeis. Quando a referência é ao número de inimigos mortos, então se abandona a exatidão dos dados e surgem expressões que mostram a falta de imaginação: *unvorstellbar* [inimaginável] e *zahllos* [incontável]. Durante a Primeira Guerra Mundial, a clareza e a objetividade dos boletins militares eram motivo de orgulho. A modéstia dos boletins dos primeiros dias de guerra, apresentada até mesmo com algum charme, ficou famosa: "O objetivo designado foi atingido." É certo que não se consegue manter sempre essa sobriedade, mas, como ideal de estilo, ela permanecia no horizonte, sem se perder completamente.

Os comunicados do Terceiro Reich adotavam o superlativo de improviso. Quanto mais a situação se agravava, mais aumentava o seu uso, tornando-se desmesurado, até que a essência da linguagem militar — sua exatidão disciplinada — passou para o extremo oposto, para o fantástico, o imaginário. O caráter fabuloso do número de capturados torna-se mais nítido, pois nem sequer se mencionam as perdas. Nos filmes, as cenas de batalhas só mostram pilhas de cadáveres inimigos.

Durante e depois da Primeira Guerra Mundial, a linguagem do Exército e da guerra se infiltrou na linguagem civil. A peculiaridade da Segunda Guerra Mundial consistiu em que a linguagem do partido, a LTI propriamente dita, invadiu a linguagem militar e a devastou. A destruição total, que consistiu em suprimir a limitação dos números e introduzir palavras como *unvorstellbar* e *zahllos*, foi gradativa. No início, só os correspondentes e os comentaristas se permitiam usar essas palavras extremas. Depois foi a vez do Führer em suas falas. Só no final os comunicados das forças armadas lançaram mão delas.

O espantoso, aqui, era o caráter grosseiro da mentira, que transparecia nos próprios números. A doutrina nazista acredita na estupidez das massas, consideradas incapazes de raciocinar. Em setembro de 1941 o boletim do Exército dizia que 200 mil homens estavam cercados em Kiev. Poucos dias depois, nesse mesmo cerco, anunciaram-se 600 mil prisioneiros. Devem ter acrescentado toda a população civil ao número de soldados. Na Alemanha, antes, era comum achar graça da imprecisão dos dados que vinham do Leste da Ásia. Nos últimos anos da guerra, os relatórios japoneses e alemães competiam no exagero. Pairava a dúvida: quem aprendia com quem? Goebbels com os japoneses ou vice-versa?

O abuso dos números não aparece só nos comunicados de guerra. Nos primórdios de 1943 todos os jornais publicaram que 46 milhões de cadernos de leitura, os assim chamados

livros postais militares, haviam sido enviados aos soldados. Às vezes números menores também causavam impacto. Em novembro de 1941 Ribbentrop[286] afirma que podíamos continuar a guerra por mais trinta anos. Em 26 de abril de 1942 Hitler declara no Parlamento que Napoleão combatera na Rússia a uma temperatura de 25º negativos, mas que ele, o marechal Hitler, combatia a 45º negativos e *já* combatera a 52º negativos. Nessa superação do modelo ilustre — era ainda o tempo em que ele apreciava ser considerado um estrategista e ser comparado a Napoleão —, além do ridículo involuntário, parece-me que se copia o modelo americano dos recordes.

Tout se tient, segundo os franceses, ou "tudo está interligado". Essa expressão de origem *Hundertprozentig* [cem por cento] americana vem do título do romance de Upton Sinclair,[287] que foi amplamente difundido na Alemanha. Durante doze anos esteve na boca do povo, às vezes acompanhada de uma expressão complementar: "Cuidado com aquele cara, ele é um 'cento e cinquenta por cento'." Esse americanismo inconteste precisa ser comparado com o adjetivo "total", pretensão fundamental e palavra-chave do nazismo.

"Total" representa o valor numérico máximo, tão cheio de significado em sua calculabilidade realista quanto os excessos românticos *unvorstellbar* e *zahllos*. Todos se recordam das consequências funestas para a Alemanha da expressão *totaler Krieg* [guerra total], anunciada como um programa. Mesmo fora do âmbito bélico é possível encontrar o termo "total" na LTI: um artigo no *Reich* valorizava *totale Erziehungssituation* [o ambiente da educação total] em uma escola para moças de

[286] Joachim Von Ribbentrop (1893-1946), ministro das Relações Exteriores de Hitler entre 1938 e 1945.

[287] Upton Sinclair (1878-1968), escritor americano. O romance citado é de 1920.

rígida observância nazista; em uma vitrine vi um jogo de tabuleiro que se chamava *das totale Spiel* [o jogo total].

Tout se tient. Os superlativos numéricos estão ligados ao princípio de totalidade, mas chegam também ao domínio religioso. Uma das aspirações básicas do nazismo é que uma religião germânica consiga substituir o cristianismo semita e não heroico. O adjetivo *ewig* [eterno], que suprime as fronteiras da duração, é usado com frequência: "eterna vigilância", "duração eterna das instituições nazistas" e *Tausendjähriges Reich* [império milenar], uma expressão mais impositiva e mais impactante que Terceiro Reich, quando tomada no sentido religioso. É natural que o emprego do retumbante número mil também seja apreciado, mesmo fora do âmbito religioso. Foram anunciadas "mil reuniões" para reforçar os ânimos em 1941, depois que as guerras-relâmpago não conseguiram obter vitórias decisivas.

Pode-se chegar ao superlativo numérico também pelo lado inverso: a palavra *einmalig* [único] expressa o sentido superlativo tanto quanto o termo "mil". Servindo de sinônimo para "excepcional", despida de sentido numérico, a expressão estava em voga na filosofia e na poética neorromântica no final da Primeira Guerra Mundial. Stefan Zweig, Rathenau, pessoas que apreciavam a elegância e a inovação estilísticas, usam o termo. A LTI, e com predileção especial o próprio Führer, usam "único" amiúde e muito levianamente, de modo que seu aspecto numérico aparece de maneira cômica. Logo após a campanha da Polônia, doze oficiais foram promovidos a marechais-de-campo por seus atos de heroísmo "únicos". Cada um demonstrou valor em uma batalha específica? Doze acontecimentos "únicos" e doze marechais "únicos" equivalem a uma dúzia? (A partir daí a mais alta patente militar, de marechal-de-campo, é depreciada e se cria uma nova patente suprema, de marechal-do-Reich.)

Mas os superlativos numéricos correspondem apenas a um grupo específico de superlativos. Pode-se dizer que esta é a forma linguística mais usada pela LTI, o que é fácil de compreender, pois o superlativo é o melhor instrumento à disposição do orador e do agitador, a forma propagandística por excelência. Por isso o Partido Nazista reservou para si o seu uso, tolhendo por decreto a propaganda comercial: em outubro de 1942, disse-me Eger, nosso vizinho de quarto naquela época (no passado, proprietário de uma das mais conceituadas lojas de moda em Dresden; naquele momento, operário de fábrica, logo em seguida fuzilado por "tentativa de fuga"), uma circular proibira o uso do superlativo em anúncios comerciais.

— Se, por exemplo, alguém escrevesse: "O senhor será atendido pelos melhores especialistas", era preciso trocar por "pessoal bem treinado".

Além do superlativo dos números e de palavras assemelhadas, podemos distinguir três tipos de superlativos, todos usados em profusão: a forma regular do superlativo dos adjetivos, as expressões isoladas que têm um valor superlativo inerente ou às quais se pode atribuir um valor superlativo, e as frases impregnadas de superlativos.

Os superlativos regulares possuem um encanto especial quando são muito usados. Quando, há pouco, apresentei a versão "nazificada" da piada do elefante, lembrava-me da frase usada pelo generalíssimo Brauchitsch,[288] em seu tempo, para "apimentar" uma ordem militar: os melhores soldados do mundo receberam as melhores armas do mundo fornecidas pelos melhores trabalhadores do mundo.

Ao lado das formas regulares de superlativo, aqui se encontra a palavra recheada de conteúdo superlativo, tal como a LTI

[288] Walter von Brauchitsch (1881-1948), marechal-de-campo alemão. Sucedeu von Fritsch em 1938 no comando do Exército do Reich e permaneceu no posto até 1941.

usava no cotidiano. Quando, em ocasiões muito solenes, os poetas da corte celebravam a fama do Rei Sol no estilo afetado do século XVII, diziam que *l'univers* [o Universo] o contemplava. A cada discurso, a cada manifestação de Hitler, durante todos os doze anos — pois ele só se calou no final —, sempre veio à tona a seguinte manchete como estereótipo oficial: *Die Welt hört auf den Führer* [o mundo escuta o Führer]. Quando se vencia uma batalha grande, dizia-se que fora "a maior batalha" da *Weltgeschichte* [história universal]. Sozinha, porém, a palavra "batalha" rende pouco: travavam-se "batalhas de aniquilação". (De novo se aposta despudoradamente no esquecimento das massas: quantas vezes se elimina o inimigo cuja morte já foi anunciada antes!)

Welt [mundo] sempre é um bom prefixo para o superlativo: o Japão, país aliado, evolui de grande potência para *Weltmacht* [potência mundial]. Judeus e bolcheviques são *Weltfeinde* [inimigos mundiais]. Encontros entre o Führer e o Duce são *welthistorische Stunden* [momentos importantes da história mundial]. Outra palavra com sentido superlativo semelhante a *Welt* é *Raum* [espaço, região]. Desde a Primeira Guerra Mundial não se diz mais a batalha de Königgrätz ou de Sedan, mas *Die Schlacht im Raume von...* [a batalha que ocorreu na região de...], o que indica a extensão dos combates. A ciência da geopolítica, favorável ao imperialismo, também pode ter contribuído para o uso frequente dessa palavra. Na representação do espaço há a sensação sedutora do ilimitado. Em 1942, ao prestar contas, um *Reichskomissar* [comissário do Reich] afirma que nos últimos mil anos *der ukrainische Raum* [o espaço ucraniano] "nunca fora tão bem administrado, com tanta justiça, magnanimidade e modernidade como agora sob a direção da nossa Grande Alemanha nacional-socialista". "Espaço ucraniano" se encaixa melhor do que simplesmente "Ucrânia" no superlativo milenar e soa melhor com a tríade de substantivos abstratos.

Großzügig [magnânimo] e *großdeutsch* [grande alemão] são termos muito antigos, usados para enfatizar a grandiloquência das frases. A LTI abusou de tal forma do sufixo *groß* [grande] — por exemplo, *Großkundgebung* [grande manifestação], *Großoffensive* [grande ofensiva], *Großkampftag* [dia da grande batalha] etc. — que ainda durante o período nazista o líder nacional-socialista Börries von Münchhausen protestou contra essa prática.

Além de *Welt* e *Raum*, *historisch* [histórico] é outra palavra carregada de sentido superlativo e usada com exagero. É *historisch* o que se instala por longo tempo na memória de um povo ou da humanidade, passando a exercer influência duradoura. Na LTI, porém, *historisch* é atribuído a todas as ações dos dirigentes nazistas, civis ou militares, mesmo as mais óbvias. Para os discursos e decretos de Hitler tem-se à disposição o supersuperlativo *welthistorisch* [de importância histórica mundial]. Qualquer bravata serve para impregnar frases inteiras com teor superlativo.

Escuto no rádio da fábrica uma frase qualquer, pronunciada em uma manifestação no Palácio de Esportes de Berlim. É verão de 1943, Goebbels e Speer discursam. Começa assim: "A grande manifestação será transmitida pelas emissoras do Reich. As emissoras do protetorado,[289] da Holanda, França, Grécia, Sérvia... e dos Estados aliados, Itália, Hungria e Romênia, estão em rede." Isso continua por algum tempo. Obtém-se assim um efeito superlativo ainda mais forte no imaginário popular do que com a manchete *Die Welt hört auf den Führer* [o mundo escuta o Führer], porque aqui se vê o mapa-múndi nazista. Depois de Speer apresentar cifras descomunais referentes a armamentos, Goebbels exalta ainda mais os suces-

[289] Os nazistas chamavam a atual República Tcheca e a atual Eslováquia, que mantinham sob ocupação desde 1938, de "protetorado da Boêmia-Morávia".

sos alemães, contrapondo a exatidão das estatísticas alemãs à "acrobacia judaica dos números" dos inimigos.

Contar vantagens e desprezar: não há um só discurso do Führer que não abuse exaustivamente de ambas as coisas, enumerando de maneira prolixa as próprias proezas e xingando depreciativamente o adversário. O estilo áspero de Hitler era polido por Goebbels em uma retórica refinada. A forma mais medonha de malversação do superlativo se deu em 7 de maio de 1944. É iminente o desembarque das forças anglo-americanas no litoral do Atlântico e vem escrito no *Reich*: "A maior preocupação do povo alemão é que a invasão não se realize... Se o inimigo quiser iniciar esse empreendimento impensado, com tanta frivolidade, então, boa-noite!"

Para quem vê as coisas retrospectivamente, é o cúmulo do espanto. Será que um leitor atento, na época, não poderia perceber o desespero por trás dessa máscara de certeza absoluta na vitória? A maldição do superlativo não apareceu aqui com clareza?

Essa maldição está presente em todas as línguas. Em toda parte, o exagero permanente pede novos excessos que, de tão reforçados, conduzem ao ceticismo e, finalmente, à descrença. Isso ocorre em toda parte, mas algumas línguas são mais propensas ao superlativo que outras: nos países latinos, nos Bálcãs, no Extremo Oriente e provavelmente também na América do Norte toleram-se doses de superlativo mais elevadas do que na Alemanha. O que nesses outros países se sente como uma leve e agradável elevação de temperatura aqui se sente como uma febre. Talvez seja essa a razão, ou uma razão a mais, de o superlativo ter invadido a LTI com tamanho ímpeto: epidemias grassam com mais virulência quando aparecem pela primeira vez.

Hoje se pode dizer que no século XVII, sob influência ítalo-espanhola, a Alemanha conheceu essa doença da linguagem; mas a ostentação daquela época foi um tumor benigno

destituído da intenção venenosa de usar deliberadamente a demagogia contra o povo.

O superlativo maligno da LTI é um fenômeno sem precedentes na Alemanha. Por isso seus efeitos são devastadores desde o primeiro momento. Faz parte de sua natureza reforçar-se continuamente até atingir o nível da insensatez e da ineficácia, produzindo efeitos opostos à sua intenção. Quantas vezes anotei em meus *Diários* que essa ou aquela frase de Goebbels era uma mentira descarada e que ele não podia ser considerado um gênio da propaganda? Quantas vezes fiz piadas sobre seu *Maul und Stirn* [miolo mole e cara dura]? Quantas vezes escrevi insultos amargos como reação às suas mentiras desavergonhadas que pretendiam representar a "voz do povo" e recuperar o ânimo?

Não há uma *vox populi* [voz do povo], mas *voces populi* [vozes do povo]. A verdadeira é aquela que determina o rumo dos fatos, o que só podemos perceber *a posteriori*. Nem dá para afirmar, com segurança, se todos os que riram ou se indignaram com as mentiras descaradas de Goebbels permaneceram imunes a elas. Durante o período em que fui professor em Nápoles, quantas vezes ouvi dizer de tal ou qual jornal *è pagato* [é pago], ou seja, mente para agradar a quem o controla. No dia seguinte, as mesmas pessoas que tinham gritado *Pagato!* acreditavam de pés juntos em outras mentiras publicadas no mesmo jornal. Por quê? Porque eram publicadas com letras graúdas e outras pessoas acreditavam nelas.

Em 1914 eu achava que isso se devia à ingenuidade e ao temperamento dos napolitanos. Afinal, já em Montesquieu aparece: *Plus peuple qu'ailleurs* [Lá se é mais povo do que em outros lugares]. Desde 1933 estou seguro do que sempre supus mas não queria admitir: é fácil criar esse *plus peuple qu'ailleurs* em qualquer lugar. No psiquismo de cada pessoa culta há uma porçãozinha de alma que é povo. Em algum momento minha acuidade crítica não será capaz de me defen-

der das mentiras — a qualquer momento serei dominado pela mentira que me bombardeia por todos os lados, quando deixarem de existir à minha volta aqueles que ainda duvidam da mentira, inicialmente poucos, cada vez menos, até desaparecerem todos.

Não, a maldição do superlativo não é tão simples como seria de supor pela lógica. É certo que a bravata e a mentira acabam se sufocando e sendo reconhecidas como tais; no final, para muitos, a propaganda de Goebbels havia se tornado uma bobagem ineficaz. Mas também é certo que a propaganda, mesmo quando reconhecida como mentira e bravata, continua a surtir efeito, desde que se tenha o descaramento e a cara dura de sustentá-la de maneira imperturbável. A maldição do superlativo nem sempre é autodestrutiva, mas quase sempre destrói o intelecto daqueles que se contrapõem a ela. Talvez Goebbels fosse mais esperto do que eu estava disposto a aceitar. A bobagem ineficaz talvez não fosse nem tão boba nem tão ineficaz.

Diários, 18 de dezembro de 1944: à hora do almoço o rádio transmitiu uma notícia extraordinária, a primeira há muitos anos! Bem no estilo dos tempos da ofensiva e das "batalhas de aniquilação": "Lançamos um grande ataque-surpresa a partir de posições fortificadas no Atlântico [...] depois de uma breve mas potente salva de artilharia [...] tomamos de assalto a primeira posição americana..." Por trás disso tudo mal se esconde um blefe desesperado. Lembro do final de *Don Carlos*, de Schiller: "Que esta seja minha última impostura. — É a tua última."

20 de dezembro de 1944: Goebbels fala há semanas do esforço alemão de resistência. Segundo ele, a imprensa aliada estaria chamando isso de "milagre alemão". É miraculoso. A guerra ainda pode durar muitos anos...

CAPÍTULO 31

INTERROMPER O IMPULSO AO MOVIMENTO

Em 19 de dezembro de 1941 o Führer, agora já também generalíssimo, dirige um apelo ao *front* do Leste. As palavras mais importantes foram mais ou menos estas: "Depois de vitórias eternas e sem precedentes na história da humanidade, lutando contra o mais perigoso inimigo de todos os tempos, agora os exércitos do Leste devem interromper *aus dem Zug der Bewegung* [o impulso ao movimento] para iniciar uma guerra de posição, por causa da brusca chegada do inverno. Meus soldados! Vocês vão entender, meu coração é todo seu... mas meus pensamentos e minha determinação estão totalmente voltados à aniquilação do inimigo, ao final vitorioso da guerra... Deus, Nosso Senhor, não negará a vitória aos seus soldados mais intrépidos!"

Essa exortação assinala uma reviravolta decisiva não somente na história da Segunda Guerra Mundial, mas também na história da LTI. Como guinada linguística, representa uma dupla sinalização no habitual tecido de presunções, aqui levadas ao delírio.

A exortação fervilha de superlativos de triunfo, mas o presente se transformou em futuro. Desde o início da guerra vê-se por toda parte um anúncio coberto de bandeiras com esta mensagem otimista: *Mit unsern Fahnen ist der Sieg!* [A vitória está com nossas bandeiras!]. Até então se dizia aos aliados que eles tinham sido definitivamente vencidos, especialmente os russos, e que jamais conseguiriam voltar à ofensiva depois das derrotas iniciais. Eis que agora a vitória é postergada para um tempo indefinido, sendo necessário colocá-la nas mãos de Deus. Daí em diante a palavra *Endsieg* [vitória final] ganha força como expressão de nostalgia e de espera, por meio da

fórmula usada pelos franceses na Primeira Guerra Mundial: *on les aura* [vamos pegá-los]. Traduzida como "a vitória será nossa", foi usada em um cartaz e em um selo que mostra a águia do Reich tentando capturar a cobra inimiga.

A reviravolta não se manifesta só no tempo dos verbos. Os grandes esforços não conseguem dissimular que "avançar" se transformou em "retroceder"; buscam-se posições em que se agarrar. *Bewegung* [movimento] se cristalizou em *Stellungsfront* [*front* de trincheiras]: na LTI essa palavra significa muito mais do que em qualquer outra língua. Em inúmeros textos e artigos, em inúmeras expressões e diferentes contextos sempre nos disseram que *Stellungskrieg* [guerra de trincheiras] era um erro, uma fraqueza, um pecado que o Exército do Terceiro Reich jamais cometeria, agora ou em qualquer tempo, pois *Bewegung* era a quinta-essência do nacional-socialismo, sua característica principal, sua vida; depois da *Aufbruch* [partida], palavra sagrada da LTI e emprestada do romantismo, jamais haveria sossego. Não havia espaço para ceticismo, ponderação, *willenschwach* [fraqueza], coisas do regime anterior. Não se devia deixar as coisas exercerem influência sobre nós, e sim influenciá-las, conforme a *Gesetz des Handelns* [lei da ação] criada por Clausewitz e usada na guerra *ad nauseam*, até cair no ridículo. Em estilo pomposo, para exibir cultura, é preciso ser *dynamisch* [dinâmico].

O futurismo de Marinetti[290] influenciou o fascismo italiano e também os nacional-socialistas. Um expressionista alemão chamado Johst, amigo de diversos escritores que se tornaram comunistas, foi presidente da Academia de Letras do

---

[290] Marinetti (1876-1944), escritor italiano e ativo participante no movimento artístico denominado futurismo nas primeiras duas décadas do século XX. Seus seguidores foram adeptos do fascismo, mas se afastaram de Mussolini quando ele se tornou ditador. Esteve no Brasil em 1923.

Reich. *Tendenz* [tender a], um movimento vigoroso dirigido a um objetivo, tornou-se o mandamento absoluto, elementar e universal. Movimento é de tal forma a essência do nazismo que ele se denomina *die Bewegung* [o movimento]. Munique, sua cidade natal, passou a ser chamada *die Hauptstadt der Bewegung* [a capital do movimento]. Apesar do hábito de procurar palavras sonoras e excessivas para descrever tudo que considera importante, o nazismo manteve a singeleza do termo movimento, que lhe é tão caro.

Um desejo de movimento e ação domina o vocabulário da LTI. *Sturm* [ímpeto, assalto] está presente no início e no fim: começou com as SA, *Sturmabteilungen* [divisões de assalto], e quando chegou finalmente à *Volkssturm* [milícia popular],[291] variação da *Landsturm* de 1813,[292] tudo praticamente tinha acabado. As SS possuíam o *Reitersturm* [assalto de cavalaria], o Exército as *Sturmtrupps* [tropas de assalto] e os *Sturmgeschütze* [canhões de assalto], e o nome do jornal publicado para atiçar o ódio contra os judeus era *Der Stürmer* [Aquele que Assalta].

As primeiras ações heroicas das SA chamaram-se *Schlagartige Aktionen* [ações fulminantes], e o jornal de Goebbels chamava-se *Angriff* [ataque]. A guerra tinha de ser uma *Blitzkrieg* [guerra-relâmpago]. De modo geral, o jargão dos esportes nutre a linguagem cotidiana da LTI.

A vontade de agir produz novos verbos. Livrar-se dos judeus era *entjuden* ["desjudaizar"]. Passar todos os negócios para as mãos dos arianos era *ariesieren* ["arianizar"]. Purificar o sangue dos antepassados requeria *aufnordnen* ["torná-

---

[291] Por meio de decreto datado de 25 de setembro de 1944, quando a guerra se aproximava do fim, Hitler promulgou a ordem de criar a *Volkssturm*, uma tropa militar formada por homens entre 16 e 60 anos.

[292] Referência à decisão da Prússia, em 1813, de incorporar ao Exército todos os homens de 17 a 50 anos.

lo mais nórdico"]. Verbos intransitivos passam a ser transitivos para acompanhar as novas possibilidades da tecnologia. Emprega-se *fliegen* [voar] quando se "pilota" uma máquina grande e quando se transporta por aviões; botas e provisões "voam". A mesma coisa com o verbo *frieren* [congelar]: congelam-se verduras, quando antigamente se tratava de resfriá-las, o que era muito mais sutil.

Aqui aparece também a intenção de se exprimir de maneira mais sucinta e mais rápida. A mesma intenção transforma o *Berichterstatter* [correspondente da imprensa] em *Berichter* [correspondente], o *Lastwagen* [caminhão] em *Laster* ou LKW [abreviatura de *Lastkraftwagen*, outra palavra para caminhão], o *Bombenflugzeug* [avião bombardeiro] em *Bomber* [bombardeiro]. No limite, substitui a palavra pela abreviatura. Assim a sequência *Lastwagen*, *Laster* e LKW corresponde a uma gradação normal, que evolui, em um *crescendo*, do positivo ao superlativo. A preferência pelo superlativo e, de modo geral, toda a retórica da LTI decorrem do princípio do movimento.

Agora, porém, é preciso mudar tudo, passando do movimento à paralisia, ou melhor, ao retrocesso! Charlie Chaplin consegue seu efeito de maior comicidade quando, durante uma fuga precipitada, imobiliza-se subitamente como se fosse uma figura de cera ou uma estátua. A LTI não pode cair no ridículo. Precisa disfarçar o fato de que o seu *Aufwärts!* ["Para frente e para o alto!"] se tornou *Abwärts!* ["Meia-volta, volver!"]. Não pode admitir que esse discurso dirigido às tropas do Leste marque sua fase final. É óbvio que sempre se procurou dissimular: desde a Primeira Guerra Mundial a palavra *Tarnung* [disfarce], dos contos da carochinha, tornou-se uma expressão consagrada. Até aqui, porém, o que se encobria era o ato criminoso. A partir de agora se encobre a impotência: *Seit heute morgen erwidern wir das Feuer des Gegners* [Hoje, desde cedo, revidamos o fogo inimigo], dizia o boletim de guerra.

É preciso evitar a expressão *Stellungsfront* [*front* de trincheiras], contrária ao princípio do Terceiro Reich e de triste memória na Primeira Guerra Mundial. Também se deve esconder tanto quanto possível que os repolhos daqueles tempos terão de retornar às mesas. A LTI ganha uma expressão nova, que começa a aparecer constantemente: *beweglicher Verteidigungskrieg* [guerra de defesa em movimento]. Já que temos de admitir que agora somos forçados a nos defender, pelo menos podemos preservar a nossa autenticidade, graças à expressão "móvel", "em movimento". Não nos defendemos no espaço restrito de uma trincheira; combatemos com ampla liberdade espacial em uma fortaleza de dimensões gigantescas. Nossa fortaleza se chama Europa, e durante muito tempo se fala do *Vorfeld* [campo avançado][293] da África. Do ponto de vista da LTI, *Vorfeld* é uma palavra duplamente feliz, pois, de um lado, significa que ainda temos liberdade de movimento; de outro, significa que, se quisermos, podemos abandonar nossa posição na África sem que isso represente uma perda significativa. Mais tarde, a "fortaleza Europa" se tornará "fortaleza Alemanha" e bem no final passará a ser "fortaleza Berlim", pois o Exército alemão não deixou de se movimentar, nem mesmo nos últimos tempos da guerra.

Nunca se disse que se tratava de uma retirada contínua, sempre encoberta por sucessivos véus. Os termos *Niederlage* [derrota], *Rückzug* [retirada] e *Flucht* [fuga] nunca foram pronunciados. Em vez de *Niederlage* dizia-se *Rückschlag* [revés], que aparenta ser menos definitivo; em vez de *Flucht* usava-se *vom Feind absetzen* [distanciar-se do inimigo]. O inimigo nunca conseguia *durchbrechen* [penetrar], apenas *einhbrechen* [irromper]; na pior das hipóteses havia *tiefe Einhbrüche* [irrupções profundas], sempre contidas ou bloqueadas, pois o

[293] Ao pé da letra, é a área que fica defronte e antecede o campo onde será travada a batalha.

nosso *front* tinha elasticidade. De tempos em tempos, para negar que o inimigo estivesse em vantagem, assumíamos por vontade própria um *Frontverkürzung* [encurtamento do *front*] ou uma *Frontbegradigung* [retificação do *front*].

Enquanto essas medidas estratégicas ocorriam no exterior era possível esconder do povo a gravidade da situação. Na primavera de 1943, no *Reich* do dia 2 de maio, Goebbels inovou ao lançar um diminutivo gracioso: "Em alguns pontos periféricos das operações de guerra padecemos de *anfällig sein* [ligeira fragilidade]." *Anfällig* se diz de pessoas suscetíveis a resfriados, a distúrbios estomacais, mas não de pessoas seriamente doentes ou que estejam enfrentando uma situação crítica. Goebbels tratou essa "fragilidade" como uma sensibilidade excessiva do nosso lado e uma fanfarronice dos inimigos: "Os alemães, mimados por tantas vitórias, reagem intensamente a qualquer revés, enquanto os inimigos, habituados a ser golpeados, alardeiam com grande exagero o mais insignificante sucesso periférico."

A abundância de eufemismos é tanto mais espantosa quanto mais intenso é seu contraste com a visceral pobreza da LTI. De fato, havia até mesmo algumas metáforas esparsas, embora não fossem criação da LTI. Seguindo o modelo do "general Danúbio", que em Aspern[294] se interpôs no caminho do marechal Napoleão, o marechal Hitler copia o "general *Winter*" [inverno], que passa a ser uma personalidade muito citada. Lembro-me somente do "general *Hunger*" [fome], mas com certeza ouvi muitas outras alegorias de generais. Dificuldades que não podiam ser negadas eram chamadas de *Engpass* [gargalo], expressão quase tão bem escolhida quanto *Vorfeld*, pois também insinuava a ideia de movimento (de quem quer forçar passagem). Certa vez, um correspondente dotado de

---

[294] Aldeia austríaca no distrito de Viena onde ocorreu a batalha de Aspern em 1809. "General Danúbio" é uma referência irônica ao rio que impediu o avanço das tropas de Napoleão.

refinado senso linguístico ressaltou esse aspecto, devolvendo a expressão ao sentido original, apagado pela metáfora. Relatou que um comboio de blindados se aventurara a passar por um gargalo entre dois campos minados.

Esses eufemismos suaves, usados para descrever situações graves, duraram muito tempo, já que os inimigos, em contraste com o hábito alemão da *Blitzkrieg*, empreendiam somente *Schneckenoffensive* [ofensiva de lesmas] e avançavam em *Schneckentempo* [ritmo de lesma]. Somente no último ano de guerra, quando não havia mais como esconder a tragédia, ela recebeu um nome um pouco mais claro, mesmo assim ainda ambíguo. As derrotas passaram a ser chamadas de "crises", mas a palavra nunca aparecia sozinha: ou se desviava a atenção da Alemanha para a "crise mundial" ou para a "crise dos *Abendländer*" [países ocidentais], ou se usava uma expressão que logo se tornou um estereótipo: *gemeisterte Krise* [crise administrada]. "Administrar" consistia em resgatar, expressão usada para dizer que alguns regimentos haviam escapado aos cercos nos quais divisões inteiras haviam sido perdidas. Também se "administrava" a situação quando não se admitia ter sido empurrado pelo inimigo para dentro das fronteiras alemãs, preferindo-se dizer que se havia permitido que eles entrassem no território alemão para exterminar os que avançassem mais. "Nós os deixamos entrar. Em 20 de abril[295] haverá grandes mudanças." Ouvi isso em abril de 1945.[296]

Finalmente chegou a "nova arma", cristalizada em uma fórmula, a letra V, convertida em palavra mágica, dotada do poder fabuloso do superlativo. Se o V1 não deu certo, se o V2 permaneceu sem efeito, por que não perseverar na esperança do V3 e do V4?[297]

---

[295] Data do aniversário de Hitler.

[296] A Alemanha se rendeu em 7-8 de maio de 1945.

[297] V1 e V2 foram foguetes desenvolvidos pelos alemães. Disparados do continente, os V2 atingiam Londres.

Eis o último grito de desespero de Hitler: "Viena será novamente alemã, Berlim continuará alemã e a Europa jamais será russa." Agora que seu poder acabou, ele suprime até mesmo aquele tempo futuro da vitória final, que há muito substituíra o tempo presente original. "Viena será novamente alemã" — é preciso sugerir aos crédulos que o impossível ainda pode ocorrer. Um dos "V" haverá de conseguir!

Revanche estranha da letra mágica: "V" foi inicialmente o sinal de reconhecimento entre os combatentes clandestinos na Holanda ocupada: significava *Vrijheid* [liberdade]. Os nazistas apropriaram-se desse sinal, deram-lhe o sentido de "vitória" e despudoradamente impingiram à antiga Tchecoslováquia, país tiranizado com mais crueldade do que a Holanda, ter sempre à vista nos selos postais, nas portas dos automóveis, nos vagões dos trens, em toda parte, em lugar bem visível, esse sinal fraudulento de vitória. Então, na fase final da guerra, o "V" passou a representar a abreviatura de *Vergeltung* [represália, desforra], emblema da "nova arma" que deveria nos vingar e pôr fim ao sofrimento infligido à Alemanha. Mas os aliados avançavam inexoravelmente. Não houve oportunidade de lançar outras armas "V" sobre a Inglaterra, tampouco de proteger as cidades alemãs das bombas inimigas. Quando nossa Dresden foi destruída, não houve sequer um disparo defensivo, nenhum avião alemão decolou... A represália chegou, mas contra a Alemanha.

CAPÍTULO 32

BOXEAR

Em uma carta, Rathenau menciona que ele fora favorável a uma paz negociada, contra a qual Ludendorff[298] se insurgira para *auf Sieg kämpfen* [lutar até a vitória], conforme sua própria expressão. A linguagem provém do turfe, onde se aposta ou para vencer ou por uma boa classificação. Rathenau, um esteta, critica essa expressão, colocando-a entre aspas, indignado com seu uso em questões bélicas, apesar de originar-se de um esporte apreciado pela antiga aristocracia e pelos grupos mais feudais do corpo de oficiais. Havia tenentes e capitães de cavalaria cujos sobrenomes pertenciam às famílias mais aristocratas. Para o senso refinado de Rathenau, isso não servia como atenuante para a grande diferença entre jogos esportivos e a gravidade sangrenta da guerra.

O Terceiro Reich se empenhou em ocultar essa diferença. Jogos pacíficos, criados para preservar a saúde do povo, que aparentavam um ar de inocência, tornaram-se treinamentos bélicos, tratados na consciência popular como coisas tão sérias como a guerra. Aos olhos de Hitler, os acadêmicos da recém-criada Escola Superior de Esportes eram no mínimo tão importantes quanto os outros acadêmicos, ou mais importantes ainda. Essa avaliação era corroborada e encorajada em meados da década de 1930 pelos nomes atribuídos às marcas de cigarros: fumava-se *Sportstudent* [estudante que pratica esportes], *Wehrsport* [esporte de defesa],[299] *Sportbanner* [porta-bandeira do esporte] e *Sportnixe* [ninfa do esporte].

---

[298] Erich von Ludendorff (1865-1937), general alemão, chefe do estado-maior entre 1916 e 1918, durante a Primeira Guerra Mundial.

[299] O *Dicionário Porto* traduz, significativamente, como "preparação militar".

Outro elemento que contribuiu para a popularização e glorificação do esporte foi a Olimpíada de 1936 em Berlim. Nesse evento internacional o Terceiro Reich fez muita questão de que o mundo o visse como a liderança cultural do mundo civilizado. Como a proeza física era colocada no mesmo pedestal que a cultural, ou até mesmo acima, a Olimpíada foi tratada com tanto destaque que até o preconceito racial ficou em segundo plano no meio do deslumbramento, como foi o caso da campeã de florete, a judia Hélène Meyer, conhecida como *die blonde He* [a loura He], autorizada a disputar para arrebatar essa vitória para a Alemanha, e o campeão de salto, um negro americano[300] que foi festejado como se um nórdico ariano tivesse conseguido um feito magistral. A revista *Berliner Illustrierte* mencionou o "tenista mais genial do mundo", para logo em seguida comparar seriamente uma vitória olímpica às ações de Napoleão.

O prestígio conferido à indústria automobilística — fosse pelas *Strassen des Führers* [estradas do Führer] ou pelas corridas dentro e fora do país, apresentadas como feitos heroicos — concede ao esporte uma terceira forma de valorização e ampliação de seu prestígio. Tudo que fortalece os esportes militares e as Olimpíadas ocupa o centro das atenções, desviando a atenção do problema crucial do desemprego.

Antes que os esportes de defesa, as Olimpíadas e as "estradas do Führer" pudessem entrar em cena, Hitler já nutria uma paixão simples e brutal. Em *Mein Kampf*, quando discute os "fundamentos pedagógicos do Estado *völkisch* [racial]" e trata os esportes detalhadamente, estende-se mais longamente sobre o boxe. Suas considerações culminam com a frase: "Se toda a nossa elite intelectual, em vez de ter tido uma formação tão grã-fina, tivesse aprendido a lutar boxe, jamais teria ocorrido uma revolução alemã de cafetães, desertores e outros

[300] Klemperer refere-se a Jesse Owens.

canalhas." Pouco antes, Hitler defendeu o boxe da acusação de ser um esporte brutal, talvez com razão, pois não sou especialista no assunto; entretanto, sua maneira raivosa de falar transforma esse esporte em uma atividade boçal (não proletária, não popular).

Tudo isso tem de ser levado em consideração quando se pretender captar o papel que os esportes tiveram nos textos de Goebbels, *unser Doktor* [nosso doutor]. Há anos Goebbels é chamado de dr. Goebbels, há anos ele próprio assina os artigos como doutor, e no partido esse título alcança o mesmo prestígio que tinha na época dos doutores fundadores da Igreja.[301] Nosso doutor é o formador de opinião e constrói a linguagem das massas, mesmo que tome de empréstimo alguns chavões do Führer e mesmo que Rosenberg, como filósofo do partido, esteja à frente de uma instituição que compreende, entre outros, um Instituto para Pesquisa do Judaísmo.

Goebbels lança seu princípio diretor em 1934 na *Parteitag der Treue* [Convenção Partidária da Lealdade], que recebeu esse nome para apagar qualquer vestígio da revolta do general Röhm: *Wir müssen die Sprache sprechen, die das Volk versteht. Wer zum Volke reden will, muß, wie Martin Luther sagt, dem Volk aufs Maul sehen* [Temos de falar a língua que o povo compreende. Quem quiser se comunicar com o povo tem de fazer como Martinho Lutero dizia, olhar para a fuça do povo]. O local de onde o conquistador e *Gauleiter* da capital do Reich — mesmo no final, quando Berlim já não passava de uma capital moribunda, em frangalhos, isolada do mundo, quando várias partes do Reich havia muito estavam nas mãos dos inimigos —, o local de onde Goebbels mais se dirige aos berlinenses é o *Sportpalast* [Palácio dos Esportes], e a linguagem que lhe parece mais próxima do povo, e à qual ele recorre com mais facilidade, é a do esporte. Nunca lhe passou pela cabeça

---

[301] Alusão a Martinho Lutero, também chamado de doutor.

que é uma afronta comparar o heroísmo militar com o desempenho esportivo. Guerreiro e esportista se encontram no *Gladiatorentum* [ser gladiador], sinônimo de heroísmo.

Para ele, toda disciplina do esporte é válida como forma de expressão. Essas palavras lhe soam tão familiares, acostuma-se tanto com o uso de metáforas esportivas, que deixa de perceber seu aspecto metafórico. Eis uma frase de setembro de 1944: *Uns wird der Atem nicht ausgehen, wenn es zum Endspurt kommt* [Não nos faltará fôlego quando chegar a etapa final]. Ao dizer isso, não creio que Goebbels tivesse diante de si a imagem do ciclista ou do fundista no momento do último esforço. Afirmava com segurança que o campeão seria "aquele que alcançasse a fita de chegada, mesmo que fosse somente uma cabeça na frente dos outros". Nesse caso o detalhe sugere que ele usa a imagem de modo verdadeiramente metafórico, lembrando o final de uma corrida de cavalos. Em outra ocasião assistimos em sua fala a uma partida inteira de futebol com todos os seus termos técnicos. Em 18 de julho de 1943, Goebbels escreveu no *Reich*: "Da mesma forma que o estado de ânimo dos vencedores de um jogo de futebol é diferente quando entram e deixam o campo, assim também se sentirá um povo se uma guerra terminou ou se começou... Nesse estágio [inicial] da guerra, o conflito militar não podia de jeito nenhum ser considerado aberto. Combatíamos exclusivamente na grande área do inimigo..." Agora pedem que os parceiros do Eixo capitulem![302] "É como se o capitão de um time perdedor exigisse que o time vencedor, ganhando a partida de 9 x 2, se retirasse de campo. Qualquer time que concordasse com isso exporia seus jogadores ao ridículo e eles mereceriam ser humilhados. O jogo estava ganho, faltando somente garantir a vitória."

[302] Mussolini foi destituído em 25 de julho de 1943. O Partido Fascista italiano foi dissolvido três dias depois.

Às vezes o nosso doutor mesclava expressões de diversos esportes. Em setembro de 1943 ele ensina que não se demonstra força somente batendo, mas também encaixando golpes. A principal preocupação é jamais mostrar as pernas bambas. "Senão", ele continua, mudando do boxe para o ciclismo, "corremos o risco de ficar para trás, *abgehängt* [subordinados]."

A maioria das imagens, as mais fáceis de ser lembradas e as mais brutais, sempre foram tiradas do boxe. Eis a frase que Goebbels encontrou para expressar coragem após a tragédia de Stalingrado, que tantas vidas custou: "Depois de passar um pano nos olhos para limpar o sangue, enxergar melhor e partir para o próximo *round*, estaremos de novo com as pernas firmes." Poucos dias depois: "Um povo que até agora só lutou boxe com a mão esquerda, protegendo a direita para usá-la sem piedade no próximo *round*, não tem motivos para conciliações." Na primavera e no verão seguintes, quando as cidades alemãs estavam desmoronando, com os moradores tendo de fazer sob escombros os enterros uns dos outros, quando a esperança na vitória final dependia das ilusões mais absurdas, Goebbels encontrou as seguintes imagens para a situação: "Depois de ter alcançado o título mundial de pugilismo, um boxeador não fica mais fraco, mesmo que o adversário lhe tenha quebrado o nariz." E: "O que faria até mesmo um senhor elegante se fosse atacado por três maus elementos que estivessem mais interessados em nocauteá-lo do que em seguir as regras do boxe? Tiraria o paletó e arregaçaria as mangas."[303] Essa é a imitação mais grosseira da admiração plebeia pelo boxe, a admiração que Hitler explora. O que se encontra por trás dela, escondida mas bem nítida, é a promessa vã da arma nova, desconhecida.

Quero fazer justiça a todas as grosserias da propaganda de Goebbels: a duração e a extensão de seus efeitos falam por si.

---

[303] Essa expressão foi usada com frequência no discurso nazista.

Mas não creio que as figuras do boxe tenham atingido seus objetivos. É certo que tornaram popular a figura do nosso *Doktor*, bem como da guerra, mas em um sentido diferente do pretendido: elas esvaziaram o que havia de heroico, ofereceram brutalidade e, por fim, veio a indiferença própria dos mercenários...

Em dezembro de 1944 o *Reich* publicou um artigo encorajador do renomado escritor Schwarz van Berk. Sua reflexão era apresentada de maneira desapaixonada: "Poderá a Alemanha perder por pontos essa guerra? Digo que não." Seria incorreto falar aqui de um coração brutal, como nas frases que Goebbels encontrou para o desastre de Stalingrado. Mas desapareceu todo o sentimento da imensa distância que separa o boxe e a guerra. Esta última perdeu a grandeza trágica...

Vox populi... sempre de novo a questão. Entre os que vivenciaram tudo isso, qual será a voz decisiva? Nas semanas finais da nossa fuga, que coincidiu com o fim da guerra, encontramos um grupo que seguia para uma aldeia da Alta Baviera, próximo a Aichach. Estavam ocupados cavando buracos fundos. Ao lado havia os que observavam, alguns mutilados de guerra, de uniforme, tendo somente uma perna ou um braço, outros com idade avançada; começavam uma conversa animada. Ficou claro que eram soldados do *Volkssturm*, que, instalados nos buracos, deveriam usar suas armas para atirar nos veículos inimigos que passassem. Durante esses dias, com tudo em colapso, eu tinha ouvido repetidamente as mais extraordinárias profissões de fé na vitória próxima; mas o que se dizia ali era que não tinha mais sentido resistir, que essa guerra fútil estava por acabar e a derrota era um fato consumado. A conversa seguia assim:

— Pule no buraco.

— Para dentro de minha própria cova?... Eu não.

— E se te ameaçassem com a forca?

— Está bem, então eu desceria, mas levaria uma toalha comigo.

— Todos deveríamos levar, para agitá-la como uma bandeira branca.

— Tenho uma ideia melhor. Eles são americanos, são desportistas. Nós deveríamos jogá-la como se joga a toalha no ringue...

CAPÍTULO 33

GEFOLGSCHAFT[304]

Sempre que ouço a palavra *Gefolgschaft* revejo diante de mim duas imagens da nossa *Gefolgschaftssaal* [sala do pessoal da fábrica] na Thiemig & Möbius. Acima da porta, em letras grandes, lemos *Gefolgschaftssaal*. Às vezes um cartaz fica pendurado na porta: "Judeus!". Na porta do banheiro ao lado há o mesmo cartaz, como uma advertência. Quando isso acontece, providencia-se para a sala, que é muito comprida, uma mesa em formato de ferradura, com as cadeiras correspondentes e os ganchos nas paredes para pendurar casacos. Esses ganchos ocupam a metade do comprimento de uma das paredes longitudinais, enquanto na parede transversal se encontram o púlpito e um piano de cauda. Além disso só há o mesmo relógio elétrico que se vê pendurado em qualquer fábrica ou escritório.

Se os dois cartazes não estiverem mais pendurados, então o púlpito estará coberto por um tecido com a suástica, e bandeirinhas com suásticas enfeitarão uma foto de Hitler. Uma guirlanda entrelaçada com bandeirinhas com suásticas, da altura de uma pessoa, ornamenta toda a sala, rodeando a parede revestida de madeira. Quando isso acontece, a simplicidade de sempre se torna festiva. Nossa meia hora de almoço é mais alegre, pois precisaremos deixar o local quinze minutos mais cedo: logo depois do horário de trabalho a sala será *judenrein* [purificada da presença dos judeus], recuperada assim para seus usos culturais.

---

[304] Comitiva, séquito, grupo de seguidores, partidários, sequazes ou adeptos. Na Idade Média a palavra representava a fidelidade do vassalo ao suserano. Na linguagem nazista significava o conjunto de operários de uma fábrica.

Tudo isso tem a ver, por um lado, com as severas recomendações da Gestapo e, por outro, com o senso humanitário do nosso chefe, o que lhe custou riscos e dissabores, mas para nós valeu um pedaço de salsicha de cavalo da cantina ariana. A Gestapo recomendara a mais severa separação entre os judeus e os empregados arianos. Era difícil ou mesmo impossível cumprir essa determinação durante o trabalho propriamente dito; em contrapartida, a rigidez era maior no vestiário e no refeitório. O sr. M. poderia ter nos enfiado em qualquer porão lúgubre e apertado, mas nos permitia usar a sala de festas, bem mais clara.

Quantos problemas e aspectos da LTI passaram pela minha cabeça nessa sala quando eu ouvia as eternas discussões dos colegas, referindo-se ora à questão básica — sionismo ou, apesar de tudo, a cultura alemã —, ora, com mais frequência e maior amargura, ao privilégio daqueles que não precisavam usar a estrela amarela, ora a questões mais fúteis. Mas o que mais me incomodava, novamente a cada dia, era que nenhuma discussão conseguia apagar a palavra *Gefolgschaft*. Toda a falsidade de sentimentos, característica do nazismo, todo o pecado mortal de mentir conscientemente, transferindo questões da razão para a esfera dos sentimentos, de modo a deformá-las e obscurecê-las deliberadamente, tudo isso me vem à mente quando me lembro dessa sala, onde nas festas se espremia a *Gefolgschaft* dos arianos da fábrica depois que saíamos.

Gefolgschaft! Que tipo de pessoas eram aquelas que se juntavam lá? Eram operários e empregados de escritório que recebiam remuneração correspondente às obrigações contratadas. Entre eles e os empregadores tudo era regido pela lei; era possível, mas inútil e talvez incômodo, que existisse alguma relação de amizade entre os chefes e alguns indivíduos. A regulamentação que governava todos era a lei fria e impessoal. Mas na *Gefolgschaftssaal* essa regulamentação perdia a clareza: *Gefolgschaft*, essa palavra lhes impunha a antiga tradição alemã,

tornando-os vassalos dos patrões, comprometidos com uma dívida diante dos senhores feudais, nobres cavaleiros.

Seria essa metamorfose um jogo inocente?

Claro que não. Dava um sentido guerreiro a um relacionamento pacífico; reprimia a crítica, conduzia ao mesmo princípio inerente à frase espalhafatosa que se lia em todas as faixas e painéis: *Führer, befiehl, wir folgen!* [Führer, ordene e obedeceremos!].

Tudo isso se alcança com o mero retorno à poética do alemão arcaico, por sua antiguidade e por se afastar do cotidiano da língua. Às vezes basta anular uma sílaba para que se altere o estado de espírito de uma pessoa, canalizando seus pensamentos para outro caminho ou mesmo substituindo-os por um estado de espírito crédulo, fácil de comandar. Irrompe a obrigação da fé. A sonoridade de *Bund der Rechtswahrer* [Ordem dos Guardiães da Justiça] é mais solene que a mera *Vereinigung der Rechtsanwälte* [Ordem dos Advogados], *Amtswalter* [intendente] impressiona mais que *Funktionär* [funcionário]. Quando leio *Amtswaltung* [intendência] na entrada de um escritório, em vez de *Verwaltung* [administração], tenho a impressão de algo sagrado. Em qualquer desses escritórios não sou apenas atendido, como o compromisso profissional requer, mas sou *betreut* [orientado]. Aquele que me orienta torna-se credor de uma dívida de gratidão. Tentarei jamais ofendê-lo; não farei qualquer tipo de exigência, muito menos demonstrarei desconfiança.

Será que minha denúncia contra a LTI não está avançando muito? Afinal, *betreuen* [orientar] é uma expressão sempre em uso e *Treuhänder* [fiduciário] é um termo do Código Civil.[305]

[305] O radical *treue* significa fidelidade. Os *Treuhänder der Arbeit* [comissários do trabalho] eram nomeados pelo Estado para acompanhar patrões e empregados. Era mais comum que se colocassem ao lado do patronato. Esse nome também foi dado aos gerentes das empresas expropriadas de proprietários judeus.

É certo que o Terceiro Reich usou o verbo *betreuen* com frequência e extravagância. Durante a Primeira Guerra Mundial os estudantes no Exército eram *versehen* [providos] com material de estudo e frequentavam cursos que visavam a manter atualizada a sua formação. Já na Segunda Guerra Mundial eles eram *fernbetreut* [orientados à distância], e o termo *betreuen* passou a fazer parte de um sistema.

A questão central, objetivo desse sistema, era o *Rechtsempfinden* [sentimento de justiça]. Nunca havia menção ao *Rechtsdenken* [pensamento de justiça], ou ao senso de justiça, mas somente a um *gesundes Rechtsempfinden* [saudável pensamento de justiça], sendo que saudável significava estar de acordo com o desejo e a conveniência do partido. Depois do caso Grünspan[306] o povo foi estimulado a se apoderar dos bens dos judeus, em uma espécie de *gesundes Rechtsempfinden*, devolvendo ao termo *Buße* [penitência] sua leve conotação de alemão antigo.

Para justificar os incêndios bem organizados, especialmente nas sinagogas, era necessário usar palavras mais fortes e de maior alcance. A mera alusão a um pensamento saudável era muito fraca. Assim surgiu uma frase que falava da *kochende Volksseele* [alma do povo em ebulição]. É óbvio que não se tratava de expressão cunhada para uso corrente, mas as palavras *spontan* [espontâneo] e *Instinkt* [instinto] passaram a integrar o patrimônio fixo da LTI. *Instinkt* desempenhou um

---

[306] Herschel Grünspan (1911-1942) era filho de judeus tchecos que foram deportados da Alemanha para a Polônia em 1938. Para chamar a atenção mundial para o problema judeu na Alemanha, matou Ernst von Rath, secretário da embaixada alemã em Paris. O atentado foi vingado com inúmeros *pogroms* [massacre de judeus] e incêndios de sinagogas na chamada *Kristallnacht* [Noite dos Cristais], em 9 de novembro desse ano, em toda a Alemanha. Em 1940 Grünspan caiu prisioneiro dos nazistas e foi enviado para um campo de extermínio, onde morreu em 1942.

papel preponderante até o final do regime: um verdadeiro germano reage quando há um apelo aos instintos. Após 20 de julho de 1944,[307] Goebbels escreve que a tentativa de assassinar Hitler só podia ser explicada em termos de uma *Überwuchern der Kräfte des Instinkts durch solche eines diabolischen Intellekts* [usurpação das forças do instinto por um intelecto diabólico].

Aqui, a preferência da LTI por tudo que tem a ver com emoção e instinto é levada ao cúmulo: a horda de carneiros segue o chefe, mesmo quando ele se lança no mar. (Ou, segundo Rabelais, quando é lançado nele. Quem sabe com que intenção Hitler se lançou no mar de sangue em 1º de setembro de 1939, iniciando a guerra, e até que ponto seus crimes e erros anteriores forçaram-no a entrar nessa aventura insana?) A LTI insiste no aspecto emocional. Só às vezes essa associação com a tradição lhe é útil. Algumas coisas têm de ser levadas em conta. Desde o início foram tensas as relações entre o Führer e grupos nacionalistas que ele enxergava como concorrentes; mais tarde, quando não há mais por que temê-los, usa parcialmente seu conservadorismo e germanismo exacerbado. Da mesma forma, também espera poder contar com o apoio dos trabalhadores da indústria, pois o americanismo e a técnica não podem ser desprezados; mesmo assim, a glorificação do camponês apegado à terra, avesso a inovações, se manteve até o fim. A fórmula nazista *Blubo*[308] foi cunhada para ele, ou melhor, extraída de seu *modus vivendi*.

---

307 Data do frustrado atentado que o conde von Stauffenberg realizou contra Hitler.

308 *Blubo* era uma abreviação de *Blut und Boden* [sangue e terra], expressão que antecede o nazismo, mas foi apropriada por ele. Consta em *Der Untergang des Abendlandes* [A decadência do Ocidente], de Oswald Spengler, de 1918-1922, e em *Das Reich als Republik*, de August Winnig, de 1928, que inicia com *Blut und Boden sind das Schicksal der Völker* [sangue e terra são o destino dos povos]. Em 1930, Walter

A partir do verão de 1944 renova-se de modo triste um termo do baixo-alemão que há tempos pertence à história: *Treck*.[309] Antes disso, sabia-se somente dos *Trecks*, ou caravanas, de bôeres migrando pela África à procura de terra. Agora, caravanas de refugiados e desabrigados percorriam todas as estradas, vindos do Leste, retornando para a *heim* [casa, pátria] em território alemão. É evidente que o termo *heim* também disfarça uma antiga dose de afetação que remonta aos começos gloriosos. Àquela época se dizia: *Adolf Hitler führt die Saar heim!* [Adolf Hitler consegue de volta a região do Saar!]. Com a insolência bem-humorada dos berlinenses, Goebbels viajava para as antigas colônias alemãs na África para ensinar as crianças negras a cantarem em coro: *Wir wollen heim ins Reich!* [Queremos retornar ao nosso lar no Reich!]. Agora, no entanto, um povo de colonos desenraizados retorna ao lar nas piores condições, com os parcos recursos que eventualmente tenham conseguido preservar.

Em meados de julho, li em um jornal de Dresden o artigo "O *Treck* dos 350.000", publicado no único outro jornal. (Além do jornal do partido, chamado *Freiheitskampf* [Luta pela Liberdade], só havia um outro jornal, razão pela qual não me preocupei em anotar seu nome.) Essa descrição, que apareceu em vários jornais com pequenas variações, é exemplar e interessante por duas razões: mais uma vez se apresenta o espíri-

---

Darré escreveu que *Neuadel aus Blut und Boden* [a nova nobreza do sangue e da terra] era a fórmula do Terceiro Reich. A expressão *Blut und Boden* se relacionava com *Rasse und Volkstum* [raça e povo] para indicar o forte enraizamento do povo em seu espaço vital. Certo tipo de poesia camponesa patriótica foi denominada "poesia *Blut und Boden*".

[309] Palavra holandesa que significa "migração". A "grande *Treck*" foi a migração dos bôeres para a África (1834-1839). Eles se fixaram na colônia do Cabo e, sob pressão dos britânicos, conquistaram a África do Sul, dominando e expulsando as populações negras.

to camponês de maneira sentimentaloide e cheia de heroísmo, como, nos anos de paz, nas festas da colheita no Bückenberg;[310] além disso, ela junta descaradamente todos os condimentos da LTI. Ressuscitaram assim, de maneira decorativa, algumas palavras que, por causa da miséria reinante, haviam caído em desuso. Esses 350 mil colonos conduzidos do sul da Rússia para o Warthegau[311] eram *deutsche Menschen besten deutschen Blutes und aufrechten Deutschtums* [alemães do melhor sangue alemão, dotados de um germanismo verdadeiro], sob comando alemão. O número de nascimentos anuais entre 1941 e 1943 cresceu de 17 mil para 40 mil. Eram de uma *biologisch unverdorbenen Leistunsfähigkeit* [capacidade produtiva biológica não corrompida]. Eram dotados de *von unvergleichlichen Bauern und Siedlungsfreundigkeit* [uma incomparável disposição para ser camponeses e colonos felizes], com um *erfüllt von fanatischem Eifer für die neue Heimat und Volksgemeinschaft* [empenho fanático para a nova pátria e comunidade] e assim por diante. A observação final — de que por todas essas razões mereciam ser reconhecidos como *vollwertige Deutsche* [alemães do mesmo *status*], uma vez que seus jovens há muito tempo pertenciam às SS — permitia concluir que seu domínio da língua e da cultura alemãs deixava muito a desejar. De qualquer forma, nessa *einmalige Treck* [migração única], a comunidade camponesa mais uma vez foi envolvida em uma aura de romantismo, mesmo que no início se tratasse só de um entusiasmo por tudo que fosse tradicional.

Entretanto, o próprio mestre da propaganda e da LTI, interessado no todo, soube desfazer a ligação original entre tra-

---

[310] A partir de 1933 começou a ser realizada anualmente uma cerimônia oficial no monte Bückenberg, na Westfália, o *Erntedanktag* [dia de agradecimento pela colheita].

[311] Região da Polônia que foi "purificada" de judeus e de poloneses em 1939, para ser em seguida "germanizada", passando de 325 mil habitantes alemães em 1939 para 950 mil em 1943.

dição e sentimento. Tanto para ele quanto para o Führer era óbvio que somente se conquista o povo pelos sentimentos. *Was versteht so eine bürgerliche intellektuelle Seele vom Volk?* [O que uma mente intelectual e burguesa entende do povo?], escreve em seus diários, intitulados *Vom Kaiserhof zur Reichskanzlei* [Da corte imperial à chancelaria] e revistos em detalhe, tendo em vista a publicação. A ligação imprescindível e repetida de todas as coisas, relacionamentos e pessoas com o povo — há o *Volksgenosse* [camarada do povo], o *Volkskanzler* [chanceler do povo], o *Volksschädling* [parasita do povo], o *Volksnah* [próximo do povo], o *Volksfremd* [estranho ao povo], o *Volksbewusst* [consciente do povo] e assim por diante, até o infinito —, essa ligação se expressa em palavras que enfatizam o sentimento de um modo que soa hipócrita e despudorado.

Onde Goebbels procura esse povo ao qual diz pertencer e do qual tudo sabe? A pergunta pode ser respondida pelo lado negativo. Para ele, como se vê nos diários, os frequentadores dos teatros de Berlim não passam de uma "horda asiática em Brandenburgo". Isso não quer dizer nada, pois só mostra anti-intelectualismo e antissemitismo. Mais reveladora é uma palavra que ele usa com frequência e sempre de forma pejorativa em seu *Kampf um Berlin* [Luta por Berlim]. Esse livro, anterior à tomada do poder, mas escrito com confiança na vitória, retrata os anos 1926-1927, quando partiu de sua terra natal na região do Ruhr para participar da conquista da capital. A palavra negativa recorrente é "asfalto".

Asfalto é a superfície artificial que separa os habitantes das cidades grandes e o *Boden* [solo natural]. Os poetas líricos naturalistas foram os primeiros a empregá-la metaforicamente na Alemanha, por volta de 1890. Naquele tempo, uma *Asphaltblume* [flor do asfalto] significava uma prostituta de Berlim, sem conotação negativa, pois a prostituta dessa poesia lírica é, de certa forma, uma personalidade trágica. Em

Goebbels ressurge toda uma flora do asfalto, e cada uma dessas flores é venenosa. Berlim é o monstro do asfalto. Seus jornais, produtos da *journaille* judaica, são *Asphaltorgane* [órgãos do asfalto]. Ali, a bandeira revolucionária do Partido Nazista tem de ser fincada na marra. "O judeu asfaltou o caminho para a depravação com frases e promessas hipócritas", representadas pelo marxismo e a ausência de pátria. O ritmo louco desse "monstro do asfalto tornou as pessoas sem coração e insensíveis". Vive aqui "uma massa disforme do proletariado mundial anônimo", e o proletariado berlinense é *ein Stück Heimatlosigkeit* [o representante da ausência de pátria]...

Mais do que qualquer coisa, Goebbels sente falta de *jede patriarchalische Verbindung* [qualquer vínculo patriarcal] em Berlim. Ele mesmo vinha da região do Ruhr, onde mantivera contato com operários da indústria, gente diferente: lá ainda existia o "enraizamento nativo dos tempos imemoriais", e os *bodenständigen Westfallen* [westfalianos autênticos] representavam o elemento básico da população. Naquela época, no início da década de 1930, Goebbels cultivava o tradicional *Blubo*, contrapondo a terra ao asfalto. Posteriormente será mais cuidadoso na preferência pelo lavrador. Mesmo assim, serão necessários doze anos para ele retirar o insulto contra as pessoas do asfalto. Ao se retratar, continua mentiroso: não confessa que ele mesmo pregara a execração da população urbana. Em 16 de abril de 1944, sob os danos terríveis dos bombardeios, escreve no *Reich*: "Sentimos o maior respeito pelo ritmo de vida indestrutível das nossas cidades grandes e pela vontade inquebrantável de viver da sua população, que não pode ter vivido de forma tão desenraizada, no asfalto, quanto nos faziam crer livros bem-intencionados mas excessivamente teóricos... A força vital do nosso povo está tão arraigada aqui quanto na população camponesa alemã."

Naturalmente, não é que se tenha esperado tanto tempo para cortejar e exaltar sentimentalmente a classe trabalha-

dora; antes já haviam procurado angariar sua simpatia por meio de sentimentalismo barato. Depois do "caso Grünspan", Himmler, então ministro da Polícia, proibiu os judeus de dirigir carros, não só por causa da *Unzuverlässigkeit* [falta de confiança], mas também porque eles ofendiam a *deutsche Verkehrsgemeinschaft* [comunidade de trânsito alemã] pela impertinência de dirigir *die von deutschen Arbeiterfäusten gebauten Reichsautostraßen* [nas estradas do Reich construídas pelos trabalhadores alemães]. A mescla de emoção e tradicionalismo sempre conduz aos camponeses e aos seus *Brauchtum* [usos e costumes], palavra sentimental da poética do alemão antigo.

Em março de 1945, todos os dias eu quebrava a cabeça para compreender um quadro na vitrine do jornal diário de Falkenstein. Mostrava uma bela casa tradicional de aldeia, meio de madeira, com uma frase de Rosenberg, dizendo que uma antiga casa camponesa alemã possuía "mais liberdade espiritual e maior poder criativo do que todos os arranha-céus e todos os barracões de zinco somados". Procurei em vão uma justificativa plausível para essa afirmativa. Ela só pode ser encontrada na insolência nórdico-nazista que substitui pensamento por emoção. Mas, no reino da LTI, a sentimentalização das coisas não implica de forma alguma retornar a qualquer tradição. Pode ligar-se livremente com o cotidiano, empregando expressões do lugar-comum ou neologismos aparentemente muito prosaicos. Bem no início, no mesmo dia, eu anotei: "Propaganda do Keminski:[312] cesto de petiscos do tipo 'Prússia', 50 marcos; cesto de petiscos do tipo 'Pátria', 75 marcos." Na mesma página, instruções oficiais para o *Eintopf* [prato único].[313] Que técnica grosseira e provocativa, usada

---

[312] Hotel em Berlim.

[313] Prática alimentar dominical introduzida a partir de 1936 por Hitler, que consistia em um cozido preparado em um caldeirão, para ser mais econômico.

inicialmente na Primeira Guerra Mundial, de servir-se dos sentimentos patrióticos para fazer propaganda de uma refeição! Que esperteza e habilidade, dar esse nome a uma receita alimentar! O mesmo prato para todos, para a *Volksgemeinschaft* [comunidade do povo], baseado no que há de mais básico e necessário, a mesma simplicidade para ricos e pobres a serviço da pátria, tudo encapsulado em uma só palavra: *Eintopf*. Todos comemos o que foi preparado com frugalidade em uma mesma panela, tudo cozinhado junto. Comemos da mesma panela única...

É provável que a expressão *Eintopf* já estivesse difundida há tempos como termo técnico da cozinha: do ponto de vista do nazismo, foi genial tê-la introduzido na linguagem oficial da LTI, carregada de sentimento. No mesmo plano se encontra o termo *Winterhilfe* [ajuda de inverno]. Mentia-se como se houvesse doações voluntárias, quando na verdade era um imposto obrigatório. Outra sentimentalização foi a oficialização de escolas para *Jungen* [rapazes] e *Mädel* [garotas], em vez de *Knaben* [meninos] e *Mädchen* [meninas], quando os *Hitlerjungen* e as *deutschen Mädel* desempenhavam um papel fundamental no sistema educacional do Terceiro Reich. É óbvio que se tratava de uma sentimentalização com conotação deliberadamente negativa: *Jungen* e *Mädel* soavam não só mais populares e desenvoltos do que *Knabe* e *Mädchen* como também mais grosseiros. *Mädel*, em especial, abre caminho para a posterior *Waffenhelferin* [auxiliar militar feminina], palavra ambígua que não pode nem deve ser confundida com *Flintenweib* [mulher armada com fuzil][314] — pois caso contrário se poderia confundir *Volkssturm* [milícia popular] com *partisans*.

Quando no último minuto — nem dava mais para falar de hora — aparece a intenção de debandar para a guerra de

[314] Expressão nazista para designar as mulheres incorporadas ao Exército Vermelho ou aos grupos da resistência nas zonas ocupadas.

guerrilhas, apela-se para um nome que provoca calafrios, como nos contos de horror: a rádio oficial chamava os guerrilheiros alemães de *Wehrwölfe* [bicho-papão]. Era mais um recurso à tradição antiga, ao mito. Assim, no final do Terceiro Reich a língua revelava mais uma vez a monstruosa reação, o recurso absoluto aos primórdios da humanidade, ainda primitiva e predadora; desmascarava-se a verdadeira natureza do nazismo.

O sentimentalismo aparecia de maneira mais inofensiva, mas também com mais hipocrisia, quando, na geografia política, por exemplo, falava-se da Bulgária como *Herzland* [terra do coração] *Bulgarien*. Aparentemente isso apenas assinalava a posição central do país em relação ao grupo de países limítrofes; mas, por trás, havia uma declaração de amizade em relação a uma *Herzland*. Finalmente, a palavra usada com mais força e maior frequência pelos nazistas, para obter um efeito emocional, era *Erlebnis* [vivência]. O uso comum da linguagem diferencia claramente: "Desde o nascimento até a morte vivemos todas as horas, mas, para algo se tornar uma vivência, só devemos considerar as experiências fora do comum em que a paixão vibra e percebemos como as ações do destino se convertem em vivência."

A LTI, intencionalmente, transporta tudo para a esfera do *Erleben* [vivido]. "A juventude *erlebt* [revive] a experiência de Guilherme Tell", consta em um cartaz que me ficou na memória, entre muitos outros. O objetivo mais profundo dessa palavra ficou claro quando o diretor regional da Câmara de Publicações do Reich para a Saxônia entregou à imprensa em outubro de 1935, por ocasião de uma semana do livro, o seguinte texto: "*Mein Kampf* é o livro sagrado do nacional-socialismo e da nova Alemanha; é necessário que ele seja *durchlgelebt* [vivido até o fim]..."

Todas essas coisas passavam pela minha cabeça quando eu entrava na *Gefolgschaftssaal*. Todas pertenciam à *Gefolge*

[comitiva] dessa palavra, haviam surgido a partir da mesma tendência...

No final do período que passei na fábrica encontrei na *Judenhaus* um romance do poeta George Hermann,[315] autor de *Jettchen-Gebert*. Tratava-se de *Eine Zeit stirbt* [Morte de uma época]. Desde a sua concepção, o livro, embora publicado pelo Círculo Judaico, fora fortemente influenciado pelo nazismo em ascensão. Não sei por que não analisei a obra em meus *Diários*. Anotei somente uma situação, uma frase: "Antes de começar a cerimônia fúnebre da amante de Gumpert, a mulher dele deixa a capela do cemitério de forma apressada, seguida por sua *Gefolgschaft*, de maneira menos apressada, mas sempre solícita." Naquela época entendi isso como uma ironia judaica, tão odiosa para o nazismo, já que denunciava a hipocrisia do sentimento. Disse a mim mesmo: o livro dá uma estocada na palavra inchada, fazendo-a murchar pateticamente. Hoje entendo essa passagem de maneira diferente. Penso que havia amargura profunda, não ironia. Qual seria o propósito último daquele sentimentalismo presunçoso? O sentimento não tinha um fim em si, não era um objetivo, era apenas um meio e uma passagem. O sentimento tinha de reprimir o pensar. Ele próprio tinha de provocar um estado de apatia entediada, de abulia e de insensibilidade. Afinal, de onde havia saído essa enorme massa de carrascos e de torturadores?

O que faz uma perfeita *Gefolgschaft*? Ela não pensa nem sente — ela segue.

[315] George Hermann (1871-1943), escritor alemão que criticava a vida provincial e pequeno-burguesa de certos meios berlinenses. Morreu no campo de concentração de Birkenau.

CAPÍTULO 34
UMA ÚNICA SÍLABA

Para ser sincero, só no último ano vi e ouvi diretamente, não em fotos de jornais ou pelo rádio, manifestações nazistas. Pois mesmo na época em que ainda não usava a estrela — depois, isso era evidente — eu me refugiava imediatamente em alguma rua lateral ao perceber que cruzaria com uma dessas demonstrações. Se não fizesse isso, teria de saudar a odiada bandeira. No último ano, porém, fomos colocados em uma das duas *Judenhäuser* da Zeughausplatz. A vista do *hall* de entrada e da cozinha dava justamente para a Carolabrücke. Em solenidades pomposas realizadas no Königsüfer — como um discurso de Mutschmann ou uma alocução de Streicher, que era o *Gauleiter*[316] da Francônia —, as colunas das SA e das SS, da HJ e do BDM desfilavam na ponte. Quisesse ou não, eu os via e ouvia, e sempre ficava impressionado. Em desespero, perguntava a mim mesmo: que impacto esses cortejos não causariam em pessoas com senso crítico menos aguçado que o meu?

Poucos dias antes do nosso *dies ater* [dia funesto], o fatídico 13 de fevereiro de 1945,[317] eles desfilaram sobre a ponte com toda a firmeza, cantando a plenos pulmões. A melodia soava um pouco diferente das marchas entoadas pelos bávaros durante a Primeira Guerra Mundial. Era mais dura, mais gritada, menos melódica. Mas os nazistas sempre exageravam em tudo que era militar, e assim eles marchavam lá embaixo, na mesma antiga ordem, cheios de fé no regime. Há quanto tempo Stalingrado caíra e Mussolini fora derrubado? Há

[316] Líder do Partido Nazista em qualquer um dos Estados.
[317] Mais uma referência de Klemperer ao grande bombardeio da aviação aliada sobre Dresden.

quanto tempo os inimigos haviam alcançado e cruzado as nossas fronteiras, e generais alemães haviam tentado assassinar o Führer? Mesmo assim, todos continuavam marchando. O mito da vitória final permanecia vivo ou, pelo menos, todos aceitavam a obrigação de acreditar nele.

Eu conhecia algumas letras, que captara aqui e acolá. Era tudo tão brutal, tão pobre de espírito, tão desprovido de qualquer senso artístico. *Kameraden, die Rotfront und Reaktion erschossen, / Marschiern im Geist in unsern Reihen mit* [Camaradas que o *front* vermelho e a reação fuzilaram / Marchem conosco no espírito de nossas fileiras]: eis a poesia de Horst-Wessel. Impronunciável, exige que se quebre a língua. Talvez as palavras *Rotfront* e *Reaktion* estejam no nominativo e os camaradas fuzilados estejam presentes no espírito dos *braunen Bataillone* [batalhões marrons] que desfilam; também pode ser que os camaradas sejam prisioneiros — *das neue deutsche Weihelied* [o novo canto sagrado alemão], como é chamado no livro escolar oficial, foi composto por Wessel em 1927 —, o que estaria mais perto da verdade, e desfilem em espírito com seus amigos das SA. Mas, entre os que marcham e os que assistem, quem estava pensando em questões de gramática ou de estética? Quem estava preocupado com o conteúdo? A melodia e o passo de marcha, algumas expressões ou frases isoladas que se dirigiam aos *heroischen Instinkte* [instintos heroicos] — como *Die Fahne hoch!... Die Strasse frei dem Sturmabteilungsmann!... Bald flattern Hitlerfahnen...* [Bandeira para o alto!... Liberem as ruas para os soldados da *Sturmabteilung*!... Pois as bandeiras de Hitler já estão esvoaçando] — eram suficientes para agitar os ânimos e criar a atmosfera almejada, não é?

Logo me lembro do primeiro golpe que abalou a segurança na vitória alemã. Com que habilidade a propaganda de Goebbels soube reverter a pesada e terrível derrota em uma

quase-vitória, um triunfo supremo do espírito militar! Um comunicado do *front*, em particular, chamara a minha atenção. Essa página, como todas as demais de meus *Diários* antigos, estava longe de casa, em Pirna, mas mesmo assim podia vê-la claramente diante dos olhos: segundo esse comunicado, soldados alemães da linha de frente haviam jurado fidelidade eterna a Hitler e à sua missão quando receberam dos russos uma tentadora proposta de rendição.

No início do movimento, esses *Sprechchören* [jograis][318] eram comuns; teriam ressurgido lá longe, durante a catástrofe de Stalingrado, no exterior, enquanto aqui dentro quase não os ouvíamos mais. Só faixas sem charme faziam lembrá-los. Eu já me perguntara várias vezes, e agora isso passava de novo por minha cabeça, por que o efeito dos jograis era mais forte que o das músicas cantadas em coro. Imagino algumas razões: como a língua é expressão do pensamento, essas frases repetidas subjugam a razão. Os jograis batiam direto, com punho cerrado, no bom senso do ouvinte, anulando-o. No canto, a melodia é um invólucro que atenua o impacto sobre a razão, conquistada pelo viés do sentimento. Além disso, a música cantada pelos que estão marchando não se dirige aos ouvintes parados nas calçadas; estes são cativados somente pelo som da correnteza que escoa. A comunhão dessa correnteza produz-se mais naturalmente pelo canto dos que marcham do que pelo jogral, pois na melodia os estados de espírito se encontram, enquanto na frase declamada em uníssono o pensamento de um grupo tem de encontrar o seu ponto de união. O jogral é mais artificial e mais encenado, mas produz um efeito propagandístico mais poderoso que o canto.

Depois de tomarem o poder, os nazistas puderam deixar o jogral de lado, pois ele perdeu a razão de ser. (No essencial, o

---

[318] Tratava-se de *slogans* repetidos em coro por todos os participantes de uma manifestação ou desfile.

mesmo se aplica a *slogans* que eram usados nos congressos do partido e em outras ocasiões solenes, bem como às frases entrecortadas das manifestações — *Deutschland, erwache! Juda, verrecke! Führer befiehl!* [Acorda, Alemanha! Estrebucha, Judeu! Führer, ordena!] e assim por diante.)

O que me deixava especialmente atônito é que não se considerava necessário abandonar essas canções grosseiras, repetidas há muito tempo: não se via motivo para evitar os jograis, tampouco para diminuir as fanfarronadas e as ameaças presentes nas letras das músicas. *Blitzkrieg* [guerra relâmpago] fora alterada para *Nervenkrieg* [guerra de nervos], e vitória passara a ser vitória final. Agora, a grande ofensiva começava a empacar, e então... para que enumerar tudo o que havia dado errado? Mas eles prosseguiam marchando e cantando como antes, aceitando tudo como antes. Em nenhum trecho dessa cantoria monótona se podia perceber um distanciamento que pudesse induzir à mais tênue esperança...

Mesmo assim, havia um sinal de esperança que teria agradado ao filólogo se ele o tivesse percebido. Só depois descobri esse consolo, que estava em uma única sílaba, mas então ele só teve para mim um valor científico.

Vale a pena retomar do começo.

Após a Primeira Guerra Mundial, os aliados, vencedores, queriam retirar do hino alemão o refrão *Deutschland über alles* [Alemanha acima de tudo]. Isso não era justo, pois *über alles in der Welt* [acima de tudo no mundo] não expressa apetite expansionista, somente valoriza o sentimento de estima do patriota pela pátria. Mais constrangedor era o hino do soldado: *Siegreich woll'n wir Frankreich schlagen, Rußland und die ganze Welt* [Vitoriosos, queremos acabar com a França, com a Rússia e com o mundo todo]. Mesmo aqui, não há como comprovar um verdadeiro imperialismo: poder-se-ia dizer que se tratava de uma canção típica de guerra. Quem a cantava sentia-se um defensor da pátria e desejava se impor derrotando triun-

falmente os inimigos, por mais numerosos que fossem. Não se menciona a anexação de territórios inimigos.

Compare-se isso com um dos cantos mais característicos do Terceiro Reich, que já em 1934 começou a ser impresso no *Singkamerad* [Camarada cantor], livro escolar da *Deutsche Jugend* [Juventude Alemã]. Publicado pela União dos Professores Nacional-socialistas do Reich, passou a ter significado oficial e geral: *Es zittern die morschen Knochen / der Welt vor dem roten Krieg. / Wir haben den Schrecken gebrochen / für uns war's ein großer Sieg. / Wir werden weitermarschieren, / wenn alles in Scherben fällt, / denn heute gehört uns Deutschland / und morgen die ganze Welt* [Os ossos fracos do mundo tremem diante da guerra vermelha. Rompemos o medo, para nós a vitória foi grande. Continuaremos marchando, mesmo que tudo fique em ruínas, pois hoje a Alemanha é nossa, e amanhã será todo o mundo]. Essa canção entrou na moda logo após a vitória interna do Führer, que em todos os discursos ressaltava o desejo de paz. Mesmo assim, já se falava em arruinar tudo até conquistar o mundo, reduzindo-o a um monte de escombros. Para que não pairassem dúvidas sobre esse anseio de conquista, os primeiros versos das duas estrofes seguintes repetiam que o mundo todo se tornaria "um amontoado de escombros" e que seria inútil que "os mundos" (no plural) tentassem resistir. Depois de cada estrofe, o refrão assegura três vezes que amanhã o mundo todo será nosso. O Führer discursava pela paz, enquanto seus *Pfimpfe* [meninos] e *Hitlerjungen* [jovens hitleristas] eram obrigados a cantar essas estrofes infames entra ano, sai ano. Elas e o hino nacional da *deutsche Treue* [fidelidade alemã]...

No outono de 1945, quando falei em público pela primeira vez sobre a LTI, fiz uma referência ao *Singkamerad*, que só pude conhecer nessa época, e citei a canção dos *zitternden morschen Knochen* [tremor de ossos frágeis]. Após a palestra, um ouvinte ofendido aproximou-se do palco e disse:

— Por que o senhor cita de maneira errada questões tão importantes? Por que quer imputar aos alemães a ambição de dominar o mundo, que nem mesmo no Terceiro Reich nós tivemos? Essa música não diz que o mundo tem de ser nosso.

— Venha conversar comigo amanhã — respondi. — O senhor poderá ver o livro de canções da escola.

— O senhor está enganado, *Herr Professor*, vou lhe trazer o texto correto.

Ele veio no dia seguinte. O meu *Singkamerad*, sexta edição, de 1936, publicado por Franz Eher de Munique, "autorizado e muito recomendado para as escolas pela Secretaria da Educação da Baviera", já estava aberto na página certa. A data do prefácio era: Bayreuth, *Lenzing*[319] de 1934. Lá estava: *Heute gehört uns Deutschland, und morgen gehört ihr die Welt* [Pois hoje a Alemanha é nossa, amanhã será o mundo todo]. Não havia o que discutir...

Havia sim. O homem me mostrou um belo caderno de canções em miniatura, que podia ser preso por um fio na casa de um botão: *Das Deutsche Lied; Lieder der Bewegung, herausgegeben vom Winterhilfswerk des deutschen Volkes* [Canção alemã; Canções do Movimento, publicadas pelo Escritório de Apoio para o Inverno ao Povo Alemão]. A data: 1942-1943. A capa vinha enfeitada com os emblemas nazistas: suástica, runa das SS etc. No meio das canções apareciam de novo os "ossos frágeis", suficientemente grosseiros, mas com retoques no ponto decisivo. O refrão agora dizia *und heute, da hört uns Deutschland / und morgen die ganze Welt* [e hoje a Alemanha nos ouve e amanhã o mundo todo]. Soava bem mais inocente.

Como o mundo já estava bastante em ruínas por causa da voracidade alemã, e como agora, no inverno de Stalingrado, nada levava a prever uma vitória alemã, o retoque precisava ser ressaltado e comentado. Fora acrescentada uma quarta es-

[319] Denominação arcaica para março.

trofe na qual os conquistadores e opressores pretendiam apresentar-se como amigos da paz e combatentes pela liberdade, reclamando da interpretação maldosa do canto original. O texto da nova estrofe era o seguinte: *Sie wollen das Lied nicht begreifen, sie denken an Knechtschaft und Krieg. / Derweil unsre Äcker reifen, du Fahne der Freiheit flieg! / Wir werden weitermarschieren, wenn alles in Scherben fällt. / Die Freiheit stand auf in Deutschland / und morgen gehört ihr die ganze Welt!* [Eles não querem entender o canto, eles pensam em guerra e servidão. Enquanto nossos campos verdejam, tu, bandeira, tremulas pela liberdade! Continuaremos marchando, mesmo que tudo caia em ruínas. A liberdade despertou na Alemanha e amanhã o mundo lhe pertencerá!].

Quanta ousadia para deturpar a verdade! Quanto desespero para atrever-se a tamanha mentira. Complicada e confusa, talvez essa quarta estrofe nem tenha vingado, diante da grosseira simplicidade das três anteriores, cuja selvageria original não podia ser disfarçada. Mas as garras se retraíam. Parece que o abandono da sílaba terrível conseguiu se impor. É preciso estar atento. Na autoconsciência nazista, a fronteira passa exatamente entre *gehören* [ser dono] e *hören* [ouvir]. Projetado sobre esse canto nazista, o abandono dessa sílaba representa Stalingrado.

CAPÍTULO 35

DUCHA ESCOCESA

Depois de eliminar Röhm e dar um rápido banho de sangue em seus capangas, o Führer fez o Parlamento ratificar que ele agira *rechtens* [de acordo com a lei]. A expressão remete ao alemão arcaico. Mas a ação dos partidários de Röhm, em vez de receber um nome alemão como *Aufstand* [sublevação], *Aufruhr* [rebelião], *Meuterei* [motim], *Abfall* [derrocada], recebeu o nome *Röhmrevolte* [revolta de Röhm]. É certo que associações fonéticas inconscientes ou semiconscientes influíram nisso — *Sprache, die für dich dichtet und denkt!*[320] —, como no caso do *Kapp-Putsch* [golpe de Estado de Kapp], palavra que pode ser associada, não só em termos sonoros, mas no plano das ideias, ao termo *kaputt* [estragado, quebrado]. Mesmo assim, é curioso que em uma ocasião um vocábulo alemão seja reforçado e em outra se use um termo estrangeiro para o mesmo objeto. Da mesma forma, usa-se *Brauchtum* [usos e costumes tradicionais], palavra teutônica, mas Nuremberg, cidade oficial dos congressos do partido, é chamada de *Traditionsgau* [distrito da tradição].

Alguns estrangeirismos que passaram para o alemão são muito apreciados: *Bestallung* [provimento do cargo] em vez de *Approbation* [licença para exercer a profissão]; *Entpflichtung* [desobrigação] em vez de *Emeritierung* [aposentadoria]; e é de bom tom dizer *Belange* [importância, significado, pertinência] em vez de *Interesse* [interesses]. *Humanität* assumiu um ranço judaico-liberal, enquanto *Menschlichkeit*, palavra mais alemã, ganhou outro significado. Em contrapartida, só é possível chamar o mês de março de *Lenzing* no contexto de

[320] Frase de Schiller já citada antes: “Língua que pensa e poetiza por ti.”

Bayreuth, cidade de Wagner — o nome dos meses em alemão antigo não conseguiu se impor, apesar de todas as runas e dos brados *Sieg-Heil!*

Em minhas reflexões sobre *Gefolgschaft*[321] mencionei algumas razões que explicariam por que o uso do alemão antigo permaneceu limitado. Mas essa limitação só consegue explicar a presença das palavras estrangeiras mais usuais. Há razões especiais para que a LTI aumente o número e a frequência de uso de termos estrangeiros em relação à época anterior, o que é claramente perceptível.

Em cada discurso ou comunicado, o Führer se deleita com o uso de dois estrangeirismos que poderiam ser perfeitamente evitados e não fazem parte do alemão coloquial: *diskriminieren*, que ele pronuncia como *diskrimieren*, e *diffamieren*. O verbo *diffamieren*, mais adequado para conversas de salão, soa estranho em sua boca, já que seus xingamentos habituais costumam aproximar-se mais do vocabulário típico de um criado bêbado.

Quando discursou ao inaugurar a "ajuda para o inverno" de 1942-1943 — nessa época, toda sinalização de caminhos da LTI convergia para Stalingrado —, disse que os ministros das potências inimigas eram *Schafsköpfe* [imbecis] e *Nullen* [nulidades], que era impossível distinguir uns dos outros, que a Casa Branca era governada por um *Geisteskranker* [doente mental] e Londres, por um *Verbrecher* [criminoso]. Referindo-se a si mesmo, declarou que não existia mais a "assim chamada cultura de antigamente, mas somente a estima pelo guerreiro resoluto, portador dos dotes necessários para ser o Führer de seu povo".

Ele recorre a outros empréstimos de termos estrangeiros, não por falta do equivalente em alemão. Em especial, ele é sempre o *Garant* [fiador (em francês)] e não o *Bürge* [fiador

[321] Ver capítulo 33.

(em alemão)] da paz, da liberdade alemã, da independência das pequenas nações e de todas as demais causas nobres, aquelas que ele mesmo traiu. Qualquer coisa que enalteça ou reflita sua glória como Führer é considerada de importância *säkular* [secular]. Ocasionalmente usa alguma expressão no estilo de Frederico, o Grande, ameaçando os funcionários indisciplinados com *gemeiner Kassation* [cassação sem aviso], quando seria suficiente dizer *fristlose Entlassung* [demissão sumária]; no alemão mais vulgar, que ele fala, bastaria dizer *Hinauswurf* [expulsão] ou *Fortjagen* [enxotar].

O palavrório de Hitler é completamente refeito por Goebbels, tendo em vista diversos usos ornamentais. Além disso, a guerra enriqueceu o vocabulário nazista com termos estrangeiros. Pode-se estabelecer uma regra muito simples para o emprego racional desses termos. Ela deveria ser, mais ou menos, a seguinte: só os use quando não encontrar o correspondente simples e exato em alemão; e, nesse caso, não hesite em usá-los tais como são.

A LTI viola essa regra por ambos os lados: quando busca aproximações germanizantes (cada vez mais raramente, pelas razões já indicadas) e quando abusa de estrangeirismos desnecessários. Quando falava de *Terror* (*Lufterror* [terror aéreo], *Bombenterror* [terror das bombas] e, naturalmente, *Gegenterror* [contraterror]) e de *Invasion*, trilhava por terreno bem conhecido, mas os *Invasoren* são novos e *Agressoren* são perfeitamente supérfluos. Para *liquidieren* [liquidar] há um semnúmero de opções disponíveis: *töten* [matar], *morden* [assassinar], *beseitigen* [eliminar], *hinrichten* [executar], entre outras. Até mesmo *Kriegspotential* [potencial bélico], repetidamente usado, poderia ser facilmente substituído por *Rüstungsgrad* ou *Rüstungsmöglichkeit* [quantidade ou capacidade de armamento]. Quem cometesse o pecado do *Defaitismus* francês, maquiado para o alemão como *Defätismus* [derrotismo], oferecia

o pescoço à guilhotina, pois estava propondo a *Wehrkraftszersetzung* [desmoralização das forças armadas].

Quais as razões para preferir a sonoridade da palavra estrangeira, tão ressoante, aqui ilustrada em poucos exemplos? Em primeiro lugar, a própria sonoridade. Mas, se procurarmos os diferentes motivos até o último detalhe, descobriremos que também há o desejo de encobrir coisas indesejáveis.

Hitler é um autodidata quase sem instrução. (É só ouvir a insuportável *galimatias* [verborragia] dos seus discursos culturais em Nuremberg; a única coisa pior que essa mixórdia típica de um *Karlchen Miesnick* [zé-ninguém][322] é a adulação servil com que é admirada e citada.) Na condição de Führer, orgulha-se de não ligar para a "assim chamada formação cultural antiga" e valoriza o saber que adquiriu por si mesmo. Qualquer autodidata gosta de ostentar termos estrangeiros, que são sua vingança.

Estaríamos sendo injustos com o Führer se quiséssemos explicar sua preferência por estrangeirismos só por vaidade e pela consciência das próprias limitações. Hitler conhece com terrível precisão a psicologia da massa que é incapaz de desenvolver um raciocínio próprio e deve permanecer nessa condição. A palavra estrangeira impressiona e é tanto mais imponente quanto menos compreendida for; nesse caso, desconcerta e anestesia, sobrepondo-se ao pensamento. Afinal, *schlechtmachen* [caluniar] pode ser entendido por qualquer alemão, mas *diffamieren* é outra coisa: compreendida por poucos, seu efeito é mais intenso e solene. (Que se pense no efeito da liturgia em latim no serviço religioso católico.)

Goebbels, cuja máxima era *dem Volk ins Maul sehen* [olhar para a fuça do povo],[323] também dominava a magia do estrangeirismo. O povo aprecia ouvir e usar palavras estrangeiras, e

[322] *Mies*, de *Miesnick*, vem do *yiddich* e significa "repugnante".
[323] Ver capítulo 32.

espera isso do *Doktor*, título que remonta aos primórdios de Goebbels.

Outra consideração pode ser feita sobre o *Doktor*. Independentemente do reiterado desdém do Führer pela *Intelligenz*, pelas pessoas cultas, pelos professores e tantos outros — por trás de todas essas apelações sempre se descobre o ódio ao pensamento, proveniente da má consciência —, o Partido Nazista desejava manter ao seu lado essa perigosa camada social. O *Doktor* e sua propaganda não eram suficientes. Rosenberg, envolto em um estilo filosófico e profundo, era necessário. Em seu programa, também o *Doktor* adotou algo do jargão da filosofia vulgar. O que poderia ser mais natural para um partido político que se autodenomina *Bewegung* [movimento] do que invocar o espírito de *Dynamik* [dinamismo] e elevar essa palavra a um grau mais erudito?

No âmbito da LTI existem, de um lado, livros especializados e eruditos, e, de outro, literatura popular com um retoque de cultura. Todos os jornais sérios (penso, sobretudo, no *Reich* e no *Deutsche Arbeiter Zeitung* [DAZ], sucessor do *Frankfurter Zeitung*) publicam matérias pretensiosas, artigos com conteúdo, redigidos em linguagem empolada, misteriosa, cheia de preciosismo, esnobismo e pompa.

Um exemplo, escolhido ao acaso entre muitos: em 23 de novembro de 1944, quando o fim do Terceiro Reich se aproximava, o DAZ encontrou espaço para publicar um artigo de um certo dr. von Werder, provavelmente recém-doutorado, que escrevera o livro *Landflucht als seelische Wirklichkeitk* [Êxodo rural como realidade psicológica]. O que o autor tem a dizer já foi dito infinitas vezes e pode ser expresso da seguinte forma: quem quiser combater o êxodo rural não só terá que melhorar a renda dos camponeses, mas deverá considerar fatores psicológicos por duas vertentes: levar atrativos culturais e vantagens da cidade para as aldeias (oferecendo cinema, rádio, livrarias) e valorizar as qualidades da vida no campo por

meio da educação. O jovem autor — e, nesse contexto, mais importante: também jornalista — usa a linguagem dos mestres nazistas. Enfatiza a necessidade de uma "psicologia para a população rural" e diz: "O ser humano não é um mero agente econômico deixado por conta de si mesmo; tem corpo e alma, pertence a um povo e age conforme predisposições psicorraciais." Por isso, é necessário "entender em profundidade o verdadeiro significado do êxodo rural". A civilização moderna, "com a supremacia extrema da razão e da consciência", desagrega o estilo de vida original da pessoa do campo, cujo "fundamento natural repousa nos instintos e nos sentimentos, no que é primordial e inconsciente". A *Bodentreue* [fidelidade à terra] desses camponeses foi prejudicada por "1. mecanização do trabalho agrícola e transformação radical dos seus produtos em objetos de comércio; 2. isolamento e extinção dos usos e costumes do campo e dos hábitos locais; 3. reificação e urbanização da vida social rural." Assim surge "a carência psicológica que aparece no êxodo rural", quando considerada seriamente como "realidade espiritual". Por isso a ajuda material deve ser um paliativo, pois é preciso encontrar remédios espirituais — músicas populares, hábitos etc. —, bem como "meios culturais modernos, como cinema e rádio, para eliminar as tendências internas à urbanização". O autor prossegue por um bom tempo nesse tom. É o que denomino *nazistischen Tiefenstil* [estilo nazista profundo] quando aplicado a qualquer ramo da ciência, da filosofia e da cultura. Não é "retirado da boca do povo", tampouco é compreendido pelo povo; pertence aos homens cultivados que aspiram à distinção.

O ápice da retórica nazista não está nessa contabilidade que separa cultos e incultos, e impressiona as massas com pedaços de erudição. O grande desempenho, aquele em que a mestria de Goebbels é incomparável, consiste em misturar elementos estilísticos heterogêneos. Não, esse não é o termo exato. O que Goebbels faz é saltar subitamente de um extre-

mo a outro, do erudito ao plebeu, do tom sóbrio e racional para o sentimentalismo das lágrimas contidas com esforço, da simplicidade de um Fontane ou da vulgaridade berlinense para o tom patético do defensor da fé e do profeta. O efeito é como uma reação da pele, fisicamente eficaz, similar àquele produzido pela ducha escocesa[324] e seu choque térmico: primeiro quente, depois frio. O sentimento do ouvinte (o público de Goebbels é sempre ouvinte, mesmo quando lê os artigos do *Doktor* nos jornais) nunca está em repouso, é constantemente jogado de um lado para outro, de modo que o espírito crítico não tem tempo de se recompor.

Em janeiro de 1944, artigos nos jornais comemoraram os dez anos de existência da secretaria de Rosenberg.[325] A intenção era render homenagens especiais a esse filósofo e arauto da doutrina pura, que soube ser mais profundo e elevar-se mais alto que Goebbels, cujo ministério visava apenas à propaganda de massas. Mas, de fato, essas reflexões acabaram proclamando muito mais a glória do *Doktor*, pois as comparações deixavam claro que Rosenberg só dominava os registros profundos, enquanto Goebbels controlava não só esses, mas também todos os demais registros de um órgão ressoante. (Mesmo os maiores admiradores do *Mythus*[326] não podiam falar de uma originalidade filosófica, que teria colocado Rosenberg acima dessa comparação.)

O modelo mais aproximado do estilo tenso de Goebbels é um sermão da Igreja medieval, em que um realismo e um verismo intrépidos na expressão se unem ao *páthos* mais puro do êxtase da oração. Mas o estilo do sermão medieval emana

---

[324] Jato de água quente imediatamente seguido de jato de água fria, e vice-versa.

[325] Rosenberg tinha o pomposo título de "delegado do Führer para a supervisão de toda educação e instrução espiritual e ideológica do Partido Nacional-socialista".

[326] Goebbels era o *Doktor*, enquanto Rosenberg era o *Mythus*.

da pureza da alma, dirigindo-se a um público ingênuo, que ele procura elevar da pobreza de espírito ao âmbito da transcendência. Goebbels, em contrapartida, apela sutilmente para a impostura e a anestesia.

Após o atentado de 20 de julho de 1944,[327] quando não havia mais dúvidas sobre o estado de espírito do povo e seu conhecimento da situação, Goebbels escreve em seu estilo desenvolto que "somente alguns velhotes remanescentes dos tempos ancestrais" podiam duvidar de que "o nazismo é não somente a maior, mas a única possibilidade de salvação do povo alemão". Em outra ocasião, em uma só frase, pinta a tragédia das cidades bombardeadas com um quadro idílico, cotidiano e simpático, que na LTI se dizia *volksnah* [próximo do povo]: "Dos escombros e das ruínas, as bocas dos fogões voltam a brincar com o fogo, com seu nariz curioso saltando para fora dos tabiques de lenha." Sentem-se saudades de um alojamento tão romântico. Ao mesmo tempo, experimentamos a nostalgia do martírio: estamos no meio da *heiligen Volkskrieg* [guerra santa popular]. Como as pessoas cultas não podem ser deixadas de lado, o registro de Rosenberg tem de ser incluído: estamos na "maior crise da civilização ocidental". Temos de desempenhar o nosso *Auftrag* [papel] histórico (*Auftrag* soa mais festivo que o desgastado estrangeirismo *Mission* [missão]), e "nossas cidades em chamas são tochas no caminho da realização de um mundo melhor".

Em uma anotação específica indiquei qual papel o nosso esporte mais popular desempenhou nesse sistema de "ducha escocesa". Em um artigo no *Reich* de 6 de novembro de 1944, Goebbels alcançou o mais afrontoso auge do estilo totalitário da linguagem nazista. Escreveu que precisávamos ficar atentos para que a "nação permaneça de pé com firmeza e não caia no chão jamais". Logo depois dessa imagem retirada do

[327] Ver nota 153, capítulo 18.

boxe, prosseguiu: o povo alemão conduzia essa guerra como "um julgamento de Deus".

Talvez eu tenha considerado excepcional essa passagem, semelhante a tantas outras, porque me lembrei dela intensamente, várias vezes. Atualmente, qualquer pessoa que venha a Berlim para tratar de assuntos na Administração Central de Ciências, na Wilhelmstrasse, se hospeda de preferência no Adlon (ou melhor, no que restou do antigo esplendor desse hotel berlinense), o local mais confortável, que fica defronte. As janelas do restaurante dão justamente para as ruínas da mansão do ministro da Propaganda, local onde seu cadáver foi encontrado. Já estive nessas janelas uma dezena de vezes, sempre recordando o tribunal de Deus que ele evocava, antes do último gesto com o qual deixou o mundo.

CAPÍTULO 36

A PROVA DOS NOVE

Na manhã de 13 de fevereiro chegou a ordem para remover de Dresden os usuários remanescentes da estrela amarela. Até então protegidos da deportação por viverem em casamentos mistos, estavam agora à mercê da verdade final. Teriam de ser eliminados em campo aberto, pois Auschwitz havia tempos caíra em mãos inimigas[328] e Theresienstadt estava seriamente ameaçado.

Na noite desse mesmo 13 de fevereiro, porém, a catástrofe abateu-se sobre a cidade: bombas caíam, casas desmoronavam, fósforo jorrava por toda parte, vigas em chamas tombavam sobre cabeças arianas e não arianas. A tempestade de fogo matava judeus e cristãos. Mas, para os setenta portadores remanescentes da estrela, que sobreviveram, foi a salvação: no meio do caos tornou-se possível fugir da Gestapo.

Essa fuga rocambolesca me deu uma prova consistente da minha intuição de filólogo: até o momento, tudo que eu conhecia da LTI, ao menos da língua falada, provinha dos estreitos círculos das *Judenhäuser* e das fábricas de Dresden, além da Gestapo, naturalmente. Agora, nos últimos três meses de guerra, atravessamos cidades e aldeias da Saxônia e da Baviera, passamos por estações de trem, estivemos em um sem-número de barracas e abrigos antiaéreos, sempre de novo em estradas sem fim, com pessoas de todas as regiões, todos os cantos e rincões, todas as cidades alemãs, todas as classes sociais, todas as idades, jovens e idosos, cultos e incultos, portadores de diferentes ódios e — ainda! — aqueles que continuavam a reverenciar Hitler e mantinham a fé nele. Todos,

---

[328] O Exército Vermelho tomou Auschwitz em 27 de janeiro de 1945.

literalmente todos, tivessem qualquer sotaque, fossem do sul, do oeste, do norte ou do leste, todos falavam a mesma LTI que em minha região eu ouvira no dialeto da Saxônia. Nessa fuga, às minhas anotações só precisei acrescentar complementos e confirmações.

Esse período caracterizou-se por três fases.

A intermediária, em março, durou três semanas. A floresta ganhava dia a dia contornos primaveris mais intensos, mas sua aparência mantinha um ar natalino, pois os galhos estavam carregados com fitas prateadas de papel-alumínio, que também jaziam no solo, brilhando, lançadas pelos aviões inimigos para prejudicar o funcionamento da aparelhagem eletrônica dos alemães. Dia e noite eles voavam sobre nossas cabeças com um barulho ensurdecedor, muitas vezes na direção da infeliz região vizinha de Plauen.

Em Falkenstein tive um período de sossego que me permitiu um pouco de dedicação aos estudos, mas não me trouxe paz de espírito. Ao contrário. Mais do que nunca o estudo da LTI me valeu como *Balancierstange* [vara do equilibrista]. A única expressão nazista nova com que me deparei constava nas braçadeiras de alguns soldados: *Volksschädlingsbekämpfer* [equipe de combate aos parasitas do povo].[329] Muitos agentes da Gestapo e da Polícia Militar tinham sido mobilizados, pois a região estava cheia de soldados em licença, que tentavam desertar, e também de civis que desejavam escapar do serviço na *Volkssturm* [milícia popular].[330] Era fácil perceber que eu não estava mais em idade de prestar serviço militar. Mesmo assim, uma charada antiga do *Volkssturm* dizia: "O que é o

[329] A empresa alemã que fornecia o gás letal para os campos de extermínio, o *Zyklon B*, chamava-se *Internationale Gesellschaft für Schädlingsbekämpfung GmbH* [Sociedade Internacional de Combate a Parasitas]. A respeito do *Zyklon B*, veja o filme *Amém!*, produção alemã de 2005.

[330] Guarda residencial alemã, composta de idosos e rapazes. Foi instituída em outubro de 1944, nos últimos meses de guerra.

que é que tem prata no cabelo, ouro na boca e chumbo nas pernas?" Além disso, ao permanecer nas proximidades de Dresden eu corria o risco de ser reconhecido. Afinal, fora catedrático durante quinze anos, trabalhara muito tempo na formação de professores e dirigira, aqui e acolá, os exames de *Abitur* [final do nível secundário]. Se me prendessem e me matassem, minha mulher e nosso fiel amigo também teriam de arcar com as consequências. Não havia jeito.

Tudo era uma tortura: andar pelas ruas e, principalmente, entrar em locais para comer. Bastava alguém me olhar fixamente para eu ficar inquieto, sem conseguir suportar calmamente o olhar. Se não fosse necessário, não teríamos ficado nem um dia nesse perigoso esconderijo. Mas o quarto dos fundos da *Apotheke am Adolf-Hitler-Platz* [farmácia na Praça Adolf Hitler], onde dormíamos sob a foto do Führer, foi o último asilo depois que tivemos de deixar a casa de nossa querida Agnes. Na medida do possível, quando não procurávamos passeios em bosques afastados, eu me deixava ficar quieto no quarto. Lia tudo que pudesse melhorar a minha percepção da LTI.

Na verdade, lia tudo que me caía nas mãos e percebia marcas dessa língua por toda parte. Era realmente totalitária: aqui, em Falkenstein, isso se impôs em meu espírito mais do que nunca.

Sobre a escrivaninha de Sch. encontrei um pequeno livro, publicado, segundo ele me disse, no final da década de 1930: *Das ärztliche Teerezept, herausgegeben von der deutschen Apothekerschaft* [Receita de chá medicinal, publicada pelo Conselho Nacional dos Farmacêuticos]. Primeiro me pareceu tratar-se de um documento cômico, depois tragicômico, finalmente trágico. Com frases genéricas, usava a pior forma de subserviência à doutrina dominante. Quando aparecia uma oposição quase imperceptível, ela era seguida por atenuantes de

puro servilismo, revelando um descompromisso com o futuro da ciência. Anotei algumas passagens por extenso.

"Amplas camadas do nosso povo rejeitam o consumo de remédios industrializados. Registra-se a tendência de pedir renovadamente a prescrição de medicamentos naturais que não tenham sido processados nem por laboratórios nem por fábricas. As ervas e as misturas de ervas extraídas de nossos prados e bosques têm uma conotação de algo familiar e autêntico. Seu uso medicinal confirma o poder de cura tradicional, conhecido desde tempos imemoriais. O vínculo com o sangue e a terra reforça a confiança em nossas plantas medicinais."

Até aqui prevalece o aspecto cômico, pois é cômico ver como os *slogans* e pontos de vista nazistas conseguem penetrar em textos científicos. Entretanto, após essa reverência humilhante e *captatio benevolentia*,[331] não há como deixar de defender os interesses comerciais e os da medicina. Sob o manto do tradicionalismo germânico, do amor à natureza e do anti-intelectualismo, tomando de empréstimo o "discurso sempre sedutor sobre a toxicidade dos produtos químicos", vinha a crítica sutil ao charlatanismo crescente, que, "desprovido de qualquer senso crítico", negociava plantas medicinais alemãs misturadas "sem critérios", deixando médicos sem pacientes e laboratórios sem clientes. Mas como essa solução era atenuada por desculpas e complacência, o autor reverenciava os pontos de vista e a vontade do partido governante: "Não é à toa nem por falta de escolha que até mesmo nós, médicos, químicos e farmacêuticos qualificados, usamos chás medicinais, mas não de forma exclusiva, tampouco indiscriminadamente." Chegou a hora de que, entre todos os "médicos que se propõem estar na vanguarda, manifeste-se o desejo de dar continuidade às terapias com o emprego desses chás, empe-

[331] "Precauções oratórias" que marcam o início de um discurso.

nhando-se em atender ao desejo e à sensibilidade natural do povo onde for possível. Terapias que usam ervas e chás medicinais, também chamadas fitoterápicas, representam somente um aspecto do conjunto da terapia medicamentosa, aspecto que não pode ser subestimado se quisermos manter e assegurar a confiança dos pacientes. A confiança do povo nos médicos não pode ser abalada, sob nenhuma das circunstâncias acima citadas, e ela depende do constante empenho dos médicos em um trabalho minucioso, baseados em bons conhecimentos, conscientes do dever..." A *captatio* inicial passou a ser uma capitulação mal dissimulada.[332]

Encontrei alguns exemplares de revistas farmacêuticas e médicas, e vi em todos o mesmo estilo e as mesmas pérolas estilísticas. Anotei para mim mesmo: "Lembrar-se da 'matemática nórdica', há tempos mencionada pelo jornal *Freiheitskampf*, citando Kowalewski, primeiro reitor nazista da nossa Universidade Técnica de Dresden. Não se esquecer de pesquisar também outros ramos científicos em que a LTI se alastrou de maneira epidêmica."

Da ciência natural, retornei à minha própria área quando Hans me trouxe publicações literárias recentes que estavam em sua biblioteca particular. (Ele continuava a ser, como há trinta anos, um homem das ciências humanas e da filosofia. Ser dono de farmácia e usar um botão do partido era necessário para levar uma vida tranquila, pois não usá-lo lhe custaria muitos dissabores; entretanto, quando se tratava de ajudar um amigo, corria riscos e deixava a tranquilidade de lado. Teria sido demasiado pedir-lhe que fizesse o mesmo na política em geral.) Ele me trouxe dois livros novos, um de história, outro de história da literatura. Pelas tiragens percebia-se

[332] A Alemanha é o país de origem da erva-de-são-joão, ou *Johanniskräuter*, muito antiga, cujo nome científico é *Hypericum perforatum*, também usada no Brasil como antidepressivo.

que eram obras influentes. Estudei esses livros e teci comentários sobre eles, sob o ponto de vista da LTI. Anotei para mim mesmo: "No futuro, não bastará simplesmente proibir esse tipo de leitura para o público em geral; será necessário mostrar com clareza aos professores os traços característicos e os pecados da LTI. Tomei alguns exemplos para seminários de história e língua alemãs."

Em primeiro lugar, o livro *Geschichte des deutschen Volkes* [História do povo alemão], de Friedrich Stieve. Livro volumoso, publicado em 1934. Entre o verão de 1939 e 1942 alcançara doze edições, segundo o prefácio da nona edição; os fatos relatados incluíam a anexação da Tchecoslováquia e a retomada dos Sudetos.[333] Se surgiu alguma edição depois dessa (o que considero improvável), não deve ter acrescentado nada ao desenrolar da história, pois um mês antes da eclosão da nova guerra mundial o autor conclui com um grito de júbilo: "O incomparável progresso alemão foi alcançado sem qualquer derramamento de sangue." Faz, ainda, a terrível comparação de que o Reich alemão havia chegado até aqui "pairando sobre o curso do tempo, como um baluarte de dignidade e estabilidade, sendo portador de uma profecia luminosa para o futuro, como as edificações construídas por Adolf Hitler". A tinta do meu exemplar ainda não estava bem seca e as primeiras dessas edificações — "que, em sua compacidade maciça e estruturada, encarnam simbolicamente a força e a tranquilidade em uma unidade luminosa" (o destaque para a força da arquitetura também é LTI) — já estavam sendo postas abaixo pelas bombas inimigas.

O livro de Stieve é como um engodo eficaz, um veneno embrulhado em migalhas inocentes. Nas quinhentas páginas

---

[333] Parte da Prússia Oriental. Após a assinatura do Tratado de Versalhes, esteve sob tutela internacional antes de ser ocupada pela Lituânia e depois pelas tropas alemãs em março de 1939. A região foi libertada pelo Exército Vermelho em 1944.

da obra há longos capítulos que, não obstante o *páthos* contínuo, são escritos com certo grau de ponderação. O estilo e o conteúdo não apresentam distorções violentas, de modo que até um leitor acostumado a pensar pode sentir confiança. Porém, quando a mentalidade nazista aparece, todos os registros da LTI a acompanham. "Todos" não quer dizer "muitos", pois a LTI é pobre, quer e tem de ser pobre, só se reforçando pela repetição. Martela sempre a mesma coisa.

Em momentos solenes, positivos ou negativos, o sangue é chamado a contribuir, outro sinal de pobreza. Se "até mesmo um Goethe" venerava Napoleão, então a "voz do sangue" estava "com anemia". Quando o governo Dollfuss[334] toma posição contra os nacional-socialistas austríacos, diz-se que ele se opõe à "voz do sangue". E quando, logo depois, as tropas de Hitler invadem a Áustria, soa finalmente *die Stunde des Blutes* [a hora do sangue], com o que *die alte Ostmark zum ewigen Deutschland heimgefunden hat* [o antigo Marco Leste consegue retornar à Alemanha, seu lar eterno].[335]

Ostmark, *ewig* e *heimfinden*: não se pode dizer que não sejam palavras neutras. Fazem parte da língua alemã há séculos e provavelmente continuarão a integrá-la no futuro. Entretanto, no contexto da LTI são expressões decididamente nazistas, inseridas em um registro linguístico específico, características e representativas desse registro. *Ostmark* substitui Österreich [Áustria] e significa ligação com a tradição, veneração dos ancestrais, aos quais invocamos, com ou sem razão, cujo legado pretendemos conservar e cujo testamento queremos cumprir. *Ewig* [eterno] segue a mesma direção: somos os elos de uma corrente que se originou em tempos imemoriais e, passando

[334] Engelbert Dollfuss (1882-1934), político austríaco, líder do Partido Social-cristão. Chanceler desde 1932, opôs-se à anexação da Áustria à Alemanha. Foi assassinado em 25 de julho de 1934, durante um golpe fracassado das SS em Viena.

[335] Como fica claro a seguir, "Marco Leste" é uma referência à Áustria.

por nós, deve prosseguir rumo a um futuro distante, pois sempre fomos e sempre seremos; *Ewig* é o caso extremo da hipérbole numérica nazista, que por sua vez é um caso especial do hiperbolismo geral da LTI. Quanto a *Heimfinden* [retorno ao lar], é uma das expressões rapidamente tornadas suspeitas, com forte conotação emotiva; tem origem na glorificação do sangue e arrasta consigo o uso excessivo de superlativos.

Tradition und Dauer [tradição e continuidade], dois conceitos muito usuais na historiografia, não bastam para definir o estilo do historiador. Mas Stieve prova fidelidade ao nacional-socialismo ortodoxo justamente ao inundar seu texto com expressões nazistas que pertencem ao registro dos sentimentos.

Uma força *unbändig* [indômita] estimula címbrios e teutônicos,[336] cuja invasão da Itália inicia essa história. Um anseio *unbändig* instiga os germanos a "lutar contra tudo e contra todos"; uma paixão *unbändig* explica, desculpa e até enobrece os piores excessos dos francos. *Furor teutonicus* é visto como um título de glória para os "filhos vigorosos do norte": "Que esplendor ousado ilumina sua irrupção; sem desconfiar da perfídia ao redor, ela estava totalmente *eingestellt* [ligada] à força do sentimento avassalador e ao poder daquele impulso interno que os fazia regozijar de alegria ao atacar o inimigo."

Destaco o termo *eingestellt*, cujo significado original estava muito enfraquecido antes de a LTI existir. Também é possível encontrar em Stieve a insensibilidade nazista à justaposição bruta de expressões mecânicas e afetivas. Ele escreve sobre o Partido Nazista: "O partido foi incumbido de tornar-se o potente motor da Alemanha, o motor da ascensão espiritual,

[336] Originários da embocadura do Elba, esses povos germânicos empreenderam a partir de 120 a.C. uma migração para o sul, invadindo a Gália e o norte da atual Itália, antes de ser derrotados em 102 e 101 a.C. por Mário.

da devoção ativa, do contínuo despertar, tendo em vista a formação do Reich recém-criado."

A característica geral do estilo de Stieve é a ênfase unilateral com que valoriza os sentimentos, já que, para ele, tudo, absolutamente tudo, decorre dessa característica básica — glorificada e privilegiada — dos germanos. Ela define a estruturação política, já que se mede a capacidade de um líder pelo porte de seu *Gefolgschaft* [séquito], e o *Gefolgschaft* repousa "pura e simplesmente em uma submissão interna e voluntária; sua instituição demonstra claramente a importância que os germanos atribuem aos sentimentos".

É dos sentimentos que emana sua fantasia e sua devoção religiosa, capacitando-os a divinizar a natureza, "aproximando-os da terra", fazendo-os desprezar o intelecto. O sentimento os conduz ao infinito, e assim se estrutura a tendência fundamentalmente romântica do caráter germânico. O sentimento os torna conquistadores, lhes confere a "convicção alemã de que sua vocação é dominar o mundo".

Entretanto, a preponderância do sentimento produz uma situação em que, além da necessidade de dominar o mundo, também há o desejo de fugir dele. Por isso, não obstante o culto à vida, o *Aktivismus*, aparece uma inclinação especial para o cristianismo.

Assim que o desenrolar da história permite — e o fato de ele não ter forçado isso prematuramente o diferencia dos demais ideólogos do partido —, Stieve introduz o judeu como antagonista da pessoa sensível. A partir desse ponto acumulam-se as expressões especificamente nazistas, ou melhor, elas se complementam em sentido negativo. *Zersetzung* [decomposição, desagregação, dissolução] passa a ser uma palavra central. Começa com a *Junges Deutschland* [jovem Alemanha].[337]

[337] Movimento literário alemão (1830-1850) lançado por Heinrich Heine, Ludwig Börne e outros autores politicamente engajados, como Gutzkow e Herwehg. Rejeitava o nacionalismo e demais dogmatismos.

"Dois poetas judeus, Heinrich Heine e Lion Baruch, aliás, Ludwig Börne depois do batismo"[338] são os primeiros demagogos saídos do *auserwählten* [povo eleito]. (Parece-me que *auserwählten* é primeira expressão irônica do nazismo.) O espírito materialista da época favorece as disposições hereditárias dessa raça estrangeira e as características adquiridas no exílio, que alimentam o materialismo.

Agora o vocabulário nazista pode ser ampliado: *niederreißende Kritik* [crítica destrutiva], *zerfasernder Intellekt* [intelectualismo esfarrapado], *tödliche Gleichmacherei* [nivelamento mortal], *Auflösung* [dissolução], *Unterhöhlung* [minar], *Entwurzelung* [desenraizar], *Durchbrechung der nationalen Schranke* [extravasar os limites nacionais]; *Marxismus für Sozialismus, denn der wahre Sozialismus gehört dem Hitlertum* [marxismo em vez de socialismo, pois o verdadeiro socialismo pertence ao hitlerismo], enquanto o falso é fruto das heresias do judeu Karl Marx. (Usar "judeu" Marx, "judeu" Heine, em vez de simplesmente Marx e Heine, é uma forma de agressão estilística que, em retórica, aparece no antigo *epitheton ornans* [epíteto decorativo].) A derrota na Primeira Guerra Mundial reforça esse aspecto da LTI: *teuflischen Giften der Zersetzung, von roten Hetzern* [venenos diabólicos de desagregação, dos provocadores vermelhos].

O terceiro elemento de reforço nasce da postura beligerante contra o bolchevismo e o comunismo: aparecem as hordas sinistras dos batalhões vermelhos.

Então vem o coroamento da obra e a apoteose do desempenho estilístico da linguagem nazista: surge o salvador, o soldado desconhecido, o homem da Grande Alemanha, o Führer. Agora os *slogans* aparecem um atrás do outro. A linguagem

[338] Ludwig Börne (1786-1837) lamentou sua adesão ao protestantismo em 1818 como *diese törichte Verschwendung* [desperdício insensato]. Escrevendo em alemão e francês, foi um grande publicista e um combatente do antissemitismo. Seu conflito com Heine foi de cunho político.

dos Evangelhos, terrivelmente prostituída e colocada a serviço da LTI, culmina com a frase: "Pelo poder supremo de sua fé, o homem que estava no topo, usando a antiga profecia, conseguiu reanimar o enfermo prostrado no chão, dizendo-lhe 'Levanta-te e vai'."

Já destaquei a pobreza da LTI. No entanto, ela chega a ser rica no texto de Stieve, se comparada com a retórica de Walther Linden em *Geschichte der deutschen Literatur* [História da literatura alemã], de 1937, certamente um livro famoso — reeditado três vezes pela editora popular Reclam, apesar de ter quinhentas páginas. Passou a ser um manual básico para alunos e estudantes, pois na época de Hitler resumia as avaliações oficiais mais comuns sobre literatura, formuladas conforme as normas vigentes. Durante a década de 1920, o autor, que teve a sorte de falecer antes do colapso do Terceiro Reich, editou a *Zeitschrift für Deutschkunde*, dedicada à literatura alemã, em que eu mesmo cheguei a publicar uma série de artigos. Depois disso ele soube se reciclar com facilidade, pois esclarecia tudo a partir de um único ponto de vista, explicando qualquer coisa com duas palavras, quase sempre associadas e, do ponto de vista da LTI, idênticas.

Qualquer corrente de pensamento ou obra literária, qualquer autor, é *arthaft* [próprio da espécie] ou *volkhaft* [próprio do povo].[339] Segundo Linden, quem não possuir essas qualidades não tem direito a existir, pois seus valores éticos e estéticos serão recusados. Isso se repete, às vezes a cada página, às vezes a cada parágrafo.

"Pela segunda vez, na cavalaria, depois da poesia heroica das cortes dos príncipes germânicos, nasceu uma cultura de alto nível, criativa e *arteigene* [própria da espécie]."

[339] Palavras de tradução difícil. O sufixo *haft* aproxima a palavra do substantivo. *Arthaft* seria "em conformidade com a espécie, jeito de ser, gênero"; *volkhaft* seria "em conformidade com o povo".

"Fora da Itália, o humanismo tornou-se a antítese de tudo que é *volkstümlich* [próprio dos hábitos do povo] e *arteigene*."

"Só o século XVIII foi capaz de transformar as riquezas do espírito e da sensibilidade em unidade e totalidade orgânica de uma nova vida *arteigene*: foi no renascimento nacional do movimento alemão a partir de 1750."

Leibniz é um "pensador universal *arthaft* de alma alemã". Os sucessores colocaram em sua doutrina um excesso de ideias *überfremden* [estrangeiras].

O "sentimento de isolamento específico *arthaft* alemão" de Klopstock.

A interpretação da Grécia antiga por Winckelmann reuniu *zwei artverbundene Völker* [dois povos indogermanos] solidários.

Em *Götz von Berlichingen*, uma *bodenentstammte Volksart* [espécie étnica autóctone] e o *heimisches Recht* [direito nativo] sucumbiram a uma *volksfremd* [ordem estranha ao povo] baseada em submissão escrava, que se impôs por meio do direito romano *artfremd* [estranho à espécie]...

"Löb Baruch (Ludwig Borne)", judeu batizado, e Friedrich Ludwig Stahl, também batizado como Jolson, um liberal e o outro conservador, ambos são igualmente culpados pelo abandono da *germanischen Ordnungsgedankens* [ideia germânica de ordem] e pelo *Entfernung vom arthaften Staatsdenken* [afastamento do pensamento nacional *arthaft*].

A poesia lírica e a *Balladik volkhaft* [balada popular] de Uhland contribuíram para despertar o ser *Artbewusstsein* [consciente da espécie].

"No realismo amadurecido, a sensibilidade *arthaftgermanisch* [característica germânica] vence novamente o *esprit* francês e a literatura jornalística liberal judaica."

Wilhelm Raabe combate "a desespiritualização gradual do povo alemão sob influências *artfremd*".

Die arthafte deutsche Bewegung, der Realismus [o movimento característico alemão, o realismo] termina com os romances de Fontane. Paul Lagarde *ist um eine arthaft Religion bemüht* [empenha-se por uma religião alemã específica]. Houston Stewart Chamberlain foi *artechter* [mais puro] do que o alemão de Rembrandt,[340] ofereceu ao povo alemão *arteigene Geistesheroen* [heróis espirituais puros] mais de uma vez, despertou "a visão germânica da vida para a potência criadora *völkische* [racial]".[341]

Todos esses exemplos estão espremidos em pouco menos de sessenta linhas, e ao listá-los tive de deixar de fora a *nervösen Entartung* [degeneração nervosa] e a *Kampf zwischen Oberflächenliteratur und ewiger arthafter Dichtung* [luta entre a literatura superficial e a eterna poesia característica e pura], assim como o esforço para constituir uma vida intelectual *arthaft* e espalhar a cultura *volkhaft*.

Em torno de 1900, Bartel e Lienhard iniciaram a "contracorrente *volkhaft*". Quando se chega aos grandes precursores da literatura *volkhaft*, como Dietrich Eckart e os demais ligados diretamente ao nacional-socialismo, não é de estranhar que tudo esteja entranhado em *arthaft*, *volk* [povo] e *blut* [sangue].

Só se dedilha essa corda da LTI, que é a mais popular. Antes de ler essa *História da literatura alemã*, eu conheci na minha própria casa o seu lado mais vulgar e mais tosco. Em cada busca domiciliar, Clemens, o agente da Gestapo "que batia", dizia para minha mulher: *Du artvergessenes Weib! Weißt du nicht...* [Tu, mulher perdida para tua espécie, não sabes que...]

[340] Chamberlain era inglês de nascimento e genro de Richard Wagner. Foi um ideólogo do nacional-socialismo alemão. "Alemão de Rembrandt" é uma referência a Julius Langbehn (1851-1907), escritor regionalista e crítico literário, autor de *Rembrandt als Erzieher* [Rembrandt como educador].

[341] Para a tradução de *völkische*, ver nota 252, capítulo 28.

e Weser, o agente "que cospia", complementava: *Weißt du nich, daß schon im Talmud steht, "eine Fremde ist weniger wert als eine Hure"?* [Tu não sabes que no Talmud consta que "uma estranha vale menos que uma prostituta"?]. Isso se repetia sempre, palavra por palavra, como a frase declamada pelo mensageiro de Homero: *Du artvergessenes Weib! Weißt du nicht...*

Durante todos esses anos, principalmente nas semanas em Falkenstein, repeti para mim mesmo a pergunta para a qual não consigo encontrar resposta até hoje: como foi possível que intelectuais perpetrassem tamanha traição à cultura, à civilização e à humanidade? Os agentes da Gestapo eram bestas humanas, apesar de terem patentes de oficiais; é preciso ter paciência com gente desse tipo, que vai continuar existindo. Mas uma pessoa culta como esse historiador da literatura! Atrás dele me vem à memória uma fila de literatos, poetas, jornalistas, acadêmicos. Traição por todo lado.

Aí aparece um tal Ulitz,[342] que escreveu a história de um estudante judeu atormentado e a dedicou ao amigo Stefan Zweig.[343] Depois, justamente no momento de maior perigo para os judeus, apresentou uma descrição caricatural de um judeu praticante da usura para provar fidelidade à tendência dominante. E Dwinger? No romance que escreveu na prisão na Rússia, durante a Revolução Soviética,[344] não menciona atividades ou atrocidades por parte de judeus. Ao contrário, as duas únicas referências a judeus em toda a trilogia descrevem ações humanitárias de uma mulher judia e de um comerciante judeu. Depois, justamente no período de Hitler, surge

[342] Arnold Ulitz (1888-1971), romancista alemão.

[343] Stefan Zweig (1881-1942), escritor austríaco de ascendência judaica. Humanista e pacifista, teve seus livros queimados em praça pública pelos nazistas. Exilado, suicidou-se no Brasil.

[344] Nessa trilogia, *A paixão alemã* (1929-1932), o autor descreve sua experiência como prisioneiro na Rússia durante a Primeira Guerra Mundial.

a figura de um comissário judeu sanguinário. Em um ensaio publicado em 1944 na *Velhagen-und Klasing-Hefte*, que em outros tempos foi uma revista de bom nível, encontro também o engraçado Hans Reimann, da Saxônia, que descobre as características gerais dos judeus e as piadas sobre eles: "*Der Glaube der Juden ist Aberglaube* [a fé do judeu é uma superstição], seu templo é o clube local, seu Deus é o proprietário de uma grande loja de departamentos... A tendência ao exagero está tão presente na cabeça judaica que fica difícil distinguir entre o intelectualismo putrefato e as bobagens daquele povo de pé chato." (Observem a "ducha escocesa" em um espaço tão pequeno: intelectualismo putrefato e bobagens daquele povo de pé chato!)

Estou relatando a miscelânea que li nos dias que passei em Falkenstein. Talvez mais interessante do que esse mergulho reiterado e sempre incompreensível na traição — pois uma doença do espírito e uma tendência súbita para o crime ainda não são trágicas em si —, talvez mais fácil de explicar e mais trágico seja o escorregão meio inocente nessa mesma direção, tal como se pode ver em Ina Seidel, que caminha para o romantismo de coração puro até chegar tardiamente a compor hinos a Hitler, o messias alemão, nessa altura coberto de sangue dos pés à cabeça. Mas não posso resolver esse assunto em meu caderno de anotações. Preciso estudá-lo mais profundamente...

Entre os traidores encontrei até um antigo conhecido da Primeira Guerra Mundial, Paul Harms, jornalista político alemão estimado pelos amigos e respeitado pelos adversários. Lembro-me das infindáveis conversas que tivemos no Merkur, café dos escritores de Leipzig. Nessa época, apesar de deixar o *BerlinerTageblatt* para escrever no *Leipziger Neuesten*, politicamente mais à direita, Harms não assumira a posição de provocador nem parecia um obstinado. Além de ser erudito e ter boas ideias, era uma pessoa correta. Conhecia os horrores da

guerra e reconhecia a insanidade dos planos alemães de dominar o mundo. Sabia avaliar a força dos países inimigos. Passaram-se muitos anos sem que eu ouvisse nada a seu respeito, pois, atarefado com meus assuntos, restringia-me à leitura de jornais locais. Caso estivesse vivo, estaria mais perto dos oitenta anos do que dos setenta, aposentado. Mas eis que vejo de novo o *Leipziger Neuesten.* A cada três ou quatro dias aparecia um artigo político com a antiga rubrica P.H. Não era mais o Paul Harms que eu conhecera. Era uma das mais de cem variações dos textos semanais de Goebbels que eram distribuídos pela imprensa alemã. Tratavam do *Weltjudentum* [judaísmo mundial] e da "estepe",[345] da traição da Inglaterra diante da Europa ou da abnegação da combativa Alemanha para libertar o Ocidente. Era toda a LTI, comprovando tristemente a minha prova dos nove. Triste prova. Essas linhas me falavam com sotaque pessoal, com entonação próxima, com palavras familiares, mas inesperadas quando pronunciadas por alguém conhecido. No verão seguinte eu soube que Paul Harms falecera poucos dias antes da entrada dos russos em Zehlendorf. Senti quase um alívio. Ele fora salvo pelo gongo, subtraído da justiça dos homens, como diz a expressão religiosa.

A LTI não me invadia só por meio de livros e jornais, nem de conversas rápidas durante a angustiante permanência em locais de refeição: era também falada, todo o tempo, no ambiente civilizado da farmácia. Com a idade, o nosso amigo passara a ver os fatos do cotidiano, mesmo os mais terríveis, com uma indulgência que beirava a displicência, dizendo que eles não tinham importância diante da eternidade: *den ewigen Belangen* [isso pertence ao eterno]. Não se preocupava em repetir o jargão peçonhento. A filha, que também era sua auxiliar, não considerava que fosse um jargão, mas sim a linguagem da fé em que fora criada, da qual não havia como se afas-

[345] Referência pejorativa à Rússia.

tar. Parecia a jovem farmacêutica lituana, da qual falei em "A guerra judaica".

Uma vez, durante um pesado ataque aéreo — as asas da morte ainda rugiam, passando da fórmula literária à vida real em voo rasante sobre os telhados da cidadezinha intimidada, com bombas explodindo sobre Plauen —, o veterinário local teve de permanecer conosco. Era loquaz, mas não era dado a conversa fiada. Pôs-se a falar sem parar, procurando acalmar os clientes apavorados pelo alarme, esforçando-se para desviar a atenção. Começou a contar sobre as maravilhas de uma arma nova — não, das novas armas que já estavam prontas e seriam usadas a partir de abril, quando passariam a ter um papel decisivo na guerra.

— O avião de um só lugar é muito mais eficiente que o V2. Derrubará as esquadrilhas de bombardeiros. Voa a uma velocidade fantástica e por isso só atira para trás, pois é mais rápido que o próprio tiro. Abaterá os aviões inimigos antes que consigam lançar as bombas. Os testes finais foram concluídos e a produção em massa está em andamento.

De verdade! Ele disse tudo isso, e pelo tom da voz podia-se perceber que acreditava nesse conto da carochinha. Mais ainda: pela expressão dos ouvintes podia-se perceber que acreditaram na história, pelo menos durante algumas horas.

— Crês que esse homem conta essas mentiras deliberadamente? — perguntei ao nosso amigo mais tarde. — E tu mesmo sabes que são apenas histórias?

— Ele é uma pessoa séria, não mente — respondeu Hans. — Com certeza ouviu falar nessa arma. Afinal, por que não pode haver alguma verdade nisso? E por que não se pode dar um pouco de consolo às pessoas?

No dia seguinte ele me mostrou uma carta que acabara de receber de outro amigo, diretor de uma escola na região de Hamburgo. De acordo com Hans, eu teria gostado mais desse amigo do que do veterinário, pois ele possuía uma sóli-

da base filosófica, era um idealista puro, voltado para questões humanitárias, e se opunha radicalmente ao regime nazista. Esqueci-me de relatar que o veterinário não falara somente na arma miraculosa, mas também, com a mesma crença, em um fenômeno que estava se repetindo: *wonach von gänzlich eingestürtzten Häusern nur "die Wand mit dem Hitlerbild" stehen geblieben sei* [casas bombardeadas, nas quais somente a "parede com o quadro de Hitler" permanecia de pé]. O amigo filósofo antinazista da região de Hamburgo não acreditava em armas miraculosas nem em mitos. Mostrava-se desesperado. Escrevera o seguinte: "Apesar da situação desesperadora, existe o desejo de que haja uma *Wende* [virada], um milagre, porque *unsere Kultur und unser Idealismus dem Ansturm des vereinten Materialismus der Welt untergehen* [nossa cultura e nosso idealismo não podem ser subjugados pelo materialismo mundial]!"

Ao ler, respondi:

— Só falta o assalto da estepe! Não te parece que teu amigo esteja totalmente em consonância com a Alemanha contemporânea? Quando alguém ainda espera uma virada que depende de Hitler... *Wende* é uma palavra artificial muito apreciada pelo hitlerismo.

No mapa que usávamos na fuga, o distrito da farmácia de Falkenstein é delimitado por duas áreas rurais. Inicialmente nos dirigimos à aldeia vêndica[346] de Piskowitz, perto de Kamenz. Lá vivia a nossa fiel Agnes, camponesa viúva com dois filhos. Trabalhara conosco durante muitos anos, e depois nos enviava pessoas de sua região, sempre que alguma moça se casava. Sabíamos que nos receberia calorosamente, e era provável que nem ela nem ninguém da aldeia soubesse que eu esta-

[346] Os vênedos são um antigo povo eslavo que habitava do Vístula ao Volga. Segundo a *Wikipedia*, esse povo também pode ser chamado de *Elbslawen* [eslavos do rio Elba].

va na mira das leis raciais de Nuremberg. Nossa intenção era lhe contar a verdade, confiantes em que seus cuidados conosco seriam redobrados. Se nada de inesperado acontecesse, ficaríamos escondidos na aldeia isolada, onde — sabíamos — havia um intenso sentimento antinazista. Se a religiosidade católica do povo local não bastasse, ajudaria a sua origem vêndica. Essas pessoas tinham forte ligação com a língua eslava, que os nazistas queriam apagar, forçando-os a alterar os hábitos e a educação religiosa. Sentiam-se eslavos e estavam magoados com a divinização dos germânicos. Já ouvíramos muitas vezes isso de Agnes e de sua gente. Além disso, os russos já estavam em Görlitz. Brevemente estariam em Piskowitz, onde conseguiríamos sua proteção.

Meu otimismo era acompanhado por uma sensação de euforia: havíamos preservado a saúde, e a incrível salvação estava próxima, como nos contos de fadas. Quando abandonamos Dresden, reduzida a incêndios e escombros, a visão da destruição nos convencera de que o fim da guerra era iminente. Mas o otimismo ficou abalado — ou melhor, se inverteu — quando o prefeito da localidade perguntou se eu tinha parentes não arianos (eu havia dito que meus documentos tinham sido queimados). Foi muito difícil responder "não" aparentando indiferença. Senti medo de ter levantado suspeitas. Soube depois que se tratava de uma pergunta de praxe; aquele senhor não desconfiara de mim. Mas, a partir daí, o barulho dos fuzis de 1915, que atiravam nos corpos caídos, não me saiu mais da memória, às vezes alto, às vezes baixo, incomodando-me mais do que a própria explosão das granadas. Essa sensação foi bem mais angustiante em Falkenstein e só acabou no dia em que os americanos entraram na Baviera. Nem as bombas, nem os voos rasantes, nem mesmo a morte me causavam medo — mas a Gestapo, sim. Sempre aquela sensação de pavor de ter alguém em meu encalço, alguém com quem eu esbarraria de frente, alguém que me es-

peraria em casa para me buscar. "*Holen!*" *Jetzt spreche ich auch schon in dieser Sprache!* ["Buscar!" Agora eu também falo essa língua!]. O que importa é não cair em mãos inimigas! Suspiro angustiado a cada dia!

Houve alguns momentos calmos em Piskowitz, aldeia pacata, um mundo à parte, completamente antinazista. Até o prefeito preferia permanecer distante do partido e do governo.

É claro que a política nazista também havia chegado a esse vilarejo. Na minúscula escrivaninha da sala de estar comunitária da casinha típica de aldeia, no meio de contas a pagar, cartas de família, envelopes e blocos de carta, também havia livros escolares. Por cima, o *Atlas escolar alemão*, publicado por Philip Bouhler,[347] homem da chancelaria do Reich, com assinatura do autor em fac-símile, distribuído em todas as escolas da Alemanha, até nos rincões mais recônditos. Só se consegue perceber o verdadeiro descalabro desse texto quando se observa a data de publicação: setembro de 1942. A essa altura já se sabia que a tão almejada vitória alemã era impossível, e a grande questão era como evitar uma derrota completa. O que se fez, nesse contexto, foi colocar nas mãos das crianças um conjunto de mapas que mostravam o *Großdeutschland als Lebensraum* [espaço vital da Grande Alemanha], incluindo o "Governo Geral com Varsóvia e o distrito de Lemberg", o "Comissariado do Reich para os territórios do Leste" e o "Comissariado do Reich para a Ucrânia". A Tchecoslováquia, na condição de "Protetorado da Boêmia e da Morávia", e os Sudetos aparecem destacados em cor especial como integrantes do Reich. As cidades alemãs resplandecem com os nomes de honra nazistas: "Nuremberg, capital do mo-

---

[347] Philip Bouhler (1899-1945), político alemão filiado ao Partido Nazista desde 1922. Chefe da chancelaria a partir de 1934, foi também presidente da Comissão Oficial de Censura e principal defensor da eutanásia no Terceiro Reich.

vimento e cidade dos congressos do partido", "Graz, cidade do levante popular", "Suttgart, cidade dos alemães expatriados", "Celle, sede do tribunal da propriedade rural hereditária do Reich".[348] Em vez de Iugoslávia, havia o "Território Militar da Sérvia". Os *gau* [distritos administrativos] nazistas estavam em outro mapa; em mais um, as colônias alemãs. Em letras bem pequenas na margem inferior dessa folha estava escrito: *Unter Mandatsverwaltung* [sob mandato administrativo]. Como será que uma pessoa vê o mundo hoje, se na mais tenra e indefesa infância tudo isso lhe foi transmitido em cores vivas?

Ao lado do *Atlas*, que do ponto de vista linguístico era um glossário importante da LTI, havia também um livro de aritmética cujos exercícios baseavam-se em números do *Versailler Diktat* [Tratado de Versalhes] e da *Arbeitsbeschaffung durch den Führer* [geração de trabalho pelo Führer].[349] Havia também um livro que contava histórias encantadoras de um Adolf Hitler paternal, dedicado a crianças e animais.

No mesmo pequeno espaço da escrivaninha, porém, havia um antídoto ao nazismo: um nicho sagrado com a Bíblia vêndica e um crucifixo igual à maioria dos crucifixos que víamos nas ruas da aldeia. Eu não saberia dizer se o catolicismo, em si mesmo, poderia ser considerado um antídoto se não tivesse havido essa insistência na preservação da própria língua. Digo isso porque, além da Bíblia e dos livros escolares que encontrei na casa, minha leitura principal era um livro grosso, bastante manuseado: *Stadt Gottes* [Cidade de Deus], de Santo Agostinho. Havia uma *Zeitschrift für das katholische Volk*, revista ilustrada para o povo católico, de 1893-1894, cheia de

---

[348] A "Lei para a fazenda hereditária", promulgada em 29 de setembro de 1933, protegia os camponeses como "fonte de sangue do povo alemão". Se o camponês pudesse provar sua condição de ariano, sua fazenda passava a ser inalienável.

[349] Há cenas desse tipo no filme *A vida é bela*, de Roberto Benini, laureado com o Oscar em 1999.

ataques contra a *verjudete Loge* [loja maçônica judaizada], os judeus liberais e os social-democratas subservientes. Na medida do possível, defendia os pontos de vista de Ahlwardt,[350] só se afastando dele em último caso. É verdade que não transmitia um antissemitismo racial, o que me fez ver novamente a que ponto Hitler havia agido de maneira habilmente demagógica (ou, para usar suas palavras, *volksnah* [próximo do povo]) ao fazer do judaísmo o traço que unia grande parte dos seus inimigos.

Mas o antissemitismo católico da década de 1890 não me autorizava a fazer analogias com o momento atual. Pois quem levasse a sério a fé católica estaria agora próximo dos judeus, compartilhando uma hostilidade implacável a Hitler.

A biblioteca da casa abrigava mais um livro grande, antigo e bastante manuseado, mas que não permitia qualquer conclusão a respeito da posição dos moradores. O camponês já falecido fora apicultor, e o compêndio era um anuário para criadores de abelhas do Barão August von Berlepsch.[351] O autor, que escreveu a introdução ao livro em 15 de agosto de 1868, em Coburg, era não somente especialista no assunto como também um grande moralista e um cidadão pensante. "Conheço muitas pessoas", diz, "que antes de se tornarem criadores de abelhas gastavam todo o tempo livre no bar mais próximo, bebendo, jogando cartas ou travando discussões políticas estéreis. Quando se tornaram criadores de abelhas passaram a ficar em casa com a família. No bom tempo passavam as horas de lazer com as abelhas, e nas estações desfavoráveis liam revistas sobre a criação, faziam reparos no

---

[350] Alemão antissemita, influente do final do século XIX, importante idealizador do que viria a ser o nacional-socialismo. Foi condenado várias vezes por difamação.

[351] August von Berlepsch (1818-1877), teólogo e apicultor, autor de obras sobre a vida das abelhas.

apiário e consertavam os equipamentos, ou seja, apreciavam a vida doméstica e o trabalho. Esse é o *Schibboleth*[352] do cidadão sério..."

Agnes e seus vizinhos pensavam de forma diferente. Todas as noites promoviam reuniões que denominávamos *Wendische Spinnstube* [sala de fiandeiras vêndicas]. O fato de nos permitirem participar era uma grande prova de confiança. O lugar do encontro era a casa do cunhado de Agnes, pessoa de interesses variados. Apesar de católico e vêndico fervoroso, dizia: "Conseguimos chegar a Rügen.[353] Portanto, nosso território deveria ir até lá." Ele pertencera aos "capacetes de aço", mas os deixara quando foram absorvidos pelo Partido Nazista.

Havia um vaivém intenso na cozinha, que era aconchegante, quente e espaçosa. As mulheres permaneciam sentadas, costurando, com os homens em volta, em pé, fumando. Crianças entravam e saíam. O centro das atenções era um rádio imponente em torno do qual um grupo se concentrava. Enquanto uns tentavam sintonizar a estação, outros faziam sugestões, discutiam sobre o que tinham acabado de ouvir e mandavam os demais ficar quietos quando havia algo importante. Na primeira vez que entramos na sala havia bastante barulho, apesar de o rádio estar ligado. Quase em tom de desculpas, o cunhado de Agnes me disse: "É Goebbels. O rádio captou meio sem querer. O outro programa é daqui a dez minutos."

Foi nesse 28 de fevereiro de 1945 que ouvi Goebbels pela última vez. Em termos de conteúdo, era igual ao que falava e publicava nos jornais nesse período final: metáforas esportivas brutais, reafirmações da vitória final e um desespero mal disfarçado. Mas seu modo de falar me pareceu mudado.

---

[352] Palavra hebraica do Antigo Testamento. Significa "senha".

[353] Ilha situada no mar Báltico, que foi sucessivamente dominada por diferentes povos ao longo da história. Hoje pertence à Alemanha.

Não havia mais modulação na voz. Falava lentamente, o timbre em cadência uniforme, medida, com pausas, como um bate-estacas.

"O outro" era uma designação geral, sintética, que incluía todas as transmissões radiofônicas que vinham de Beromünster (Suíça), de Londres e de Moscou: Rádio Soldado, Rádio da Liberdade e outras. Todos sabiam que essa escuta proibida era punida com a morte, mas mesmo assim conheciam os horários, as frequências e os demais pormenores de cada estação. Consideravam-nos ingênuos porque até então não conhecíamos "o outro". Ninguém procurou nos esconder essas escutas clandestinas, realizadas sem grandes precauções e sem aura de mistério. Por meio de nossa amiga Agnes já pertencíamos à aldeia, cuja posição era unânime: todos aguardavam o fim próximo de Hitler e a chegada dos russos.

Discutiam-se os êxitos, as iniciativas e os planos dos aliados. Até as crianças participavam. Não dependiam somente do "outro": também traziam para casa notícias de fora. Pois aqui não choviam só tiras de papel-alumínio, como em Falkenstein, que davam à floresta de pinheiros ainda nevada um ar de Natal. Também caíam panfletos, cuidadosamente catados e lidos. Quase sempre, eles comunicavam o mesmo que "o outro", com apelos para que os alemães se libertassem de um governo louco e criminoso, que pretendia continuar uma guerra perdida e levar a Alemanha à destruição completa. As crianças eram proibidas de catar esses papéis, mas a proibição não funcionava: todos os liam com atenção e concordavam com o que diziam. Certa vez, Yuri, neto de Agnes, chegou brandindo um caderno intitulado "Os artigos de guerra, de Goebbels", com uma cabeça típica de um guerreiro nazista na capa (metade águia, metade vândalo). "Este não precisamos queimar, recebemos na escola um igualzinho!" À esquerda apareciam as frases inculcadas nas mentes das crianças e à direita os aliados refutavam, ponto por ponto,

as afirmações nazistas. Particularmente informativa e esclarecedora foi a resposta à alegação de que a guerra tinha sido *aufgezwungen* [imposta] ao Führer, amante da paz ("guerra imposta" é uma das expressões mais estereotipadas da LTI).

A aldeia podia obter informações sobre a situação de duas outras fontes: os patéticos comboios com camponeses fugitivos da Silésia, que eram autorizados a parar brevemente no acampamento Maidenlager, um enorme agrupamento de barracas verdes do antigo *weiblicher Arbeitsdienst* [posto de trabalho feminino], e os artilheiros da Baviera que retornavam a cavalo do *front*, sem armas, e que tinham permissão para descansar ali.

De maneira particularmente curiosa, havia outro tipo de esclarecimento: citações bíblicas. O pai de Agnes, idoso mas cheio de vigor, contava longamente a história da rainha de Sabá para prever a chegada dos russos. No início, eu quis enquadrar o impacto da Bíblia na LTI como um fenômeno estritamente rústico, mas logo me lembrei do álamo de Babisnau,[354] assim como das predições astrológicas amplamente disseminadas entre o povo e a classe dirigente.

O estado de ânimo em Piskowitz não era desesperador. A guerra não lhes causara um sofrimento especial. Nenhuma bomba caíra nesse vilarejo modesto, que nem sequer tinha sirene. Quando soava o alarme distante, como sempre acontecia, continuava-se a dormir tranquilamente, se fosse noite. Durante o dia se assistia com interesse a um espetáculo: de altitudes enormes, enxames de setas prateadas, com um dedo de comprimento, cruzavam o céu azul, emergindo das nuvens e desaparecendo nelas. Nessas ocasiões, invariavelmente, um dos observadores lembrava os demais: *Und Hermann hat gesagt, er wolle Meier heißen, wenn ein feindlicher Flieger nach Deutschland hereinkäme!* [E Hermann disse que passaria a se

[354] Ver capítulo 10, "Criação espontânea".

chamar Meier se um único avião inimigo penetrasse na Alemanha!]. Alguém respondia: *Und Adolf hat die englischen Städte ausradieren wollen!* [E Adolf queria apagar as cidades inglesas do mapa!]. Essas duas frases nunca foram esquecidas, nas cidades e no campo, enquanto outras frases, jogos de palavras ou brincadeiras tiveram apenas um dia de fama.

Como todos os demais habitantes da aldeia, matávamos leitões: embora ninguém temesse os russos, era preferível comer os leitões a deixá-los para os libertadores. O inspetor de carne examinava-a com um microscópio, o açougueiro e seu ajudante recheavam as salsichas, vizinhos das redondezas vinham dar uma olhada e fazer comparações e, enquanto isso, todos contavam piadas ou brincavam de adivinhações. Passei por uma experiência semelhante à da Primeira Guerra Mundial: em 1915 ouvi a mesma música francesa que ouvira em um vilarejo em Flanders, *Sous les ponts de Paris*, que dois anos antes estivera na moda, mas que nesse ínterim fora substituída por canções mais atuais. De maneira semelhante, o povo de Piskowitz e seu inspetor de carne divertiam-se com uma charada do início da guerra, que também se fazia em Dresden e com certeza nas demais cidades alemãs logo após o início da guerra com a Rússia: qual o significado da marca de cigarros Ramsés? *Russlands Armée macht schlapp Ende September* [O Exército russo cairá até o final de setembro]. Mas havia uma leitura invertida: *Sollte England siegen, muss Adolf raus* [Se a Inglaterra vencer, Adolf tem de sair]. Vale a pena estudar o deslocamento desses chistes por época, espaço e camada social. Contaram-me que, certa vez, a Gestapo lançara uma dessas brincadeiras em Berlim para verificar em quanto tempo e de que forma chegaria a Munique.

Participei da *Schlachtfest* [festa da matança do porco] meio deprimido, sentindo-me um pouco ridículo e um tanto supersticioso. O porco deveria ter sido morto uma semana antes. A essa altura os aliados encontravam-se a 20 quilômetros

de Colônia, e os russos estavam para tomar Breslau. Assoberbado de tarefas, o açougueiro fora obrigado a cancelar a matança. Interpretei esse fato como um presságio. Disse a mim mesmo: se o porco sobreviver a Colônia e Breslau, então vou sobreviver e ver o fim da guerra e de meus carrascos. Por isso a carne do porco me caiu mal: Colônia e Breslau continuavam firmes.

Durante o almoço do dia seguinte, enquanto comíamos porco de novo, chegou o prefeito: recebera ordem para evacuar qualquer morador de outro local, pois na manhã seguinte tropas de combate seriam aquarteladas ali. Às cinco da tarde um veículo nos levaria para Kamenz, de onde um transporte para refugiados nos deixaria na região de Bayreuth. De pé, em caminhão aberto, espremido entre homens, mulheres e crianças, sob uma chuva miúda misturada com neve, sem capotes, senti que estávamos em uma situação desesperadora. Mas o pior estava por vir, três semanas depois. Pois em Kamenz ainda tínhamos a possibilidade de declarar em um guichê: "Fomos desalojados por bombardeio e recebemos alojamento privado em Falkenstein", e podíamos esperar que alguém nos ajudasse. O "centro de recepção" — conceito deplorável, mas consolador — dos últimos dias do Terceiro Reich agonizante ainda nos recebia. Mas ao ter que deixar Falkenstein — pois Hans fora forçado a abrigar duas farmacêuticas de Dresden que poderiam me reconhecer facilmente, e a guerra ainda não terminara —, onde encontraríamos um abrigo seguro? Poderíamos ser descobertos em qualquer lugar.

Nos doze dias de fuga que se seguiram, passamos muita fome, tivemos de dormir no chão de pedra da estação ferroviária, bombas foram lançadas sobre nosso trem em marcha, aguardamos refeições em saguões, caminhamos a vau por riachos durante a noite, contornando pontes destruídas, ficamos agachados em *bunkers*, suamos, trememos de frio, congelamos com calçados ensopados, ouvimos os roncos dos voos rasan-

tes — mas o pior continuava a ser o permanente medo dos controles e de uma eventual prisão. Hans nos dera dinheiro e meios de subsistência suficientes, mas se recusara a nos fornecer veneno, como pedimos — "Poupe-nos de cair nas mãos dos inimigos, eles são piores que a morte!" —, para usar em caso de extrema necessidade.

Finalmente nos afastamos de Dresden. A paralisia e a desagregação da Alemanha aumentavam rapidamente, o fim do Terceiro Reich era iminente. O medo de sermos descobertos diminuiu.

Na aldeia de Unterbernbach, perto de Aichach, para onde fomos levados como refugiados e onde estranhamente não havia saxões — somente silesianos e berlinenses —, temíamos, como todos, os intermináveis voos rasantes e o dia em que os americanos, que já estavam em Augsburg, viriam nos *überrollen*.[355] Acho que *überrollen* foi o último neologismo militar que ouvi. Deve estar relacionado com o predomínio das tropas motorízadas.

Em agosto de 1939 vimos como os cidadãos de Dresden foram buscados na calada da noite, de maneira indigna e clandestina, para formar o Exército. Agora estávamos vendo a maneira indigna e clandestina como se dispersavam. Abandonando o *front* desintegrado, surgiam pequenos grupos de indivíduos que saíam furtivamente dos bosques em busca de vestimenta civil, comida e repouso por uma noite. Alguns ainda acreditavam na vitória, outros sabiam que tudo chegara ao fim. Mesmo assim, vestígios da linguagem anterior, triunfalista, apareciam nas falas.

Entre os refugiados e os moradores ninguém mais acreditava minimamente na vitória ou na sobrevivência do regime. As críticas amargas dos camponeses de Unterbernbach eram

[355] Passar por cima; avançar rapidamente e alcançar; surpreender tropas em retirada.

iguais às dos camponeses de Piskowitz. A diferença é que os vêndicos haviam mostrado sua hostilidade desde o início, quando os da Baviera haviam jurado pelo Führer. Ele lhes prometera tantas coisas, e algumas cumprira. Mas há muito tempo acumulavam-se decepções. O povo de Unterbernbach poderia visitar a sala comunitária vêndica de fiar, o povo de Piskowitz poderia ir a Unterbernbach. Não se entenderiam pela fala, mesmo que os de Piskowitz falassem alemão (o que nunca faziam entre si), mas chegariam logo a um acordo sobre o modo de pensar: agora, todos rejeitavam o Terceiro Reich.

Encontrei entre os camponeses de Unterbernbach grandes diferenças morais, que anotei sentindo remorsos: "Nunca mais diga 'o camponês', ou 'o camponês bávaro', lembre-se sempre de 'o polonês', de 'o judeu'!" O responsável pela aldeia, há muito insatisfeito com o partido mas impedido de abandonar o cargo, prestativo e benevolente com os refugiados, civis ou militares, era um exemplo de bondade, tal como o padre descreve no sermão dominical (anotação do sermão de 22 de abril: *Stat Crux dum volvitur orbis* [A cruz permanece enquanto o mundo gira]; frase atemporal e inatacável, mas agora forte contra os nazistas! Tarefa especial: o sermão no Terceiro Reich, o eufemismo e a fala franca, a semelhança com o estilo da *Enciclopédia*). Por outro lado, a pessoa designada para nos abrigar na primeira noite recusou acesso a água, dizendo que a bomba d'água do estábulo estava quebrada (mais tarde se comprovou que era mentira) e ordenando que déssemos um jeito de desaparecer. Entre esses extremos, um número infinito de variações: nossos anfitriões, por exemplo, estavam mais próximos da extremidade má que da boa.

Quanto ao uso da LTI, era sempre o mesmo: maldizia-se o nazismo com expressões nazistas. Em toda parte se falava na *Wende* [virada], com ou sem esperança, a sério ou de brincadeira. Independentemente das opiniões, todos falavam no assunto *fanatisch* [com fanatismo]. E, é claro, todos discu-

tiam o apelo final do Führer no *front* oriental, que citava as "incontáveis unidades novas" e acusava os bolcheviques "que assassinam velhos e crianças, humilham mulheres e moças como prostitutas de caserna, enquanto o resto marcha para a Sibéria".

Por mais que eu tenha vivido tantas experiências nos últimos dias de guerra (e depois, no retorno para casa) — vivido de fato, e não na acepção mentirosa do regime de Hitler —, não encontrei nada a acrescentar nem a descartar no que havia estudado sobre a LTI no espaço restrito do nosso calvário. Ela englobou e contaminou totalmente a sua Grande Alemanha.

Só preciso acrescentar dois símbolos visíveis do fim do nazismo.

Em 28 de abril de 1945 circulavam rumores de que os americanos estavam próximos. No entardecer, unidades militares se retiraram a pé, em especial a Juventude Hitlerista — jovens embrutecidos, mais que soldados — e um grupo de oficiais do estado-maior que estava ocupando o moderno e bonito edifício oficial, situado na entrada da aldeia no lado sul. Durante a noite houvera uma hora de intenso fogo de artilharia, com obuses passando sobre o povoado. Na manhã seguinte encontramos no banheiro um documento em papel preto e vermelho, rasgado ao meio, muito grande para ser jogado no vaso sanitário e que havia permanecido lá algumas horas. Era o certificado de juramento do nosso hospedeiro. O texto dizia que o "Tyroller Michel tinha prestado a Rudolf Hess, representante do Führer Adolf Hitler, juramento de obediência e lealdade incondicional e absoluta a ele e aos chefes designados por ele, em Munique, no Traditionsgau, em 26.4.1936".

Por volta do meio-dia houve momentos inquietantes. Soavam disparos vindos da floresta. Ouvia-se zumbido de balas nas proximidades. Havia escaramuças por perto. Então, um

comboio de tanques e canhões passou pela estrada que cruzava a aldeia: tínhamos sido *überrollt*.

No dia seguinte, quando apresentamos mais uma vez as queixas sobre as precárias condições de alojamento e alimentação, nosso gentil amigo Flamensbeck sugeriu que nos mudássemos para o prédio da administração, agora vazio. A maior parte dos aposentos tinha um pequeno fogão de ferro, no qual podíamos preparar o café da manhã. Encontramos na floresta galhos de pinho para acender o fogo e juntamos o suficiente para o almoço. Na mesma tarde comemoramos a mudança para as novas acomodações. Esses alojamentos nos propiciaram um conforto especial. Durante uma semana inteira não precisamos nos preocupar com galhos de pinheiro nem com ramos secos, pois tínhamos combustível muito melhor. Nos tempos áureos do nazismo, integrantes da Juventude Hitlerista e outros da mesma laia tinham vivido ali, enchendo os aposentos com quadros do Führer com belas molduras de madeira, frases nazistas escritas também em madeira, bandeiras e suásticas de madeira. Tudo isso — além da enorme suástica sobre o portão da entrada e o painel de madeira do *Stürmer*[356] no saguão — foi removido e colocado no chão, formando um monte. Próximo à entrada ficava o sótão iluminado onde passamos algumas semanas. Durante a primeira semana, com imensa felicidade, consegui manter o aposento aquecido só com quadros de Hitler, molduras de Hitler, suásticas de madeira e bandeiras nazistas.

Quando queimei o último quadro, chegou a vez do painel do *Stürmer*. Não consegui retirá-lo da parede nem com pontapés. Encontrei na casa uma machadinha e um serrote. Tentei com a machadinha, tentei com o serrote, mas a moldura resistiu. Era madeira maciça. Depois de tudo o que tínhamos passado, meu coração não aguentava mais grandes esforços.

---

[356] *O Atacante*, folhetim nazista totalmente voltado contra os judeus.

— É mais divertido e mais saudável catarmos gravetos na floresta. — disse minha mulher.

Assim, mudamos de combustível, e o painel do *Stürmer* permaneceu intacto. Ainda hoje, quando recebo correspondência da Baviera, lembro-me dele.

POSFÁCIO

WEJEN AUSDRÜCKEN...

Agora que o peso sobre nós diminui e é questão de tempo que eu reassuma as minhas antigas funções, começo a me perguntar qual tarefa deve me ocupar primeiro. Naquele tempo, eles me privaram do meu século XVIII. Este livro e os *Diários* foram salvos por minha mulher, que os levava regularmente para uma amiga em Pirna. Era provável que ela tivesse sobrevivido e os manuscritos também. Havia motivos para pensar assim: é sempre provável que uma clínica médica seja poupada, e Pirna, até onde eu sabia, não sofrera bombardeios pesados. Mas onde conseguiria material bibliográfico para continuar a trabalhar sobre meus iluministas? Além disso, estava muito preocupado com os acontecimentos do período nazista, que em tantos aspectos me transformaram em outra pessoa. Em outros tempos, pensei com muita frequência em "o alemão", "o francês", em vez de observar a diversidade de alemães e franceses. Não teria sido muito luxo ou egoísmo ter me absorvido exclusivamente em atividades científicas, evitando a enfadonha política?

Havia muitos pontos de interrogação, muitas observações, muitas experiências nos *Diários*. Talvez fosse a hora de transmitir esses ensinamentos. Eu devia me ocupar, primeiro, do que armazenara nos anos de sofrimento ou isso seria um projeto vão e pretensioso? Enquanto refletia a esse respeito, colhendo gravetos de pinheiros ou descansando sobre a mochila, vinham-me à mente duas pessoas, cujas opiniões antagônicas me faziam pender para um lado e para o outro.

Primeiro, havia a tragicômica figura de Kätchen Sara. No início completamente cômica, manteve um ligeiro halo de comicidade quando seu destino já estava selado em tragédia

absoluta. Kätchen era o único nome que constava no registro civil[357] e na certidão de batismo, ao qual se mantinha fiel, usando ostensivamente uma corrente com uma pequena cruz que ficava sobre a estrela judaica compulsória. Acrescentara o nome Sara por exigência do regime nazista. O doce prenome no diminutivo não era inadequado para essa senhora cardíaca de sessenta anos. Pois ela ria e chorava quase ao mesmo tempo, a intervalos curtos, lembrando uma criança cuja memória se apaga como um quadro-negro. Durante dois anos cruéis dividimos a moradia com Kätchen Sara. No mínimo uma vez por dia ela entrava sem bater em nosso quarto, e em algumas manhãs de domingo já estava sentada em nossa cama quando acordávamos. Repetia: *Schreiben Sie auf — das müssen Sie aufschreiben!* [Anote, o senhor tem de anotar isso!]. Em seguida, relatava emocionada a última busca domiciliar, o último suicídio, o último corte nos cartões de racionamento. Acreditava em meu ofício de cronista. Em sua visão infantil, parecia que só eu relataria aquela época, anotando todos os fatos. Ela sempre me via na escrivaninha, escrevendo.

Depois de me lembrar da voz infantil e apaixonada de Kätchen, eu ouvia a voz — meio pesarosa, meio sarcástica — do bom amigo Stühler, que se juntou a nós quando fomos reagrupados. Isso aconteceu muito mais tarde, quando Kätchen Sara já havia desaparecido para sempre na Polônia.[358] Stühler também não sobreviveu para ver a redenção. Pôde permanecer no país e morreu de doença, livre da Gestapo, mas tam-

[357] Trata-se de um nome no diminutivo, já que o normal é Käthe.

[358] Em 26 de maio de 1940, os Klemperer foram obrigados a mudar-se para a primeira *Judenhaus*, onde conheceram Kätchen “Sara” Voss, meio infantilizada e carente de contato humano. Ela se tornou a principal fonte de informações sobre a tragédia em curso. Apesar de ter sido uma presença invasiva na privacidade do casal, Victor Klemperer sempre a tratou com muito carinho. Enviada para Auschwitz, foi exterminada.

bém vítima do Terceiro Reich: se não tivesse passado por tanta penúria, esse homem jovial teria tido mais resistência ao mal. Ele sofreu mais do que a pobre Kätchen, pois sua alma não era como um quadro-negro, fácil de apagar. Vivia atormentado de preocupação com a mulher e o filho. Este, um jovem muito capaz, não podia frequentar a escola por causa das leis raciais.

— Pare de escrever tanto e tenha mais uma hora de sono — era o que me dizia, sempre que lhe contava que havia levantado muito cedo. — Sua escrita coloca-o em risco. O senhor acha que está vivenciando algo muito especial? O senhor não sabe que milhares de outras pessoas estão sofrendo milhares de vezes coisas piores? O senhor não acha que inúmeros historiadores escreverão sobre tudo isso? Terão material melhor e visão mais ampla que a sua. O que o senhor consegue ver daqui? O que consegue anotar aqui, confinado? Todos têm de ir para a fábrica, muitos apanham, ninguém liga mais quando recebe uma cusparada na cara...

Às vezes essa conversa ia longe, quando nas horas livres estávamos na cozinha, ajudando as mulheres a enxugar a louça e lavar verdura.

Não me deixei confundir. Levantava-me todos os dias às 3:30h da manhã. Antes de começar o trabalho na fábrica, anotava tudo o que tinha acontecido na véspera. Dizia a mim mesmo: tu ouves com teus próprios ouvidos e tu vês o cotidiano, justamente o cotidiano, o corriqueiro, o que é comum, exatamente o que é despojado de heroísmo, de brilho...

Mais ainda: eu me segurava em minha vara de equilibrista e ela me segurava...

Agora que o perigo passou e uma vida nova se abre, pergunto-me como devo preenchê-la, se não é vaidade e perda de tempo me aprofundar nos *Diários* que se acumularam. Kätchen e Stühler debatem em mim.

Uma palavra me fez tomar a decisão.

Entre os refugiados no vilarejo havia uma trabalhadora berlinense com duas filhinhas. Nem sei como as coisas aconteceram. Começamos a conversar, antes mesmo da chegada dos americanos. Eu já tinha sentido prazer em ouvir, em plena Alta Baviera, o mais puro sotaque berlinense. Ela era uma pessoa amável e logo percebeu que compartilhávamos o mesmo pensamento político. Revelou que seu marido fora preso por ser comunista. Se ainda estivesse vivo, devia estar em um batalhão punitivo, Deus sabia onde. Com uma ponta de orgulho, contou que também passara um ano na prisão. Havia sido libertada por causa da superlotação das cadeias e da necessidade de operárias.

— Por que você foi presa? — perguntei.

— Porque empreguei certas palavras... *Wejen Ausdrücken* [por causa de expressões].

Ela ofendera o Führer, os símbolos e as instituições do Terceiro Reich. Para mim, foi a revelação. Essas palavras — *Wejen Ausdrücken* — me fizeram ver com clareza. Retomei o trabalho nos *Diários*. Decidi liberar minhas mãos da vara do equilibrista e usá-las para escrever. Assim surgiu este livro. Menos por vaidade, mais *wejen Ausdrücken*.

O homem que marchava à frente apertava os dedos da mão esquerda bem espalmada no quadril e inclinava o corpo para o mesmo lado, em busca de equilíbrio, apoiando-se nessa mão, enquanto o braço direito golpeava o ar com o bastão e a perna lançava a ponta da bota para o alto, como se tentasse alcançar o bastão. Pairava oblíquo no vazio, como um monumento sem pedestal, misteriosamente mantido ereto por uma convulsão que o esticava dos pés à cabeça. Não era um mero exercício, mas uma dança arcaica e uma marcha militar. O homem era, ao mesmo tempo, faquir e granadeiro. Na época, essa crispação e desarticulação convulsiva podia ser vista em esculturas expressionistas, mas na vida nua e crua, como ela é, no realismo da cidade, seu impacto me atingiu com a força de uma novidade absoluta. [...] Foi a primeira vez que me defrontei com o fanatismo em formato especificamente nacional-socialista. Essa figura muda provocou meu primeiro embate com a linguagem do Terceiro Reich.

Victor Klemperer

ISBN 978-85-7866-016-1